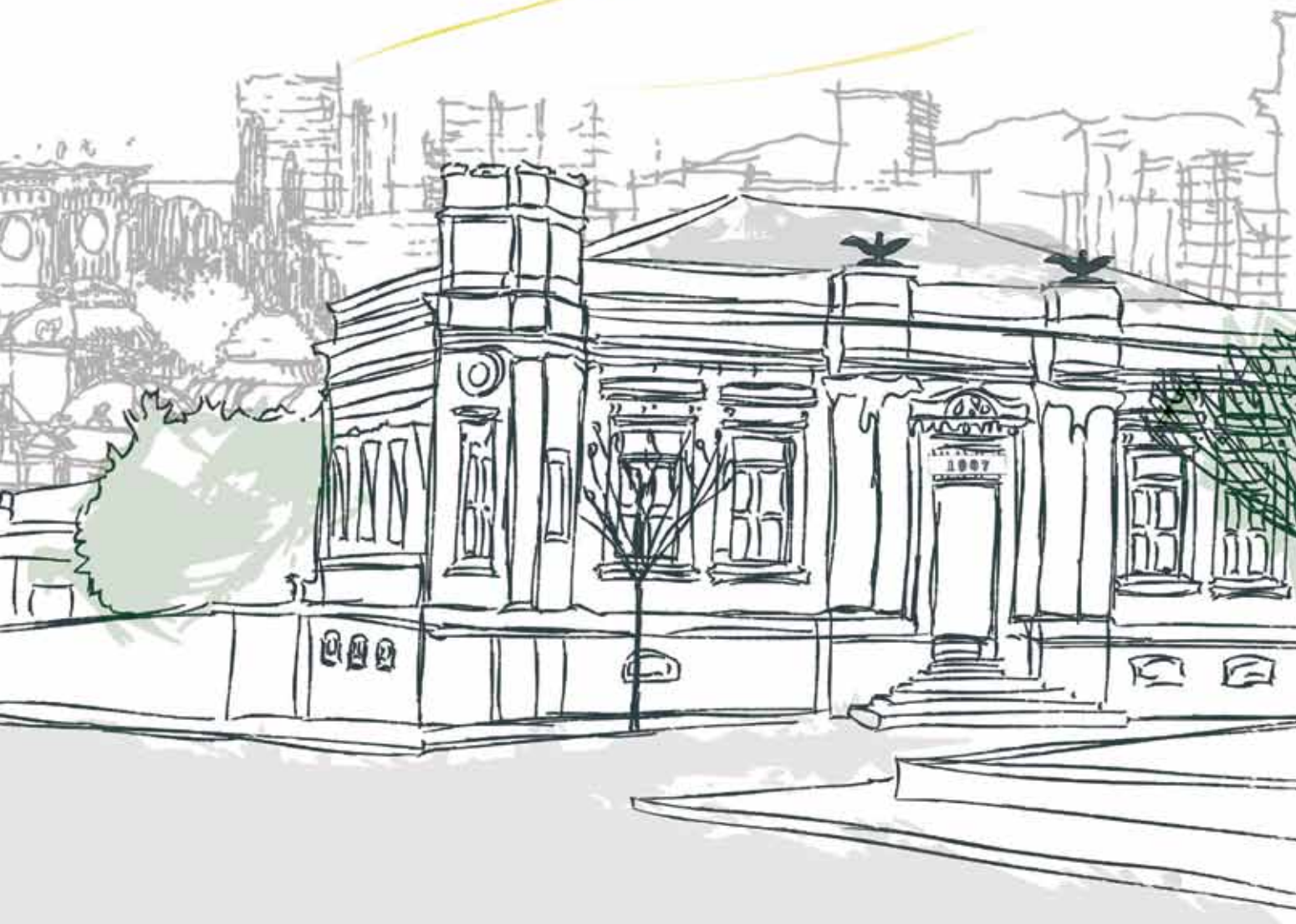


DESCOBRINDO

BARRETOS

| 1854 • 2012 |



DESCOBRINDO
BARRETOS
| 1854 • 2012 |



DESCOBRINDO
BARRETOs
| 1854 • 2012 |

Karla de Oliveira Armani
Priscila Ventura Trucullo
Roseli Aparecida Tineli
Sueli de Cássia Tosta Fernandes

LIVERPOOL™
• Editora •

Copyright 2012©

Autoras:

Karla de Oliveira Armani, Priscila Ventura Trucullo,
Roseli Aparecida Tineli e Sueli de Cássia Tosta Fernandes

Direção do Projeto:

Sueli de Cássia Tosta Fernandes

Coordenação da Pesquisa:

Sueli de Cássia Tosta Fernandes

Coordenação Editorial:

Sueli de Cássia Tosta Fernandes e Ezequiel Amós

Editora:

Liverpool Editora © 2012

Revisão:

Eric Petrikis e Daniel Ramos Pacheco

Direção Gráfica:

Ezequiel Amós

Editoreção Eletrônica:

Daniel Ramos Pacheco

Tratamento de Imagens:

Daniel Ramos Pacheco, Rafael Angeruzzi e Letícia Pires

Ilustração:

Rafael Angeruzzi

Capa:

Ezequiel Amós, Rafael Angeruzzi e Lucas Mattar

Coordenação Gráfica:

Ezequiel Amós



impresso no Brasil • Printed in Brazil

Impressão Imprensa Oficial

Tiragem 5.000 Unidades

LIVERPOOL™
• Editora •

2012© Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita da Editora.

A publicação “Descobrimdo Barretos” é resultado de um trabalho essencialmente profissional, o qual busca transmitir acontecimentos marcantes e significativos em diversos âmbitos no município de Barretos. Nele, são relatados diversos fatos que fazem parte da história barretense, que sem dúvida constroem nossa história, explicando tais acontecimentos e ligando os mesmos à realidade vivida atualmente. Um material rico e dinâmico, o qual explora cada aspecto que faz de Barretos uma cidade repleta de tradição e cultura. Parte do princípio de que as novas gerações, se não tiverem o devido conhecimento de seu passado, não saberão cuidar de seu futuro. Este trabalho também revela-se como um grande complemento que atende à **Lei nº 77, de 28 de maio de 2010**, a qual incluiu a disciplina “História de Barretos” na grade curricular das escolas de educação básica, profissional e de ensino superior do município.

Nesta leitura, é possível entender de forma clara e embasada os fatores responsáveis pelo desenvolvimento de Barretos, que projetaram a cidade como um grande nome reconhecido internacionalmente e também um forte pólo turístico. Nossa economia, cultura, instituições e muitos outros aspectos que continuam traçando nossa história. Boa leitura!

Prefeito
Emanoel Mariano Carvalho



Apresentação

Descobrimo Barretos

Este livro é, antes de tudo, um convite para um mergulho na história da cidade de Barretos. Conhecer e entender o passado é para as autoras uma necessidade. Mas, é com grande senso de responsabilidade que alertamos que o livro deve ser tomado como um “despertador”, algo que visa provocar a curiosidade, pois, muitos temas foram abordados, porém nenhum deles cabalmente explorado de modo definitivo.

A opção estilística adotada nesta obra considera a heterogeneidade do leitor, assim procurou-se colocar em notas de rodapé palavras e conceitos cujo significado alguns leitores não poderiam compreender recorrendo apenas ao texto principal. Esperamos também, desta forma, contribuir com o desenvolvimento linguístico do leitor/aluno.

As fotos, a reprodução de documentos, os diálogos, as caixas com informações e referências com maior probabilidade de serem ignoradas pelo aluno, também objetivam conquistar o seu interesse. Assim como a utilização do acervo do Museu Histórico, Artístico e Folclórico “Ruy Menezes”, como principal fonte de pesquisa, ferramenta de exploração e construção de significados, com vistas a evidenciar a importância da instituição para o estudo da história da cidade de Barretos.

Em suma, o livro busca fazer com que o leitor se reconheça como parte da história da cidade e, conseqüentemente, tenha interesse em empreender novas pesquisas. O museu como espaço de memória está aí para o permanente diálogo entre educação e cultura.

Boa leitura!

Sueli de Cássia Tosta Fernandes
Coordenadora da pesquisa

Sumário

UNIDADE III – BARRETOS EM CONFLITOS LOCAIS, NACIONAIS E MUNDIAIS (ANOS 20, 30 E 40)

- 78** Capítulo 1 – Revolução de 1924 e Revolta de 1925
- 94** Capítulo 2 – Barretos na Revolução Constitucionalista de 1932
- 114** Capítulo 3 – Barretos na 2ª. Guerra Mundial

UNIDADE IV – TEMAS DA HISTÓRIA BARRETENSE

- 130** Capítulo 1 – Comunicação
- 147** Capítulo 2 – Educação
- 165** Capítulo 3 – Esportes
- 180** Capítulo 4 – Justiça
- 196** Capítulo 5 – Saúde
- 209** Capítulo 6 – Transportes
- 223** Capítulo 7 – Frigorífico
- 240** Capítulo 8 – Festa do Peão
- 257** Capítulo 9 – Cultura
- 283** Capítulo 10 – Símbolos Municipais

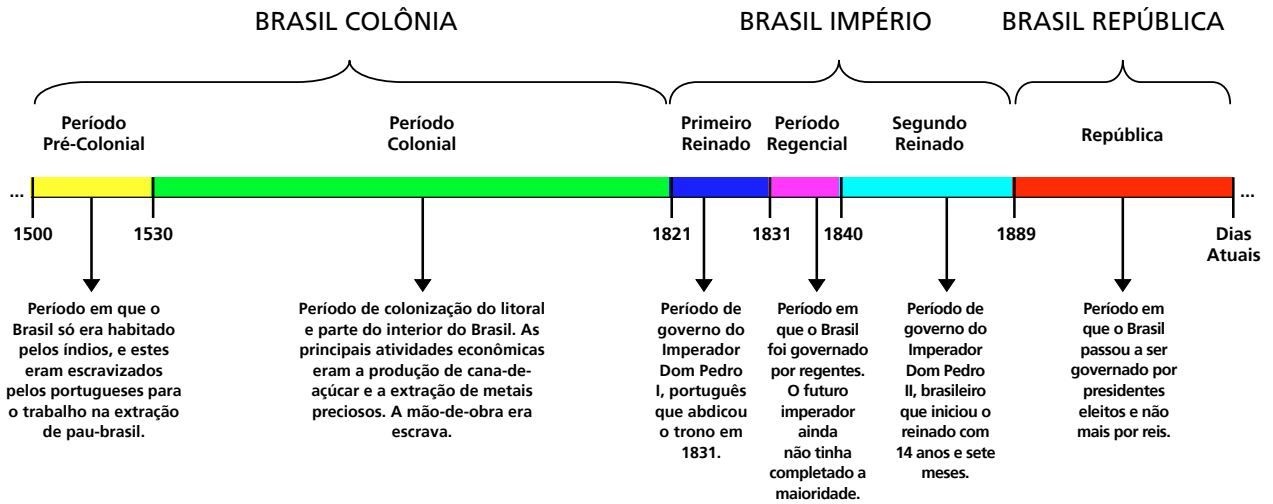
287 UNIDADE V – CURIOSIDADES

- 298** Retratos Atuais – Imagens de Barretos

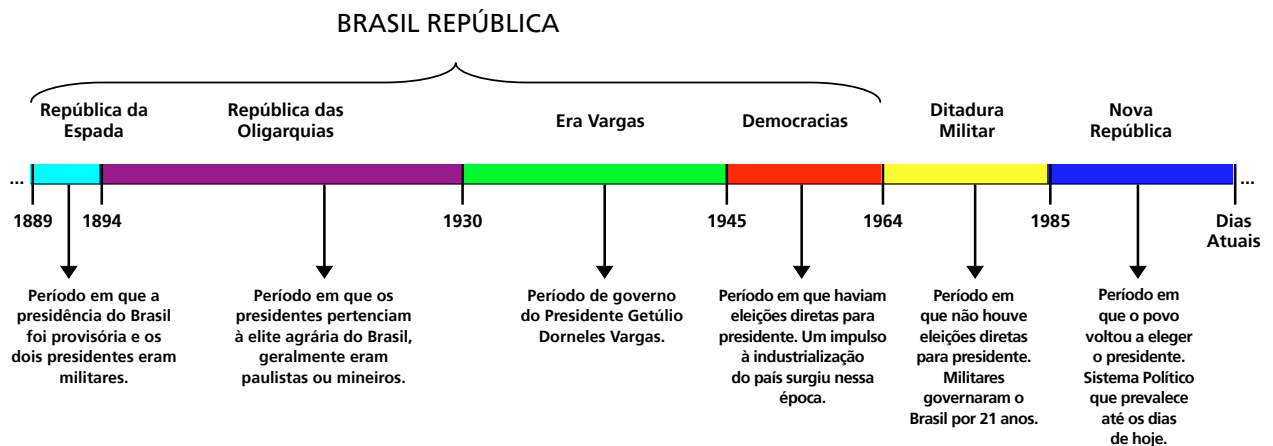


Divisão Política

Divisão da História Política do Brasil – Colônia e Império



Divisão da História Política do Brasil República

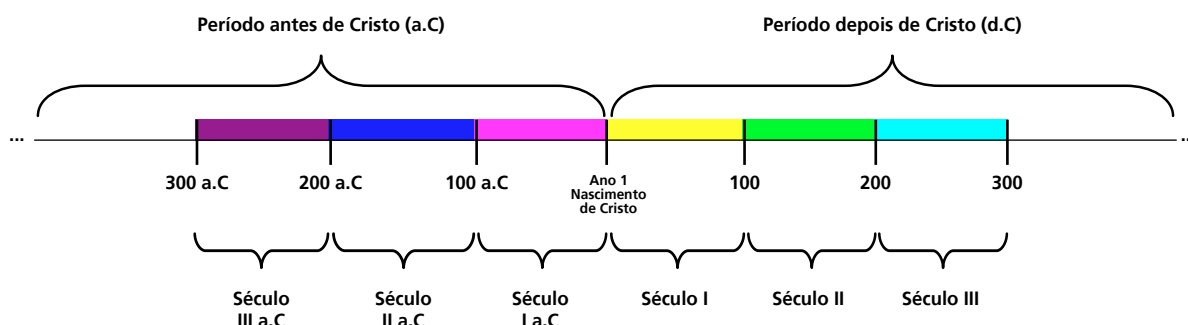


Vamos aprender a contar o tempo em séculos?

Em primeiro lugar, você precisa saber quais são os períodos dos seguintes agrupamentos temporais:

- **Lustro:** período de 5 anos;
- **Década:** período de 10 anos;
- **Quartel:** período de 25 anos;
- **Século:** período de 100 anos;
- **Milênio:** período de 1000 anos;
- **Meados:** determina fatos ocorridos por volta de metade de um século.

Depois, observe a linha do tempo abaixo e aprenda a contar os séculos seguindo as regras:



Regras para a contagem dos séculos:

1ª) Como os séculos são representados por algarismos romanos, vamos recordá-los:

1 = I	6 = VI	11 = XI	16 = XVI	21 = XXI
2 = II	7 = VII	12 = XII	17 = XVII	22 = XXII
3 = III	8 = VIII	13 = XIII	18 = XVIII	23 = XXIII
4 = IV	9 = IX	14 = XIV	19 = XIX	24 = XXIV
5 = V	10 = X	15 = XV	20 = XX	25 = XXV

2ª) Refere-se ao ano que termina em dois zeros (00). Uma regra prática é cortar os zeros e manter o número da frente. Observe:

1600 = século XVI	500 = século V	1800 = século XVIII
200 = século II	100 = século I	2000 = século XX

3ª) Quando o número do ano não termina em dois zeros, cortam-se a unidade e a dezena e acrescenta-se 1 ao número da frente. Verifique os exemplos:

1889 (18 + 1 = 19) → século XIX			
789 = século VIII	620 = século VII	23 = século I	1789 = século XVIII
1389 = século XIV	1 = século I	245 = século III	476 = século V



Introdução

Você e a história...

Uma pergunta recorrente entre os estudantes é: Para que serve a história? O mais comum é pensarmos que a história estuda as coisas do passado, mas não é bem assim...

História é a compreensão das relações humanas através do tempo; e este não é formado só pelo passado, mas sim de passado, presente e futuro. Você é um exemplo de ser histórico, pois se relaciona com o tempo e com outras pessoas, construindo um modo de vida, uma cultura em sociedade, e também uma história.

Nesse sentido, o trabalho do historiador é investigar os vestígios da vida humana, deixados através dos tempos, a fim de responder à questões e anseios do presente. Assim, conhecer a história é o primeiro passo para ter uma posição crítica frente à sociedade e seus problemas, pois só a partir do conhecimento é possível encontrar soluções para as questões do presente, exercendo, verdadeiramente, sua cidadania.

E o que tudo isso tem a ver com você? Será que existem problemas perto de você, que podem ser esclarecidos e até resolvidos através da história? Vamos falar agora da importância da história de nossa cidade...

Uma questão crucial da história local seria: o que é ser barretense? É uma pergunta que envolve sentimentos de identidade com a sua cidade. Pensando nisso elaboramos este livro, para que você compreenda quais sentimentos e práticas permearam e ainda permeiam a vida dos barretenses. Desde os tempos de Chico Barreto, fundador da cidade, muitas pessoas aqui viveram e formaram suas memórias sobre o que aconteceu, registrando isso de várias formas: cartas, fotos, jornais, livros, casas, testemunhos orais, praças, etc, que são fontes da história e muitas podem ser consideradas verdadeiros patrimônios históricos. O sentido desses registros é a preservação da memória, que tenta explicar o que é ser barretense, ou seja, o conjunto das pessoas da cidade tem uma ou mais "memórias coletivas" e "identidades", pois vive no mesmo lugar e compartilha histórias.

Conhecendo e dominando a história de sua cidade, os sentimentos de identidade saem do campo subconsciente da memória e passam para o campo consciente da história, permitindo que você "enxergue" qual história foi produzida, com qual objetivo e quais histórias, culturas e pontos de vista ainda estão por ser contadas.

Ao longo do livro você vai perceber que a história é em geral construída de determinados pontos de vista, no entanto, não existe uma história única. Esse modo de ver e entender o mundo de maneiras diferentes faz parte do ser humano e como a história é construída, vivida e contada pela humanidade, ela também está sujeita a vários pontos de vista, ou seja, interpretações. Nosso objetivo é que você construa o seu modo de ver a história que vamos contar, partindo dos dados e das interpretações apresentadas. Dessa forma você será um autônomo em história, capaz de aprender por si só, um parceiro dos historiadores!

As autoras

Minha Terra

Nidoval Reis

“Todos cantam sua terra...”

- Gonçalves Dias –

*Primeiro, houve a floresta e, nas clareiras,
A taba do valente guarani.
Ao longe, o marulhar das cachoeiras
E o canto singular da juriti.*

*Depois, veio o caboclo. E das palmeiras
Esbeltas que se erguiam aqui e ali,
Tirou vigas, esteios, cumeiras,
Plantando esta cidade onde nasci.*

*E, agora, quem a vê na sinfonia
Do labor incessante, dia a dia,
Crescendo mais e mais, sempre altaneira*

*Bendiz minha Barretos Bandeirante,
Que sabe, em seu orgulho edificante,
Honrar a grande Pátria Brasileira!*

Poema composto pelo poeta barretense Nidoval Reis, que era inédito na ocasião do aniversário de 100 anos de Barretos. Por isso podemos supor que foi feito especialmente para o Álbum do Centenário. Nidoval Reis, nascido no Distrito Barretense de Laranjeira em 22 de dezembro de 1922, foi um jornalista proeminente; atuou em várias localidades, inclusive na capital do estado. Nidoval “cantou a sua terra” nos moldes da epopeia bandeirante, com a intenção de exaltar a “grandeza” do barretense, como um partícipe do tradicional “espírito paulista”.

Com o coração dividido entre Barretos e Bauru, onde também residiu por longo tempo, pediu em vida a seu amigo Ruy Menezes que quando morresse, queria que metade de suas cinzas ficassem em Bauru e a outra metade nos jardins da “sua terra”. Foi assim que depois de falecido, suas cinzas foram jogadas, pela sua viúva, na Praça Primavera, que por isso veio a receber o nome de Praça “Nidoval Reis”.

No Museu Histórico, Artístico e Folclórico “Ruy Menezes” há um espaço reservado especialmente para os documentos de Nidoval Reis.



Unidade I • Capítulo 1

O povoamento de Barretos [1830-1889]



Aracoara é uma palavra indígena e significa “morada do sol”.
Naqueles tempos, havia muitos indígenas na nossa região que, ao verem o sol nascer por detrás da montanha, acreditavam que lá era a sua morada.

A povoação do velho oeste paulista: o ouro e o caminho de Goiás

Ao estudar a história de nossa cidade, muitas dúvidas surgem e você pode estar com alguma delas: Em qual período da História do Brasil surgiu Barretos? De onde vieram os primeiros habitantes desta região? Como era o modo de vida? Possuíam escravizados? Por que a cidade tem este nome? E muitas outras perguntas que procuraremos esclarecer durante o desenrolar deste trabalho.

Para entendermos melhor todo o processo de povoamento do norte paulista, devemos partir do período Colonial. Desde esta época, populações alcançaram o interior do que é hoje o estado de São Paulo e parte de Minas Gerais, vinham atraídos pela descoberta de ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Abriam o caminho de Goiás, estabeleceram uma economia de abastecimento¹. Por fim, com o declínio do ciclo da mineração², migrantes vieram para a região de Franca e em seguida para a margem esquerda do Rio Pardo, onde se encontra Barretos, chamado naqueles tempos de “Sertões de São Bento de Aracoara”, mais tarde nomeada Araraquara.

Ainda nos tempos do Brasil Colônia, existia um caminho utilizado pelos bandeirantes baseado em antigas trilhas indígenas, que ficou conhecido como Caminho de Goiás depois das expedições de Bartolomeu Bueno da Silva em 1722 e 1726. Anhanguera era o apelido dado pelos indígenas ao seu pai, e por isso ele foi chamado de Anhanguera II, os dois são considerados responsáveis pela descoberta de ouro no Brasil.

O caminho iniciava-se em São Paulo de Piratininga, atravessava o sertão do Rio Pardo na região da atual Franca, passava por Minas Gerais e terminava nos sertões de Goiás, onde também havia ouro. Logo, o caminho passou a ser mais utilizado para transportar ouro na época do ciclo da mineração, o que era feito também através dos rios. Além do ouro, eram também transportados pelos caminhos e rios, inclusive o Pardo e Grande, gêneros alimentícios que saíam do sertão paulista em direção à região das minas.

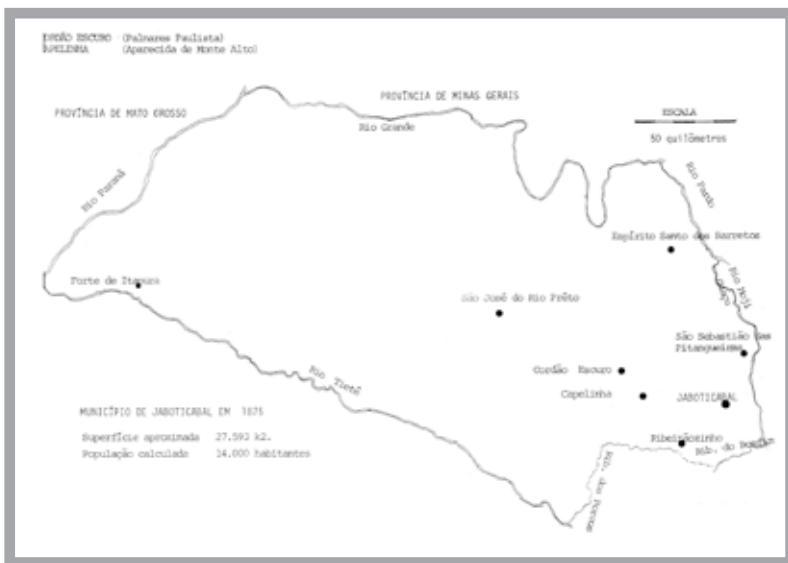
¹ Economia de abastecimento: refere-se à produção de gêneros alimentícios para a alimentação das populações locais, o que incluía a agricultura e a pecuária.

² Ciclo da mineração: refere-se a um período da história do Brasil Colonial em que foram extraídos grande quantidade de ouro e outros metais preciosos das minas, nas atuais regiões de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. O período de maior extração de ouro se deu durante os primeiros 70 anos do século XVIII.

Unidade I • Capítulo 1

Ao longo do Caminho de Goiás surgiram pequenos núcleos de pessoas, que muitas vezes recebiam as terras através de sesmarias³ ou por posse⁴. Elas construíram pousos e roças, que serviam tanto para sua própria alimentação quanto para o abastecimento das expedições que por ali passavam.

Portanto, foram os caminhos para as minas de ouro e os pousos ao longo deles e dos rios, os responsáveis pelo estabelecimento dos primeiros povoadores da região norte do estado de São Paulo.



O mapa mostra toda a região do São Bento de Aracoara. Pertencia ao seu território o arraial do "Espírito Santo dos Barreto". Acervo: Aluisio Almeida



Na região por onde passava o caminho existiam muitos índios, o que acabou gerando guerras entre estes e os exploradores brancos.

O estabelecimento de pontos de pouso ao longo do caminho também era um jeito de organizar a luta contra os indígenas. Estes, são indicados em alguns documentos históricos como sendo da etnia Cayapó.

³ **Sesmaria**: porção de terras doada pela Coroa ao sesmeiro (proprietário da terra; fazendeiro), que passava a pagar ao representante do rei no Brasil o sesmo, ou seja, a sexta parte das riquezas produzidas na terra.

⁴ **Posse**: quando o entrante tomava posse da terra sem concessão de sesmaria, ou seja, posse de terra não oficial. No ano de 1822 com a proclamação da Independência, o regime de sesmarias foi extinto, dessa forma, a posse da terra continuou sendo irregular até a lei de terras de 1850.



Unidade I • Capítulo 2

O povoamento de Barretos [1830-1889]



Jesuíno da Silva Melo

Fonte: *Álbum do Centenário de Barretos (1854-1954)*, p. 209.
Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Teodolito*

Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Os primeiros povoadores da região e os fundadores da cidade de Barretos

Vimos no primeiro capítulo como se deu a povoação do lado direito do Rio Pardo, na região de Franca, durante os séculos XVIII e XIX. Na segunda metade do século XVIII, com o declínio da produção aurífera o sertão do Rio Pardo atraiu mais populações, agora de mineiros, em busca de campos para estabelecimento de criações de gados, já que o ouro estava acabando.

Mas por volta dos anos 30 do século XIX, alguns migrantes dessa região atravessaram o Rio Pardo e outros vieram de Minas Gerais, atravessando o Rio Grande e chegando à nossa região. Os rios eram transpostos em jangadas improvisadas, sendo que os homens atravessavam montados nos cavalos "a nado".

Assim, os primeiros povoadores, muitas vezes famílias inteiras, foram fixando-se na região de Barretos. Naquela época era comum a povoação se dar por famílias; o estabelecimento do casal era à base da unidade agropastoril⁵. Depois de estabelecidos nas terras, avisavam os parentes que também vinham. A migração⁶ de parentelas, portanto, era comum.

Entre estas famílias uma se destacou, pois seu nome foi utilizado para denominar a cidade. Tratava-se do casal Francisco José Barreto e Ana Rosa, seus filhos, genros e noras. Francisco Barreto nasceu na cidade de Jacuí e viveu muito tempo em Caldas, Minas Gerais. Em certo momento de sua vida trabalhou como picadista do entrante⁷ e tenente Francisco Antônio Junqueira, bem como do alferes João José de Carvalho. Esses dois eram povoadores ricos, como indicam as patentes militares que carregavam antes do nome e tinham do outro lado do Rio Pardo, perto de onde é Batatais, uma fazenda chamada Santo Inácio, onde Chico Barreto viveu como agregado antes de vir para cá.

Os historiadores locais só puderam contar essa história por causa da existência de uma fonte muito antiga. Trata-se do primeiro jornal da cidade "O Sertanejo", fundado em 1900; onde escreveu Jesuíno da Silva Melo a primeira história de Barretos. Jesuíno utilizou-se de depoimentos dos antigos moradores daquela época para reconstruir a chegada dos

⁵ **Unidade Agropastoril**: uma porção de terras, fazenda ou sítio, onde se planta e se cria animais para o sustento da família.

⁶ **Migração**: mudar de uma região para outra dentro de um mesmo país.

⁷ **Entrante**: migrante mineiro rumo as terras paulistas no contexto do declínio aurífero.

* **Teodolito**: Objeto utilizado por engenheiros, agrimensores e topógrafos para medir distâncias inacessíveis. Fonte: Brasilecola.com

primeiros entrantes e o surgimento do “Arraial dos Barreto”. Apesar de não ser historiador, o agrimensor⁸ e jornalista utilizou-se de uma fonte histórica: o depoimento oral.

Voltando à nossa história, Jesuíno contava nas linhas do jornal, que em razão dos serviços prestados aos dois ricos fazendeiros, Francisco José Barreto optou por receber o pagamento em terras e não em dinheiro. O tenente Francisco Antônio Junqueira o autorizou a se estabelecer em áreas que se estendiam ao longo do Ribeirão Pitangueiras, da beira da mata para cima.

Mas por que Chico Barreto preferiu terras ao invés de dinheiro? Ocorre que o estado mineiro vivia um declínio econômico, o que provavelmente fez com que Chico tenha optado por se estabelecer numa fazenda onde pudesse plantar e colher o alimento de sua família. Outro fator que deve ter influenciado nesta decisão era o fato da região já ser povoada, como era o caso do tenente Francisco Junqueira, com quem ele pôde comercializar através de trocas de produtos.

Mas, existe outro motivo interessante que envolve a mentalidade e a cultura da época. Nos tempos desses primeiros povoadores, a terra quase não valia nada em dinheiro no Brasil, pois existiam grandes extensões delas e nenhuma regra oficial para tomar posse, o que causava violência entre as famílias interessadas nas terras. Justamente por isso, Chico e sua família tinham que ter permissão do tenente para tomar posse das terras, pois este era o fazendeiro mais poderoso da região e Chico não iria querer desagradá-lo.

Apesar da terra não valer muito em dinheiro, ela significava prestígio social para seus proprietários, era a cultura dos homens daquela época, a terra era um bem importante. Quanto maior a porção de terras maior era o respeito demonstrado ao fazendeiro. Esse foi um dos motivos de ter se formado no Brasil grandes latifúndios⁹, fato que marcou a concentração fundiária no país vista até os dias de hoje.

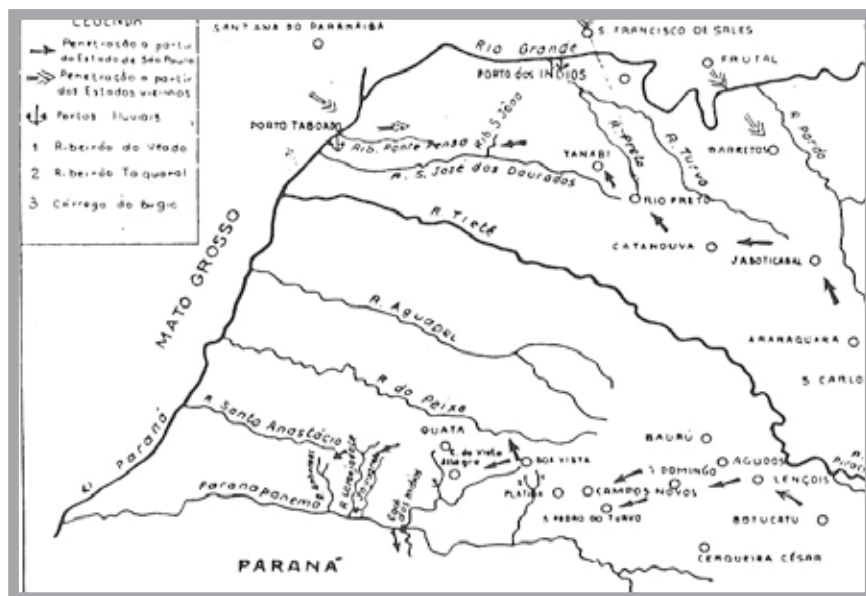
Era costume, também, quando um grupo ou alguém migrava de uma região para outra, carregar consigo os nomes dos lugares de onde saiu. A fazenda que Francisco Barreto formou nas terras que recebeu foi



Em boa parte do século XIX no Brasil, as terras não eram medidas e nem demarcadas por cercas. Os limites das fazendas eram feitos a olho nu e os acidentes naturais os demarcavam, como um rio, um ribeirão, um tipo de mata, etc... A natureza era também a forma que utilizavam para indicar as direções e os caminhos. Depois passou-se a usar o teodolito (instrumento de medição).



Picadista, profissão do Chico Barreto, era quem tinha a função de ir cortando a mata com um facão para facilitar a passagem da comitiva de exploradores nos sertões adentro. Isso era necessário, pois as florestas do Brasil eram extensas e muito fechadas.



Mapa da penetração dos mineiros no século XIX.
Fonte: MONBEIG. 1984. p. 134

⁸ Agrimensor: profissional que mede e demarca as propriedades de terras.
⁹ Latifúndio: grande porção de terras pertencente a um único proprietário.

Unidade I • Capítulo 2

chamada de "Fortaleza", pois perto de onde ele morava em Minas, existia um povoado de mesmo nome. Era um jeito que aquele povo encontrava de preservar sua memória. Pelo mesmo motivo, Simão Antônio Marques chamou sua fazenda de "Monte Alegre".

Mas quem foi Simão Antônio Marques?

Foi também um dos primeiros entrantes e citado como homem forte de alta estatura como seu pai, apelidado de "Librina" e juntamente com Chico Barreto, foi considerado fundador da cidade. Pois da sua fazenda saíram terras para a constituição do arraial.

Simão Librina nasceu em Baependi, Minas Gerais, em 1782. Era casado com Joaquina Cândida de Jesus. Morou, em Caldas assim como Chico Barreto, e era perto dali que existia um lugar chamado "Monte Alegre". Por isso ele colocou este nome em sua fazenda. Simão tomou posse das terras e também adquiriu por compra outros lotes, inclusive de Francisco José Barreto, passando a ser seu vizinho.

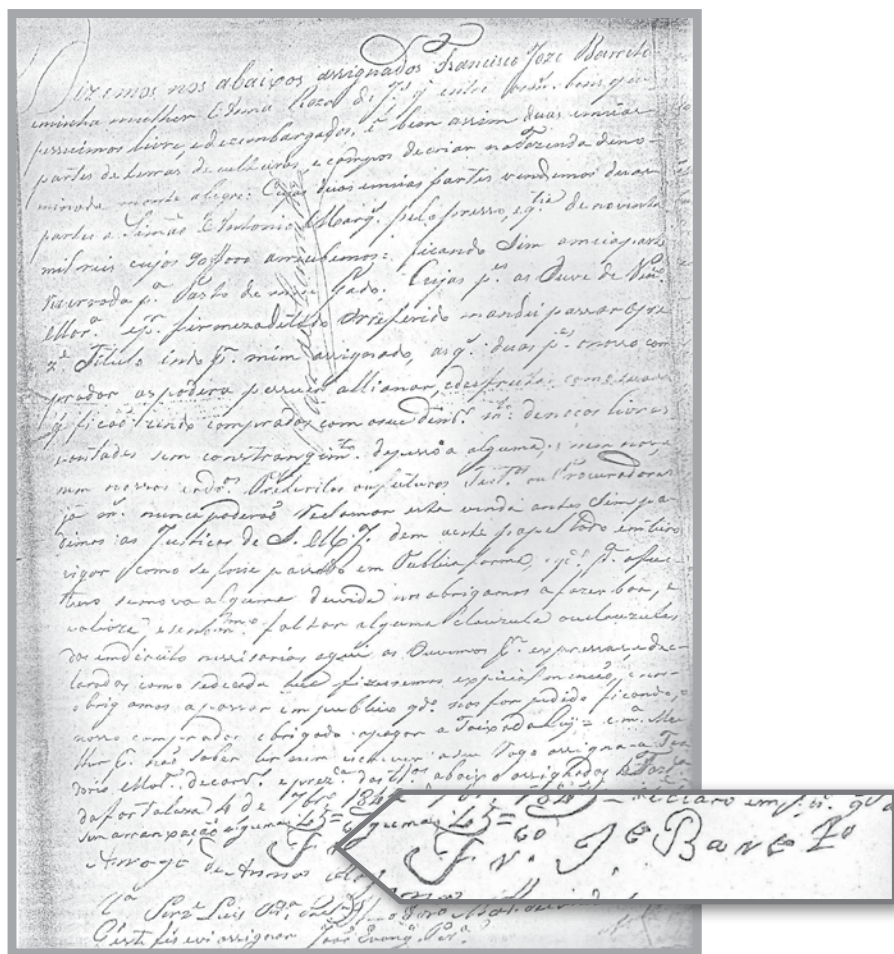
Neste capítulo você descobriu como e porque os primeiros povoadores vieram para cá, e conheceu também os patriarcas do arraial Simão Antônio Marques e Francisco José Barreto. Mas se as fazendas Fortaleza e Monte Alegre foram propriedades particulares, como surgiu Barretos? É isso que vamos descobrir agora.



Em Barretos ainda moram muitos descendentes de uma das famílias fundadoras da cidade: a Marques!



Os descendentes de Simão contavam que o apelido "Librina" vinha do pai dele, Manoel Antônio Marques e foi dado por um padre em fato engraçado. Estando todos de joelhos em uma Igreja da cidade de Caldas/MG, o padre viu aquele homem alto no meio do povo e pensou que ele estivesse em pé, mandando logo que se ajoelhasse. Acontece que Manoel estava ajoelhado, porém destacava-se entre os demais devido à alta estatura e, por isso parecia estar de pé. Intrigado, o padre lhe perguntou o que ele tinha feito pra ficar tão alto. Manoel lhe respondeu que eram as "librinas" da madrugada, querendo dizer, na verdade, neblina, pois ele acordava bem cedo para o trabalho. O padre achando engraçado, passou a lhe chamar Manoel "Librina", apelido que passou para toda a família, constando até mesmo em alguns documentos oficiais o "Librina" ou "Neblina". Até hoje, os Marques são chamados também de Librinas.



Documento que registra a venda de duas partes de terras na fazenda Monte Alegre a Simão Antônio Marques, datado em 1845. Nota-se ao final do documento a assinatura do patriarca Francisco José Barreto. As letras tortas demonstram a dificuldade que ele tinha em assinar o nome. Fonte: Demarcação da Fazenda "Monte Alegre". Arquivo do Fórum de Barretos.



Unidade I • Capítulo 3

O povoamento de Barretos [1830-1889]

O 25 de agosto de 1854: a doação de terras para o Divino Espírito Santo

No ano de 1854, há 158 anos, Chico Barreto e sua mulher Ana Rosa já haviam morrido e deixaram seus filhos vivendo por aqui e cuidando de sua fazenda “Fortaleza”. Porém, antes de morrer Francisco tinha dito aos filhos que desejava doar um tanto de terras para a igreja. Assim, os filhos atendendo ao desejo dos pais fizeram a doação de terras à igreja para a construção de uma capela. Da mesma forma procedeu a família de Simão Antônio Marques, doando terras.

Desta forma, eles poderiam construir ali, bem pertinho deles, uma capela e chamar algum padre para vir fazer os casamentos, batismos e rezar algumas missas, pois essa era a vontade daquela gente que tinha grande crença na fé católica.

Assim, eles não precisariam viajar por caminhos longos e difíceis no lombo dos cavalos e mulas para poder cumprir as obrigações religiosas, ou até mesmo ficar esperando por longos períodos que algum padre viesse aos seus pousos dar-lhes as bênçãos que desejavam. Afinal, nesta época do Império, a igreja era responsável por grande parte da administração das vilas. Era na igreja, que se registravam os nascimentos, óbitos, casamentos e até as eleições poderiam ser realizadas no local religioso.

Os filhos do casal Ana Rosa e Francisco José Barreto, bem como Simão Antônio Marques, vizinho deles na fazenda “Monte Alegre”, resolveram escrever um documento que registrasse aquela vontade de doar terras para a igreja. Como esta instituição funcionava como intermediária entre o povo e o poder divino, os descendentes resolveram fazer a doação em prol do “Divino Espírito Santo”.

Mas e agora, como escrever o documento e registrar aquela vontade? Como eles não sabiam escrever, pediram ao Sr. Antônio Leite de Moura, seu vizinho, que ele redigisse tal documento, isso aconteceu no dia 25 de agosto de 1854. Esse documento é, hoje em dia, considerado um tipo de Certidão de Nascimento de Barretos, por isso que comemoramos o aniversário da cidade em 25 de agosto.



A lei de terras aprovada pelo parlamento imperial aconteceu em 1850 e foi regularizada justamente em 1854, ano de fundação da cidade de Barretos.



Foi apenas no ano de 1948, que o então vereador Ruy Menezes apresentou um projeto de lei para oficializar a data 25 de agosto de 1854 como Dia de Fundação da cidade. No entanto, desde 1943 a ACIB vinha realizando a Festa de Dia da Cidade, ou seja, o primeiro aniversário da cidade comemorado foi o de 89 anos.

Unidade I • Capítulo 3

Mas será que esse papel valia como documento oficial? Não, pois não foi registrado em nenhum cartório ou igreja, já que não havia nenhuma dessas instituições perto da fazenda. Pois em 1854, aqui era um sertão distante. Além disso, Francisco Barreto e Simão Marques eram posseiros e não sesmeiros. Dessa forma, os patriarcas doaram terras que não lhes pertenciam, não oficialmente, mas sim de fato.

Só em 1856 eles deram um jeito de registrar as suas glebas¹⁰ de terras e doar o tanto que queriam à igreja. Viajaram até Jaboticabal, sede da Freguesia¹¹, e fizeram o registro com o capelão¹² Justino.

Naquela época era possível fazer os registros das terras através da igreja, pois o Brasil vivia no Regime de Padroado, o que quer dizer que o governo imperial administrava o país em parceria com a igreja. O povo quase não sabia distinguir um do outro, já que era comum dizer que o imperador D. Pedro II governava em nome de Deus. E será que a vontade de professar a fé cristã nas suas terras foi a única coisa que moveu aqueles primeiros habitantes a oficializarem a propriedade da terra? Não, tudo nos leva a crer que os primeiros habitantes da região passaram a oficializar suas terras devido à lei de terra de 1850, que tornava ilegal a aquisição de terras que não fosse pela compra. Esta lei exigia que as terras tivessem uma demarcação mais clara, ganhando importância o papel dos agrimensores, presentes no começo da história de Barretos. Era o fim das posses ou sesmarias, a terra passava a ser mais um produto do mercado capitalista internacional, destinada a fazer crescer os lucros e desenvolver o país.

Os Barreto e Simão Marques logo registraram a terra, e, com o socorro da igreja de Jaboticabal, fizeram o registro em 10 de abril e 29 de maio de 1856. Resolveram de uma só vez dois problemas: o risco de perder as terras e a vontade de construir uma capela.

Foi assim que os Barreto e Marques tornaram legítimas as posses das terras, pois a igreja reconheceu-as oficialmente em nome das duas famílias e em troca recebeu 62 alqueires de terras da fazenda Fortaleza dos Barreto, bem como 20 alqueires da fazenda Monte Alegre dos Marques.

Este espaço de 82 alqueires ficou reservado para construir a capela que eles tanto desejavam, sendo que em volta dela, com o passar do tempo, começaram a se construir as casas dos primeiros moradores. No princípio casinhas simples, feitas de pau-a-pique e sapé. Era o início da formação da nossa cidade...

¹⁰ Gleba: pedaço de terra.

¹¹ Freguesia: um território delimitado sob a administração da igreja e que forma a paróquia; sede de uma igreja paroquial, que servia também para a administração civil; designação portuguesa de paróquia.

¹² Capelão: padre responsável por uma capela.



Unidade I • Capítulo 4

O povoamento de Barretos [1830-1889]

Etnias

Até agora estivemos contando como chegaram aqui em nossa cidade os primeiros habitantes. Mas como era sua aparência física? Negros? Brancos? Pardos ou todos estes?

Os primeiros que aqui viveram eram os indígenas, que povoavam todo o Brasil antes do português aqui chegar, na nossa região não haveria de ser diferente, não é mesmo? O grupo étnico indígena da nossa região eram os caiapós, que dominavam os planaltos paulistas entre os rios Tietê e Grande. A partir do século XVIII migraram para nossa região índios da etnia caianguases ou coroados. Sabemos de índios vivendo por aqui graças aos relatos de viajantes e posseiros do século XVIII. Sabiam da sua existência ao longo do caminho de Goiás, onde também era descrito ataque dos índios às roças dos colonizadores e guerras dos brancos contra as tribos.

Infelizmente, não podemos ter certeza de que ocorreram guerras com os indígenas na época de Chico Barreto, já no começo do século XIX. Isso, porque é sabido que as tribos indígenas quase desapareceram dessa região ao final do século XVIII. O que nos leva a crer que eles já haviam sido praticamente exterminados ou haviam fugido na época dos primeiros povoadores de Barretos.

Sendo assim, nos resta contar como eram os primeiros “brancos”, e por que brancos entre aspas? Dizemos assim, pois a maioria dos primeiros habitantes vinha de Minas Gerais. Estes mineiros eram descendentes, também, dos bandeirantes paulistas do período colonial, aqueles que descobriram o ouro. Esses paulistas, por sua vez, viveram muito perto dos indígenas que ainda existiam aos montes pelos anos de 1500 e 1600, o que acabou resultando em intensa miscigenação e proliferação do “caboclo”, mistura do branco com o índio. Mas e o negro?

Nossa população incipiente estava cheia de caboclos e também mulatos! O mulato é a etnia resultante da miscigenação do branco com o negro, que nesta época ainda era escravizado. O fato de o negro ser mantido cativo não excluiu a possibilidade de socialização¹³ deles entre eles próprios, e também com outros grupos étnicos como os brancos.



Recentemente foi descoberto em uma fazenda de Barretos um sítio arqueológico* com vestígios de aglomerações indígenas. Foram encontradas cerâmicas e ferramentas. O que possibilitará o estudo, através da arqueologia**, dos costumes dos índios que viveram aqui antes da chegada dos brancos.

*Sítio Arqueológico: Espaço delimitado e destinado à escavação pelos arqueólogos, que buscam no terreno vestígios materiais que informem a cultura de alguns povos extintos.

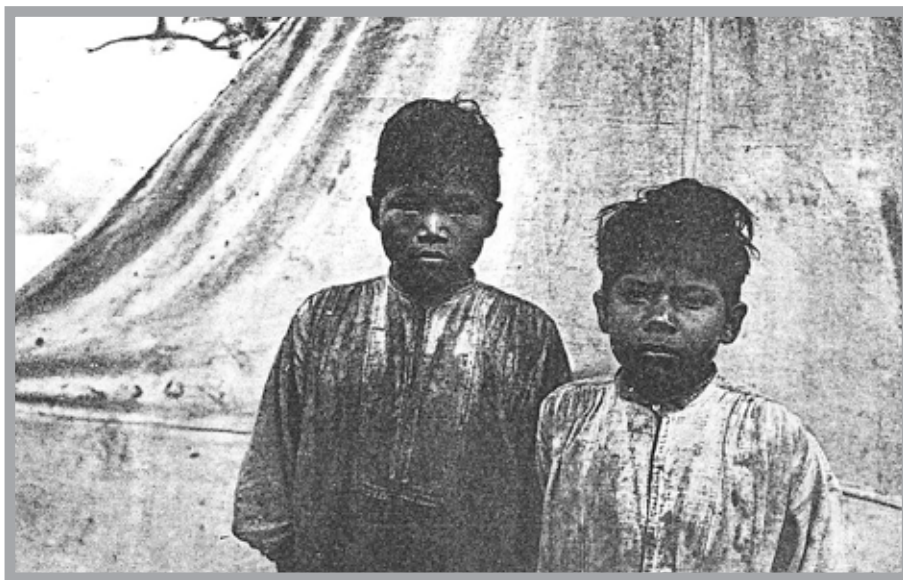
**Arqueologia: Uma ciência que investiga a cultura de povos antigos através dos vestígios materiais.

¹³ Socialização: processo pelo qual o indivíduo é integrado ou educado segundo os valores e sentimentos coletivos da sociedade ou grupo social em que vive.

Unidade I • Capítulo 4

O escravizado foi muito utilizado como força de trabalho na extração de ouro das minas. Ele era, aliás, essencial para a economia brasileira. A cultura negra estaria, conseqüentemente, em todas as esferas da vida, fosse nas ruas ou no interior das casas.

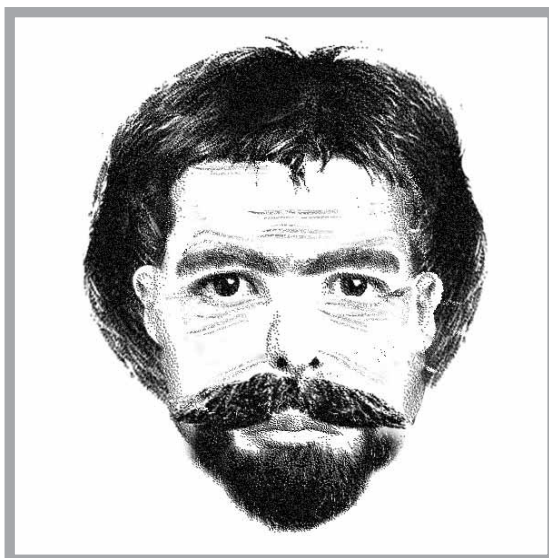
Estiveram então muito próximos nesta ocasião, o branco português, o indígena, o caboclo paulista e o negro, resultando em intensa miscigenação na região das minas. Foi esse mineiro, bem brasileiro, que migrou para cá, carregando consigo todas essas etnias e costumes variados...



Índios caiapós, em aldeamento próximo ao Salto Água Vermelha, no Rio Grande.

Fonte: Exploração do Rio Grande e seus afluentes. Publicação da comissão geográfica e geológica do Estado de São Paulo, em 1913.

Através do depoimento da bisneta de Francisco José Barreto, Jesuíno obteve uma descrição do patriarca Chico Barreto como sendo moreno, alto, forte, cabelos bastos, testa larga, nariz aquilino, cavanhaque e bigodes pretos e espessos, olhos grandes, vivos e escuros.



Retrato falado de Francisco Barreto obtido mediante descrições contidas no depoimento de sua bisneta. Ilustração: Liverpool Agency - Ezequiel Amós, Lucca Manfredi, Rafael Angeruzzi, Leticia Pires, Daniel Pacheco.

Fonte: Jornal "Correio de Barretos", 1943.



Unidade I • Capítulo 5

O povoamento de Barretos [1830-1889]

Trabalho, modo de vida e costumes

E os seus costumes? Como se comunicavam com outros lugares? O que plantavam? O que comiam? O que vestiam? Eles só rezavam? Faziam festas? Dançavam? Namoravam?

Nas fontes existe a menção ao povo do incipiente arraial como sendo de caboclos, além de ter referência ao negro escravizado, mas também aos livres. Ruy Menezes descreveu a “paisagem humana de Barretos” do fim do século XIX e início do XX como uma caboclada dominante, “de cor morena, pálida, olhos oblíquos, lembrando suas origens indígenas, miúda, de barbinha rala e nem sempre bem vestida” (MENEZES, 1985, p. 71)

Esses primeiros habitantes carregavam consigo costumes típicos de um Brasil rural. A maioria da população vivia nas fazendas e não no arraial. Calcula-se que as fazendas chegavam a ter 2.500 alqueires, ou seja, eram latifúndios. Quem trabalhava na terra podia ser o proprietário, sua família, agregados e alguns escravizados, dependendo das posses do fazendeiro. No entanto, não havia trabalhadores suficientes para produzir em todas essas terras, provando que apesar dos fazendeiros terem grandes extensões de terras, não eram necessariamente ricos.

Era comum construir nas fazendas várias casas-sedes, uma para cada filho do proprietário, que ao casar-se mudava para sua própria casa. Assim, forma subdividia-se a fazenda, dando maior espaço para cada família e racionalizando a produção com o maior aproveitamento das terras. Esse costume pode ter gerado a confusão quanto ao local exato da sede da fazenda “Fortaleza”, ou seja, a casa de Francisco Barreto. Existiram várias versões sobre o local da sede do apossante, ficando oficialmente decidido pelo local onde hoje encontra-se o marco histórico na rua 8 com a avenida 13.

E eles se comunicavam com outras cidades? Mantinham algum comércio?

A nossa região era distante das cidades que eram maiores, como Jaboticabal. No entanto, o arraial e as fazendas eram entrecortados de estradas e caminhos ao longo dos rios e córregos, que ligavam o povoado



Nessa época da história de Barretos, quase toda a população do Brasil vivia no campo. Só na década de 50 do século XX que a população urbana ultrapassou a rural no nosso país.

Unidade I • Capítulo 5

a outras localidades. Simão Marques, por exemplo, era considerado “um homem habilidoso, ótimo fabricante de cangalhas¹⁴ e outras coisas necessárias para as viagens sertanejas” (ROCHA, 1954, p. 32). Tal passagem demonstra que viajantes passavam pelas estradas aqui perto e que os moradores aproveitavam para comercializar com eles seus artesanatos e gêneros para alimentação, bem como também ofereciam pouso às comitivas, arrecadando algum dinheiro com isso.

Apesar do trato rural e o comércio trazerem alguma melhoria, a distância e a terra pouco fértil para a agricultura fazia a vida daqueles caboclos difícil. A água era vital para os serviços domésticos, para fazer funcionar monjolos¹⁵, engenhos e olarias¹⁶. Por isso, costumavam estabelecer-se na beira dos córregos.

Construíam outras máquinas rudimentares para produzir o mais necessário, como rocas para fiar e produzir tecidos grosseiros. Eles precisavam construir suas coisas porque era muito difícil viajar para outros lugares para buscar, além da distância e escassez dos produtos os deixarem muito caros.

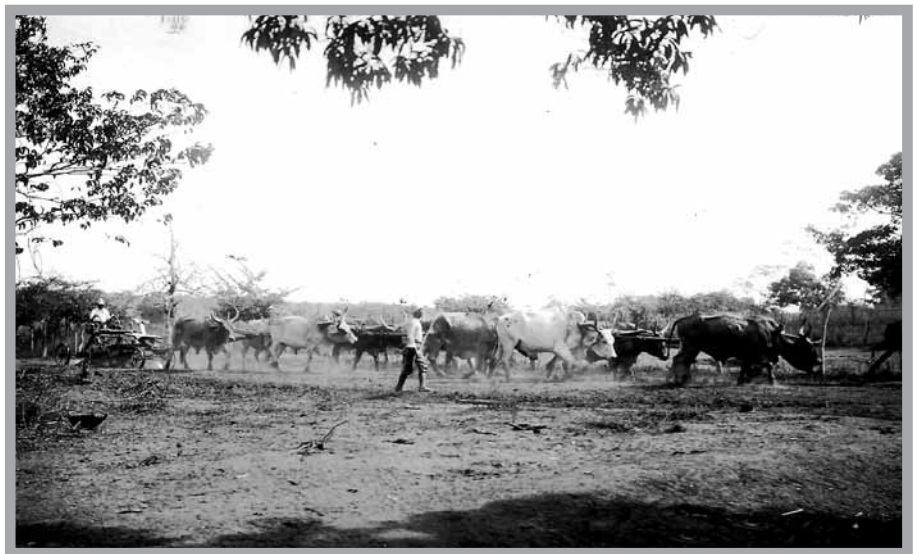
Acerca da produção agrícola, os colonizadores queimavam as matas e capoeiras¹⁷ para preparar o solo para lavoura. Plantavam cana-de-açúcar e alguns cereais, como o milho e o arroz. Sendo assim, eles precisavam de ferramentas como foices e enxadas, que por serem escassas eram muito valiosas, mais do que um pedaço de terra! Temos indícios de pequenos engenhos¹⁸, inclusive na fazenda “Fortaleza”, que produziam pinga, rapadura e açúcar. Nessas fazendas eram construídas as senzalas¹⁹, onde eram alojados os escravizados.

Mantinham um pequeno comércio com as fazendas e cidades dos arredores. Há relatos de que os produtos eram levados em carros de bois até a fazenda “Palmeiras”, no sertão do Rio Pardo. Eram também nos carros de bois ou cargueiros que eles traziam de outras fazendas e de cidades vizinhas os gêneros que necessitavam. Entre eles o sal, importante para a alimentação do gado.

Isso nos leva a entender que a pecuária já era importante nesta época, pois o sal era um produto caro e eles estavam dispostos a ter esse gasto para engordar o gado e revendê-lo a regiões que necessitavam da carne. Além do gado criavam outros animais usados para a alimentação, como porcos e



Roca de fiar.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Carro de boi.
Acervo pessoal de Biê Machione.

¹⁴ Cangalha: peça de madeira forrada de couro que eram colocadas nos animais e nas suas hastes se dependurava sacos de mantimentos para o transporte.

¹⁵ Monjolo: engenho tosco, movido por água e empregado para socar o milho.

¹⁶ Olaria: fábrica de louça de barro, tijolos e telhas.

¹⁷ Capoeira: vegetação com forração de gramíneas e outras ervas; árvores e arbustos esparsamente distribuídos.

¹⁸ Engenho: estabelecimento agrícola que serve para moer a cana e passá-la por processamento até obtenção de álcool ou açúcar.

¹⁹ Senzala: casa ou alojamento erguido nas fazendas que serviam para acomodar os escravizados de propriedade do senhor.

galinhas.

Mas, eles só cultivavam a terra e faziam comércio?

Claro que não! Eles também tinham modos de “fazer o social”. A igreja era o principal lugar para encontro das pessoas. Aos domingos vinham até o arraial para rezar na pequena capela, mesmo quando não tinha padre. Lá conversavam, fofocavam e também namoravam.

Por causa da escassa gente dos primeiros tempos, era muito comum o casamento entre primos, uma forma de manter a riqueza dentro da mesma família. Foram recorrentes às uniões entre as famílias Marques e Barreto. Mariana Librina, por exemplo, casou-se com um primo e depois que ele morreu casou-se com um membro da família Barreto.

No século XIX, casamento significava construir uma base para o trabalho em comum, fosse para trabalhar ou para comercializar. Temos relatos de uma menina de 14 anos, Jerônima Luiza, que casou-se com Antônio Mateus Sobrinho, que tinha 40 anos! É de se imaginar que não tenha sido a vontade de Jerônima, dando-nos indícios de que eram comuns casamentos arranjados.

Outro fato que demonstra isso foi o casamento de Antônio José Borges com a Antônia Cândida de Jesus, arranjado pelo pai do noivo. No dia da cerimônia, o padre Marinho veio de Frutal para realizar 10 casamentos na capela e mais alguns batizados. Osório Rocha entrevistou o noivo muitos anos depois e sobre isso nos contou: “Na tarde de 30 de julho de 1875, pela primeira vez pôs ele os olhos sobre a sua noiva, já na hora da cerimônia.”(ROCHA, 1954, p. 136) Devemos imaginar a emoção do jovem casal! Pois o Antônio tinha apenas 19 anos...

Casamentos também eram motivo para as festas, assim as principais festas eram as religiosas católicas. Mas podia haver outras, como banquetes e recepções nas casas dos mais ricos, que recebiam às vezes pessoas importantes no ramo político ou econômico. Gostavam também de caçar, pescar e se entregavam com frequência a festas regadas a muita bebida, jogatinas, “despudores” e “bate-pé”.

O “bate-pé” era uma dança chamada “Cateretê”, a nossa catira. Rita Parnaíba, filha caçula de Francisco Barreto, gostava de dançá-lo; dizem que dançava e cantava junto com a “preta Tiana”, que era também sua comadre.



Candeia, utilizada para iluminar as casas.

Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Casa de pau-a-pique coberta de sapé, exemplo de construção da época de Chico Barreto.

Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Unidade I • Capítulo 5

O Cateretê ou Catira é uma dança popular brasileira, com influências indígenas, africanas e europeias, dançada em fileiras onde o bate-pé e palmas acompanham os violeiros. Eram violeiros quase todos Librinas e os Borges de Frutal. Essas festas aconteciam no arraial dos anos 1870: “Por essa época os lavradores costumavam deixar os seus labores e vir para o arraial, onde havia muita farra, catira com sol quente [...]”. (ROCHA, 1954, p.136)

A Catira é até hoje uma dança tipicamente brasileira e faz parte de nosso rico folclore. Que tal se você e seus amigos procurassem saber mais sobre isso e promovessem uma festa na escola onde pudessem todos dançar o Cateretê?! Não seria divertido?



O fato da “preta Tiana” ser comadre de Rita Parnaíba revela outro costume do Brasil, vindo do período colonial. As patroas, geralmente chamadas pelos escravizados de Sinhás (Senhoras), tinham o hábito de ser madrinhas de batismo dos filhos de suas escravizadas, o que estreitava laços que muitas vezes se confundiam com laços familiares. Existia também o hábito das negras amamentarem os filhos das Sinhás. Criando laços de afetividades com os filhos de seus senhores, e eram chamadas por eles de “Mãe Preta”.



Unidade I

PROPOSTA DE ATIVIDADES NO CADERNO

Interpretação de Texto

Leia a seguinte passagem do livro “Barretos de Outrora”, de Osório Rocha:

“Entra o ano de 1860. O interior, amodorrado na pasmaceira e enervando-se na rotina. Conforto, cultura, higiene, emoções artísticas, idealismos alevantados, - nem mesmo para gente abastada. Para a maioria o cabo da enxada, da foice, do machado, sol a sol, ou lidas com o gado; alimentação ruim; mulheres fazendo sabão, azeite para as candeias, polvilhos, laticínios rudimentares, torrando farinha, fiando, lavando roupa. Tropas com fardos, carros de boi na odisséia do transporte do s`al, sob a chuva, através dos atoleiros, para fazendas distantes.”

(ROCHA, 1954, p. 43-44). Grafia da época

O texto refere-se à vida dos primeiros habitantes de Barretos, sobre a qual falamos neste capítulo. Procure no dicionário as palavras que você não conhece, converse com o professor e com seus colegas sobre como era o modo de vida desses barretenses. Usando as informações deste trecho e do que você aprendeu no capítulo, faça um pequeno texto enumerando quais eram as atividades deles em relação à agricultura, artesanato, transportes etc. Apontando o que mudou daquele tempo para hoje e porque. Enfatize perguntas como: você acha que a sua vida está melhor do que a deles? Por que? Faça também um desenho no caderno, a partir da descrição feita por Osório Rocha.



Unidade I • Capítulo 6

O povoamento de Barretos [1830-1889]

Fogo Bravo

Naqueles anos do século XIX, Barretos desenvolvia-se lentamente, mas por volta de 1870 houve um surto de crescimento. Muitos estudiosos locais, não entendendo que tal processo histórico foi resultado da vinda de pessoas de outras regiões, que ampliaram as relações mercantis²⁰ e criaram um mito para explicar o desenvolvimento de Barretos.

O “fogo bravo de 70” é considerado o “mito fundador do desenvolvimento” da cidade, pois narram as crônicas que por volta destes anos, uma “geada brava” teria queimado as folhas e os ramos de toda região do “Arraial dos Barreto”. Pouco tempo depois teria ocorrido o “fogo bravo”, no dia 24 de agosto de 1870, causado pelas labaredas das queimadas que preparavam o solo para a lavoura na região, devastando a densa floresta que cercava o arraial.

O fogo teria tornado o solo propício às pastagens e aberto os caminhos para novos povoadores vindos do Triângulo Mineiro, que procuravam as pastagens recém-formadas para criação de gado. Assim, o lugar teria passado a dedicar-se à pecuária e a encaminhar-se no rumo do progresso.

No entanto, a crença em um enorme fogo responsável por tornar a terra fértil não passa de mito. Os roceiros costumavam colocar fogo nas suas roças, era uma forma barata de limpar os terrenos para a plantação e utilizada pelos indígenas desde o Brasil Colônia. Os grandes incêndios aconteceram em períodos prolongados de seca, mesmo anteriores àquela época.

²⁰ Relações mercantis: se refere à relação de compra e venda; mercado. Podia se dar através das trocas de um produto por outro ou através do dinheiro.

A origem deste mito pode ser creditada às crenças indígenas a respeito das queimadas. Conta certa lenda indígena chamada de “Fogo Universal”, que a terra inteira foi devastada por total incêndio, para depois ressurgir em “Novo Mundo”.

O habitante do norte paulista de 1870 viu o horizonte braseado, a fumaça escurecendo o céu e acreditou piamente ser o fogo universal da lenda indígena; devorando todo o sertão conhecido. Isso se explica por uma característica peculiar dos paulistas, que era a grande convivência com povos indígenas. O que resultava em intensa miscigenação, como vimos no capítulo Etnia, mas também na mistura de costumes e crenças de ambos os povos.

Desta forma, entendemos que o povo daquela época muito crente em relação a lendas e mitos, absorvia explicações religiosas, fantásticas e sobrenaturais de diferentes formas, criando respostas para aquela nova realidade: um surto visível de desenvolvimento.

E se o fogo não foi o responsável pelo crescimento de Barretos, o que aconteceu?



Unidade I • Capítulo 7

O povoamento de Barretos [1830-1889]

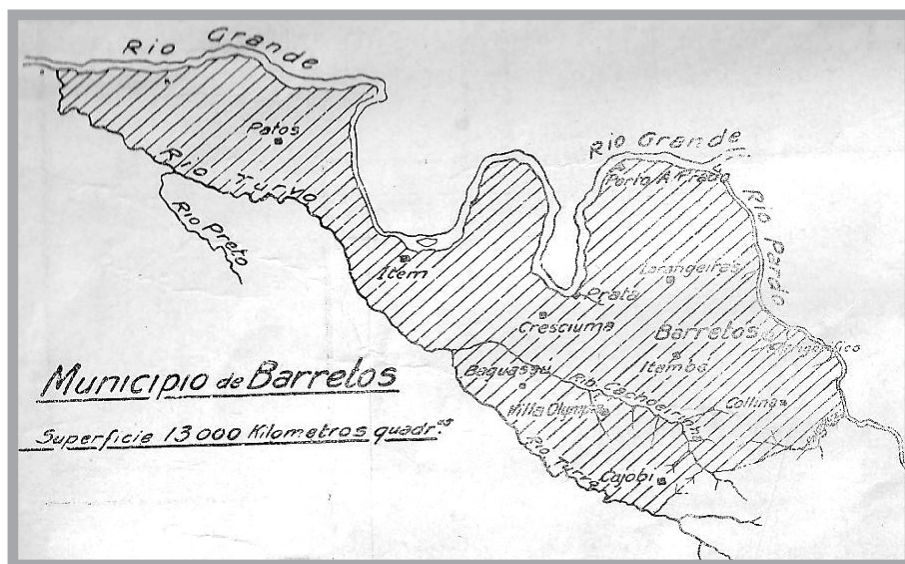
Aspectos econômicos do arraial

A pecuária...

Comentamos anteriormente que os primeiros povoadores cultivavam em suas terras cereais, cana-de-açúcar e criavam gado. É justamente a pecuária, ou seja, a criação de gado, a grande responsável pela inclusão de Barretos em uma economia mais dinâmica. A partir deste marco, Barretos saiu de uma economia basicamente de subsistência e passou a comercializar o gado e sua carne com outros lugares, tornando-se no início do século XX o maior produtor de bovinos do Brasil.

Mas essa parte do século XX deixaremos para contar mais para frente. Neste momento vamos falar de como tudo começou, ainda no século XIX.

Nesses primeiros anos já existiam na região criadores de gado, como



Área do município de Barretos em 1885. Acervo: Museu "Ruy Menezes"; TEDESCO, José. 1954. p.21.

Unidade I • Capítulo 7

o caso de Inocêncio José Nogueira, citado como um grande comerciante de gado. Era morador de uma fazenda perto de Ibitu e deixou registrada uma venda de 70 reses para um viajante, que comprou “fiado”. Inocêncio foi atrás do devedor em Minas Gerais e acabou sendo morto por ele.

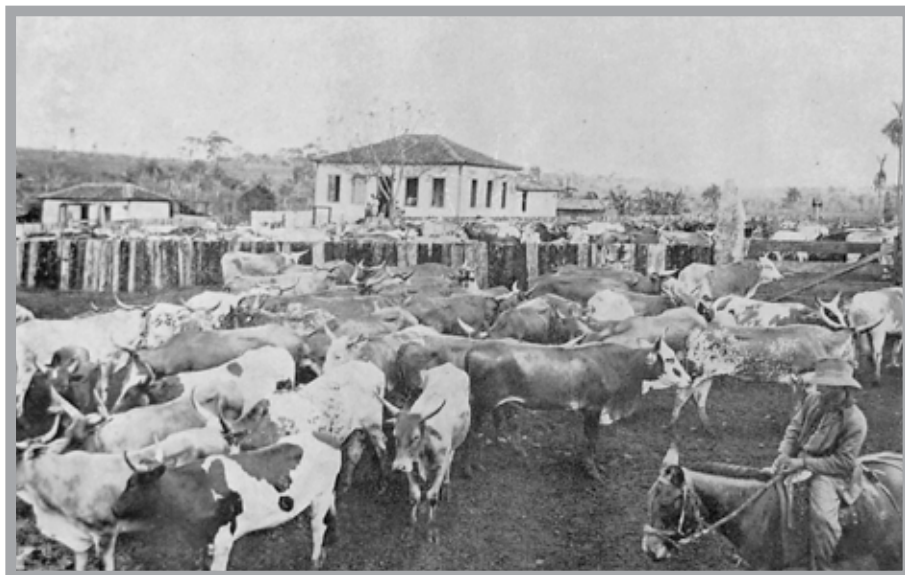
A citação de vacas com crias, marruás, bezerros, garrotes e novilhas nos inventários²¹, reforça a ideia de que o gado já era engordado para venda aos marchantes²². A criação de gado no início foi pequena, mas cresceu a partir de 1865, intensificando-se por volta de 1889. O motivo era a vinda de alguns negociantes de outras cidades que traziam o gado para esta região a fim de trocá-lo por outros gêneros.

Nessa época foi construído um porto no Rio Grande que recebeu o nome de João Gonçalves, um fazendeiro da região de Minas Gerais naquela época. Os comerciantes barretenses utilizavam-se das canoas estacionadas neste porto para subir o Rio Grande e buscar o sal no pontal dos rios Pardo e Mogi Guaçu (hoje cidade de Pontal).

Assim, Barretos era incluída passo a passo em uma economia mais dinâmica, fazendo parte do Brasil Central Pecuário, lógica que envolvia a cria do gado, a engorda e a comercialização. Barretos chegou a fazer os três papéis, mas por esta época se destacou pela engorda dos animais, graças à qualidade das pastagens e a posição geográfica privilegiada.

Barretos localizava-se no meio do caminho comercial, entre a zona de cria, composta pelo Triângulo Mineiro, Goiás e Mato Grosso; e a zona consumidora, que era o oeste paulista em ascensão cafeeira e o Rio de Janeiro, de onde a carne chegaria a ser exportada. A formação vegetal também foi fator determinante, pois a região encontrava-se na faixa de transição entre o Cerrado e a Mata Atlântica, o que favorecia as pastagens.

Nos anos de 1890, era por intermédio de Barretos que se abasteciam os grandes mercados consumidores de gado, sendo que a produção chegou a trinta mil cabeças de gado anualmente. Por volta de 1905, da cidade até o Rio Grande, o solo era quase todo coberto por pastagens. Surgiram neste período de desenvolvimento do gado, diferentes profissões, todas relacionadas à pecuária: peão de boiadeiro, invernistas, compradores de gado e etc...



Fazenda do coronel José Justino de Souza Junior, Início do século XX. Fonte: CAPRI. 1912(Volumes I e II), p.59-60. Acervo do Museu Republicano.

²¹ Inventário: documento em que se acham descritos os bens deixados por uma pessoa.

²² Marchantes: comerciante que vende a carne.



O povoado de Ibitu se chamava antigamente “Passa Tempo” por causa de um rio e também por ser um lugar agradável para se passar o tempo. Depois se chamou Itambé, que quer dizer “lugar que tem muito morro alto”.



Cachico, o assassino de Inocêncio José Nogueira foi o último condenado à morte por enforcamento no Brasil Império, O fato aconteceu em 08/01/1857 em Samambaia, Minas Gerais.



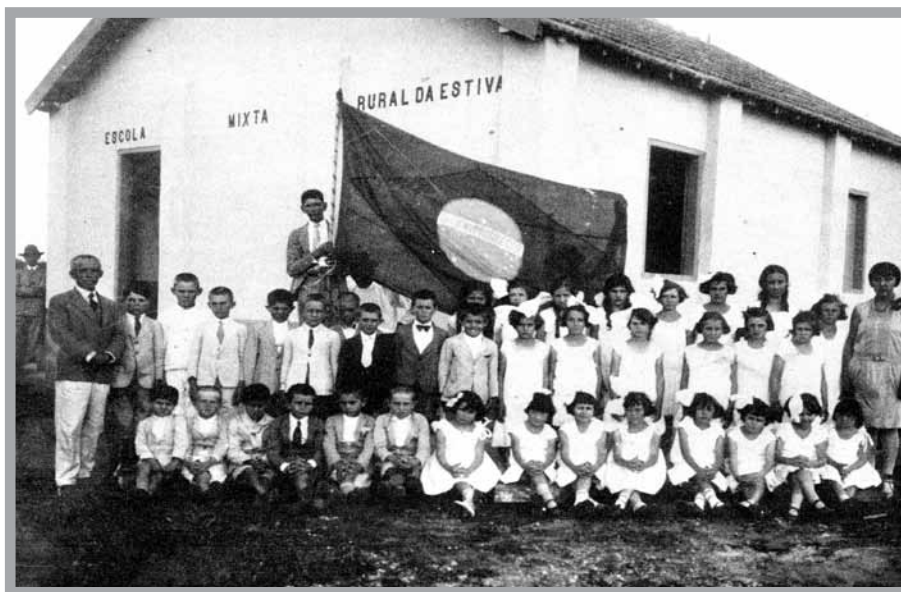
Unidade I • Capítulo 8

O povoamento de Barretos [1830-1889]

A produção de café

Vamos avançar um pouquinho no tempo para falar da “Colônia da Estiva” perto da atual Colina. No ano de 1895, algumas famílias de origem italiana se estabeleceram na região. A escravidão já havia acabado e o Brasil estava recebendo imigrantes, principalmente italianos, para trabalhar na lavoura de café que crescia no estado de São Paulo.

Estas famílias adquiriram em comum oitenta alqueires de terras, perto de Colina, que na época pertencia a Barretos, juntos plantavam cereais e café. Cada família construía sua casa e o lucro obtido com a venda da produção era repartido entre eles. A colônia era organizada e tinha escola. Muitos descendentes destes imigrantes moram atualmente em Barretos ou na região.



Escola da Estiva, Fonte: Jornal de Barretos



Unidade I • Capítulo 9

O povoamento de Barretos [1830-1889]

A extração de madeira

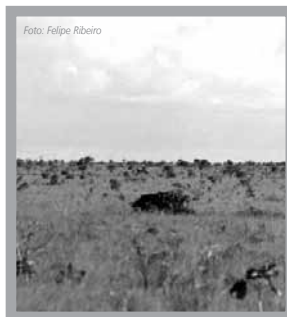
O que os barretenses fizeram das matas que havia na região? Muito foi comentado sobre a pecuária, mas Barretos teve outro ciclo econômico, derivado da derrubada das matas. O que resultou na devastação de parte da mata Atlântica e de nosso cerrado, vegetação típica da região. Vários moradores se enriqueceram com isso, desencadeando a extinção gradativa de muitas espécies da flora²³ e conseqüentemente da fauna²⁴. Havia um grande número de carpintarias no final do século XIX e início de XX, chegamos a exportar madeiras para Europa e Estados Unidos.

Multiplicaram-se as lenhadoras, pois a madeira era o combustível para o cozimento dos alimentos, nos fogões a lenha. Posteriormente, com a chegada das ferrovias, os trens demandavam madeira para suas máquinas movidas pelo calor do fogo. Devido a isso, foram se acabando a mata e as espécies mais preciosas de árvores. No local de derrubada foram se proliferando as pastagens para a engorda do gado.

Aspectos dos tipos de vegetação que tinha nossa região:



Cerradão: nota-se a presença de algumas árvores médias e arbustos de formação pobre e rarefeita.



Cerrado do tipo "campo sujo": formação campestre, com árvores e arbustos raquíticos.

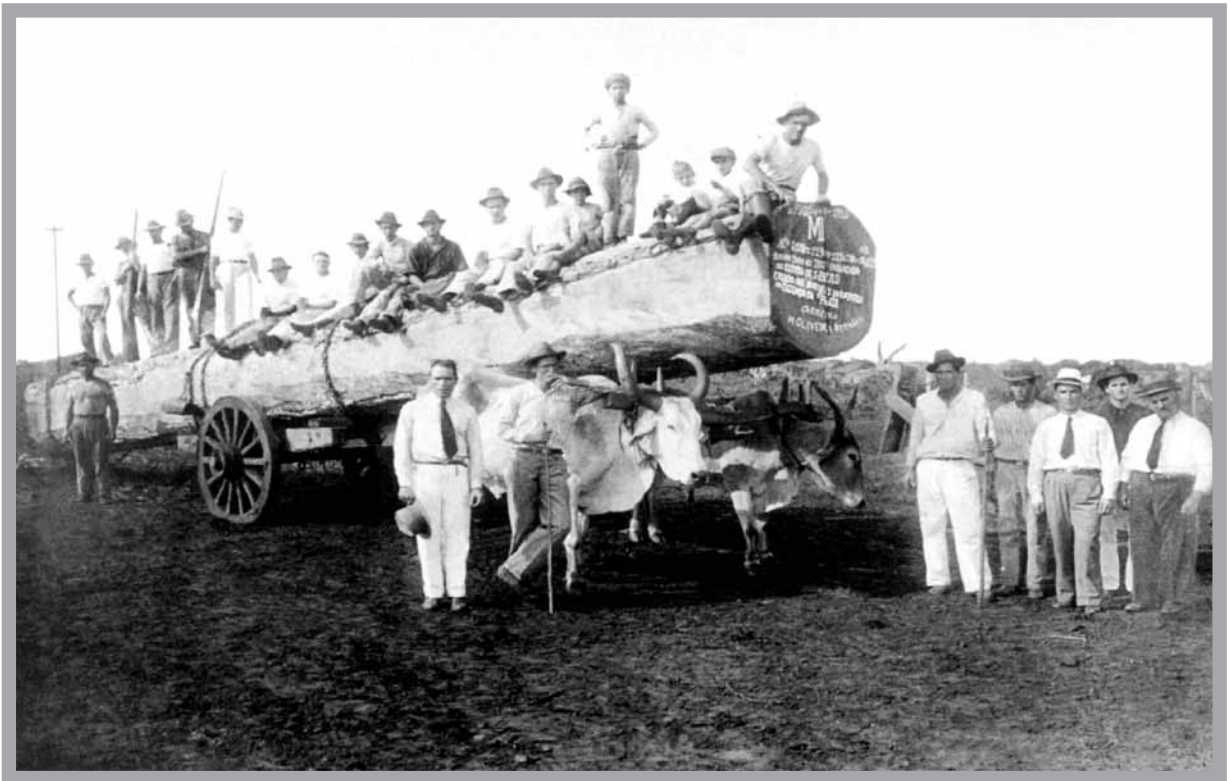


Mata Atlântica: com árvores de grande porte e maior umidade.

Aspectos da vegetação do Brasil Central Pecuário. Fonte: PERINELLI, 2009. p. 56

²³ **Flora:** conjunto de plantas de uma região.

²⁴ **Fauna:** conjunto dos animais próprios de uma região, que dependem do seu meio ambiente.



*Transporte de madeiras por bois, na região do Rio Velho.
Acervo: Alcides de Paula.*



Unidade I • Capítulo 10

O povoamento de Barretos [1830-1889]

O arraial cresce e ganha aspectos de cidade

Com o avanço da produção cafeeira no oeste paulista, aumentou muito a população, inclusive de imigrantes que vinham para trabalhar nas fazendas de café. Barretos participou do ciclo do café abastecendo essa população crescente com a carne bovina de suas *invernadas*²⁵.

Devido à expansão econômica da pecuária, nossa cidade atraiu grande fluxo de populações interessadas em melhorar de vida. Aqui, pessoas vieram buscar trabalho nas fazendas de engorda de gado, e posteriormente no século XX nos matadouros, ou também em algum estabelecimento comercial destinado a atender a população, sendo que muitos abriram seu próprio negócio. Entre os imigrantes estavam portugueses, italianos e sírio-libaneses.

O pequeno arraial dos Barreto ensaiava sua juventude. Uma demonstração disso é que em 16 de abril de 1874 a capela foi elevada à freguesia, sob a jurisdição de Jaboticabal. Com a instalação da freguesia, homens casados ou maiores de 25 anos, com renda de cem mil *réis*²⁶, poderiam participar de eleições primárias para eleger um vereador e um juiz de paz, isso é mais uma demonstração das ações em conjunto da Igreja e do Estado.

Mas não tínhamos câmara ainda, onde o vereador trabalhava então? O vereador prestava serviços na Câmara de Jaboticabal, representando a paróquia do Divino Espírito Santo dos Barreto e era lá que prestava contas e requeria as melhorias para o arraial.



Cel. João Carlos Almeida Pinto: Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. p. 198. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Na época do Império, além de serem apenas homens que podiam votar, eles também deveriam ter posses. Era o chamado voto censitário, no qual o eleitor precisava ter renda anual de pelo menos 100 mil réis para ter o direito de votar. Logo, se existiam eleitores em Barretos era porque tinha também homens mais ricos.

²⁵ *Invernada*: pastagem delimitada e destinada à engorda dos animais.

²⁶ *Réis*: valor antigo de moeda brasileira e portuguesa.

²⁷ *Município*: divisão territorial com finalidade administrativa dentro de um Estado, governada por um prefeito e uma câmara de vereadores.

²⁸ *Comarca*: o território delimitado por fronteiras específicas e administrado por si mesmo.

Os moradores elegeram o primeiro juiz de paz, e em 1881, tomou posse na Câmara de Jaboticabal como vereador João Carlos de Almeida Pinto, representando o arraial dos Barreto. A região seria ainda elevada à categoria de município²⁷ em 1885 e sede de comarca²⁸ em 1890. Essas mudanças administrativas que ocorreram rapidamente demonstram o crescimento da cidade.

Dinamizando a economia através da pecuária, o povo melhorava aos poucos de vida. A capela seria substituída pela nossa bela catedral; começaram a construir mais casas com a vinda de novas pessoas e os que enriqueciam construíam melhores, de tijolos e com telhas.

Nossa cidade ia aos poucos firmando maior comunicação e comércio com as cidades vizinhas pelas longas estradas de terra; só no começo do século XX a ferrovia chegaria aqui e daria outro impulso à modernização²⁹ da cidade, assunto que será tratado na Unidade II.



Lampião
Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Em 1893 foram instalados vinte lampiões na rua Prudente de Moraes, para iluminar a vila. Fonte: Cisalhas do Osório Rocha. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

²⁹ Modernização: desenvolvimento material, por exemplo, a urbanização, a industrialização, o avanço das tecnologias e dos meios de comunicação.



Unidade I • Capítulo 11

O povoamento de Barretos [1830-1889]

A Catedral do Divino Espírito Santo

Foi no ano de 1856 que começaram a construir a primeira capela na rua 18, no lugar onde hoje é o Sindicato Rural Vale do Rio Grande. Era uma capela simples, não possuía móveis e os fiéis tinham que se sentar no chão. Os moradores tinham poucos recursos e a contribuição dada à igreja era pouca, dificultando a compra dos objetos necessários.

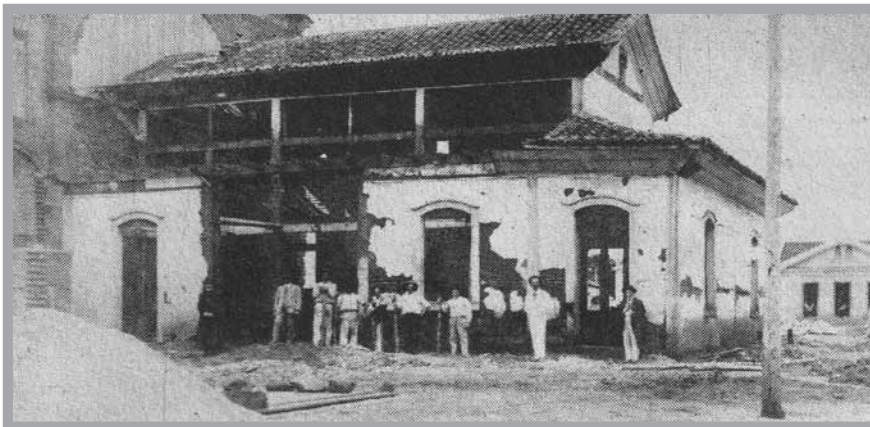
Os habitantes se reuniam ali para os eventos de caráter religioso como rezar e realizar as quermesses à sua volta, mas era também na igreja que se realizavam as eleições e os padres eram os responsáveis pela sua organização. Dessa forma, a capela era uma referência do poder político.

Já citamos que em 1874 a Assembleia Legislativa Provincial decretou uma lei elevando a capela de Barretos à freguesia. Esta capela transformava-se em paróquia³⁰, em 1877. E o que isso mudava na vida daqueles moradores?

Eram devotos do catolicismo, e com a criação da paróquia viria um padre para a cidade.



*Relógio cebolão.
Acervo: Museu "Ruy Menezes".*



Demolição da segunda capela enquanto se construía a atual Catedral do Divino Espírito Santo. Fonte: Jornal "Barretos Memórias". Ago/1988. Nº. 8, p. 6. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

³⁰ Paróquia: território sobre o qual se estende a jurisdição de um padre. Isso quer dizer que finalmente viria um padre fixo para Barretos.



*Catedral no final da de 1910, nota-se a ausência do relógio.
Fonte: ANDRADE, A. 1918.*



O relógio da Catedral, um original michelini, foi colocado na torre entre 1926 e 1928 seus sinos batiam nas principais horas do dia. Dessa forma, os habitantes da cidade começaram a contar o tempo de sua vida com mais essa novidade: o tempo do relógio. Antes disso, o tempo era marcado pelo ritmo da natureza.

Alguns moradores da vila possuíam relógios de bolso, chamados de cebolões. No Museu Histórico, Artístico e Folclórico "Ruy Menezes" há um exemplar.

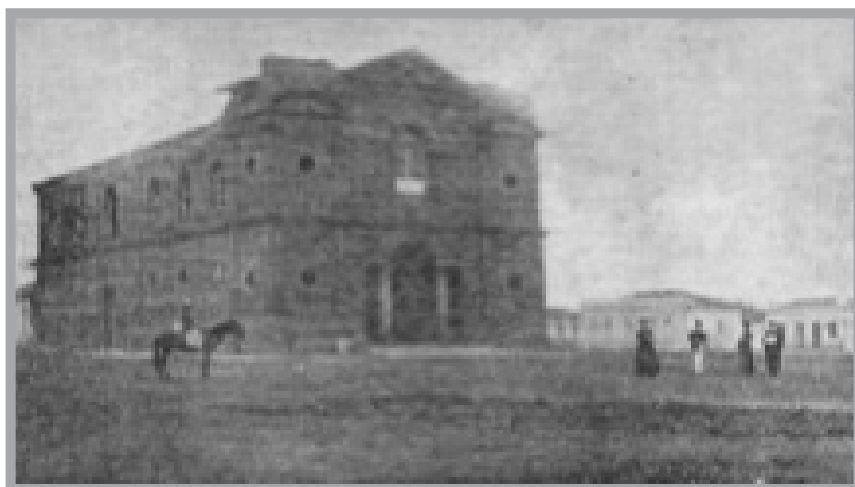
Com a instalação do relógio na torre da Catedral, os sinos eram tocados para chamar a população para ir à igreja cumprir a fé católica. O catolicismo era tão importante na cultura daquele povo, ao ponto de estar presente em ato tão cotidiano, como marcar o tempo.

Naquele tempo não existia casamento no civil como hoje, só a igreja podia realizá-los e o registro era anotado em um livro. Em 1877, chegava a Barretos o primeiro padre para cuidar da paróquia, o italiano Henrique Sassi, que abriu um livro de casamentos, um de óbitos e um de batizados. Depois que padre Sassi voltou para a Itália, veio substituí-lo o padre Francisco Valente, permanecendo aqui até 1909.

A capela foi se tornando pequena para os moradores realizarem seus atos religiosos. Em 1880, foi iniciada a construção de uma nova igreja, no mesmo local onde se encontra a atual Catedral, terminando as obras em 1885. Com a dinamização da economia e da sociedade, resolveram construir uma nova igreja em 1893. Enquanto se demolia a igreja, construía-se uma nova no mesmo local, sendo que as obras foram terminadas na década de 1920. Tratava-se da atual catedral, que demonstrava em sua monumentalidade a preocupação dos clérigos e do próprio catolicismo em acompanhar a modernização arquitetônica e cultural dos tempos, a fim de conquistar mais fiéis.



O interior da catedral durante um funeral. Fonte: Jornal "Barretos Memória". Ago/1988.nº. 8. p. 6. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



*Catedral de Barretos em 1904. Nota-se que a construção ainda não tem as torres.
Fonte: Álbum de Jaboticabal, acervo do Museu do município de Jaboticabal.*



Unidade 1 • Capítulo 12

O povoamento de Barretos [1830-1889]

Escavidão

Atualmente os barretenses ficam surpresos ao descobrirem que existiu escavidão em Barretos, e você também deve estar. Vamos conhecer melhor a origem dessa história?

No início da unidade você pode perceber que o povoamento de Barretos começou por volta da década de 30 do século XIX. Acontece que no Brasil, a escavidão só foi extinta em 13 de maio de 1888, data de assinatura da Lei Áurea. A partir dessa informação, chegamos à conclusão que os primeiros negros trazidos para cá eram escravizados. Existem alguns documentos que comprovam isso, como recibos de compras de escravos ou registro de óbito destes no livro da paróquia.

No Museu “Ruy Menezes” há um documento que é uma carta, onde João Carlos Almeida Pinto se refere a um escravizado. Vejamos a transcrição:

*Compadre Romão
Barretos, 03 de março de 88*

Pesso lhe o favor de entender se com o Snr. Chiquinho do Rio Velho afim d'elle vir cá p.a levar ou fazer qualquer negocio a respeito do escravizado João, que por ahí andava a casa de patrão e q. ultimamente eu aceitei-o em casa até que o Chiquinho providencie nesse sentido.

Diga a Comadre que eu a espero na festa.

Adeus.

Disponha do

Comp e Amigo

J. C. Almeida Pinto. (Grafia da época).

Temos também, uma estimativa da população barretense feita no ano de 1874, na qual podemos observar o número de pessoas livres e escravizadas:



Os colonizadores portugueses tinham uma cultura em que o trabalho braçal era considerado sinônimo de desprestígio, costume que acabou passando para os brasileiros do período imperial. Dessa forma, eles faziam de tudo para ter escravizados, quanto maior o número de escravizados, maior o prestígio. Mesmo os mais pobres faziam esforço para adquirir pelo menos um ou dois.

População - Espírito Santo dos Barreto:		
Livres: 1.983	Escravos: 151	Total: 2.134

Fonte: Almanaque da Província de São Paulo, 1875.

Durante o período das grandes navegações, os portugueses estabeleceram várias colônias. Uma delas foi o Brasil e outras no continente africano. Na África já existia um típico sistema de “escravidão” entre as tribos rivais. Os portugueses aproveitaram-se disso para modificar o sistema escravista com a finalidade de aumentar a escala da “produção”. Assim, estabeleciam um negócio lucrativo que ao mesmo tempo abastecia o Brasil de mão-de-obra³¹. Este negócio resultou no tráfico negreiro, que aprisionava os negros principalmente da Angola e do Congo, transportando-os aos portos brasileiros e depois aos sertões adentro, para servirem como mão-de-obra escrava.

Foi possível identificar em Barretos escravizados africanos legítimos das etnias Monjolo e outros de regiões da Nigéria, através de alguns de seus costumes. Por exemplo, os da etnia Monjolo tinham cicatrizes nas duas faces, da boca às orelhas, paralelas, retas e feitas à faca. Um negro de nome Policarpo e a negra Mãe Mina, que moravam no bairro do “Outro Mundo” (Fortaleza) e a Rita Bagagem eram assim. Sabemos disso pelas descrições de Osório Rocha em seu livro “Barretos de Outrora”.

Os portugueses se utilizaram de várias artimanhas para manter o regime escravocrata no Brasil, uma das formas utilizadas foi submeter os escravizados à conversão católica forçadamente. Porém, os escravizados em reação a esta imposição adotaram como meio de resistência a associação de deuses africanos com santos católicos dando origem ao que conhecemos como “sincretismo religioso”.

No Brasil, os escravizados se identificaram mais com a Nossa Senhora do Rosário, primeiro porque era uma santa de devoção dos portugueses, e depois porque o rosário da sua imagem lembrava o rosário de “Ifá”, objeto mágico da cultura africana que promovia a cura. Assim, Nossa Senhora do Rosário tornou-se a padroeira dos escravizados no Brasil.

Não é por acaso que a igreja “Nossa Senhora do Rosário” na nossa cidade tem este nome! Desde o período colonial proliferou-se por todo o Brasil as Irmandades do Rosário e em Barretos a igreja foi construída por volta de 1870, para o culto dos negros na cidade. Sua primeira construção ficava onde é hoje a “Estação Cultura”. Na igreja do Rosário, os negros desenvolveram uma cultura típica dos afro-brasileiros: a coroação do rei do Congo ou “Congada”.

A Congada surgiu no Brasil com a vinda forçada de povos africanos de origem bantu, oriundos da região africana do Congo (daí o nome Congada), onde havia as coroações dos reis. Era uma forma dos africanos escravizados manterem um laço de memória com a sua terra natal.

As festas de coroação em Barretos se davam por danças que representavam a coroação do rei do Congo, acompanhado de um cortejo compassado, cavalgadas, levantamento de mastros, música e a utilização de vários instrumentos, sendo que o ponto alto do festejo era a coroação do “rei do Congo”, que era algum negro escolhido pela Irmandade.

Depois da libertação dos escravizados, a igreja de “Nossa Senhora do Rosário”, foi aberta para a frequentação dos brancos pobres, pois ela ficava no bairro “Outro Mundo”, onde vivia a parcela mais humilde da população. Com a chegada da ferrovia em 1909, a igreja foi derrubada e construíram outra onde está localizada atualmente. Hoje não se realizam mais as congadas na nossa cidade.



A linguagem também foi uma forma de resistência. Os negros, ao chegarem aqui, eram obrigados a aprender o português, mas eles tinham dificuldades e às vezes não queriam. Um escravizado que vivia em Barretos, chamado Policarpo, era casado com a Mãe Mina e o seu senhor o capitão Chico, gostava de ouvi-lo recitar versinhos para a mulher, em português! Certa vez, o capitão mandou-o recitar mais uma vez, e o Policarpo com uma dificuldade danada para dizer as palavras certas se irritou e... Vejamos as palavras dele: “mandei fazê uma baraca/ da raiz de fredegoso/Pra levar o meu benzinho pra... pra... pra zi quinto dos infernos!”

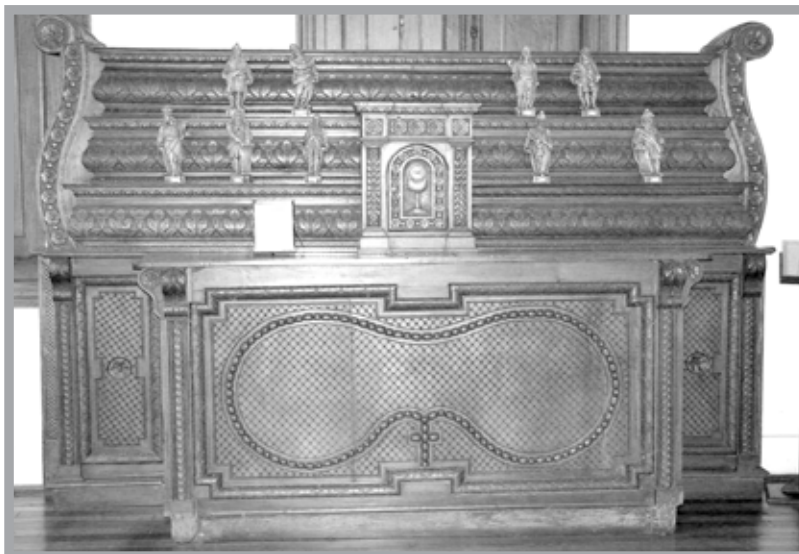
³¹ Mão-de-obra: força braçal de trabalho; o conjunto dos trabalhadores. Na época do Brasil colonial e imperial a principal força de trabalho e mesmo quase exclusiva eram os escravizados.



Festa da Congada em Barretos no início do século XX.
Acervo de Roseli Tineli.



Festa na Capela do Rosário, aproximadamente em 1909. Do lado direito está o grupo de congada, perto da igreja, com seus instrumentos. Acervo de Roseli Tineli.



Primeiro altar da igreja Nossa Senhora do Rosário. Entalhado no ano de 1910, pelo imigrante Antônio Francisco Scannavino, proveniente de "Belvedere Marítimo", Itália, sendo o mesmo doado ao Museu "Ruy Menezes", pelo Professor Raul Alves Ferreira. Observa-se na parte inferior do altar um rosário entalhado que identifica a igreja para a qual foi criado.



Unidade I • Capítulo 13

O povoamento de Barretos [1830-1889]



O casamento era considerado importante para as mulheres. Elas deveriam casar-se rápido, daí o relato de meninas de Barretos de 13 e 14 anos que se casaram com homens de 40 ou 50 anos! Elas saíram do subjugo do pai ou irmão para o do marido. Se no Brasil quase não existia educação para os homens, menos ainda para as mulheres. Nos documentos, por exemplo, alguns homens assinavam por elas, pois elas não sabiam ler e nem escrever, o que permitia que alguns deles as “passassem para trás” em assuntos de herança.

A condição feminina: as mulheres barretenses

Até agora estivemos contando várias faces de um mesmo período histórico. Mas existe um personagem que durante muito tempo foi deixado em papel secundário pelos contadores de história e também pela sociedade, trata-se da mulher!

Elas eram apresentadas, quase sempre, como esposas do ilustríssimo “fulano de tal”, mãe do respeitado “ciclano”, irmã do popular “beltrano”, ou seja, a existência da mulher era apresentada como condicionada ao homem. Mas quem eram essas mulheres? O que queriam? O que pensavam? Qual era a sua condição na sociedade barretense?

Apesar da história escrita pelos homens apresentar a mulher como submissa, elas foram muitas vezes corajosas e enfrentaram a vida difícil do “Arraial dos Barreto”. Na época do Brasil Império, a maioria era duramente reprimida pela autoridade que o homem exercia na época e estavam excluídas da política, relegadas a trabalhos domésticos.

Algumas, dependendo da boa vontade de seus maridos, pais ou irmãos, podiam dedicar-se a profissões tradicionalmente consideradas femininas tais como: enfermeira e professora. Foi o caso da Dona Jacinta, que na época era professora em Barretos.

No entanto, trabalhos recentes revelaram que elas estavam presentes no comércio, principalmente o ambulante e algumas chegaram a possuir terras, ou seja, elas desenvolveram formas de se tornar independentes dos homens, mesmo que tenha sido de maneira limitada.

Elas arrendavam terras, trabalhavam nas roças, faziam quitutes, bolos e doces para vender nas ruas e também costuravam e tingiam tecidos. Este era o caso de uma personagem de nossa história, a Inácia, filha de Simão Marques, que ganhou o apelido de “Inácia Homem”.

Recebeu essa alcunha por causa de seu comportamento “masculinizado” para a época. Ela caçava, dirigia o trabalho na roça e tecia as calças que usava! As mulheres ocidentais começaram a usar calças nos anos finais do século XIX, por causa da necessidade do trabalho, não

por estética.

Inácia usava calças, mas com o “robe” por cima, uma peça que imitava uma saia, muito usada pelas mulheres trabalhadoras, como Inácia, que trabalhava na roça. Desse modo, as mais ricas não usavam calças, pois isso não era bem aceito pela sociedade - inclusive pela maioria delas, por causa da cultura. Além de se virar sozinha em um mundo que era dos homens, Inácia peitava os “machões” que se atrevessem a tentar ridicularizá-la.

O comportamento de Inácia pode ser explicado pelos maus tratos que ela sofreu durante muito tempo do marido, que se chamava Generoso. Acontece que Generoso certa vez tentou afogar Inácia em um rio, os relatos não contam os motivos da violência, mas o fato é que Inácia teve a coragem de largar o marido e passou a se virar sozinha. Nestes casos, os juízes de paz, que eram quem resolvia os crimes e desavenças, normalmente buscavam a “reconciliação” do casal, pois não era bem vista na sociedade da época uma mulher sozinha, ainda mais com filhos.

As viúvas, por exemplo casavam-se rapidamente de novo. Temos relatos de uma Ana Rita que, abandonada pelo marido, acabou se matando! Além da discriminação, elas eram muito dependentes dos homens, o que as faziam sofrer a “violência doméstica” caladas. Se mesmo hoje, com a lei “Maria da Penha”, muitas ficam quietas com medo da reação violenta de seus maridos e de ficarem sozinhas, imaginem naquela época!

As piadas feitas a respeito de Inácia podem refletir o preconceito que se tinha na época contra as mulheres sozinhas, principalmente as separadas - lembremos que não era permitido o divórcio. Mas, ela demonstrou coragem para enfrentar essa situação: certo dia, estando Inácia na fazenda Invernada para tingir alguns tecidos, chegou para ela o Joaquim Franco e disse-lhe:

“_ Como vai sia-Inácia Homem?”

E ela rápida na língua, retrucou:

“- Vou bem. E vacêseô-Joaquim Muié?” (ROCHA, 1954, p.34)

É, a Inácia não deixava barato. No outro dia os homens a convidaram para a caçada e ela aceitou, foi quando outro resolveu tirar sarro das calças que ela usava. Ao qual ela respondeu:

“_Tenho calças, sim! Porque sei tecer. Azuis porque sei tingir! Tá ouvindo?”(ROCHA, 1954, p.34).

Ou seja, Inácia anunciava em alto e bom tom que o comportamento dela era fruto da sua independência. Ela usava calças se quisesse, pois era ela própria quem as fazia.

Outra mulher considerada corajosa foi a Rita Maria de Jesus, filha caçula de Chico Barreto, aquela que gostava de dançar o Cateretê. Ganhou o apelido de Rita Parnaíba, por contarem que certa vez atravessou o Rio Parnaíba em uma jangada improvisada, a fim de fugir da prisão perpétua! Mas por que ela seria presa?

Dizem que a Rita matou muita gente por brigas e questões de terra. Em Goiás, para onde fugiu, contam que matou dois de tal família Cocó e o resto fugiu dela. Os relatos apontam que os matou por questões de terras também, mas entre as causas constava que um dos homens dessa família teria violentado uma neta dela e Rita quis resolver à sua maneira,

Unidade I • Capítulo 13

com a espingarda!

Aliás, ela usou a espingarda para resolver outro caso, quando ainda morava em Barretos. Certa vez, Rita mais sua irmã Francisca Ana Rosa, obrigaram a irmã mais velha delas, Maria Rosa, a darem uma surra em Ana Rodrigues, que ao que parece andava aos “denguês” com o marido da Maria Rosa.

Quando Francisco Isaias soube do ocorrido, começou a bater na sua esposa, a Maria Rosa. Foi quando a Rita pegou a espingarda e, sob a ameaça de morte, obrigou-o a parar. Explicaram a ele que elas é que haviam convencido a irmã a dar a surra na “amante” e dizem que depois disso o Francisco não se “engraçou” mais com a Ana Rodrigues.

No entanto, não podemos concluir que todas as histórias foram entrecortadas por violência. Existiram mulheres e homens que se casaram por amor e constituíram uma vida feliz, ou ao menos, uma vida conjunta e de paz.

Neste capítulo vimos como as mulheres barretenses reagiram à dominação masculina. Algumas, como a Inácia, buscaram a independência no próprio trabalho e em uma postura de defesa, já outras como a Rita, se defenderam usando da própria violência, a mesma arma que muitos homens usavam contra elas.

Mas e aquelas que não se defenderam? Que se calaram? Não podemos conhecer a sua história? Infelizmente não, mas com certeza existiram muitas. E hoje? Reflita com seus colegas e professores sobre a condição feminina na nossa sociedade. O que mudou e o que permaneceu?



Unidade I • Capítulo 14

O povoamento de Barretos [1830-1889]

Força militar: Exército e Guarda Nacional

Antes de falarmos de Barretos, vamos entender como se desenvolveu a força militar no Brasil. Como o Brasil foi colônia de Portugal até 1822, ano da independência, sua força militar era dirigida pela metrópole e pelos portugueses, mas os brasileiros eram também recrutados.

Com a Independência, abriu-se um vácuo, pois não vigorava mais a ordem de Portugal. A Constituição Imperial de 1824, outorgada por D. Pedro I criou então as forças militares brasileiras, extinguindo as antigas ordenanças. Pela lei, era obrigatório o serviço militar de homens entre 18 e 35 anos, que deveriam servir em média durante seis anos.

O tempo de serviço militar era longo, os castigos violentos eram constantes, além dos riscos de morte do convocado que não prometiam muito o retorno à sua família. A vida nos quartéis e nos navios da Armada era um verdadeiro inferno. Bebedeiras, brigas, roubos e deserções³² eram frequentes.

O castigo físico, embora proibido pela lei de 1874, era usado rotineiramente. No exército batia-se com espada sem corte ou vara de marmelo³³; na Armada usava-se a chibata³⁴.

Todos esses problemas causavam verdadeiro pânico na população quando chegava à época da convocação para o serviço militar. Em Barretos tinha mais um agravante: não existiam quartéis, dessa forma, os barretenses tinham de ir para cidades distantes a fim de cumprir a obrigação para com o exército, e isso deixava as famílias muito aflitas. Todo esse medo culminou em uma revolta da população, principalmente dos pais dos alistados, em 06 de dezembro de 1886. Esse dia ficou conhecido como Sedição³⁵.

O alistamento era obrigatório, quem dirigia este serviço eram os Inspetores de Quarteirão, e os convocados eram sorteados entre os inscritos. (Barretos pertencia ao 6º. quarteirão de Jaboticabal, o que comprova isso é um documento digitalizado doado ao museu, é uma lista de votantes de 1849). O livro com os inscritos achava-se no Cartório de Paz e antes que houvesse o sorteio, um grupo de provavelmente 70 pessoas



O exército criado em 1824 não era muito efetivo e sofria resistência, principalmente no interior do país. Onde eram comuns Sedições e Deserções. Só depois do final da Guerra do Paraguai, em 1870, se deu mais atenção ao Exército. Devido às dificuldades na Guerra, o governo percebeu o quanto uma força militar que de fato defendesse o país era importante.

³² Deserção: abandono; fuga.

³³ Marmelo: fruto de um arbusto vistoso da mesma família que a maçã e a pêra, o marmeleiro. Os galhos do marmeleiro em geral são retorcidos. Com esses galhos faziam-se varas para bater nos soldados.

³⁴ Chibata: vara delgada para fustigar e dirigir os cavalos; chicote.

³⁵ Sedição: revolta.

Unidade I • Capítulo 14

armadas, veio até o arraial e invadiram o cartório! Ameaçando o escrivão, levaram livros e outros papéis relativos ao alistamento e rasgaram tudo!

O exército no Brasil era composto de todos os tipos sociais, ou seja, ele incluía pessoas pobres, que muitas vezes ficavam ao lado dos que protestavam contra o governo. E como o governo defendia os poderosos, resolveu-se criar a Guarda Nacional, que serviria para defender os interesses do governo e das elites agrárias.

A Guarda Nacional foi criada em 18 de agosto de 1831, no período das Regências. Quando D. Pedro I abdicou do trono, o Brasil passava por intensa agitação política. Crises econômicas derrubavam negócios dos poderosos e aumentava a miséria do povo, o que contribuiu para a eclosão de revoltas. Dessa forma, o governo instituiu a Guarda Nacional, que era uma espécie de milícia destinada a manter a ordem, ou seja, a ordem dos mais ricos dominando os mais pobres. O alistamento e o serviço militar eram obrigatórios para homens entre 18 e 60 anos, que fossem votantes e de posses.

Em 1850, todos os postos de oficiais (alta patente) passaram a ser de nomeação do governo, que com isso adquiriu moeda fortíssima para negociar a lealdade dos senhores de terra. Pois, eram os mais ricos e poderosos do interior brasileiro que comandavam as populações locais, ou seja, os votos eram negociados entre governo e o “coronel” do local. Em Barretos acontecia o mesmo tipo de “esquema”. Dessa forma, a hierarquia da Guarda Nacional acabava por refletir a hierarquia da sociedade.

A hierarquia dentro da instituição compunha-se de coronel, tenente-coronel, major, capitão, tenente, alferes e finalmente, dos guardas nacionais. Os títulos maiores eram adquiridos por mérito ou pelo dinheiro. Políticos e fazendeiros disputavam estas posições de mando. Ser oficial daquela corporação era atributo de prestígio e respeito.

Os mais ricos ficavam com as mais altas patentes da instituição, os menos ricos com as mais baixas, e aos mais pobres restava o serviço militar no exército e o subjugado dos “coronéis”. Você já deve ter ouvido falar da figura do “coronel” em alguma novela ou em alguma história dos seus avós, e você deve se lembrar que eles costumavam ser homens poderosos!



Membros da Guarda Nacional em Barretos.

Fonte: Arquivo do Grêmio Literário e Recreativo de Barretos.

Coronel não significava apenas uma titulação militar. No nosso país ele significava além do poder militar, configurando poder econômico, político e social. Os coronéis usavam da violência, inclusive no “Arraial dos Barreto”, para angariar votos e conseguir uma posição política privilegiada.

Usavam de seu poder econômico e sua posição pública de membro da Guarda para causar admiração ou intimidar as pessoas mais humildes, evitando que estas se revoltassem contra sua situação de miséria. Contratava bandos de capangas para garantir a “ordem” que desejasse, fosse para ocasiões das eleições ou para as “tradicionais” questões de terras, que tanta violência causava.

Muitos desses coronéis, capitães, majores e etc. eram latifundiários, seu poder e prestígio concentravam-se na quantidade de terras que possuía e sobre as pessoas que influenciava ou dominava dentro dessas fazendas, que eram os empregados, peões, agregados, escravizados etc...

Eram chamados de “coronéis de mato”, pois viviam nas fazendas, e como o arraial era muito pequeno e até mesmo sua paisagem era muito ruralizada, o poder deste coronel se estendia até lá.

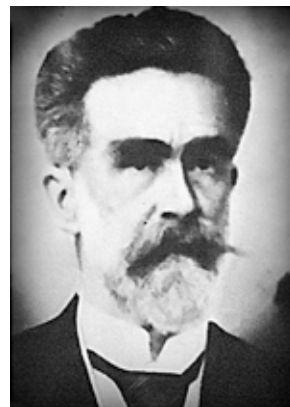
O outro tipo de coronel era o “coronel intelectual”, que vivia no espaço urbano e costumava ter ideias consideradas mais “progressistas” para a época. Estes foram trazidos a Barretos pelos ventos republicanos. Este coronel costumava ser um “bacharel”, que era normalmente alguém formado em Direito ou Medicina. Dotados de inteligência, boa oratória e algum cargo no funcionalismo público, estes coronéis angariavam votos para o “coronel do mato”.

No entanto, as “ferramentas” utilizadas por esses dois tipos de coronéis muitas vezes se confundiam. Temos relatos em Barretos de “coronéis intelectuais” se valendo de capangas para garantir o seu poder e “coronéis de mato” abusando da oratória e dos discursos “progressistas”.

Estes mandantes dominaram o cenário da política nacional e em Barretos também foi desta maneira. Como “coronel de mato” em Barretos, temos o exemplo de Antônio Marcolino Osório de Souza, fazendeiro, e de “coronel intelectual”, Silvestre de Lima, escritor, poeta e fundador do primeiro jornal da cidade de Barretos “O Sertanejo”. Dois dos mais antigos líderes políticos de nossa cidade.

Concluimos que os membros da Guarda Nacional representaram mais uma situação histórica marcada pelo abuso das instituições públicas para fins estritamente particulares. Eram os ricos se valendo de instrumentos que deveriam servir ao bem coletivo, do público em geral, para simplesmente tirarem proveitos particulares.

Com o passar do tempo, os “coronéis” valiam-se de suas tropas armadas para simplesmente preservar seus interesses econômicos e políticos pessoais. Ou seja, a Guarda Nacional no Brasil e em Barretos, serviu como severo instrumento de repressão contra uma população que não se via representada no mando de líderes políticos oriundos das elites.



Cel. Antônio Marcolino Osório de Souza. Acervo: Museu “Ruy Menezes”



Unidade I • Capítulo 15

O povoamento de Barretos [1830-1889]



No ano de 1881, o direito de votar no Brasil foi ainda mais restringido. Além da obrigatoriedade de renda anual de 100 mil réis, só os alfabetizados podiam votar. O que diminuía de uma maneira drástica o número de eleitores, pois a maioria da nossa população era analfabeta. Além disso, as eleições deixaram de ser indiretas e passaram a ser diretas. Isso explica o fato de terem apenas 7 eleitores em Barretos no ano de 1884.

Momentos finais do Império Brasileiro

Mas como se organizou essa política? Eram todos os políticos barretenses a favor do Império brasileiro? Tínhamos partidos? Existiram monarquistas e republicanos?

D. Pedro II subiu ao trono brasileiro em 1840, com apenas 15 anos, graças ao golpe da maioria. Barretos então começou a ser povoada em 1831, ou seja, nós vivemos o período anterior, das Regências, o tempo do 2º. Reinado e a proclamação da República.

Logo, o município começa a ter maior autonomia administrativa, como vimos no capítulo "Barretos cresce e vira cidade". Essas mudanças eram reflexos da economia que crescia, mas também um indício dos interesses do governo no longínquo arraial. Passávamos a ser um "curral eleitoral", já que Barretos crescia, surgiram alguns possíveis eleitores,



Messias Alves Gonçalves.
Acervo de Evidia Flosi.

que estavam sob a influência e o mando dos coronéis, que eram também políticos.

Nos anos finais do Império proliferavam-se no Brasil os políticos a favor da permanência da monarquia e os que eram contra; eram os monarquistas e republicanos, tanto que em 1873 houve a criação do Partido Republicano Paulista em Itu, São Paulo.

Vamos ver como isso ocorreu na nossa cidade? Em Barretos também se organizavam os monarquistas e republicanos, um exemplo disso foi a eleição de 1884 e 1885 (1º e 2º escrutínios) para deputado geral no Parlamento Imperial. Era candidato republicano Prudente de Moraes e monarquista Antônio da Costa Pinto e Silva.

Estudiosos da história barretense contavam que o candidato monarquista já cantava vitória por dois ou três votos de diferença, quando chegou os votos dos únicos sete eleitores barretenses, os últimos a chegar, computando-se os sete votos para o candidato republicano. Dessa forma, os barretenses teriam sido o motivo da vitória do republicano Prudente de Moraes.

Estudos recentes no entanto revelam que o episódio foi distorcido. Os sete eleitores barretenses votaram no candidato republicano, mas seus votos não foram os que deram a vitória a Prudente, pois ele ganhou por diferença de 174 votos a mais que o candidato monarquista e não por uma diferença mínima em vitória acirrada atribuída aos barretenses.

No entanto, o episódio tem um peso simbólico. A distorção não foi um mero acaso, com uma história dessas criava-se a crença de que o arraial era composto de homens progressistas, dotados de espírito republicano. Tal “espírito” era atribuído ao “comando” do Cel. João Carlos de Almeida Pinto, um campineiro que residindo em Jaboticabal fundou ali o diretório do Partido Republicano Paulista, sendo ele o representante de Barretos.

Contam ainda, que depois da eleição, o Cel. Almeida Pinto havia exclamado que: *“Daí em diante o filho de um tropeiro podia encarar face a face o imperador!”*. Tais palavras do coronel republicano eram uma nítida afronta à monarquia!

Em uma reunião no dia 30 de junho de 1889, poucos meses antes da proclamação da república, foi tardiamente organizado em Barretos o Partido Liberal, onde era presidente o monarquista Messias Alves Gonçalves, ou seja, o Partido Liberal surgiu aqui com a função de manter a monarquia, tentando impedir o alastramento dos ideais republicanos. Portanto, Gonçalves e seu grupo eram contrários às ideias do Cel. Almeida Pinto e seus partidários do Republicanismo.

Apesar dos clamores dos monarquistas pela permanência de D. Pedro II no trono, a República foi proclamada e dizem que quando ficou sabendo do ocorrido, Messias Alves Gonçalves brigou com o Cel. Almeida Pinto; essas brigas entre os políticos ocorreram em todo o Brasil.

Com a instalação da Comarca em 1890, já se havia proclamado a República no Rio de Janeiro um ano antes, em 15 de novembro de 1889. Começavam para o arraial algumas transformações políticas que acompanhavam as mudanças econômicas puxadas pelo negócio da pecuária. Apesar da modernização da cidade, isto não garantiu a participação dos mais pobres no jogo político.

No entanto, essa parte de nossa história vamos aprender na próxima unidade: “A Primeira República em Barretos”.



Unidade I

Referências

- ANDRADE, Absay. **Álbum de Barretos**. Volume dos estados do Brasil: das monografias paulistas. São Paulo: Escritório Jurídico Técnico-Comercial, 1918.
- BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis. (Org.) **Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1999.
- BALDUS, Herbert. **Lendas sobre os índios do Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1946.
- BRIOSCHI, Lucila R. **Entrantes no sertão do Rio Pardo: o povoamento da freguesia de Batatais, século XVIII e XIX**. São Paulo: CERU, 1991.
- BOXER, Charles R. **A idade de ouro do Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. **A cidadania no Brasil: um longo caminho**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- COSTA, Emilia Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 4 ed. São Paulo: ED. Brasiliense, 1987.
- COTRIM, Gilberto. **História para o ensino médio: Brasil e geral**. volume único. São Paulo: Saraiva, 2002.
- FIGUEIREDO, Luciano (Org.). **Raízes africanas**. Sabin: Rio de Janeiro, 2009 (Coleção Revista de História no Bolso; 6)
- _____. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORI, Mary Del (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- FREIRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Do império à república. (Org.) _____. **O Brasil monárquico**. tomo II, vol. 5. São Paulo Difusão Europeia do Livro, 1972.
- KIDDY, Elizabeth W. Quem é o rei do congo? Um novo olhar sobre os reis africanos no Brasil. In: HEYWOOD, Linda M. **Diáspora negra no Brasil**. São Paulo: ed. Contexto, 2009.
- LOMBARDI, José Paulo. **O coração de Barretos**. São Paulo: Gráfica Barretos, 2002.
- MATTOS, Regiane Augusto de. **De cassange, mina a gentio da Guiné: grupos étnicos e formação de identidades africanas na cidade de São Paulo (1800-1850)**. São Paulo: FFLCH/USP, 2009.
- MENEZES, Ruy. **Espiral: história do desenvolvimento cultural de Barretos**. Barretos: Intec-Barretos, 1985.



Unidade I

Referências

MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. **Álbum Comemorativo do 1º. Centenário da Fundação de Barretos**. Barretos: Publicação da Prefeitura Municipal de Barretos, 1954.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: companhia das letras, 1994.

PERINELLI NETO, Humberto. **Nos quintais do Brasil: homens, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade – Barretos (1854/1931)**. 2009. Tese. (Doutorado em História) Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”: Franca, 2009.

_____. **A construção da paisagem do sertão no Brasil Moderno: investigando e interpretando a festa do peão de boiadeiro de Barretos (1956 -1972)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”: Franca, 2002.

PIMENTA, Reinaldo de Oliveira. **O povoamento do planalto da Pedra Branca, Caldas e região**. São Paulo: Editora Marta Amato, 1998.

ROCHA, Osório Faleiros. **Barretos de outrora**. Barretos: s/e, 1954.

SOUZA, Marina de Mello. **Reis Negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei congo**. Belo Horizonte, ed. UFMG, 2002.

TOMAZ, Laycer. **Da senzala à capela**. Brasília: UNB, 2000.

ZAUITH, Chamissy. **Barretos: da origem ao núcleo Histórico**. Barretos: Soares de Oliveira, 1993.

FONTES PRIMÁRIAS

Jornais do acervo do Museu:

O Sertanejo (Barretos) 1901;
Correio de Barretos (Barretos) 1943 - 1945.

Fontes manuscritas - oficiais

Arquivo da Cúria de Barretos: Livro nº 1 de óbitos, 1878;
Arquivo do Fórum de Araraquara: Inventários de Maria Cândida de Jesus e Inocência José Nogueira;
Arquivo do Fórum de Barretos: Inventários de Simão Antônio Marques e José Clementino de Carvalho.

reTr
AtoS
do PAsSaDo



Imagens de Barretos no começo do século XX



Acervo: Museu "Ruy Menezes"



Unidade II

A Primeira República em Barretos [1889-1930]

Introdução

“Antes do prazo marcado, proclama-se a República. Em Barretos, apesar da grande distância que separava essa terra dos últimos núcleos servidos por meios de comunicação rápidos, um grande anseio por melhores dias empolga os varões de mais destaque no lugarejo” (ROCHA, 1954, p. 74).



O jornal “Dom Casmurro”, exibido na imagem acima, hoje é parte do acervo do Museu “Ruy Menezes” e possui em sua manchete principal a seguinte exclamação: “O Marechal Deodoro da Fonseca proclamou ontem a República!!!”. Este jornal foi publicado no dia 16 de janeiro de 1889 no Rio de Janeiro, naquela época a capital do país. Noticiava um dos fatos mais importantes da história. **A proclamação da República do Brasil**, fato que ocorreu no dia 15 de novembro de 1889.

Unidade II • Introdução

Antes deste período o Brasil era regido pela Monarquia, isto é, um sistema político no qual o monarca (rei), Dom Pedro II, era a autoridade política central do país. Depois que se proclamou a República, o Brasil passou por pequenas mudanças onde seus estados se tornaram mais autônomos e cada município poderia ser governado por um “Intendente Municipal” – autoridade que administrava seu município e era nomeado pelo “Conselho de Intendência” ou eleito pela “Câmara Municipal”. As Câmaras Municipais eram responsáveis pelas leis do município e eram mantidas pelos vereadores, sendo que estes eram “eleitos” por aqueles indivíduos que eram considerados “cidadãos” (1% da população): homens livres, maiores de 21 anos e alfabetizados. Vê-se, portanto, que a maioria da população ficava excluída do direito ao voto.

Embora o sistema político tivesse sofrido estas transformações, muitos fatores permaneceram os mesmos depois da “Proclamação da República”, como por exemplo os políticos que tinham poderes na época da Monarquia, que continuaram a governar no período da República. No entanto, estudos atuais demonstram que, após a proclamação da República, foram adotados pelo governo brasileiro símbolos republicanos que pudessem ser inseridos no imaginário do povo do Brasil; já que a população brasileira não teve participação neste fato. A partir de então, foram revisados o hino e a bandeira nacional, as ruas e praças passaram a ter nomes dos principais personagens da República Brasileira, foi criado o mito do herói da nação “Tiradentes” e a alegoria feminina da República francesa “Marianne”.

Esta alegoria da República também pôde ser vista em Barretos, pois um busto de “Marianne” foi instalado na Praça Francisco Barreto em 1922 (Centenário da Independência do Brasil) e por ali ficou por muitos anos. No mesmo ano, uma réplica de gesso deste busto foi colocada no salão principal do Paço Municipal¹, hoje Museu “Ruy Menezes”, e ali permanece guardada até os dias de hoje como um símbolo do governo republicano em nossa cidade. Neste monumento, vê-se além da alegoria feminina, a imagem do “herói” Tiradentes e de um escravo se libertando das algemas.

Mas, não é só o busto da República que liga Barretos a este momento da história do Brasil. O que mais a cidade de Barretos possui em comum com a República? Vejamos.



Busto da República instalado no salão central do Paço Municipal, hoje Museu “Ruy Menezes”.

¹ Paço Municipal: a mesma denominação de prefeitura municipal.



Unidade II • Capítulo 1

A Primeira República em Barretos [1889-1930]



Caricatura do Cel. Almeida Pinto publicada em jornal.
Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Cel. Raphael da Silva Brandão
Acervo: Museu "Ruy Menezes".

A política de Barretos nos tempos dos intendentess e coronéis

Antes de conhecer o imaginário republicano em Barretos, vamos entender como se organizou a política na cidade, quem eram os principais chefes políticos e como eram realizadas as eleições depois da Proclamação da República. Façamos, portanto, uma rápida viagem no tempo entre os anos finais da década de 1880 até 1930, quando termina a Primeira República² no Brasil.

Após a instalação do sistema republicano, a cidade de Barretos passou a ser administrativamente mais organizada. Isto aconteceu porque em 1890 a antiga Vila do Espírito Santo de Barretos tornou-se "comarca", tendo a **Comarca de Barretos** sido instalada pelo Conselho de Intendência no ano de 1891. Este "Conselho de Intendência" foi criado na cidade no ano de 1890 e seus membros atuavam como políticos que administravam as leis e a sociedade barretense.

O primeiro presidente do Conselho de Intendência foi o Coronel João Carlos de Almeida Pinto, um político tão defensor da "República" que chegou ao ponto de propor a mudança do nome da comarca de Barretos para "Comarca da República"! Proposta esta não aceita.

O ano de 1891 também marcou a fundação do "**Partido Republicano Paulista**" em Barretos, sendo o primeiro presidente do diretório o Cel. Antonio Marcolino Osório de Souza, líder político da época. Segundo a Lei nº. 16 de 13 de novembro de 1891 do Estado de São Paulo tornava-se necessário que as Câmaras Municipais de cada município elegeassem um intendente municipal, a fim de encarregá-lo com as funções executivas do local. Foi assim que, em outubro de 1892, o antigo Conselho de Intendência transformou-se na Câmara Municipal e, dentre seus seis vereadores, foi eleito um para se tornar o primeiro Intendente Municipal de Barretos.

Venceu as eleições o Capitão Raphael da Silva Brandão, um mascate³

² Primeira República é o nome dado ao período da história do Brasil que se estende do ano de 1889 (proclamação da República) até 1930 (início do governo de Getúlio Vargas).

³ Mascate: termo usado na época que significava "comerciante ambulante".

que tempos atrás morava no sul de Minas Gerais e passou a residir em Barretos. A partir de então, todos os intendentes municipais passaram a ser eleitos pelos vereadores da Câmara Municipal. Somente em 1907, que oficialmente surgiu a denominação “Prefeito Municipal” e uma nova organização política começou a ser instituída.

Na época da Intendência, a maioria dos intendentes municipais recebia titulações da guarda nacional, que foi reorganizada em Barretos no ano de 1902. No início da formação da comarca de Barretos, o principal líder político era o Cel. Antonio Marcolino Osório de Souza, mas, por causa de uma briga entre os chefes políticos barretenses, ele acabou se afastando da vida política. Esta briga aconteceu em 1895, onde um rompimento entre Almeida Pinto e Antonio Marcolino iria mudar a política local, já que depois deste episódio outro chefe político começou a se destacar nas eleições em 1897, chamava-se Silvestre Gomes de Lima.

Coronel Silvestre de Lima, como era conhecido por todos, passou a ser o novo chefe político de Barretos, instalando-se na cidade e exercendo cargos como Deputado Estadual e Intendente Municipal por duas vezes. Este coronel na realidade era um bacharel⁴, poeta, abolicionista e defensor da República desde o início de sua propaganda, no Rio de Janeiro. Pois na capital do Brasil estudou dois anos do curso de Medicina e assinava artigos nos jornais mais conhecidos da cidade carioca.

Em fins do século XIX veio para Barretos, para ocupar o cargo de Promotor Público, o cearense Dr. Antonio Olympio Rodrigues Vieira, que acabou por se tornar outro chefe político em destaque na cidade. Também dotado da boa escrita e oratória (há quem diga que se tratava de um homem de muita elegância, trajado de terno branco e flor na lapela), Antonio Olympio logo se filiou ao Partido Republicano.

Entretanto, um sério acontecimento na história da República brasileira, conhecido como Dissidência⁵, fará com que estes dois chefes políticos assumam posições contrárias na política e dividam o diretório republicano de Barretos em dois grupos: os “Araras” (chefiados por Silvestre de Lima) e os “Pica-paus” (liderados por Antonio Olympio).

Inicia-se em Barretos o “Silvestrismo” contra o “Olimpismo”, duas facções partidárias que vão disputar a política barretense durante as duas primeiras décadas do século XX. Como Silvestre de Lima era opositor do “presidente” de São Paulo, foi afastado de certos cargos políticos e a chefia do partido governista de Barretos foi entregue a Antonio Olympio.

Existiam diferenças básicas entre os “Araras” e os “Pica-paus”: os “Araras” eram homens vinculados à primeira geração de republicanos, fizeram parte da implantação da República nas principais cidades do país e possuíam o ideal republicano muito mais amadurecido. Já os “Pica-paus” eram homens ligados à nova geração de republicanos, pertencentes ao perfil de políticos que passou a governar o Brasil depois que a república já tinha sido instalada.

Entre 1902 e 1903, Antonio Olympio, então, passou a exercer a chefia do governo em Barretos e também a direção do jornal “O Sertanejo”, primeiro jornal de Barretos fundado em 1900 por Silvestre Lima. Nele eram escritos artigos sobre o contexto nacional e local da política republicana. Silvestre de Lima e seus partidários protestaram em um boletim especial do jornal “O Sertanejo”, no qual escreveram que Barretos estava parecendo uma “praça de guerra”. A seguir a charge que demonstra o poder de Antonio Olympio diante dos membros do poder



Cel. Silvestre Gomes de Lima
Foto: Jornal “O Sertanejo”.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Silvestre de Lima, quando morava no Rio de Janeiro, lutou pela campanha abolicionista (defensor da libertação dos escravos) e, como bom poeta, escreveu o poema “A Escravidão”. Este poema ficou perdido por séculos, mas fragmentos dele foram recuperados em 2011, pela pesquisadora Sueli de Cássia Tosta Fernandes.

⁴ **Bacharel:** no século XIX e início do século XX, bacharel era o indivíduo formado em Direito no Brasil. Os bacharéis eram considerados pessoas intelectuais, possuidores da arte de escrever e da oratória.

⁵ **Dissidência:** o presidente de São Paulo (governador), Bernardino de Campos, queria reformar a Constituição republicana, mas para isso necessitava do apoio e dos votos dos deputados da Assembleia Legislativa. O problema foi que Prudente de Moraes, que liderava um grupo de deputados, não aceitou a proposta de Bernardino, e este passou a afastar da política todos os aliados de Prudente. Em Barretos, era aliado de Prudente de Moraes o deputado estadual Cel. Silvestre de Lima, que deixou de ser o presidente do Diretório de Barretos.

legislativo e do executivo:



Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. p. 27 (Acervo: Museu "Ruy Menezes").

Embora Antonio Olympio fosse o novo chefe governista, Silvestre de Lima contava com mais popularidade em Barretos. Por conta disso, para agregar mais aliados, Antonio Olympio reorganizou a Guarda Nacional de Barretos, passou a distribuir patentes entre seus correligionários⁶, tornando-se ele próprio Coronel Comandante da Brigada. Em 1918, ocasião em que foi extinta a Guarda Nacional em Barretos, ela já possuía seis brigadas (cinco infantarias e uma cavalaria)⁷. Além de seus membros possuírem uma respeitabilidade social perante a cidade, a Guarda Nacional ainda organizava bandas musicais, como é o caso da Banda Orfelinha Barretense.

As eleições neste período da história ficaram marcadas pelas fraudes e, muitas vezes, pelo uso da violência com os famosos **"votos de cabresto"**. As lutas políticas podiam ser resolvidas não só diante das urnas ou nos discursos de jornais, ma há relatos que falam sobre os capangas contratados por muitos coronéis. O documento transcrito abaixo, guardado no Museu, é um bilhete enviado por um anônimo ao Dr. Antonio Olympio avisando-o de um possível ataque contra sua vida:

Bebedouro, 12 de novembro de 1920

Snr. Dr. Antonio Olympio

Não lhe participei a mais tempo por aqui não sabia ú que á contra Vscia aqui a tempos ú sargento Barros pleiteou um devido para lhe matar por nome de Sebastião que aqui estevi como guarda notturno e que já mudosse daqui por isso previno-lhe como amigo que anda privinido pois elle axando outro que ganha ú dinheiro elle não lhe perdoará.

Seu amigo Velho

B.P.R.

(Fonte: Acervo do Museu "Ruy Menezes" – grafia da época).



Membros da Guarda Nacional - Fonte: ANDRADE, A. 1918.



Dr. Antonio Olympio Rodrigues Vieira.

Acervo: Museu "Ruy Menezes".



No Museu "Ruy Menezes" estão guardadas partes das indumentárias dos antigos Coronéis da Guarda Nacional de Barretos, como é o caso do Dr. Antonio Olympio. Em exposição no Museu, se encontram fotografias, broches, insígnias e espada da Guarda Nacional!

⁶ **Correligionário:** aquele(a) que é do mesmo partido político.

⁷ **Brigada** é o agrupamento da tropa da Guarda Nacional. Infantaria é a tropa que marcha ou luta a pé. Cavalaria é a tropa montada a cavalo.

Em 1910, outro acontecimento da história do Brasil repercutiu na vida política de Barretos, tratava-se da **Campanha Civilista**. Este episódio resumidamente foi a disputa entre dois candidatos à presidência da República: Hermes da Fonseca (militar, sobrinho do ex-presidente Deodoro da Fonseca) e Ruy Barbosa (civil, isto é, aquele que não é militar e nem religioso). Em Barretos, o Dr. Antonio Olympio apoiava Hermes da Fonseca, enquanto Silvestre de Lima era favorável ao candidato civilista.

Diante das eleições, Silvestre de Lima e seus partidários obtiveram 1.100 votos a Ruy Barbosa, enquanto o partido de Antonio Olympio garantiu somente 498 votos a Hermes da Fonseca. No entanto, mesmo Ruy Barbosa fazendo campanhas populares em várias cidades do Brasil e obtendo muitos votos, quem ganhou as eleições foi o militar gaúcho Hermes da Fonseca. Há quem diga que tais eleições podem ter sido fraudadas, já que esse tipo de atitude era até “comum” na época.

Ainda na década de 1910, dentro do diretório governado por Antonio Olympio, surgiu mais uma divisão, e desta foi criado o “Partido dos Quejeiros” (alusão aos pecuaristas). Tratavam-se de fazendeiros de Barretos, liderados pelo Cel. Carlos Ferreira de Brito, que iniciaram um novo movimento a fim de terem mais representação na política. Entretanto, este partido teve curta duração, pois foi derrotado já na primeira eleição.

Em 1918/19, surgiu outro fator que colocava em risco a popularidade de Antonio Olympio: a concessão de 2/3 do território de Barretos para a fundação da “**Villa Olympia**”. Silvestre de Lima, por sua vez, não discordava da criação do novo município, mas era contrário à grande quantidade de terras que ficaria para Olympia e às dívidas que Barretos teria que custear com essa divisão, uma vez que seriam feitos empréstimos por parte de Barretos, arcados pelos futuros prefeitos.

Porém, Antonio Olympio seguiu adiante e dos 13 mil km² do território barretense, 9 mil km² ficaram para a fundação de Olympia. Fausto Lex, professor naquela época, costumava dizer que Olympia era “uma filha rica que nascia de uma mãe pobre”.

Como consequência das atitudes de Antonio Olympio, surgiu em Barretos um novo partido político que iria protestar seus ideais: o Partido Municipal. Na véspera da eleição do dia 29 de outubro de 1919, membros do Partido Municipal instalaram-se dentro do “Theatro Santo Antônio” (avenida 17, esquina com a rua 20) a fim de passarem a noite na casa do boi⁸, com comidas, bebidas e músicas, para poderem votar no dia seguinte. Naquela noite, no lado de fora, alguém disparou um tiro contra o teatro, fato que promoveu a reação dos municipalistas ao ataque e assim se iniciou um tiroteio que entrou para a história de Barretos.

O tiroteio também contou com a participação do destacamento policial e do Tiro de Guerra, que tinha sua sede próxima ao teatro, armados do lado de fora. O resultado disso foi a morte de um municipalista, várias pessoas feridas e a fuga dos membros do Partido Municipalista, que não participaram da eleição no dia seguinte. A vitória ficou a cargo de Antonio Olympio, prefeito de 1920 a 1925. Há uma versão de que este atentado foi planejado por alguns membros partidários do Dr. Antonio Olympio, talvez sem a aprovação dele.

Na mesma época, depois de muitas disputas, críticas na imprensa e duros ataques, Silvestre de Lima foi embora de Barretos nos anos finais da década de 1910. Ele foi morar em São Paulo, lugar onde fundou o Colégio Minerva e começou a escrever artigos no jornal “O Estado de S. Paulo” a convite de Júlio de Mesquita. Em uma carta endereçada a



Maria Olympia, filha do coronel Antonio Olympio - Acervo Museu “Ruy Menezes”



A nossa vizinha cidade de Olímpia, tempos atrás, se chamava “Vila São João dos Olhos D’Água” e depois passou a se denominar “Villa Olympia” em homenagem a Antonio Olympio, que possuía uma filha de nome Maria Olympia.



No Museu “Ruy Menezes” existe um documento expedido pelo Ministério da Guerra em 1918, ocasião da extinção da Guarda Nacional, em que Jacob Witzel Filho entrega a sua patente de “major fiscal” à comissão de tal ministério. O documento, que foi assinado em 1920, é uma representação do fim da guarda nacional. Sendo por isso, uma fonte histórica primária aos historiadores.

⁸ Casa do boi: referência a qualquer prédio de hospedagem dos eleitores. Geralmente, na véspera das eleições, os eleitores se reuniam em lugares públicos ou privados para comer, beber, cantar e festejar antes de votarem. Existem evidências de que havia distribuição de gêneros alimentícios aos eleitores.

Antonio Olympio, hoje guardada nos arquivos do Museu “Ruy Menezes”, Silvestre de Lima afirma seu total desânimo e desinteresse pela política:

Tenho afirmado e reafirmado tantas e tantas vezes, a gregos e troyanos, que não sou nem serei mais nunca político, que não vejo meios agora de poder decentemente voltar atrás. [...]. Enfim, jurei a mim mesmo que nunca mais me envolveria em política, e espero em Deus que nunca mais o farei de facto. Silvestre de Lima, 1925.

(Fonte: Acervo do Museu “Ruy Menezes” – grafia da época).

Depois de Silvestre de Lima ter partido da cidade, Antonio Olympio ganhou as eleições de 1919 para prefeito e até o ano de 1925 ele governou com certa “tranquilidade” política. Porém, em 1924 surgiu o Partido Popular, liderado pelo bacharel Riolando de Almeida Prado. Este estabeleceu uma campanha ferrenha contra a administração de Antonio Olympio, utilizando como meio de crítica e propaganda de suas campanhas o jornal “O Popular”, também fundado por ele.

Durante este período, artigos escritos pelos correligionários do Partido Popular eram retrucados no jornal “A Tribuna”, em que Antonio Olympio e seus aliados teciam críticas aos discursos de Riolando. Nas campanhas de Riolando Prado, além de serem muito questionadas as administrações anteriores, ele também destacava como importante a recuperação do centro da cidade e a necessidade de melhorias das áreas periféricas, que tanto eram excluídas da vida social de Barretos.

Com o aumento do número de aliados de Riolando Prado e suas propostas cada vez mais de apelo popular, ele venceu as eleições de 1925 e foi empossado como prefeito a partir de 1926 até 1930. Além disso, também contribuiu para a ascensão de Riolando o fato de homens que faziam parte da antiga política de Barretos terem ido embora da cidade (caso de Silvestre de Lima), se afastado do jogo político (caso de Antonio Olympio) ou já terem falecido (como Almeida Pinto e João Machado de Barros). Por isso, Riolando representava uma oportunidade de mudança no cenário da política e atuação na cidade.



Passeata em homenagem a Riolando Prado. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Riolando de Almeida Prado
Foto adaptada
Acervo: Santa Casa Barretos



Reparou que os bigodes dos Coronéis eram bem grandes? Para ficar com aquele formato, os Coronéis untavam seus bigodes nas pontas com cera virgem de abelha misturada com breu. Era a moda da época!
Veja a foto abaixo do álbum Barretos de 1918.

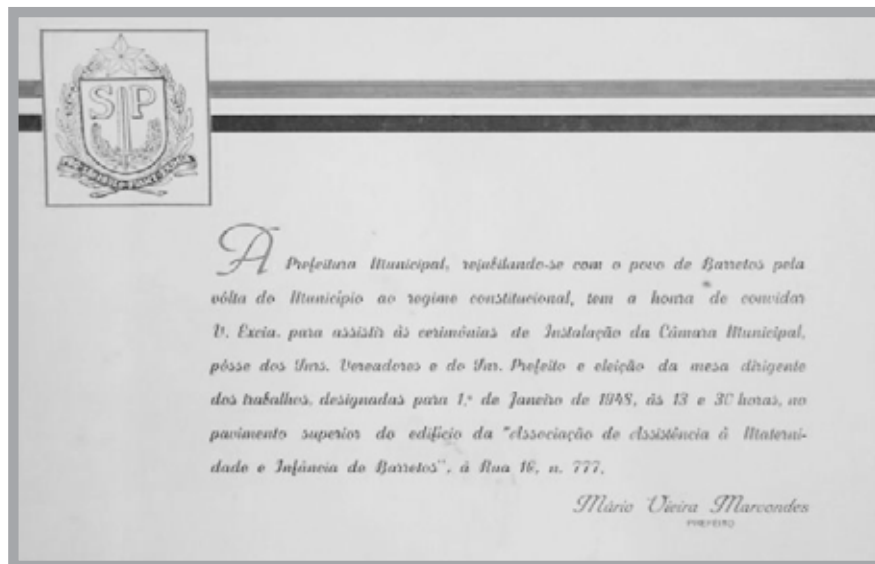


Cel. Pedro Garcia Duarte.
Fonte: ANDRADE, A. (1918)
Acervo: Roseli Tineli.

Depois de eleito, o governo de Riolando Prado foi administrado com foco na recuperação do jardim da Praça Central e das estradas vicinais. Ainda mais, trabalhou no sentido de aumentar a quantidade de ruas com calçamento e macadame⁹, chegando até a questionar o tráfego dos carros de boi pela cidade, que prejudicavam a pavimentação das ruas. Sugeriu também o uso de caminhões com rodas de borracha - uma novidade já usada em São Paulo!

Como Riolando acreditava que a política exercida em Barretos anterior ao governo dele se travou no uso da força e das fraudes eleitorais, ele chegou a dizer na Câmara Municipal que no governo dele foi “limpado o município do capangismo, do banditismo, da jogatina e outras chagas”.

Com a entrada de Getúlio Dornelles Vargas na presidência do Brasil, foi empreendida uma **nova ordem na política** do país, e, políticos como Riolando Prado, afastaram-se do poder por uma série de motivos. Os prefeitos dos municípios pararam de ser eleitos pela Câmara Municipal e começaram a ser nomeados pelos Interventores dos estados (governadores). Em Barretos, somente na década de 30 a cidade passou pela administração de onze prefeitos! O primeiro prefeito eleito pelo povo, de fato, foi João Ferreira Lopes em 1948.



Convite à posse do prefeito João Ferreira Lopes em 1/1/1948 e às cerimônias de instalação da Câmara Municipal de Barretos, bem como à posse dos vereadores. Tratava-se da volta do “regime constitucional”. Era o fim da Era Vargas. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



João Ferreira Lopes – prefeito municipal de 1948 a 1951
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

⁹ Macadame: processo de pavimentação das ruas.



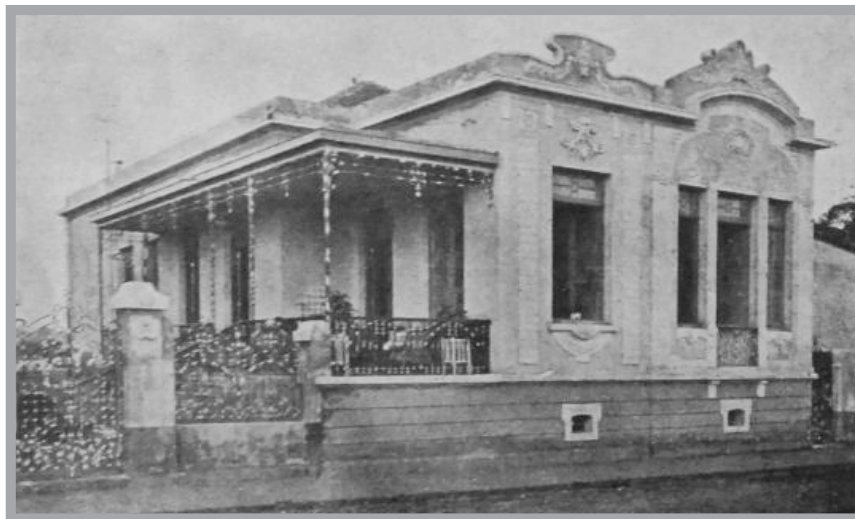
Unidade II • Capítulo 2

A Primeira República em Barretos [1889-1930]

A moderna Comarca de Barretos

Na unidade I você aprendeu sobre como era a vida na época do Brasil Imperial e o que isso refletia em Barretos, que na verdade era um pequeno arraial que ganhou forma de cidade somente no final do século XIX. Já no início da unidade II, falamos sobre como a Proclamação da República exerceu influência em nossa cidade.

Neste capítulo, convidamos você a compreender este processo que contribuiu para que a pequena vila de Barretos se tornasse uma cidade com muitos itens modernos para época. Lembrando que, não só a República permitiu estas mudanças, mas também a pecuária possibilitou que a economia de Barretos se movimentasse positivamente e desenvolvesse o comércio e a indústria na cidade. Sendo assim, todas as transformações foram frutos do processo político, econômico e cultural, que se estende do final do século XIX até a década de 1930.



*Casa de Emilio José Pinto, no começo do século XX. (Rua 14, entre avs. 21 e 23).
Fonte: ANDRADE, A. 1918. Acervo: Roseli Tineli.*

Sabe-se que durante as décadas iniciais do século XX, o poder público providenciou a construção de uma paisagem urbana em Barretos, isto é, a edificação de exuberantes palacetes, largos (praças), calçamento de ruas, delineamento nos quarteirões e a inauguração de várias instituições administrativas, culturais e de lazer. Segundo as expressões utilizadas por bacharéis daquela época, era necessário fazer com que o “sertão” de Barretos se transformasse em uma cidade “civilizada”.

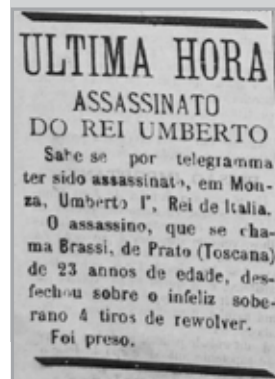
Para isso, era necessário fazer um planejamento urbano; conceder sistema de água e esgoto e coleta de lixo à população; iluminar as ruas; ajardinar as praças; proibir as cercas de madeira no centro da cidade; trazer indústrias; desenvolver o transporte ferroviário; organizar os registros nos cartórios, a cadeia, a Guarda Nacional e o Tiro de Guerra; abrir casas comerciais, hospitais, farmácias, grupos escolares, clubes recreativos, bibliotecas. Enfim, era como se o poder público quisesse “inaugurar” uma cidade. Uma bela cidade!

As ruas de Barretos também expressavam essa vivacidade da República e da modernidade. Em primeiro lugar, os nomes das ruas já nos levam a entender como a República fazia parte dos planos dos políticos locais em criar uma mentalidade¹⁰ republicana em Barretos. Eram nomes de ruas: avenida República, avenida 15 de novembro, avenida 13 de maio, rua Floriano Peixoto, rua Prudente de Moraes, rua Francisco Glicério e etc... Estes nomes remetiam aos principais líderes do país que lutaram pela Proclamação da República e às datas comemorativas da história do Brasil. Somente em 1915, com o aumento da população por causa da instalação do frigorífico (na administração do prefeito João Machado de Barros), que as ruas deixaram de ter nomes e passaram a ser enumeradas (avenidas ímpares e ruas pares); sistema que existe até hoje na cidade!

As principais ruas de Barretos neste momento eram as ruas 18 e 14, pois na rua 18 ficavam importantes instituições como a igreja, a cadeia, o hotel principal e a estação ferroviária. Já, a rua 14 era muito conhecida por sua configuração muito bela e por causa dos palacetes que ali se estabeleceram, era também a rua do cartório e do Colégio São João. Sendo válido notar também que, a atual Praça Francisco Barreto, no começo do século XX era chamada de “Largo da República”. Interessante, não?!

Era uma mistura de velhos hábitos com novos comportamentos. Novidades como o telefone, a iluminação a gás (e depois a luz elétrica em 1911), o atendimento médico e dentário; a fotografia, a tipografia¹¹ e o jornal eram extremamente sentidas pelos barretenses dos anos 1900. O primeiro jornal de Barretos foi criado quando a cidade não tinha nem cinquenta anos de fundação, em 31 de março de 1900! Tal jornal se chamava “O Sertanejo”, que além de noticiar acontecimentos do mundo e do Brasil, exibia em suas colunas sociais as mais incríveis novidades da ciência e tecnologia da época.

O **hábito de tirar retrato** nas praças, em estúdios particulares ou de solenidades passou a fazer parte do cotidiano das pessoas mais abastadas¹². Para tirar fotografias era usada a máquina “lambe-lambe”, que além de ser muito grande, era acompanhada de um grande “clarão” produzido pelo flash. A fotografia ao lado, provavelmente do fim do século XIX, foi tirada em estúdio particular, onde se pode notar um cenário de extrema elegância com móveis de madeira, enfeites decorativos e tecidos caros como o veludo. Além do mais, a própria vestimenta trajada pelo casal retratado leva o leitor da foto a imaginar que se trata de pessoas de “posses”. O que de fato Barretos queria agregar, assim como mostra um



Jornal “O Sertanejo” noticiando a morte do Rei Umberto da Itália – 4/8/1900. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Acreditando nas inovações científicas, alguns coronéis de Barretos decidiram participar de uma campanha empreendida pela imprensa do país para arrecadar dinheiro e enviar a um brasileiro que estudava projetos de aeronaves em Paris. Tratava-se de Alberto Santos Dumont! Os coronéis de Barretos arrecadaram 156\$000 reais para o cientista brasileiro que mais tarde iria inventar o avião!



Victorina Osoria Silveiras e Francisco de Almeida Silveiras. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

¹⁰ Mentalidade da época: maneira de pensar e agir da época.

¹¹ Tipografia: antiga oficina de produção e impressão de jornais.

¹² Abastadas: pessoas de classe social mais rica.

índice de 1918 em que aparecem como novos profissionais na cidade: 7 dentistas, 16 advogados, 10 médicos, 1 engenheiro, 1 agrimensor e 34 invernistas (fazendeiros).

Estes novos comportamentos adentraram a sociedade porque, junto com eles, uma **nova ordem social** começava a ser imposta em Barretos. Instituições administrativas como os cartórios, a prefeitura, hospitais, cadeias e outras começaram a ser instaladas ao final do século XIX, graças a uma aliança do poder público com a igreja católica. Isto porque, parte do território ao redor da **Catedral do Divino Espírito Santo** pertencia à Igreja, e esta por sua vez concedia terrenos para que fossem construídas estas instituições.

Como por exemplo o Paço Municipal, construído em 1906 e inaugurado em 15 de novembro de 1907 na gestão do prefeito Antonio Olympio. Antes da construção do prédio, a prefeitura foi instalada em vários lugares privados, por isso, a edificação do **Paço Municipal** simbolizava a identidade oficial do poder público da cidade. Naquele momento, portanto, as autoridades teriam o local adequado para fazer suas reuniões, receber as visitas “ilustres” e até mesmo realizar certos bailes de gala, assim como era de costume.

O prédio da antiga prefeitura, onde hoje abriga o Museu “Ruy Menezes”, foi construído com todo o requinte de modernidade da época e o dia de sua inauguração só foi descoberto recentemente, através de um convite do prefeito da época a uma professora, D. Maria da Gloria Carvalho. Por meio desta fonte histórica, arquivada no museu, foi possível descobrir que o Paço Municipal foi inaugurado no dia exato em que a República brasileira comemorava sua “maioridade” (18 anos), ou seja, em 15 de novembro de 1907.

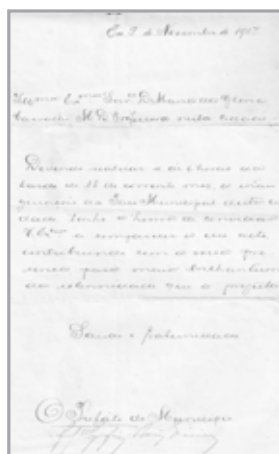
Instituições como a **Maçonaria** “Fraternidade Paulista”, criada em Barretos no ano de 1897, também representavam novos hábitos intelectuais e culturais na cidade. Foram membros da Maçonaria muitos dos intendentes e prefeitos municipais, que também eram ligados a estabelecimentos religiosos relacionados, por exemplo ao espiritismo. Esta é também outra questão importante desta época, pois, a primeira Constituição¹³ republicana do país, garantia a liberdade de culto a todas



Paço Municipal - Acervo: Roseli Tineli



No Museu “Ruy Menezes” está em exposição uma máquina fotográfica do tipo “lambe-lambe” dos anos 40. Uma ótima atração para você visitar!



Convite de inauguração do Paço Municipal
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

¹³ Constituição: documento oficial que rege a nação brasileira e os direitos e deveres dos cidadãos.

as religiões.

Deste modo, o **Espiritismo** foi oficialmente instalado em Barretos no ano de 1906, com a inauguração da Sociedade Espírita “25 de Dezembro”. Ainda mais, a chegada do **Protestantismo** em 1924 também representou a diversidade de religiões que cada vez mais se estabeleciam na cidade.

Sobre a economia em Barretos, podemos destacar a variedade de **casas comerciais e hotéis** que surgiam nas décadas de 1910 e 1920. Anúncios de propaganda destes estabelecimentos eram cotidianamente registrados nos jornais e os produtos vendidos eram em geral alimentos, tecidos (fazendas), ferramentas, roupas, chapéus, luvas, remédios e etc. Existia também como forte contribuinte para a economia a **Estação Ferroviária da Cia Paulista**, inaugurada em 1909; e a **Companhia Frigorífica e Pastoril** (1913). A presença do trem em Barretos fazia parte do novo traçado urbano e também dos novos hábitos, como o uso do relógio no alto da torre. Sobretudo, a Cia Paulista movimentava a produção do frigorífico



Fábrica de calçados, ano 1910. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Propaganda da “Casa Moderna”.
Fonte: ANDRADE, A. (1918). Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Propaganda do "Grande Hotel" em Barretos.
 Fonte: ANDRADE, A. (1918). Acervo: Museu "Ruy Menezes".

destinada ao mercado da capital de São Paulo.

Já a cultura da elite barretense era representada principalmente pelos clubes e associações recreativas que eram considerados os verdadeiros cartões postais da cidade. Como é o caso do **Grêmio Literário e Recreativo** fundado em 1910 por membros das esferas políticas, religiosas e culturais da cidade. O Grêmio era o local de recepção das visitas de indivíduos considerados "importantes", que vinham de outros lugares do Brasil e até do mundo (como o General Pietro Badoglio, um militar italiano que lutou na 1ª e na 2ª Guerra Mundial).

Poetas brasileiros como Coelho Neto, Martins Fontes, Tasso da Silveira e Menotti Del Picchia e políticos como Armando Sales de Oliveira, Altino Arantes, Washington Luís, Julio Prestes e Getúlio Vargas visitaram o Grêmio a partir da década de 1910. Enfim, os bailes de gala também faziam parte das atividades oferecidas pelo Grêmio, que contava ainda com uma vasta biblioteca de livros de romance, história, ciência e religião.

A "**União dos Empregados no Comércio de Barretos**" surgiu em 1914 como uma associação dos comerciários, tendo sua primeira sede no centro da cidade (rua 20, entre as avenidas 21 e 23). Além de fornecer departamentos na área da recreação, do esporte e da cultura, a UEC ficou muito reconhecida na época principalmente pela atuação de seu Corpo Cênico. Por falar nisso, o teatro sempre foi muito reconhecido em Barretos desde o começo do século XX, tendo um teatro de "grande" porte inaugurado em 1912. Trata-se do **Teatro Aurora**, que mais tarde



Da esquerda para a direita em destaque no primeiro plano: Washington Luís, presidente da República de 1926 a 1930, dr. Belmiro Simões (juiz de direito) e dr. Antonio Olympio. Acervo do Grêmio Literário e Recreativo de Barretos.



Certa ocasião, o famoso escritor Ruy Barbosa foi indagado se o nome da União dos Empregados no Comércio de Barretos deveria usar a preposição "DO" ou "NO" em seu nome e ele, enfaticamente, disse que o "NO" seria a melhor opção. Assim ficou.

passou a se chamar “Cine Theatro Santo Antônio”.

Outro aspecto muito característico da época que estamos estudando é o patriotismo¹⁴ e em nome dele surgiram algumas instituições. O **1º Grupo Escolar** (hoje Escola Estadual Dr. Antonio Olympio), fundado em 1912, era um estabelecimento de ensino que visava formar crianças através da instrução e do amor à pátria, valores muito priorizados na época. O **Escotismo** apareceu em Barretos no ano (1917) e, ao que se consta, também era regido pelo diretor do Primeiro Grupo Escolar.

O **Tiro de Guerra-512** também foi fundado por conta de uma onda patriótica no país e na cidade no ano de 1917, já que nesta data ainda ocorria o conflito mundial da 1ª Guerra. Por este motivo, o Patriotismo era muito presente na mentalidade do Estado brasileiro, de modo que a aversão aos adeptos da Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria-Hungria e Itália) era visível também. Tanto que, isso se refletiu até mesmo em Barretos. Afinal, num jornal da época, 1917, o delegado Jacob Witzel pedia a apresentação de alemães e austríacos à delegacia na possível intenção de registrar aqueles que viviam na cidade e seus objetivos em viver aqui. Observe:

*Em cumprimento às ordens emandas do exmo. sr. doutor Delegado Geral do Estado, pelo presente convido a todos os **subditos alemães e austríacos**, residentes ou em transitos neste municipio, a virem perante esta Delegacia, dentro do prazo de cinco dias, afim de prestarem declarações sobre seu nome, idade, profissão, residência, etc. [...]. Outrosim, para o fiel cumprimento dessas ordens, solicito o concurso de todos os cidadãos, pedindo-lhes que tragam ao conhecimento desta Delegacia a existência e paradeiro de qualquer subdito daquellas nacionalidades, residente ou em transito deste municipio. (grifos nossos)*

Grafia da época. Fonte: Jornal “Diário de Barretos”, 1/11/1917, p. 2- Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Vê-se portanto que a educação e os institutos patrióticos caminhavam juntos na Primeira República do Brasil. Tanto os grupos escolares, quanto o Escotismo e o Tiro de Guerra tiveram suas fases ao longo do século XX em Barretos, e todos fazem parte da história da cidade por representarem uma memória que ainda é muito viva entre os barretenses.

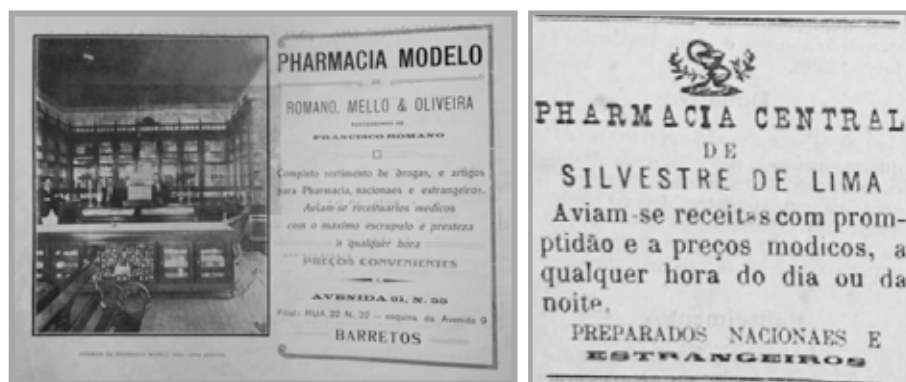
Já, a área da saúde passava por mudanças extraordinárias nesta época. Os antigos curandeiros foram aos poucos se extinguindo e os médicos e farmacêuticos tomavam conta do novo cenário urbano. Temos notícias de **boticas** (farmácias) instaladas em Barretos a partir de 1900, pois no jornal “O Sertanejo” eram exibidas propagandas de farmácias como a “Pharmacia de Silves e Filhos”, “Pharmacia Central”, “Pharmacia Popular” e a “Pharmacia Brasil”. A partir daí, farmácias como a “Modelo”, “Marinho”, “Telasco”, “Romano” e muitas outras também compuseram o novo quadro social de Barretos. É interessante notar ainda que, eram nas boticas os principais locais de reunião dos políticos de Barretos.

Para fechar este contexto republicano, a **Santa Casa de Misericórdia de Barretos**, inaugurada em 1921, surgiu para oficializar a saúde pública e a instrução à higiene perante a população de Barretos. Administrada por provedores que faziam parte da política local, organizada por membros da igreja e mantida por médicos diplomados, a Santa Casa era o abrigo



O Museu “Ruy Menezes” abriga como peça histórica a antiga farda do Tiro de Guerra do atirador Valois Scoretecci. Um homem que se tornou professor e foi muito citado ao longo da história cidade.

¹⁴ Patriotismo: sentimento ou ato de amor e devoção à pátria.



Propaganda da "Pharmacia Modelo". Fonte: ANDRADE, A. (1918). Acervo: Roseli Tineli.

Jornal "O Sertanejo" – 29/9/1900
Acervo: Museu "Ruy Menezes".

e o lugar de cura de parte da população carente de Barretos, sendo estes lavradores, domésticas, imigrantes e peões.

E estas pessoas mais pobres, onde estão na história de Barretos? Ficam excluídas? Não! O problema é que a maioria delas fez parte de um "outro mundo", literalmente.



Unidade II • Capítulo 3

A Primeira República em Barretos [1889-1930]

O “Outro Mundo” e aqueles que também fazem parte da história

A cidade acha-se assim, naturalmente, dividida em três bairros distintos, cuja mesma diversidade de configuração e de aspecto tão interessante e original torna, em seu conjunto, a perspectiva geral. [...]. Ocupando o centro do ângulo, se destaca o bairro principal o que por sua importância e posição poderia chamar o coração de Barretos. É o centro do comércio local, ali se acham edificadas os melhores e mais elegantes prédios da cidade.

Os outros dois bairros, que ficam nas margens opostas dos córregos e formam, para assim o dizermos, os lados dos ângulos, vêem-se um à direita e outro à esquerda [...]. Tanto um como outro destes dois bairros, o segundo dos quais é conhecido no lugar sob a curiosa denominação Outro Mundo, nada oferecem digno de nota sob o ponto de vista topográfico, a não ser a extraordinária variedade de tipos que caracteriza a sua tão irregular quão prolífera edificação.

(Silvestre de Lima, em “Barretos de Outrora” de Osório Rocha).

Conforme se observa nas palavras de Silvestre de Lima, no início do século XX Barretos era uma cidade que possuía o Bairro Central, onde estavam edificadas os belos casarões e a vida urbana se desenvolvia cada vez mais, mas também existia o bairro que era conhecido por todos como “Outro Mundo”.

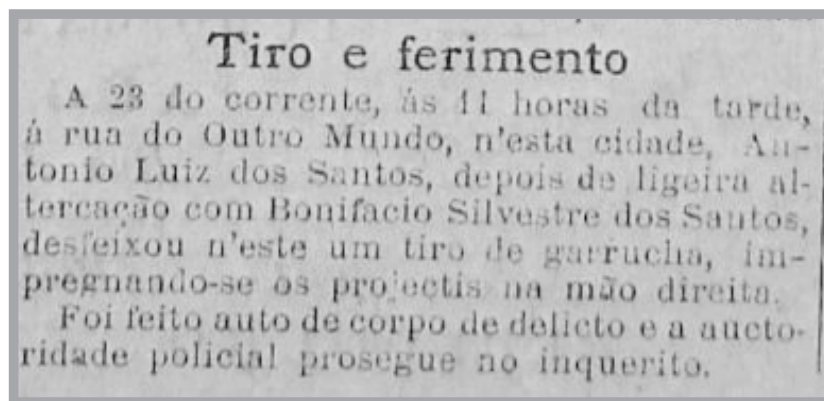
Por que este nome?

A resposta se encontra na análise das palavras de Silvestre de Lima. Enquanto o bairro do centro construía uma bela paisagem urbana, o outro bairro pertencia a um “outro mundo”, isto é, com um cenário diferente, irregular e sem planejamento. Além de pertencer ao outro lado do córrego que dividia a recente cidade de Barretos.

E as pessoas que lá viviam?

Estas eram pessoas que pertenciam à classe social mais pobre, moravam em casas de tapera¹⁵, trabalhavam no campo ou em setores de serviço como domésticas, carpinteiros, peões de boiadeiro, carroceiros, operários e etc; possuíam um tipo particular de organização familiar, de dialeto e de vestimenta. Enfim, eram pessoas que tinham em seu cotidiano os hábitos e comportamentos de uma vida rural que aos poucos se urbanizava. O acesso às novidades tecnológicas era muito restrito, telefone, rua asfaltada, jardim e iluminação pública, encanamento de água e esgoto, coleta de lixo; nada disso era visto no “Outro Mundo”, pelo menos no período final do século XIX e início do XX.

Tudo isso que foi dito sobre o “Outro Mundo” só foi possível ser estudado graças aos levantamentos realizados por pesquisadores junto às atas da câmara municipal, fotografias e de jornais. O jornal “O Sertanejo” é uma destas fontes de informações, pois nele estão registradas reportagens sobre o “Outro Mundo”. O problema é que tais reportagens só apresentavam um tipo de característica daquela população, aquela que envolvia crimes como assassinatos e outras violências, pessoas embriagadas e perturbações da ordem.



Anúncio de crime no Outro Mundo - Jornal "O Sertanejo" – 29/12/1900. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

A realidade é que o bairro “Outro Mundo” não era composto somente de lugares insalubres, de degradação moral e miséria. Existem evidências de que muitos imigrantes moravam naquele local, principalmente os portugueses, sendo que alguns destes e também outros trabalhadores conseguiam acumular capital e melhorar de vida. É válido notar que, era ali no “Outro Mundo” que se localizavam fábricas na cidade, como exemplo, o Frigorífico. Deste modo, o “Outro Mundo” em fins do século XIX e início do XX possuía uma configuração desregrada, mas, conforme a passagem dos tempos, o cenário daquele bairro se modificava.

Sabemos que, este bairro se localizava na parte sul da cidade, especificamente a partir das avenidas 5 e 7. Próximo a este local, existia um marco natural que separava os dois bairros: o **córrego Aleixo**. Por muito tempo, o córrego Aleixo foi o divisor das duas partes da cidade, inclusive a própria denominação “Outro Mundo” advém deste marco, uma vez que era posterior ao córrego que se localizava a outra parte da cidade.

No entanto, no começo do século XX, foram erigidas duas construções arquitetônicas que também passaram a dividir o mundo então considerado “civilizado”, bairro central, do bairro “Outro Mundo”: era a **Capela de Nossa Senhora do Rosário** e a **Estação Ferroviária da Companhia Paulista**

¹⁵ Tapera: casa com paredes feitas de barro e bambu.

na avenida 3. Isso significa que a população que vivia no “Outro Mundo” se localizava após o córrego Aleixo e os trilhos da Estação Ferroviária; divisores naturais e arquitetônicos entre os dois “mundos”.

A maioria da população do “Outro Mundo” era mais pobre, suas casas eram distribuídas irregularmente, sem muros. Os postes nas ruas ofereciam iluminação a querosene. A paisagem das ruas assemelhava-se a um ambiente quase “rural”, com muitos animais, porteiras de madeira e cercas de arame. Entretanto, nem tudo era deste modo. Afinal, como neste local existia a circulação dos peões de boiadeiros, era comum a presença de determinados tipos de comércio, como por exemplo selarias, bares, pensões, entre outros. Ainda mais, é válido destacar que partes do centro da cidade, mesmo com o processo de modernização da época, também sofriam com a falta de planejamento, terrenos vazios e buracos nas ruas.

Com o passar do tempo, o bairro “Outro Mundo” começou a ser mais assistido pelo poder público de Barretos. As ruas foram asfaltadas, os traçados dos quarteirões entraram no planejamento urbano e o bairro passou a ter o nome de “Fortaleza”. Mas isso não significa que a **desigualdade social** e econômica teve fim em Barretos, este aspecto da sociedade continuou a existir, em outros lugares e outras épocas, e por isso é sempre muito importante estudar os vários ângulos de uma mesma cidade.

A existência do bairro “Outro Mundo” é importante neste contexto social, pois revela que Barretos não era somente composta pela bela paisagem urbana que tentava ser implantada no centro da cidade, mas também pela habitação das pessoas que cotidianamente trabalhavam na intenção de melhorar de vida.

Assim, com a apresentação de dois mundos diferentes dentro de uma mesma cidade há mais de um século atrás, terminamos este capítulo. Uma viagem no tempo que se iniciou com a República em Barretos, adentrou as três primeiras décadas e pousou no “Outro Mundo”. Realidades e personagens tão diferentes demonstram para nós que a história é composta pela **diversidade!**



Trecho da av. 5, com a rua 18. É visível nas ruas a presença de buracos e tábuas para os pedestres passarem de trechos a outros. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

PROPOSTA DE ATIVIDADES NO CADERNO

Observe a charge abaixo:



Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. p. 27 (Acervo: Museu "Ruy Menezes").

Esta charge possui como personagem principal o Dr. Antonio Olympio no começo do século XX. As charges também são fontes históricas, pois elas podem ironizar situações recorrentes de uma determinada época. Depois de ter estudado sobre a política em Barretos durante a Primeira República, reflita com seu professor, discuta com seus colegas de classe e em seguida responda em seu caderno:

O que a charge está ironizando? Utilize elementos da própria charge para justificar sua resposta.

Proposta para fazer no caderno:

Pesquise em jornais, revistas ou sites da internet charges da atualidade. Utilize-as como fontes de pesquisa e identifique nelas possíveis ironias a respeito de situações, atos políticos e acontecimentos do nosso país. Para isso, cole a charge no caderno e escreva a respeito de sua ideia central.

Em seguida, monte uma ficha a respeito da charge contendo as seguintes informações:

- Nome do jornal, revista ou site
- Data da publicação e página
- Nome do autor da charge
- Ato, acontecimento ou situação política ironizada
- Modo como foi representado



Unidade II

Referências

ARMANI, Karla O. **A jovem República e seus efeitos em Barretos: 1900-1909**. Bebedouro: Fafibe, 2009.

PERINELLI NETO, Humberto. **Nos quintais do Brasil: homens, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade – Barretos (1854-1931)** / Humberto Perinelli Neto (tese de doutorado). –Franca : UNESP, 2009

ROCHA, Osório. **Barretos de Outrora**. s/ed. 1954.

Arquivos do Museu Histórico, Artístico e Folclórico “Ruy Menezes”

ANDRADE, A. **Álbum de Barretos**. São Paulo: Escriptorio Jurídico Technico Commercial, 1910/18 (Extracto do I volume d’Os Estados do Brasil – monographias paulistas).

MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. **Álbum Comemorativo do 1º. Centenário da Fundação de Barretos**. 1954.

Arquivo iconográfico.

Arquivos da Câmara Municipal de Barretos

Atas de sessões ordinárias do período de 1892 a 1926.



Intendentes e Prefeitos Municipais de Barretos

Presidentes do Conselho de Intendência



João Carlos de Almeida Pinto

17/01/1890 a 22/01/1891
24/11/1896 a 07/01/1897
07/01/1897 a 04/11/1897



Joaquim Mathias da Fonseca

22/01/1891 a 01/10/1892

Intendentes Municipais



Raphael da Silva Brandão

01/10/1892 a 09/01/1894



Silvestre de Lima

1894-1895 a 20/03/1896
15/01/1908 a 30/05/1914



José Eduardo de Oliveira

20/03/1896 a 16/11/1896



Pedro Paulo de Souza Nogueira

07/01/1897
01/01/1899 a 12/07/1902



Joaquim Ângelo

09/11/1897 a 13/12/1897



Luiz Ribeiro Borges

13/12/1897 a 07/01/1899



Joaquim Dias da Cunha

01/08/1902 a 24/01/1903
24/01/1903 a 7/02/1903



Domiciano Alves Ferreira

07/02/1903 a 07/01/1905



Intendentes e Prefeitos Municipais de Barretos

Prefeitos Municipais



Antônio Olímpio
Rodrigues Vieira

07/01/1905 a 07/01/1906
07/01/1906 a 15/01/1908
15/01/1920 a 15/01/1926



João Machado
de Barros

30/05/1914 a 15/01/1917



Agostinho P. Diniz
de Andrade

15/01/1917 a 14/03/1918



Félix Ribeiro da
Silva Junior

14/03/1918 a 15/01/1920



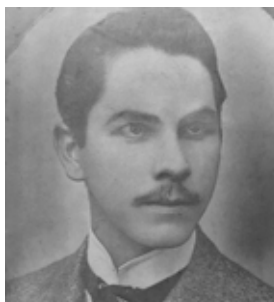
Riolando de
Almeida Prado

15/01/1926 a 26/10/1930



Jerônimo Serafim
Barcellos

26/10/1930 a 16/04/1931
26/07/1934 a 14/03/1936
24/09/1936 a 19/05/1938



Delcídes de Carvalho

20/04/1931 a 20/08/1931



Renê Ferreira Pena

20/08/1931 a 12/01/1933
14/02/1952 a 4/04/1952
23/05/1952 a 31/12/1955



Aníbal da Gama
Salgado

12/01/1933 a 16/09/1933



Carmello Guagliano

16/09/1933 a 31/10/1933



Hely Jarbas de Souza
Nogueira

31/10/1933 a 26/07/1934



Nestor Biazon

14/03/1936 a 31/05/1936



Intendentes e Prefeitos Municipais de Barretos

Prefeitos Municipais



José Jacinto Sobrinho
01/06/1936 a 10/08/1936



Urbano de Brito
14/08/1936 a 10/09/1936



Fábio Junqueira Franco
23/05/1938 a 15/09/1945



Aristides Teodoro de Lima
15/09/1945 a 24/12/1945



Raul dos Santos
24/12/1945 a 13/03/1947



Mário Vieira Marcondes
23/03/1947 a 31/12/1947
01/01/1952 a 14/02/1952
04/04/1952 a 23/05/1952



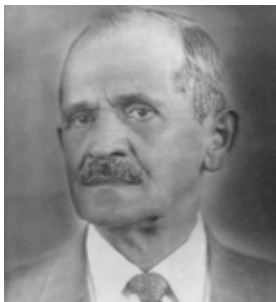
João Ferreira Lopes
03/01/1948 a 31/12/1952



Benedito Realindo Corrêa
01/01/1956 a 28/02/1958



José Amêndola Neto
28/02/1958 a 31/12/1959



Christiano Carvalho
01/01/1960 a 31/12/1963
01/02/1969 a 31/01/1973



João Batista da Rocha
01/01/1964 a 31/01/1969



Ary Ribeiro de Mendonça
01/02/1973 a 31/01/1977



Intendentes e Prefeitos Municipais de Barretos

Prefeitos Municipais



Melek Zaiden Geraige

01/02/1977 a 31/01/1980
02/02/1981 a 31/01/1983



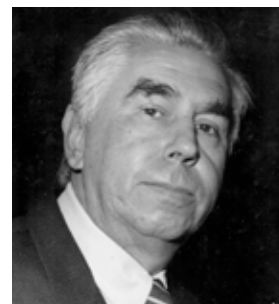
Uebe Rezeck

01/02/1983 a 14/03/1987
01/01/1997 a 31/12/2000
01/01/2001 a 31/12/2004



Milton Ferreira

14/03/1987 a 31/12/1988



Ibraim Martins
da Silva

01/01/1989 a 03/05/1991
03/06/1991 a 31/12/1992



Wilson Aparecido
de Souza

03/05/1991 a 03/06/1991



Nelson James Wright

01/01/1993 a 31/12/1996



Emanuel Mariano
Carvalho

01/01/2005 a 31/12/2008
01/01/2009 a 2012



Unidade III • Capítulo 1

Barretos em Conflitos Locais, Nacionais e Mundiais
[Anos 20, 30 e 40]



O movimento tenentista defendia o fim do voto de cabresto (sistema de votação baseado em violência e fraudes que só beneficiava os coronéis); reforma no sistema educacional público do país e mudança no sistema de voto aberto para secreto.

Revolução de 1924 e Revolta de 1925

A “Revolução de 1924” em geral é um tema pouco trabalhado pelos pesquisadores. Porém, esta lacuna não torna o fato histórico menos importante para estudo. Nas palavras do Arquivo Público do Estado de SP temos que: “A Revolução de 1924 é um desses eventos esquecidos, que são deixados em um quarto escuro até que alguns resolvam acender a luz e esmiuçá-lo.” Considerando a participação de barretenses neste evento, torna-se ainda mais pertinente à recuperação desta memória de luta.

A participação de barretenses na revolução de 1924 e na Revolta de 1925

Neste capítulo abordaremos a maneira que o barretense participou da Revolução¹ de 1924 e da Revolta² de 1925, considerada por muitos estudiosos como uma simples confusão, onde um tal Philogônio havia tomado a cidade devido à prisão de seu sobrinho. Mostraremos que a revolta estava inserida num contexto maior, na história do Brasil.

Já estudamos sobre o início da República em Barretos e o poder dos coronéis como força política. Agora vamos nos aprofundar no movimento tenentista, que contestava a política coronelista e o “voto de cabresto”.

O tenentismo foi um movimento social de caráter político-militar que ocorreu no Brasil no período conhecido como República das Oligarquias ou Primeira República. Contou, principalmente, com a participação de jovens tenentes do exército, ocorrendo no estado de São Paulo e no Rio Grande do Sul. Em São Paulo a rebelião dos tenentes foi liderada pelo general Isidoro Dias Lopes e no sul pelo capitão Luís Carlos Prestes.

Mas o que estes tenentes queriam? Juntamente com a insatisfação popular frente ao modo de fazer política das oligarquias da Primeira República, descontentaram-se parte dos homens que serviam no exército, incentivados pelos maus tratos e condições degradantes em

¹ **Revolução**: grande transformação, mudança sensível de qualquer natureza, seja de modo progressivo, contínuo, seja de maneira repentina; movimento de revolta contra um poder estabelecido, e que visa promover mudanças profundas nas instituições políticas, econômicas, culturais e morais.

² **Revolta**: um levante, de ataque ou resistência, que surge de maneira relativamente rápida e que se posiciona – muitas vezes de modo violento – contra uma autoridade ou poder estabelecido. Não está ligada a mudanças radicais da sociedade.

Unidade III • Capítulo 1

que se encontravam. Eles defendiam reformas políticas e sociais, e para promoverem estas reformas queriam conquistar o poder através da luta armada, insinuando que desejavam um governo de poder centralizador. Defendiam a honestidade política no país, a reforma da educação, uma economia nacionalizante e o fim da corrupção³.

Em Barretos na década de 1920, quem estava no comando da prefeitura era o doutor Antonio Olympio, membro do Partido Republicano Paulista. Ele e Silvestre se revezavam na política, ora sendo prefeito um, ora outro, ou ainda se faziam presentes no poder através de representantes indicados por eles ao cargo.

Em 1924 surgiu como oposição ao Partido Republicano - o Partido Popular, formado por correlegionários como Rioldo de Almeida Prado, Atair Rios e Manoel Barcellos.



Rua 18 em 1921. Fonte: Acervo de Roseli Tineli.



Rua 18 na área central da cidade, em 1924, praça Francisco Barreto. A região central recebia maior atenção do poder público do que os bairros periféricos. Fonte: Barretos Memórias, Ano 1, número 6. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Atair Rios.

Fonte: Machione; Tineli, 2001.



Manoel Barcellos.

Fonte: Machione; Tineli, 2001.



Antigamente, haviam locais chamados de cafés que serviam de espaços de encontro dos barretenses para se inteirar do que acontecia dentro e fora da cidade.

³ Corrupção: ação de corromper-se; suborno.

Os membros deste partido assinavam artigos na imprensa criticando o abandono em que se encontrava parte da cidade: mostravam fotos de ruas e estradas esburacadas e o povo sofrendo com a falta de água. Esse tipo de propaganda do partido fazia jus ao seu nome, pois era nitidamente de apelo “Popular”.

A parcela da população excluída dos benefícios a favor da modernização da cidade se descontentava cada vez mais com os membros do grupo político dominante. Justamente por isso passaram a apoiar algumas ideias dos revolucionários de 1924.

As primeiras notícias da Revolução de 1924

No dia 5 de julho de 1924, iniciou-se a Revolução de 1924, que foi o maior conflito bélico⁴ até aquela data, ocorrido na cidade de São Paulo. O objetivo de cerca de mil homens que se espalharam pela cidade em locais estratégicos na capital do estado era destituir⁵ Artur Bernardes da Presidência da República, já que este era um dos maiores representantes da República das Oligarquias.

Os militares permaneceram na cidade por 23 dias tentando forçar o presidente⁶ do estado de São Paulo, Carlos de Campos, a fugir para o interior. Enquanto o movimento se desenvolvia na capital, em diversas cidades do interior ocorriam manifestações que também incluíam a tomada de suas respectivas prefeituras. O presidente da República Artur Bernardes, que era pertencente ao grupo dos oligarcas e, portanto, contestado no movimento, organizou seu exército legalista e bombardeou São Paulo com seus aviões, tentando fazer os revolucionários desistirem da empreitada. Muitas casas foram destruídas e habitantes foram mortos.

Mais de mil vítimas fatais e 4 mil feridos, foi o saldo da Revolução de 1924. Entre os feridos havia muitos trabalhadores que não sabiam o motivo dos conflitos.

As primeiras notícias do movimento de São Paulo chegaram a Barretos no dia 5 de julho, no período da noite. A população ficou em expectativa geral. Posteriormente boatos⁷ começaram a circular dando ao movimento um caráter mais grave, mas ainda eram desconhecidas as causas e as forças envolvidas. Na política local dois grupos brigavam abertamente, os partidários de Antônio Olympio e os de Riolando de Almeida Prado.



Casas destruídas pela aviação em São Paulo. Fonte: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_revolucao/



Xavier de Almeida gostava de andar pelas ruas da cidade, usando uma bengala, e sempre com uma flor na lapela, de preferência cravo.

Xavier de Almeida. Fonte: *Jornal "Correio de Barretos", de 1920, acervo Museu "Ruy Menezes".*

⁴ **Bélico**: que diz respeito à guerra, próprio de guerra.

⁵ **Destituir**: depor, demitir, privar.

⁶ **Presidente**: na época se chamava presidente o dirigente do estado e não governador.

⁷ **Boatos**: notícia, novidade que circula na boca do povo, sem origem conhecida que a autentique. Notícia falsa.

O destacamento policial de Barretos foi para São Paulo e, no caminho, alguns soldados fugiram. Estes foram presos e trazidos para Barretos. Em 09 de julho de 1924, o povo de Barretos recebeu a notícia que os revoltosos tinham derrubado Carlos de Campos, presidente do estado. Mas isso não procedia.

As manifestações contrárias ao governo federal aumentaram. Na cidade de Barretos comerciantes se negaram a entregar as suas armas e munições para serem guardadas na Câmara Municipal.

Com as notícias da tomada da capital pelos revoltosos a população barretense foi às ruas e praças para saber novidades. Diante dos conflitos, no dia 11 de julho de 1924, o prefeito Antonio Olympio abandonou a cidade sem dizer para onde ia, e o vice Xavier de Almeida assumiu o cargo.

Em Barretos o nome de maior destaque na Revolução foi o de Philogônio Theodoro de Carvalho, pois liderou o movimento revolucionário na cidade. Para entendermos melhor esse momento da história vamos ver quem foi esse homem.

Boiadeiro que virou revolucionário

Você deve estar se perguntando: mas afinal, quem foi Philogônio?

A história da repercussão da Revolução de 1924 e 1925 em Barretos está intimamente ligada às decisões deste personagem histórico. Por isso é importante descobrir a que grupo social ele pertenceu. A partir de várias pesquisas descobrimos que ele nasceu em Coxim, Mato Grosso, em 12 de setembro de 1882. Tornou-se boiadeiro em Sant'Ana do Paranaíba no Mato Grosso do Sul, onde recebeu a patente de capitão da Guarda Nacional. Passou a ter contato com o mercado bovino de Barretos em 1909.

Em Barretos, Philogônio enriqueceu e comprou uma propriedade denominada Sant'Ana, composta de mil alqueires de terra em Olímpia e uma fazenda na área de Barretos com 75 alqueires. As duas serviam para a engorda dos animais que negociava e revendia.



Philogônio montado em touro. Acervo: Biê Junqueira Machione.

Philogônio ainda abriu um estabelecimento comercial de “Secos e Molhados” e era membro da Loja Maçônica Fraternidade Paulista e da Banda Carlos Gomes, o que nos dá pistas de que ele era um homem da elite barretense. Apesar disso nos desfiles de carnaval ele saía vestido de boiadeiro, montado em um boi, o que conferia a ele o respeito e a admiração dos peões de boiadeiro, sua antiga profissão. Ele viveu em Barretos até fins da década de 1920, quando em 1927 mudou-se para Santa Rita do Araguaia, em Goiás, para trabalhar na extração de diamantes.

Por que Philogônio um negociante de gado bem sucedido, integrante da elite, se interessou por este movimento? Em geral, os movimentos têm origem em descontentamentos. São ações que buscam a mudança de uma situação considerada ruim. Philogônio, assim como muitas outras pessoas na época, estava descontente com o governo, o que o motivou a manter contatos com o general Isidoro Dias Lopes, líder do movimento tenentista em São Paulo, a fim de ingressar no movimento.

Enxergando em Philogônio um aliado para o movimento no interior, o general Isidoro enviou um mensageiro, o capitão Alfredo de Silveira, para ir a Barretos entrar em contato com o capitão Philogônio e conseguir a sua adesão ao movimento revolucionário que acabava de surgir.

No dia 29 de julho de 1924, Philogônio saiu de Barretos com destino a Araraquara para participar da tomada daquela cidade. Porém, a Revolução em São Paulo foi dominada pelo governo, mas Philogônio não desistiu da causa. No mesmo ano entrou em contato com o capitão Luiz Carlos Prestes, outro comandante do movimento que o enviou à Argentina, local onde estava escondido o general Isidoro que, após a derrota, refugiou-se naquela região.



Philogônio vestido de boiadeiro, mas com a espada da Guarda Nacional. Acervo: Bié Junqueira Machione.

No entanto, a Revolução não se dissolveu com a supressão das forças dos tenentistas na capital paulista. Percebendo que não tinha chances de enfrentar as tropas legalistas, o general Isidoro Dias Lopes se retirou com a sua tropa em direção ao sul do país, formando a “Coluna Paulista”. Foi ao encontro de outra coluna militar tenentista, liderada pelo capitão Luís Carlos Prestes. A junção das duas colunas formou a “Coluna Prestes”. Durante mais de dois anos (1924 -1926) essa coluna percorreu 24 mil quilômetros por 12 estados do Brasil tentando ganhar o apoio popular na causa da derrubada do governo. No caminho, perceberam que o descaso

dos governantes com a maioria da população atingia todo o Brasil.

Embora a revolução tenha sido sufocada, algumas cidades do interior planejavam reações. Por essa razão, Barretos e Jaú passaram a ser vigiadas por delegados vindos de São Paulo. Philogônio só teria atuação em Barretos na movimentação ocorrida durante o ano de 1925, comandando as tropas barretenses em apoio à “Coluna Prestes”. Veremos por qual motivo este movimento foi frustrado, o tempo que a cidade ficou nas mãos dos revoltosos e a adesão de Philogônio à Coluna Prestes.

Philogônio e o movimento revoltoso de 1925

A maioria dos antigos moradores sabe que, em 1925, Philogônio invadiu a cidade, prendeu o delegado e fechou o centro telefônico, mas desconhecem os motivos de tais atitudes. E é isso que veremos neste tópico.

Philogônio foi para São Paulo com quarenta homens lutar na Revolução de 1924. Já que o movimento na capital foi sufocado, da sua participação decorreu que terminada a revolução, ele passou a ser alvo de vigilância do poder público. Em 1925, a Polícia de Investigações da Ordem Política e Social de São Paulo suspeitava que Philogônio Teodoro de Carvalho estivesse preparando uma revolta em Barretos.

Em maio de 1925 foi designado para vir para Barretos o delegado Homero Batista Garcia, de Araçatuba, que recebeu a ordem de efetuar a prisão de Philogônio, sendo aumentado o destacamento policial local com mais dez soldados totalizando 22.

O delegado desejava cumprir a ordem de prisão contra Philogônio sem uso de força determinando ao comandante do destacamento, na noite de 31 de maio, que depois de findo o espetáculo do Circo de Cavalinhos, principal atração da época, conduzisse Philogônio à Polícia para falar-lhe.

Desconfiando que a intimação pudesse ser uma *cilada*⁸ para prendê-lo, Philogônio Theodoro de Carvalho, logo que deixou o Circo de Cavalinhos, foi para sua casa, que era também sua casa comercial, a Carvalho & Companhia (rua 20 entre as avenidas 19 e 21, com os números 56 e 58). Começou a reunir ali um grupo de pessoas de suas relações particulares. Mandou seu sobrinho, Francisco Teodoro ir à casa de Raphael da Silva Brandão (lembram dele? o primeiro intendente escolhido pelos vereadores), pois queria pedir a este que fosse à delegacia e dissesse ao delegado que não aceitava intimações à noite, visto que era um comerciante estabelecido.

Na volta, Francisco passou no “Cassino Barretense”, à rua 20 entre as avenidas 13 e 15 para chamar o empregado de Philogônio. O delegado fazendo *diligências*⁹ pela cidade prendeu Francisco Teodoro, por ter se recusado a ser revistado por soldados em patrulha. Devido aos ânimos agitados na mesma madrugada perto do “Cassino Barretense”, houve uma troca de tiros entre os soldados. Francisco Carvalho foi preso e levado para a cadeia, não havendo feridos em nenhum dos lados. Essa prisão, provavelmente, foi um pretexto utilizado pelas autoridades policiais para forçar Philogônio a ir à delegacia.

Na casa de Philogônio achavam-se reunidas várias pessoas. Ele comunicou que iria prender o delegado e o destacamento de polícia e tomar a cidade de Barretos. Pois ficou sabendo da prisão de um amigo



Memórias Philogônio vestido de boiadeiro em serviço. Fonte: *Jornal Barretos*. Ano I, nº 6, junho 1988.

⁸ *Cilada*: estratégia, maquinação, armadilha.

⁹ *Diligência*: buscas, pesquisas, averiguações para esclarecer qualquer assunto.

em Jaú, Celso Barroso, que teria dado a entender que a polícia de São Paulo já era conhecedora do plano por eles arquitetado.

Um rapaz que estava na cidade, sendo apresentado a todos como seu hóspede era o segundo-tenente da Armada, Fernando Garcia Vidal. O tenente estava na casa de Philôgonio desde fins de abril, aguardando a ocasião oportuna para dirigir as forças revoltosas na cidade. Ou seja, a sua presença confirma a hipótese de que a revolta foi planejada com antecedência.

Outro fato que atesta isso foi a visita de Lourenço Moreira Lima, secretário de Prestes na Coluna, a Philogônio em Barretos, em fins de abril de 1925. Sua visita tinha o objetivo de tratar com Philogônio o momento certo da revolta na cidade que deveria acontecer quando as forças da Coluna se aproximassem do município.



Philogônio com uniforme de Capitão da Guarda Nacional. Fonte: BRENHA, A. 1918.

Muitos peões amigos de Philogônio cercaram sua casa, na hipótese de algum ataque por parte da polícia. Também providenciaram armas e publicaram um boletim revolucionário falando do movimento, a fim de tranquilizar os barretenses.

Nesse boletim Philogônio é citado como capitão, major e, finalmente, na eclosão do movimento, intitula-se coronel. As duas primeiras patentes eram títulos da Guarda Nacional. Num retrato de 1920, do álbum de Amorim Brenha, ele aparece a cavalo, fardado de capitão daquela corporação. O título coronel é designativo de seu posto, exclusivamente por ocasião do movimento.

O responsável pela impressão destes boletins foi José Felício Gomes, que era simpatizante do movimento e dono de uma tipografia em Barretos. Ele fez a impressão de 500 boletins, mas em depoimento ao delegado negou qualquer participação. Da mesma maneira agiram outros, por medo de serem presos. Esses depoimentos ocorreram depois que a tomada da cidade já havia fracassado.



Boletim distribuído à população pelo movimento revoltoso, tranquilizando-a.
Fonte: Processo crime contra Philogônio e outros. Arquivo: Fórum de São Paulo.

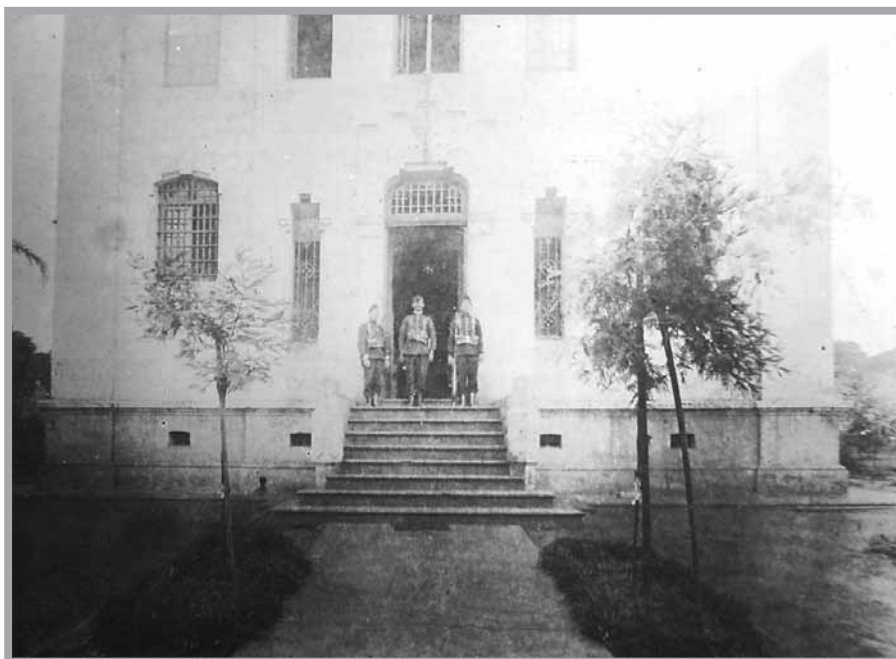


José Felício Gomes era de Franca e chegou a Barretos em 1912. Foi funcionário público e jornalista. Escrevia artigos junto com os irmãos Barcellos: Nicácio, Jerônimo e Manoel. Fonte: Philogônio: o revolucionário esquecido. Da revolução de 1924 em São Paulo à Revolta de 1925 em Barretos.

A prisão do delegado de polícia

A fim de colocar em prática o plano de tomada da cidade, Philogônio e seus companheiros prenderam o delegado que morava no “Hotel Tellini” e todas as pessoas que passavam perto do local, para evitar que a notícia chegasse até à Estação da Paulista, de onde eram transmitidas as informações para São Paulo pelo telefone.

O delegado foi obrigado a escrever uma carta para o destacamento policial e outra para o comandante da guarda da cadeia, onde os soldados eram orientados a se apresentarem desarmados no hotel. Na delegacia, onde estava o destacamento, o sargento, diante da ameaça que pairava sobre a vida do delegado, entregou-se com todo o seu pessoal à prisão. Os revoltosos recolheram as armas e as munições existentes na delegacia.



*Cadeia e fórum, à avenida 15, entre as ruas 18 e 20.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”*

Estação e centro telefônico ocupados

Dando continuidade ao plano da revolta, Philogônio determinou ao tenente Fernando Garcia Vidal que fosse às seis horas da manhã até à Estação da Paulista, em Barretos, intimar o chefe desta a não deixar sair trens, nem transmitir telegramas¹⁰. Quando chegou à estação, o chefe foi informado do movimento pelo tenente Vidal, que arrancou os mostradores dos aparelhos telegráficos e inutilizou o telefone.

O centro telefônico de Barretos (rua 20, entre as avenidas 17 e 19) também foi ocupado. Várias telefonistas foram dispensadas e o local foi fechado.

Dessa maneira, Philogônio queria evitar a comunicação com outros locais. Qual o motivo dele não querer que as pessoas se comunicassem com locais fora da cidade? Evitar que vazasse informações sobre a Revolta na cidade, impedindo a vinda de força policial de outro local para suprimir a Revolta.

Por duas vezes, alguns revoltosos foram à Estação de Palmar em

¹⁰ **Telegramas:** Mensagem transmitida pelo telégrafo, que é um aparelho, que por meio de sinais convencionados, transmite mensagens rapidamente e à distância.

Colina. Na primeira vez, às onze horas da manhã, os operários foram obrigados pelos revoltosos a arrancar um trilho da linha férrea. Na segunda ida por volta das 20 horas, foram surpreendidos por um grupo da cidade de Colina que reagiu. A finalidade de se arrancar os trilhos era dificultar o acesso a Barretos das tropas vindas por trem.

E como os colinenses ficaram sabendo do movimento de Philogônio se ele havia tomado todos os cuidados necessários? Parece que nem todos. O suplente do delegado de polícia em Barretos, ao saber da prisão do delegado, foi para Colina e de lá conseguiu avisar o delegado de Araraquara. Organizaram um grupo de cerca de 30 homens armados com a finalidade de se dirigirem a “Palmar” e consertar os trilhos da estrada de ferro e garantindo assim o funcionamento da estação no caso de um ataque por parte do grupo de Philogônio.

Naquela noite, na estação colinense de “Palmar”, aqueles revoltosos que haviam retornado até a cidade com a intenção de destruir os trilhos foram surpreendidos e presos, mas alguns fugiram. Estes voltaram a Barretos, trazendo a notícia de que se esboçava a primeira resistência nas proximidades da cidade. Eles chegaram a pensar que se tratava de tropas do governo. Acreditando nisso, Philogônio realizou a retirada o mais depressa possível, determinando logo as providências para o abandono da cidade e a fuga para Minas.

As medidas neste sentido incluíam angariar fundos e materiais para a viagem de fuga. Vejamos o que Philogônio e seu grupo fizeram para conseguir este intento.



Estação de Palmar, em 1918. Fonte: Álbum Ilustrado da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, 1918.



Vestígios da Estação de Palmar, onde se deu o combate entre a resistência colinense e o grupo de Philó. Ao fundo as casas dos empregados. Em 2001 pertencia a uma família de sitiante. Os barracões foram desmanchados. Na foto nota-se tijolos da plataforma. Acervo: Roseli Tineli.



A Estação de Palmar era uma estação que mantinha estoques de materiais diversos, como por exemplo grande quantidade de dormentes para a estrada. Era também um pequeno ponto de desembarque de passageiros e embarque de boiadas.

Na tentativa de angariar dinheiro para a fuga e compra de armas os revoltosos fizeram tentativas de assalto ao Banco do Brasil e a Banca Francesa Italiana. Não conseguiram consumir o assalto aos bancos, porque o tempo era exíguo¹¹ e, além do mais, estavam os revoltosos cientes que de São Paulo viriam forças para deter o movimento.

O juiz de direito de Barretos, Belmiro Simões, enviou ofícios às autoridades da capital avisando que acontecia aqui uma Revolta liderada por Philogônio. O capitão não tinha pessoas suficientes para resistir ataques das tropas legalistas. Assim, tornava-se urgente que ele e seu grupo fugissem da cidade o quanto antes.

Para isso, em 1º dia de junho de 1925, os revoltosos fizeram várias requisições em Barretos. Através de ameaças de violência conseguiram cigarros, bebidas, roupas, armamentos e alimentos.



Banca Francesa e Italiana, esquina da rua 18 com a avenida 17.
Fonte: Jornal "Correio de Barretos", 1920. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Na foto ao lado, uma nota de requisição de máquina de furar e talhadeiras, que serviriam para arrombar os cofres dos bancos. Fonte: Processo crime contra Philogônio e outros. Fórum de São Paulo.

¹¹ Exíguo: pequeno

A retirada de Barretos

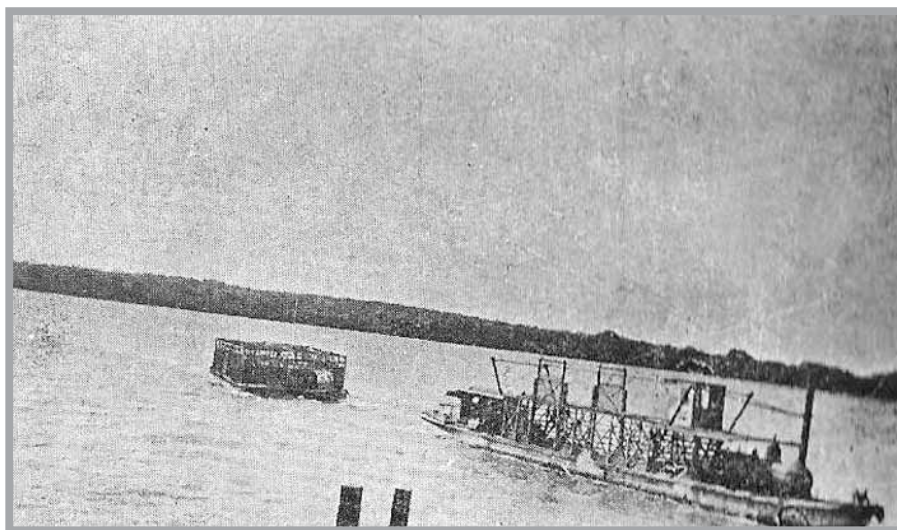
Não tendo o número de pessoas suficiente para permanecer em Barretos e receoso da primeira resistência dos elementos civis de Colina, que acreditou ser a Força Pública¹² vinda de São Paulo, além de não contar com o apoio da população de Barretos, Philogônio de Carvalho tratou de abandonar a cidade e sair do estado. Para isso aprisionou motoristas e apoderou-se de seus carros, conseguindo quinze automóveis e dois caminhões para o transporte de seus companheiros. A intenção era ir até o Mato Grosso do Sul e encontrar a Coluna Prestes.

Philogônio e os revoltosos saíram de Barretos, na madrugada do dia 2 de junho de 1925, às 3 horas. No caminho cortaram algumas linhas telegráficas e telefônicas, indo acampar às 9 horas na vila de Laranjeiras. A população ficou assustada e muitos comerciantes fecharam as lojas.

Não demoraram muito em Laranjeiras, pois estavam com medo de que a Força Pública os alcançasse. Chegaram ao meio dia no Porto Antônio Prado, Rio Grande, onde existiam barcos a vapor, que podiam embarcar os automóveis e as pessoas para a outra margem do rio.

Os revoltosos demoraram quatro horas e meia para fazer a travessia de todos. Quando o último carro atravessou, um companheiro ficou encarregado de retirar uma das peças do barco, para que a Força Pública, em perseguição a eles, não pudesse se deslocar para o outro lado.

Chegando a Frutal acamparam na cidade. Saíram às 8 horas do dia 4 rumo a cidade de Prata, almoçando em uma fazenda. A peça do vapor não foi retirada, assim as forças de São Paulo fizeram a travessia do Rio Grande. Ao aproximar-se do Ribeirão São José - a dois quilômetros da cidade de Prata - Philogônio e seu grupo foi atacado por forças mineiras e pratenses, que juntando a chegada das forças paulistas causou um intenso tiroteio. Philogônio e alguns de seus companheiros conseguiram fugir, porém 24 pessoas morreram.



Barco a vapor para transporte de gado e automóvel, no Porto Antônio Prado. Nota-se que o barco somente para gado era rebocado pelo vapor maior, de gado e carros. Fonte: ANDRADE, 1918.



Caminho seguido pela "Coluna de Philó", de Barretos até o Ribeirão São José, perto da cidade do Prata, em Minas Gerais, onde foi cercada e desbaratada por forças paulistas e mineiras.

Fonte: Mapa adaptado da divisa do estado de São Paulo e Minas Gerais.

¹² Força Pública: antigo nome da Polícia Militar.

Philogônio encontra a Coluna Prestes

Em 04 de julho de 1925, Philó chegou a Goiás, ingressando na Coluna Prestes com alguns de seus homens. Sabemos a data exata da apresentação de Philogônio ao capitão Luís Carlos Prestes, graças às narrativas de Lourenço Moreira Lima que foi secretário na Coluna Prestes e que na década de 1930 escreveu um livro sobre a coluna. A adesão de Philogônio se deu nas proximidades de Jataí/GO.

No dia 5 de julho a coluna entrou na cidade de Rio Bonito/MS. Dois ou três dias depois de deixar Rio Bonito, Philogônio de Carvalho seguiu para o Paraguai, cidade de Juan Cabaleiro, levando uma carta para o general Isidoro.

No caminho, Philogônio e a coluna descansou em fazendas de propriedade de seus familiares no Mato Grosso. Levava na bagagem mensagem aos companheiros exilados¹³. No dia 12 de agosto de 1925, dia de seu aniversário, Philó foi fotografado ao lado de seus companheiros em Juan Cabaleiro, no Paraguai.



A Coluna Miguel Costal/Prestes, conhecida como Coluna Prestes, foi um movimento militar conduzido por tenentes do Rio Grande do Sul e de São Paulo, que estavam descontentes com o governo de Arthur Bernardes. Seus líderes pregaram reformas políticas e sociais durante uma longa marcha pelo interior do país. Fonte: www.4shared.com/photo/RSaT4s1N/Mapa_da_Coluna_Prestes.html



Na fronteira. 1-Comandante Cascardo 2-Coronel Philogônio de Carvalho 3-Tenente Falconiere 4-Tenente Serôa da Motta 5-Tenente Cleto, morto em combate em Pernambuco 6-Tenente China 7-Ordenança do Coronel Philogonio, identificado por Toninho Manso como o sobrinho de Philogônio, Francisco Teodoro de Carvalho. Nota-se que depois de muitas vicissitudes, após seu encontro com a Coluna. Fonte: CABANAS, 1925, p. 120.

¹³ Exilados: expulsos do país.

Forças legalistas em Barretos

Para se ter uma ideia da repercussão da Revolta barretense, enquanto Philogônio estava em fuga, não parou de chegar a Barretos reforços da polícia do estado de São Paulo. Em um trem chegaram 150 homens de uma companhia do 4º Batalhão e outra de metralhadoras do 3º Batalhão, ambas sob o comando do major Pedro de Moraes Pinto, que ficou em Barretos até fim de junho. O que demonstra que houve grande mobilização por parte do governo a fim de evitar novos movimentos na cidade.

Em julho chegou a Barretos um batalhão de Pelotas (RS), composto de quatrocentos e oitenta homens sob o comando do tenente coronel do 9º Regimento de Infantaria, Tancredo Fernandes de Mello. No período que este regimento permaneceu em Barretos houveram várias festividades como jogos de futebol e bailes nos salões do Grêmio.

Morte de Philogônio

Depois de finalizada a Revolta e também a Coluna, finalmente em 1927 Philogônio voltou para Barretos. Dedicando-se à sua atividade de comerciante. Mas os políticos locais, seus adversários, mantinham perseguição a ele. Desgostoso vendeu seus bens e mudou-se para Santa Rita do Araguaia, no Mato Grosso.

Lá, Philogônio se tornou garimpeiro. Garimpava pedras preciosas em um rio no Alto Araguaia, usando o escafandro. Segundo o depoimento do seu neto Philogônio Teodoro de Carvalho Neto, em 1928, enquanto Philó estava no fundo do rio à procura dos diamantes, algum inimigo cortou a mangueira condutora do ar e ele morreu asfixiado. Cortaram também a corda de sustentação e seu corpo nunca foi encontrado.

Pelo que foi exposto, fica evidente que Philogônio não tomou a cidade por causa da prisão de seu sobrinho e sim em nome de um movimento da década de 1920, que no início contava com apoio de vários representantes da sociedade barretense, mas depois que o movimento foi sufocado, estes negaram qualquer envolvimento. Em seguida, Riolando Almeida Prado, do Partido Popular, venceu as eleições para prefeito e governou até a década de 1930, quando novamente tivemos outro movimento revolucionário, a Revolução de 1930, assunto do próximo capítulo.



O escafandro é um equipamento de mergulho hermeticamente fechado que consiste em uma vestimenta impermeável provida de um aparelho respiratório que permite aos mergulhadores trabalhar debaixo da água.

Fonte:

www.naondasdomarsemfim.blogspot.com

PROPOSTA DE ATIVIDADES NO CADERNO

1. Faça uma entrevista com alguma pessoa idosa e pergunte quem foi Philogônio Theodoro de Carvalho, conhecido por Philó.

Escreva em seu caderno um pequeno resumo sobre o que o entrevistado lhe contar.

2. As fotografias são fontes importantes para o estudo da história. Tendo isto em vista, observe e compare as imagens:



Fig. 1 (Rua 18 – ano 1921)



Fig. 2 (Rua 18 na área central – ano 1924)

Agora responda:

- **Em qual década e século estas imagens foram registradas?**
- **O que as imagens representam? Descreva.**
- **Mencione um forte motivo para a eclosão (aparecimento) da Revolução de 1924.**
- **Por que estas imagens serviram para ilustrar este capítulo?**

3. Leia o trecho do livro de Lourenço Moreira Lima e responda às questões:

“... auxiliado pelo meu amigo Dr. Rodolpho Rocha, tomei o trem para Rio Claro, onde estive com João Ramalho. No dia seguinte, fui à Limeira, ali me encontrando com Daniel Baptista. Dessa localidade segui para Jaboticabal, de onde Francisco Martins me acompanhou até Barretos, apresentando-me a Philogônio de Carvalho, com quem combinei a maneira que deveria agir no momento oportuno para um levante geral, tendo ele ficado de se entender com outros chefes quanto ao auxílio que estes deveriam prestar. Eu tinha uma grande esperança de que as forças de Prestes, reunidas às paulistas, marchariam sobre São Paulo. Por isso, procurava animar os nossos amigos para que eles se revoltassem quando essas forças se aproximassem” (LIMA, 1945. p. 88).

- a) **Por que Lourenço Moreira Lima veio até Barretos?**
- b) **O que Lourenço Moreira Lima e outros revoltosos estavam organizando?**



Unidade III

Referências

ANDRADE, Absay. **Álbum de Barretos**. Volume dos estados do Brasil: das monografias paulistas. São Paulo: Escritório Jurídico Técnico-Comercial, 1918.

BRENHA, Amorim. **Almanach de Barretos e Olímpia**. 1918.

CABANAS, João. **A Coluna da Morte**, Sob o Comando do Tenente Cabanas. 3ª. ed.

CARONE, Edgar. **Revoluções do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Difel, 1975.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Objetiva.

LIMA, Lourenço Moreira. **A Coluna Prestes: Marchas e Combates**. São Paulo: Brasiliense, 1945.

MACHIONE, Francisco Gabriel Junqueira. TINELI, Roseli Aparecida. **Philogônio: O Revolucionário Esquecido**. Da revolução de 1924 em São Paulo à Revolta de 1925 em Barretos. Barretos: Gráfica e editora Country, 2001.

PERES, Filemón. **Álbum Ilustrado da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (1868-1918)** Cinquentenário. 1918.

Sítio:

http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_revolucao/

Acervo do Museu:

Jornal "Barretos Memória". ed. 6. Jun/1988



Unidade III • Capítulo 2

Barretos em Conflitos Locais, Nacionais e Mundiais
[Anos 20, 30 e 40]

Barretos na Revolução Constitucionalista de 1932

“São Paulo precisava fazer novamente bandeirantes. Nos tempos remotos, foram as bandeiras catar esmeraldas e prata. Hoje, a bandeira de São Paulo entra pelo Brasil a fazer sua reconstitucionalização. São Paulo não se sujeita à ditadura. São Paulo luta para ser o escravo da lei, o servidor do direito, para obedecer à Justiça, para amar-se paladino da Liberdade”.

(Bezerra Filho, 1932 – Jornal da ABC, julho de 1994, Acervo: Museu “Ruy Menezes”)

A frase acima fez parte de um discurso proferido pelo sr. Bezerra Filho em frente ao Paço Municipal de Barretos (hoje Museu “Ruy Menezes”) no ano de 1932. Em seu discurso, o Sr. Bezerra Filho, bacharel na época, fazia referência a luta dos paulistas por uma nova Constituição no país e pelo fim da ditadura do presidente Getúlio Dorneles Vargas. Tal luta ficou conhecida na história como “Revolução Constitucionalista de 1932”, um conflito ocorrido no território paulista que alcançou vários estados brasileiros e contou com a participação de muitas cidades do estado de São Paulo, como Barretos, que também se mobilizou pela causa paulista. Para você entender melhor os principais motivos desta revolta, é necessário que voltemos um pouco no tempo...

Você estudou na Unidade II como foi a repercussão da proclamação da República no Brasil. Mesmo se tratando de um novo sistema de governo, os cargos políticos dos anos iniciais da República¹ praticamente continuaram nas mãos das mesmas elites agrárias dos tempos do Império. Estes eram cafeicultores de São Paulo, do Rio de Janeiro e fazendeiros de Minas Gerais, os estados brasileiros mais ricos neste período por conta das rentáveis exportações de café. Deste modo, além do poder econômico, esta elite também possuía o poder político no Brasil através da conhecida “**política do café com leite**” instaurada no começo do século XX.

A “política do café com leite” nada mais era do que um acordo

¹ República: forma de governo em que os cidadãos elegem um representante (presidente) que, durante determinado tempo, exerce a administração pública do país.

político entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, em que alternavam-se na presidência do Brasil políticos mineiros (produtores de gado – leite) e paulistas (exportadores de café), com raras exceções. Acontece que, ao final de seu governo o presidente paulista Washington Luís indicou como seu sucessor um candidato paulista, Julio Prestes, não realizando o acordo de apoiar a candidatura de um político mineiro como era de costume.

A resposta de Minas Gerais não tardou, uma vez que o estado mineiro rompeu relações com os paulistas e se uniu ao candidato à presidência da República, representante do Rio Grande do Sul, Getulio Dorneles Vargas.

Então, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba formaram a **“Aliança Liberal”** e fizeram oposição a Julio Prestes, que era taxado por eles como um candidato que daria continuidade a política oligárquica, o voto de cabresto e as fraudes eleitorais. Já a propaganda da Aliança Liberal fazia menção a um novo governo, com novos planos políticos e econômicos, entre eles, o impulso à industrialização no país.

No entanto, o candidato paulista venceu as eleições de 1930 em dezessete estados brasileiros, ocasionando uma reação militar por parte dos três estados aliados da oposição (Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba) que ficou conhecida por **“Revolução de 1930”**. Apesar de ter vencido as eleições, Julio Prestes não tomou posse da presidência do Brasil porque com a agitação de uma possível revolta. Uma **Junta Governativa Provisória** governou o Brasil de 24/10/1930 a 03/11/1930 composta pelos militares: Mena Barreto, José Isaías de Noronha e Augusto Fragoso.

Entretanto, em 3 de novembro de 1930 um golpe militar² de fato depôs o antigo presidente do poder, anulou as eleições de 1930 e declarou Getulio Vargas como o chefe do novo governo provisório do Brasil. E foi este governo liderado por Vargas que causou a reação paulista em 1932.



Getúlio Vargas – década de 1930. Foto da Revista “O Cruzeiro”



Pedro Manuel de Toledo

Fonte: <http://www.pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com>

² Golpe militar: caracteriza-se pela tomada do poder de um país pelos militares, na época representados principalmente pelo estado do Rio Grande do Sul.

Quando Getúlio assumiu o poder, uma **ditadura**³ foi instaurada no país, porque ele fechou o Congresso Nacional, os congressos estaduais (câmaras e senados) e as câmaras municipais. O presidente nomeava os interventores (governadores) dos estados de acordo com suas alianças políticas e estes controlavam as políticas locais **outorgando**⁴ seus prefeitos. Mas, o ato de maior ditadura foi a suspensão da Constituição. É como se o presidente governasse sem a intervenção de ninguém e possuísse poderes exclusivos sobre a nação, esta desprotegida sem a sua constituição.

Esta situação, logo, causou revolta naquelas oligarquias que antes dominavam a política do país, em especial os paulistas. O presidente Vargas nomeou interventores para o estado de São Paulo que não eram paulistas e/ou não eram apoiados por eles. Depois de muitas nomeações para o cargo de interventor de São Paulo que os paulistas não aceitavam, como o tenente João Alberto de Lins e Barros, Getúlio tentou ceder a vontade dos mesmos nomeando Pedro Manuel de Toledo como interventor, mas este não conseguiu ter autonomia para governar o estado. A revolta cresceu ainda mais...

Os motivos que levaram os paulistas a não se satisfazerem com o governo de Vargas eram muitos, mas o principal deles foi a **perda da autonomia política**. Sendo válido notar que, esta autonomia estava ameaçada desde a **“crise de 1929”**⁵, pois, com esta crise mundial a elite agrária (principalmente de São Paulo) passou por um declínio na produção do café, o que fazia abalar também o seu poder econômico. Assim, as oligarquias tradicionais paulistas queriam retornar ao poder que sustentavam desde o começo do século XX. Para isso, utilizaram de um discurso de apelo popular contra Vargas.

Este discurso tratou de exaltar o “espírito” do bandeirante, o “desbravador dos sertões” dos tempos coloniais (aqueles que penetravam o território brasileiro à caça de índios e ouro, lembra-se? falamos deles no começo da Unidade I). Assim, foi criada uma mitologia envolta de fatos históricos, que narrava o paulista como descendente legítimo dos bandeirantes e por isso um líder por natureza, o único capaz de chefiar o avanço do país. Estava criado o argumento ideológico capaz de convencer ardentemente os paulistas a pegarem em armas em defesa da soberania do país, quando na verdade acabaram defendendo a soberania do poder paulista sobre o país.

Assim sendo, os paulistas defendiam o fim do governo Vargas, a volta de Julio Prestes como presidente eleito e a **promulgação**⁶ de uma nova Constituição para o país. Deste modo, os paulistas passaram a organizar protestos em nome da “reconstitucionalização” do Brasil, isto é, a volta da Constituição e o fim da ditadura.

Segundo evidências, a primeira manifestação pela reconstitucionalização do país ocorreu na cidade de São Paulo no dia 25 de janeiro de 1932 (aniversário da cidade), onde aproximadamente duzentas mil pessoas se organizaram em comício na Praça da Sé. A partir de então, muitos protestos foram organizados até que um se tornou o estopim da revolução. Em 23 de maio de 1932, quatro jovens estudantes (na verdade eram cinco contando com o jovem Alvarenga) foram assassinados a tiros pela “Liga Revolucionária” (comandada por aliados de Vargas) no centro da cidade de São Paulo quando, conforme alguns registros, tentaram invadir a sede da Liga.



Por causa da ditadura do governo Vargas, Barretos passou a década de 1930 e o começo da década de 1940 sem eleições para prefeitos. Eles eram nomeados pelos Interventores do Estado. Só na década de 1930, onze prefeitos assumiram a prefeitura de Barretos!



O dia 23 de maio é considerado em São Paulo como o “Dia do Soldado Constitucionalista”. E o dia 09 de julho é feriado estadual desde 1997, pois 09 de julho é considerada a Data Magna de São Paulo, o dia da Revolução Constitucionalista de 1932.

³ **Ditadura**: forma de governo onde o poder político é imposto pela força pode ser acompanhada da supressão da Constituição, dos direitos individuais dos cidadãos e instituídas as eleições indiretas para os cargos políticos.

⁴ **Outorga**: ato ou efeito de outorgar; consentir. No caso da política, refere-se a algo imposto de maneira autoritária e não democrática.

⁵ **Crise de 1929**: crise econômica originada nos EUA que acabou atingindo vários países, inclusive o Brasil. Esta crise foi causada pela super produção de mercadorias dos EUA num momento em que os países europeus estavam se reerguendo do enfraquecimento sofrido por conta da 1ª Guerra Mundial, diminuindo as importações dos produtos americanos na tentativa de aquecer sua economia. Ou seja, havia uma enorme quantidade de mercadorias americanas para as quais não existiam compradores. Isso resultou na queda drástica dos preços dos produtos, além do declínio industrial e desemprego. O Brasil foi afetado por causa das exportações de café que acumularam no porto não tendo compradores para o produto. A solução do governo foi comprar este café, estocar e depois queimar para que os cafeicultores não perdessem o lucro. Mesmo assim, o governo não conseguiu impedir a crise da cafeicultura.

⁶ **Promulgar a constituição**: significa que a constituição foi elaborada, discutida e votada entre parlamentares; e não imposta.

As iniciais dos nomes dos estudantes mortos “M.M.D.C” (Martins, Miragaia, Drausio e Camargo) se transformaram em símbolo de uma organização que passou a lutar contra o governo de Vargas, oferecendo inclusive treinamento militar a jovens paulistas. Por meio de uma aliança entre políticos, líderes militares do estado e o povo paulista, iniciou-se uma movimentação que tramava a queda de Vargas.

Em 9 de julho eclodiu o movimento revolucionário, o qual tinha como comandante civil o governador Pedro de Toledo e o alistamento de duzentos mil voluntários paulistas – dos quais estima-se que entre vinte e quarenta mil lutaram de fato (estes números parecem não ter sido contabilizados oficialmente).

Como atrativo para os voluntários das mais longínquas cidades paulistas se alistarem, eram usadas as propagandas em folhetos ou em jornais, como pode-se observar nos cartazes abaixo:



Fonte: www.tudoporaopaulo1932.blogspot.com.br

Como se vê nas propagandas, tentava-se atingir vários setores sociais para lutar na Revolução, tanto os jovens civis e militares, quanto os profissionais da saúde. As mulheres que costuravam as vestimentas de guerra e até as mais ricas, que poderiam doar joias para que os revolucionários pudessem comprar mais armamentos. Isto acontecia porque São Paulo lutou praticamente sem aliados (com exceção da ajuda do estado do Mato Grosso do Sul) contra as tropas do governo federal, que incluíam soldados mineiros, gaúchos, goianos e outros. As tropas federais eram mais bem equipadas, com mais armas e munições, além de usarem aviões para bombardear as cidades paulistas.

Foram formadas tropas paulistas em várias regiões do estado, principalmente aquelas que faziam fronteiras aos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Nas regiões do Vale do Paraíba e a Leste, Oeste, Centro e Sul, paulistas foram montadas tropas que defendiam o território de São Paulo. No entanto, com quase três meses de lutas, em 2 de outubro, as tropas paulistas acabaram se rendendo, já que perceberam que a ocupação federal em São Paulo era questão de tempo.

Foram computados mais de seiscentos mortos das tropas paulistas, duzentos das tropas federais e muitos estragos em cidades brasileiras. Segundo estimativas, a Revolução de 1932 foi o maior conflito militar no Brasil do século XX.

Apesar de perdido militarmente a guerra, considera-se que São Paulo ganhou a causa política, uma vez que no ano seguinte foram realizadas as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte e em 1934



O primeiro voto feminino no Brasil foi realizado nesta época, entre os anos de 1932 e 1933. E a primeira mulher eleita como deputada no Brasil foi Carlota Pereira de Queiroz, em 1934.



O xérox da lista com os nomes dos mais de 500 voluntários de Barretos está guardado nos arquivos do Museu “Ruy Menezes”. O trabalho de decodificação dos nomes é muito minucioso, pois a letra escrita a caneta de pena não é nada fácil de entender.



Rene Ferreira Penna, prefeito de Barretos durante a Revolução de 32
Acervo: Museu "Ruy Menezes"



Juca de Brito, o primeiro a assinar a lista dos voluntários de Barretos
Fonte: Jornal Suplemento da ABC, julho 1994, p.9.
Acervo: Museu "Ruy Menezes".



O general Marcondes Salgado, comandante da Força Pública, faleceu em São Paulo no dia 23 de julho por causa de uma explosão durante um teste de armamentos. Os barretenses realizaram uma missa de 7º dia para o general.

foi promulgada a **nova Constituição** do país. Vargas anunciava que a revolta paulista não tinha motivo para acontecer, pois as eleições para a elaboração da Constituição já estavam programadas, mas os paulistas relutam em dizer que se não fosse o movimento constitucionalista. O Brasil não voltaria a ter uma constituição tão cedo.

Mas e Barretos? Quando e como entra nessa história?

Se a agitação paulista se iniciou no mês de janeiro de 1932. **A cidade de Barretos** se manifestava a respeito também no mesmo mês. Segundo evidências, no dia 24 de fevereiro de 1932, realizou-se na praça central da cidade um comício popular em que foi dito um vibrante discurso sobre os acontecimentos na capital.

Já em maio, quando Pedro de Toledo tomou frente do governo paulista, uma série de reivindicações foi proferida por líderes políticos de Barretos que esperavam do governo paulista condições melhores ao município. Um mês após a morte dos quatro estudantes (M.M.D.C.) em São Paulo, no Grêmio Literário e Recreativo de Barretos realizou-se uma "sessão cívica" em memória aos mesmos.

Sabe-se que a Revolução Constitucionalista se iniciou no dia 9 de julho, e no dia seguinte em Barretos foram abertas as inscrições dos jovens voluntários para as Forças Constitucionalistas, uma organização realizada em comissão pela Prefeitura Municipal em que o prefeito Rene Ferreira Penna fazia parte. No livro de inscrições foram registradas ao todo 583 assinaturas durante o período revolucionário iniciado em julho de 1932. A partir do dia 11 a comissão organizadora anunciou que Barretos lutaria pela guerra paulista!

Outra comissão ficou responsável por conseguir contribuições do povo para ajudar o Batalhão "Theopompo de Vasconcellos". No dia 14 de julho se iniciou o treinamento militar dos jovens alistados, nos quais 200 nomes já tinham sido inscritos. No dia 15, as aulas das escolas foram suspensas e havia notícias de que as tropas federais ocupavam os portos do Rio Grande (fronteira de Minas Gerais e São Paulo). Algumas convenções, recepções e homenagens foram realizadas por estes dias de julho para entusiasmar as forças paulistas.

A participação da população em geral foi de suma importância neste momento, contando com homens, mulheres e até crianças da época, as quais algumas ainda vivem na cidade e se lembram deste momento. Segundo relatos da época, as mulheres se dispuseram a ajudar a customizar o uniforme dos soldados, preparar a alimentação e a doar joias quando necessário.

O sr. Luiz Brandão (filho de Raphael Brandão, o primeiro intendente municipal, lembra?) ainda hoje se recorda do momento em que, quando criança, sua mãe pediu para que ele fosse até o Paço Municipal entregar suas joias à causa revolucionária. Outras doações relevantes foram as armas, carabinas e revólveres acumulados pela população.

Entretanto, foi no dia 22 de julho que chegou a Barretos um apelo da cidade vizinha de **Olímpia** comunicando que tropas federalistas armavam ataque a cidade. Deste modo, foi formado o famoso **grupo "52 de Olímpia"** para lutar em Olímpia caso fosse preciso. Por lá, ficaram por oito dias. Na verdade, entre os soldados deste grupo existiam homens de Barretos e de algumas cidades da região.

Em 24 de julho chegou a Barretos o **Batalhão "Comandante Júlio Marcondes Salgado"** de Rio Claro, incorporado à Força Pública de São Paulo e comandado pelo Capitão Musa. No dia seguinte, o mesmo

batalhão foi recepcionado em frente ao Paço Municipal, onde padres celebraram bênçãos às tropas e o Dr. Bezerra Filho discursou as palavras registradas no começo deste capítulo. Quando os jovens barretenses que estavam em Olímpia regressaram a Barretos, foram incorporados ao Batalhão “Comandante Julio Marcondes Salgado”.

Quando organizados, grupos de barretenses seguiram para a Fazenda Poção, da Armour. Outros voluntários se ajeitaram na defesa do Porto “Antônio Prado” (fronteira entre MG e SP) e a Terceira Companhia foi para o Porto “Cemitério” (fronteira entre MG e SP). O Porto do Taboado (fronteira entre SP e MS) também foi defendido pelos barretenses às margens do rio Paraná, sendo que os mesmos foram os primeiros a chegarem a este local depois da retirada das tropas federais.

A agitação para ajudar, saudar e levar merenda aos revolucionários era grande por parte da população barretense, principalmente o grupo escolar. Em agosto, o prefeito Rene Penna decretou obrigatoriedade aos proprietários de carabinas Winchester 44 declararem no almoxarifado a quantidade de armas em seu poder. Não era uma simples doação, as pessoas eram obrigadas a doar armas para serem usadas pelos combatentes. Outro decreto interessante foi aquele em que os agricultores eram obrigados a declararem seus estoques de produtos agrícolas, também em prol das tropas revolucionárias.

NOMES DOS COMPONENTES DO GRUPO “52 DE OLÍMPIA”

- | | |
|--------------------------------------|----------------------------------|
| 1. Mozart de Melo | 27. Messias Gonçalves da Costa |
| 2. Jefferson de Menezes Camargo | 28. Jácomo Mozaner |
| 3. Belmiro Zenha | 29. Antonio Kisti |
| 4. Washington de Menezes Camargo | 30. José Antonio de Andrade |
| 5. Adolfo Ricardo Dias de Toledo | 31. Nelson de Oliveira |
| 6. Nicácio Serafim Barcelos | 32. Homero Bonilha de Souza |
| 7. Plínio Junqueira Franco | 33. Gumercindo de Carvalho |
| 8. Gabriel Junqueira Franco | 34. José Anselmo Pereira |
| 9. José Ferreira Luz | 35. Reinaldo Peixoto |
| 10. José Eduardo de Oliveira Menezes | 36. Antenor Barcelos de Carvalho |
| 11. Alvaro Lopes | 37. Diamantino de Aguiar |
| 12. Vicente Mena Filho | 38. Renato Osório de Souza |
| 13. José Garcia Barcelos | 39. Luiz Osório de Souza |
| 14. Antonio Naves | 40. Gregório João Moni |
| 15. Ruy Menezes | 41. Domingos Felizola |
| 16. Vital Flosi | 42. João de Melo Junior |
| 17. Melquiades de Melo | 43. João S. da Costa |
| 18. Dinamérico de Aguiar | 44. Nicanor Florindo |
| 19. Milton Souto Maior | 45. Jerônimo Dias |
| 20. Antonio Neves de Souza | 46. Armando Arruda |
| 21. Realino Prudente de Oliveira | 47. Arnaldo de Camargo |
| 22. Aparicio Prudente de Oliveira | 48. Abes Tibiriça Abrão |
| 23. Sebastião de Melo | 49. Fioravanti Tonelli |
| 24. Itagiba Ricardo da Costa | 50. Vicente Serafim Cintra |
| 25. Orival Leite de Matos | 51. Itagiba Ferreira |
| 26. Paulo Franco da Rocha | 52. Ariovaldo Rosas |

Fonte Jornal da ABC, julho de 1994, p. 7.



GRUPO DOS “52 DE OLÍMPIA”. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



“As mulheres barretenses se uniram durante a Revolução para preparar em enviar às fronteiras os ‘lanches dos soldados’. Cerca de 1825 lanches foram feitos pelas mulheres barretenses.”
Fonte: Jornal da ABC, julho de 1994, p. 3.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Além dos portos mencionados acima, os barretenses participaram de expedições no rio Paraná e Mogi-Mirim, para onde seguiram mais de 200 jovens. Outro caso relevante foi contado pelo Prof^o Raul Alves Ferreira, que ainda era um menino na época. Ele presenciou o incêndio da ponte do Rio Sapucaí, que ligava Guaíra a Miguelópolis, já que este foi o único jeito encontrado pelos combatentes para conter as tropas rivais invasoras.

Em setembro retirou-se de Barretos o Batalhão Marcondes Salgado, que seguiu para Limeira. No mesmo período, alguns soldados barretenses partiram para Guaraci, especificamente em Barra Grande (curva no Rio Grande). Houve também a participação dos voluntários barretenses em Campinas, principalmente no mês de setembro, em que era cada vez mais visível a vitória das tropas federais.

A participação dos barretenses, como se vê, ocorreu em várias regiões do estado, principalmente nas regiões de fronteiras com o estado de Minas Gerais. Observe o mapa abaixo e visualize a organização das tropas revolucionárias em Barretos e região:



Mapa das tropas revolucionárias nas fronteiras entre Minas Gerais e São Paulo
Acervo: Luiz Antônio Batista da Rocha

Conforme consta em alguns registros, os voluntários estavam muito preocupados com o desfecho que a Revolução levaria. Reinava naquele momento o pânico entre eles, principalmente aqueles que estavam próximos à região da capital, de Campinas e Jundiá. Quando o fim da revolução estava próximo, nos dias finais do mês de setembro e começo de outubro, alguns barretenses estavam nesta região e cada qual teve que “se virar” para encontrar um jeito de voltar para a casa.

No mesmo período, boatos de que São Paulo havia vencido a revolução começaram a chegar nas cidades do interior. Por isso, o povo saiu às ruas para festejar a suposta vitória e, inflamado, praticou vários atos de vandalismo e depredação contra a imprensa getulista. Observe o que nos conta João Vitale, que vivia na época em Barretos, e, temendo o desfecho da revolução, foi para a cidade de Jaboticabal com sua mãe e



“No início de agosto chegaram os capacetes de aço para os voluntários. O capitão Lauro, depois de sentir no crânio o peso de um deles, concluiu: - Vou mandar fazer um, mas de alumínio. Mando pintá-lo, as balas pensam que ele é de aço e vão passando...”
Fonte: Jornal da ABC, julho de 1994, p. 2. Acervo do Museu “Ruy Menezes”.



O M.M.D.C. organizava os reservistas e voluntários em classes: 1ª com homens de 20 a 30 anos; 2ª com homens de 31 a 45 anos; 3ª com homens de 46 a 60 anos.

irmã. Ao retornar, soube do ataque contra a farmácia de Aníbal da Gama Salgado:

Contaram-nos que a farmácia do Aníbal, na esquina próxima da nossa, naquela noite, também havia sido alvejada a tiros por um grupo de uns trinta homens que não tiveram a intenção de invadir a casa e matá-lo, mas apenas pregar-lhe um susto medonho. A fachada ficou toda marcada de balas, as portas de ferro de enrolar da farmácia furadas como peneiras, e os armários envidraçados de medicamentos, estilhaçados. Aníbal estava em casa naquela hora, com a família, e todos se esconderam embaixo das camas o tempo todo. Qualquer um faria o mesmo.

Grafia da época. Fonte: VITALE, 1996, p. 77 – Acervo de Sueli de Cássia T. Fernandes.

Ainda em Barretos, ao término da revolução, tropas federalistas ocuparam a cidade pelos próximos dias, sob o comando de Mario Vieira Marcondes, um paulista que apoiou as tropas de Getúlio e mais tarde tornou-se prefeito da cidade. Há relatos de famílias que, com medo de possíveis reações dos federalistas, fugiram de Barretos.



Revolucionários de 1932. Acervo do Museu "Ruy Menezes"



Voluntários revolucionários. Acervo Museu "Ruy Menezes"

Estava finda a revolução de 32, pelo menos o conflito armado.



2º tenente, 1º tenente e 3º tenente de um dos batalhões de Barretos. Acervo: Museu "Ruy Menezes"



Foto de revolucionários tirada em estúdio. Acervo: "Museu Ruy Menezes"



Combatentes de Barretos. Acervo Museu "Ruy Menezes"

Como se vê, Barretos possuiu uma ligação muito forte com a Revolução de 1932, posto que muitos barretenses participaram, de diferentes formas, deste acontecimento pertencente à história do Brasil. Foram personagens de diversos gêneros, classes sociais e profissões, que participaram desta luta pela causa paulista em Barretos e usaram da memória para relatar tudo isso. Com vocês, alguns casos desses personagens eternizados pela história...

João Batista da Rocha

É perceptível o sentimento fervoroso dos paulistas em defender seu território. Muitos eram jovens, como João Batista da Rocha de apenas 18 anos de idade na época.

As mentes privilegiadas dos senhores Adolpho Fernandes e Luiz Brandão confirmam a história contada por Jerônimo S. Barcellos nas páginas amareladas do jornal “Correio de Barretos”, de agosto de 1968. João Rocha fez parte do Batalhão defensor do Porto do Taboado e depois do Porto da Maricota, junto a Ruy Menezes.

O interessante na participação de João Rocha na Revolução de 1932 foi o fato dele ter atravessado de canoa o Rio Grande duas vezes, para tentar conversar com as tropas federais e fazer uma possível trégua. Na primeira o sucesso foi garantido, uma vez que levou cigarros, remédios, fósforos e objetos úteis aos rivais. Contudo, a segunda vez foi traiçoeira e João e seu companheiro Pombo foram capturados pelos mineiros, mesmo ele atirando contra o comandante da tropa federal.

Para tentar salvar João Rocha e Pombo, seis outros combatentes também atravessaram o Rio Grande. Porém todos foram capturados, levados respectivamente para Uberaba, Belo Horizonte e para a famosa Ilha das Flores, na capital federal Rio de Janeiro, bem às vistas do presidente Vargas.

Neste local, juntaram-se a três mil prisioneiros e, “enquanto durou a revolução, os soldados paulistas viveram nessa ilha, cercados por arame eletrificado, dormindo mal e comendo pessimamente, mal vestidos, em geral descalços, mas alegres, bem humorados e maltratando o quanto podiam, através de discursos, músicas e canções que inventavam à Ditadura de Getúlio Vargas” (Jerônimo Barcellos, “Correio de Barretos”, 1968). Com o fim da Revolução, a Ilha das Flores foi liberada e o primeiro grupo de prisioneiros no qual estava João Rocha, foi libertado. Separou-se, porém, de seu amigo Pombo.

Estava liberto, mas como voltaria para Barretos? Sua aparência não era nada boa, sua roupa estava suja e rasgada, além da fome que sentia. Foi então que, depois de vagar três dias pelas ruas da capital federal, João Rocha encorajou-se e escondeu-se debaixo de uma lona de um vagão da Estação Ferroviária Central com destino a São Paulo, viajou clandestinamente. Todavia, a fome falou mais alto nos três dias de viagem e João Batista mostrou-se ao guarda do vagão, quando viu o lanche que o mesmo saboreava. Assim, contou tudo ao guarda do trem e ganhou seu apoio durante a viagem, contou também com a ajuda de muitas pessoas. Até que em 16 de outubro, teimosamente alcançou seu objetivo final, chegar a Barretos e ficar com sua família.

Esta foi a trajetória histórica de João Batista da Rocha, um jovem soldado revolucionário que mais tarde se tornaria prefeito de Barretos, em 1964. Seu **capacete** hoje faz parte do acervo do Museu “Ruy Menezes” e permite uma sensação de “viagem no tempo” quando o vemos, pois está com a marca do tiro que acertou de raspão João Rocha. A Revolução de 1932 teve muitos outros combatentes e histórias, que, assim como a de João Rocha, causam entusiasmo e expectativa para nós que não vivemos este momento.



Capacete de João Batista da Rocha.

Acervo: Museu “Ruy Menezes”

Dona Fiúca

Entre muitos personagens em Barretos durante a Revolução de 1932, o caso de Sebastiana Cunha da Silva destaca-se. Conhecida como Fiúca, ela era funcionária do “Café Central” da época (representante da Gasolina Atlantic). Nesta função, realizou trabalhos que foram importantes aos revolucionários de 32. Neste período encontrava-se em Barretos o Batalhão de Ribeirão Preto “Comandante Julio Marcondes Salgado”, com mais de mil voluntários da luta paulista.

Nas palavras da própria Dona Fiúca, relatadas ao jornal da ABC de julho de 1994, ela explicou os serviços que prestou ao batalhão:

Como o Café Central onde eu trabalhava era representante da Gasolina Atlantic, esta foi requisitada pelo comandante. Fui autorizada a vender apenas 20 litros por semana a cada pessoa de negócio e como os funcionários do bar se alistaram e foram incorporados os Batalhões, eu tomei conta do abastecimento dos carros oficiais e aos demais tinham direito as cotas. Na época, as bombas de gasolina eram manuais e por falta de funcionário, atendia pessoalmente, controlando a entrada e saída. Todos os sábados eu prestava conta do movimento, entregando relatório completo na sede do batalhão.

(Fonte: Jornal da ABC de julho/1994, p.5 – Acervo: Museu “Ruy Menezes”).

Além do depoimento de Dona Fiúca, outra evidência que temos a respeito de sua atuação na Revolução de 32 é um documento expedido pelo representante do Batalhão, em Laranjeiras - 13 de agosto de 1932 – Ofício 231, agradecendo sinceramente os inestimáveis serviços prestados pela funcionária.

Episódio na Estação Ferroviária

Você já ouviu dizer sobre uma grade na Estação Ferroviária (hoje Estação Cultura) que tem a marca de um tiro? Quer conhecer a história deste episódio? Então vamos a ela...

Outro acontecimento em 1932 teve como palco a Estação Ferroviária



“Fiquei muito feliz por ter recebido este documento, que representou muito para minha vida. Guardei o ofício com muito carinho, até que nas comemorações de 50 anos da Revolução, eu doei ao museu de Barretos”.

Dona Fiúca
Jornal da ABC, jul. 1994,
p. 5.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Acervo: Museu “Ruy Menezes



Foto dos revolucionários utilizando o trem como meio de transporte

Fonte: Jornal Suplemento da ABC, julho de 1994, p. 3. Acervo do Museu “Ruy Menezes”.

e foi registrado em um artigo de Osório da Rocha. Segundo o autor, em 26 de setembro daquele ano, as tropas revolucionárias estavam prontas para embarcar para Campinas.

No entanto, “um soldado embriagado, ou mesmo anormal”, saltava diversas vezes da janelinha do trem com um sabre, e começava a “gingar como capoeira, soltando exclamações e vivas, com jeito de quem queria brigar, guerrear”. Logo, o motorista da tropa revolucionária, já muito irritado, acabou por disparar vários tiros contra o soldado à queima roupa. Conseqüentemente, os demais voluntários ficaram em confusão e, por isso, iniciou-se um tiroteio de poucos minutos não só contra o homem, mas entre praticamente todos os soldados.

Quem estava do lado de fora do trem atirava em quem estava dentro, e estes atiravam naqueles que estavam do lado de fora, fazendo da Estação um cenário de guerra. Foi este episódio que deu origem àquela grade com marca de um tiro, na atual Estação Cultura. Veja a foto da grade:



O autor da foto, Bié Machione, conta que quando criança ia muito para a Estação e já reparava naquele furo da grade. Seu pai já falava que tratava-se de resquícios da Revolução de 32. Tempos depois, ele tirou fotografia da grade e reparou que o tiro não foi direto na grade, e sim bateu no chão primeiro, atingindo-a posteriormente.

A grade atingida pela bala no episódio da Revolução de 32. Trata-se da 25ª grade da esquerda para a direita. Acervo: Bié Machione.

Médicos, enfermeiros e a Santa Casa de Misericórdia de Barretos

Durante a revolução paulista, além dos jovens revolucionários, era muito importante que médicos e enfermeiros também se alistassem como voluntários. Segundo a listagem das tropas barretenses, constavam os nomes dos médicos Dr. Carmélio Guagliano e Dr. Amir Cotrim, além do enfermeiro Arnaldo Camargo. Estes profissionais faziam parte do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia de Barretos e prestavam serviços durante a Revolução.

De acordo com o Livro de Registro dos Pacientes da Santa Casa de Misericórdia de Barretos, durante o período da Revolução de 1932 e pouco tempo após seu término, foram atendidos onze soldados, quatro sargentos e um tenente no hospital, sendo um ou outro com ferimento por arma de fogo.

O número de atendimento é relativamente pequeno, talvez porque os soldados feridos fossem atendidos no próprio local de conflito, uma vez que existiam médicos e enfermeiros por lá.

Além disso, a partir do ano de 1934, depois de muitos Requerimentos ao governo do estado por parte da provedoria e diretoria da Santa Casa, o hospital passou a receber donativos referentes aos produtos das jóias doadas em Barretos durante a Campanha do Ouro Paulista, que eram resgatadas pelos doadores através de uma comissão organizada.

Quando a Santa Casa recebeu estes donativos foi possível planejar a construção de um novo pavilhão para o hospital, destinado a quartos particulares. Assim, em 17 de maio de 1935 foi lançada a pedra fundamental do Pavilhão "Titinha Franco".

Titinha Franco, carinhoso apelido de Ana de Lima Franco, era a dona dos fundos doados por sua mãe, D. Henriqueta, para a construção deste pavilhão. O interessante é que Titinha também teve uma relação histórica com a Revolução de 1932. Quando a Revolução estourou na capital paulista, ela possuía residência lá também, e ali defendia a causa paulista organizando as mulheres na ajuda do que fosse preciso. Acontece que, pouco tempo depois do fim da revolução, Titinha Franco faleceu do coração. Há quem diga que foi de tristeza pelo fim da revolução de 1932. Em seu túmulo todo de mármore, ainda erigido no cemitério de Barretos, está gravado, também em mármore, o símbolo da bandeira paulista.



Dr. Carmelo Guagliano vestido de revolucionário

Fonte: Jornal da ABC, jul. 1994, p. 7.

Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Túmulo de Titinha Franco no Cemitério de Barretos (Foto: acervo de Bié Machione)

Portanto, podemos afirmar que o pavilhão foi construído através dos resquícios da Revolução de 1932, seja pela Campanha do Ouro ou pela memória de Titinha Franco.

Homenagens póstumas e o Obelisco do Ibirapuera

O Obelisco do Ibirapuera é um monumento funerário construído a partir de 1947 e concluído nos anos 1970. Nasceu com a intenção de simbolizar a Revolução de 1932. Embora o monumento fosse concluído anos após o início de sua construção, sua inauguração aconteceu no dia 09/07/1955. Conta-se que em seu interior estão enterrados os corpos dos estudantes Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo (M.M.D.C) e de outros 713 combatentes.

As palavras mais tocantes inscritas no Obelisco são aquelas que ilustram a base do monumento, escritas pelo poeta Guilherme de Almeida: *“Viveram pouco para morrer bem. Morreram jovens para viver sempre”*. Percebe-se então, que os soldados constitucionistas, sobreviventes ou não, perpetuaram na memória da sociedade por meio dos discursos cívicos na imprensa e nos monumentos erigidos em sua homenagem em todas as cidades.

E em Barretos, algum soldado morreu em batalha?

Ao que se tem notícia, foram contabilizados pelo menos sete soldados barretenses mortos durante a Revolução de 1932: Fernando de Andrade Camargo, Paulo de Araujo, Hugo Prado, Nélio Baptista Guimarães, Benigno Nogueira Franco, Romário de Melo Nery e Sizenando Moreira. Destes, de acordo com registros de jornais, somente os restos mortais de Sizenando Moreira encontram-se no cemitério de Barretos desde a década de 1950.



Front de batalha. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Fonte: ogloboglobo.com/pais/noblat/posts/2008/11/19/escultura-obelisco-do-ibirapuera.com



O Obelisco do Ibirapuera foi inaugurado em 1955, antes de ser concluído, pois este ato fazia parte do cronograma das comemorações do 400º aniversário da cidade de São Paulo, comemorado nos anos de 1954 e 1955, que tinha o objetivo de imortalizar todos os “grandes vultos” da história paulista.

A imprensa de Barretos, sempre envolvida nas comemorações cívicas da data magna de 09 de julho, também se manifestou na época da construção do Obelisco do Ibirapuera. O jornal “Correio de Barretos” do dia 13 julho de 1958 noticiou na primeira página que o governador do Estado de São Paulo, Jânio Quadros, iria apresentar à Assembleia Legislativa um projeto que complementasse as homenagens póstumas do Obelisco do Ibirapuera, viabilizando verbas para pesquisas nos cemitérios das cidades interioranas a fim de resgatar os restos mortais de todos os combatentes mortos durante da Revolução de 1932, para que fossem transferidos ao obelisco.

Logo, a imprensa barretense passou a defender o traslado dos restos mortais de Sizenando Moreira, para o monumento em São Paulo. Entretanto, este projeto não foi concretizado e o corpo de **Sizenando**, também conhecido por “Umburana”, permanece enterrado em Barretos sem um mausoléu à altura de sua importância histórica.

Anualmente, até os dias de hoje são prestadas homenagens aos ex-combatentes de 1932. Além destas homenagens, foi estabelecido em Barretos um local próprio para rememorar os acontecimentos de 1932: a Praça 9 de Julho! Você conhece? Lá encontram-se hasteadas as bandeiras do Brasil, de São Paulo e de Barretos, além de um monumento erigido pela causa paulista.



*Bandeiras hasteadas na Praça 9 de Julho. Foto: Maurício Alves Pinto.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.*

Músicas e poesias da Revolução de 1932

Durante a Revolução de 1932, muitas canções e poesias compuseram o cenário vivido pelos combatentes paulistas. Barretos, como uma terra originária de muitos poetas e músicos, também contribuiu para esta cultura. Abaixo, estão registradas algumas das poesias da época e a música do “Tiro de Guerra-512 de Barretos”, que se tornou o hino dos voluntários barretenses:

HINO DO TIRO DE GUERRA 512 DE BARRETOS

*“Brasil, confia em teus soldados,
que entram em forma sem vacilar,
de frente erguida, sempre alentados
e preparados para lutar!
Ouvi, soldados! Rufam tambores,
os clarins tocam reunir,
a Pátria chama seus defensores,
atiradores, sabei agir!*

*(Estribilho)
Tenha sempre o 512,
por divisas: vencer ou morrer!
Que ao perigo fugir ninguém ouse,
nesta escola de amor ao dever!*

*letra: Osório Faleiros da Rocha
música: Marcelo Tupinambá*

*Cerrai fileiras, atiradores,
banindo o medo do coração!
À Pátria amada, cantai louvores,
fitando as cores do Pavilhão!
Essa bandeira d’ouro e esmeralda
há de guiar-vos como um farol!
O brasileiro de ardor se escalda
quando a desfralda à luz do Sol!*

*Correi a postos e preparai-vos,
tendo nos lábios uma canção!
Eita! Às fileiras apresentai-vos,
firmes, sem laivos de hesitação!
quem for mais bravo siga à vanguarda,
expondo a vida pelo Brasil!
Todo soldado que se acovarda
desonra a farda, mesquinho e vil!”*

POESIA “ODE AOS PAULISTAS” Adão de Carvalho (24/7/1932)

*O povo paulista,
Nos grandes tormentos,
Nos duros momentos,
Não chora, não geme
Nem sabe ter medo;
É como rochedo
De puro granito,
Que aos ventos não treme.
Ele é prazenteiro
Em tempos de paz;
Na guerra é audaz,
Valente, e temido
Afronta o perigo
E seu inimigo;
Por forte que seja
Há de ser vencido.*

*Defende a justiça
Cultiva o direito
Impõe-se ao respeito
Dos povos da terra;
Não cansa na lida
Constante da vida.
Nem foge da morte
No tempo da guerra,*

*Se acaso é chamado
ao campo da luta
impávido exulta
e parte veloz.
E os velhos cansados
Já quase alquebrados
murmuram dizendo:
“também vamos nós”
E conta por certo
a plena vitória
coberta de glória
que brilha e reluz
ao sol brasileiro,
imenso luzeiro,
que enches céus e terra...*

*De vida e de luz.
na luz fulgurante
vive o bandeirante
em todo esplendor
da pátria encantada!
Tesouro sagrado,
sublime legado
das mãos do senhor.*

*Fonte: Jornal da ABC, julho de 1994, p. 12.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.*



No ano de 1942, o famoso compositor do Rio de Janeiro Lamartine Babo, durante um programa na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, teceu comentários sobre algumas músicas e tocou a música do HINO DO TIRO DE GUERRA 512 DE BARRETOS, considerada como uma das marchas cantadas pelos revolucionários paulistas. A respeito dos compositores, ele disse ser de autoria desconhecida. A imprensa barretense, por sua vez, logo publicou uma matéria para enaltecer os compositores de Barretos: Marcelo Tupinambá (Fernando Lobo) e Osório Rocha (letra).

Fonte: Jornal “Correio de Barretos”, 24/5/1942, p. 1).
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

MÚSICA “NO TABOADO”

Nicas, Melo e Flosi adaptaram a música do maestro barretense Zambá

*laiá abre a janela minha bela
Vem ouvir nosso cantar
É a voz dos barretenses, minha gente
Que a vitória veio buscar*

*I
Barretos é forte
Ninguém pode duvidar
E o nosso inimigo teve que recuar*

*II
Os de Barretos
Sabem honrar a sua farda
Com seus fuzis
Fazem sempre a vanguarda*

*III
Major Quintino
Merece uma medalha
Tomamos o Porto
Sem o ronco da metralha*

Fonte: Jornal da ABC, julho de 1994, p. 11



Arlindo Leonardo Ribeiro, voluntário de 1932 (fotografia doada por ele ao museu)
Acervo: Museu “Ruy Menezes”

Arlindo Ribeiro – A Memória Sobrevivente

Como você já sabe, a memória também pode ser uma fonte histórica de suma importância. O ato de lembrar-se de situações vividas no passado e transmiti-las às pessoas do presente é algo que propicia a vivacidade da história, o descongelamento do passado. Neste sentido, contaremos em poucas palavras a passagem pela Revolução de 1932, vivenciada pelo Sr. Arlindo Leonardo Ribeiro. Como tudo começou...

Na época do conflito de 1932, Arlindo ainda era jovem e estudante, mesmo assim se alistou como voluntário. Os combates em que participou foram realizados nas regiões de Barão de Ataliba, Itabira e Mogi-Mirim.

Sobre a sua participação na Revolução de 1932 como voluntário combatente, sr. Arlindo conta-nos sorridente:

“A história é como todo ex-combatente tem... atirou, passou muito medo, escondeu, correu, aprendeu a andar com o cotovelo e o joelho. Nós estávamos em combate, tínhamos bons atiradores, não tínhamos bateria pesada”.

Uma passagem que ficou marcada em sua memória foi quando ele e seus companheiros estavam em front de batalha quando de repente:

*“Os aviões apontaram lá, a gente viu aquele barulho de avião... Eu falei:
- Nossa, como voa baixinho!*

Eles fizeram uma volta de reconhecimento e oh! (bombardeou a tropa paulista).

Era nossa própria tropa... tava lá “São Paulo”! Que desgraça!”.

De forma descontraída, sr. Arlindo nos contou sobre o momento em que o avião dos revolucionários de São Paulo bombardeou a própria tropa paulista! Imagine a sensação de ser bombardeado pelo próprio regimento, certamente foi uma experiência inesquecível. Outros detalhes a respeito das tropas inimigas foram contados pelo sr. Arlindo, em principal das munições e armamentos delas que eram bem mais desenvolvidos do que os de São Paulo. Muitas vezes, entrincheirados⁷, os soldados paulistas tinham que montar engenhocas para lançar pedras contra o inimigo.

O sr. Arlindo doou algumas fotografias e objetos pessoais sobre a Revolução de 1932 ao Museu Histórico, Artístico e Folclórico “Ruy Menezes”, na intenção de eternizar a participação dos soldados constitucionistas. Sobre isso, Sr. Arlindo finaliza:

⁷ Entincheirados: defendidos com trincheiras, isto é, escavação feita para servir como parapeito de proteção aos combatentes.

Unidade III • Capítulo 2

“Isso faz parte da história do Brasil. O museu guarda isso tudo porque amanhã os outros meninos que nascerão vão dizer: - Nossa, nós tivemos soldados da Revolução!”.



Homenageados durante solenidade de “09 de julho”. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



*Arlindo Leonardo Ribeiro e companheiro
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.*



*Arlindo Leonardo Ribeiro e demais companheiros
Acervo Museu “Ruy Menezes”.*

PROPOSTA DE ATIVIDADES NO CADERNO

1. Observe os folhetos de propagandas abaixo, eles foram usados durante a campanha de voluntários da Revolução Constitucionalista de 1932.

A partir das informações deste capítulo e das explicações de seu professor, discuta com seus colegas que tipo de público estas propagandas queriam atingir e qual seria a função delas. Em seguida, escreva no caderno suas conclusões. Fique atento aos símbolos, cores, personagens, falas e principalmente do que cada propaganda tinha em comum uma com a outra.



2. Leia com muita atenção o trecho do discurso de Bezerra Filho no início do capítulo e o poema de Adão de Carvalho intitulado "Ode aos paulistas", na página 16. Os dois têm objetivos parecidos, que se resumiram em exaltar o homem do estado de São Paulo através da criação de um "espírito" em comum. Baseado na leitura deste capítulo, e nas explicações do seu professor, interprete esses dois textos, respondendo às questões no caderno:

a) Que espírito é esse exaltado no discurso de Bezerra Filho e no poema de Adão de Carvalho? Quais seriam as suas características?

b) Qual o motivo de tal exaltação?



Unidade III

Referências

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral** – volume único. 8ª Ed. – São Paulo: Saraiva, 2005.

ROCHA, Osório. **Barretos de Outrora**. São Paulo: abril de 1954.

VITALE, João. **Adeus, Mico, Adeus** (Desafios de uma vida). Ed. GRD: São Paulo, 1996. (acervo de Sueli de Cássia T. Fernandes).

Acervo jornalístico do Museu “Ruy Menezes”

“Correio de Barretos”: 1942.

“O Diário de Barretos”: julho/2008, julho/2009, julho/2010 e julho 2011.

“Suplemento da ABC”: julho de 1994.

Link para assistir a entrevista do sr. Arlindo Leonardo Ribeiro:

<http://www.youtube.com> (Lugares de Aprender – MuseuRuyMenezes)



Unidade III • Capítulo 3

Barretos em Conflitos Locais, Nacionais e Mundiais
[Anos 20, 30 e 40]



O liberalismo como corrente de ideias surgiu no século XVIII, na Europa. Ele pregava tanto a maior liberdade na política quanto a liberdade econômica. Na política, previa a democracia (direito de votar) e a divisão dos poderes. Na economia, acreditava que ela se autorregularia, através da “lei” da oferta e procura, ou seja, sem a intervenção do governo.



O fascismo italiano possuía semelhanças com o nazismo alemão, mas também diferenças. O fascismo, por exemplo, nunca concentrou parte de sua população em campos de concentração para escravizá-los e exterminá-los.

Barretos na 2ª Guerra Mundial

O Brasil participou da 2ª Guerra Mundial e foi o único país latino-americano a enviar tropas em 1944, penúltimo ano de Guerra que contou com 25.364 homens da FEB (Força Expedicionária Brasileira) e FAB (Força Aérea Brasileira). Dentre esses brasileiros, arrastados pela situação internacional, estavam 23 barretenses. Neste capítulo você conhecerá essa história e como as vidas destes pracinhas¹ de Barretos se entrelaçaram com a história do mundo. Pois a história das guerras não é só a história de bombas e estratégias militares, mas também a história de vidas, ideias e tomadas de decisões...

Situação de Guerra: quais condições a tornaram possível?

Antes de tudo vamos compreender qual era a situação mundial no período histórico de 20 anos conhecido como entre guerras (1919 – 1939).

Durante a Primeira Guerra Mundial² (1914 – 1918) e mesmo depois dela, a nação dos Estados Unidos aproveitou-se da situação para aumentar seus mercados e áreas de influência mundial, obtendo grande crescimento econômico.

No entanto, depois da crise de 1929 a situação econômica entrou em colapso para os países capitalistas de todo o mundo, o que diminuía a crença no “liberalismo econômico” e aumentava os movimentos comunistas³, principalmente por causa do sucesso da Revolução Russa⁴ e do crescimento surpreendente da União Soviética.

Outro movimento contrário ao liberalismo, mas que negava o comunismo foi o que deu origem aos regimes totalitários. Onde o governante tinha plenos poderes sobre a nação; o que acabava com os direitos políticos democráticos como o direito de votar, o direito de imprensa livre, e também controlava a economia e a vida social.

A elite, “temendo” o avanço do comunismo e não acreditando mais

¹ Pracinha: relativo à praça; o soldado do exército que não é Oficial; na hierarquia militar vai de soldado à Primeiro-Sargento.

² Primeira Guerra Mundial: foi provocada pela corrida imperialista ou neocolonialista e alimentada pelos sentimentos nacionalistas. Iniciada no fim do século XIX essa corrida consistia na disputa entre os países industrializados por novos mercados consumidores e pela dominação dos países periféricos, estabelecendo neles colônias que ofereciam matéria prima e consumidores para seus produtos. O acirramento da disputa acabou gerando a guerra, com a derrota dos países da Triplíce Aliança comandados pela Alemanha e na partilha das colônias entre os países vencedores.

³ Comunismo: último estágio do desenvolvimento humano em sociedade, onde não haveria mais exploração do homem pelo homem, na visão marxista (de Marx). Não existiria divisão em classes sociais (de ricos e pobres), todos seriam iguais. E o fim da propriedade privada, sendo substituída pela propriedade coletiva.

⁴ Revolução Russa: movimento social e militar que derrubou o governo do czar na Rússia em outubro de 1917 e instalou um modelo econômico e político baseado no socialismo, que pregava a distribuição social da riqueza. (baseado nas ideias do comunismo). Com o tempo esse governo também assumiu um caráter totalitário.

na eficácia do liberalismo, passou a apoiar esses movimentos autoritários, que prometiam a recuperação da crise econômica.

A ditadura do “Estado Novo”⁵ instalada no Brasil por Getúlio Vargas em 1937, tinha semelhanças com os governos totalitários da Itália e Alemanha. As semelhanças na forma de governo (totalitário ou ditadura), que incluía disciplina, militarização, perseguição aos comunistas e repressão das liberdades políticas e individuais, levou o governo brasileiro a simpatizar com ideias “nazi-facistas”.

As condições humilhantes submetidas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes⁶ levaram as ideias nazistas, defendidas por Adolf Hitler em seu livro “Mein Kampf” (Minha Luta, de 1925), a ganhar força entre os alemães. A crise passou a ser atribuída aos países que se beneficiaram na 1ª Guerra, como Inglaterra e França, no entanto o ideário nazista alemão criou ainda outro culpado: os judeus.

O **antisemitismo** pregava a ideia de que os judeus eram racialmente inferiores, e que a “raça” ariana, do branco puro (no caso o alemão, loiro e de olhos claros) era biologicamente superior às outras “raças”, e que o que era “inferior” deveria ser eliminado. Já na Itália, desenvolveram-se as ideias fascistas. A Itália, assim como a Alemanha, tinha saído arrasada da 1ª Guerra Mundial. A fome, o desemprego e a inflação causavam grande agitação social entre operários e camponeses.

A elite italiana resolveu apoiar o líder ditador Benito Mussolini, pois ele prometia acabar com o avanço dos movimentos socialistas e comunistas no país e resolver a crise econômica. Para isso, a ideologia fascista pregava todo o poder ao Estado e também fazia apologia à militarização e à disciplina.

A posição de concentração de poder no Estado e militarização de Hitler e Mussolini levou os dois países a assumirem posturas semelhantes, somando-se a eles o império japonês.

Defendendo a ideia de **espaço vital**⁷, esses países anexaram territórios por meio da ameaça ou da força militar, e em setembro de 1939 a Alemanha invadiu a Polônia; foi o **estopim**⁸. Em 17 de setembro de 1939, a Inglaterra e a França declararam Guerra à Alemanha. Começava a 2ª Guerra Mundial, que com o desenrolar dos acontecimentos e das batalhas envolveria drasticamente e de diferentes formas vários países, inclusive o Brasil.

A posição do Brasil

O Brasil, assim como vários países mais fracos em sua autonomia econômica e política (que chamamos de periféricos) procurou manter sua neutralidade, mas isso durou pouco tempo. Justamente pelas proporções de Guerra Total que a Segunda Guerra assumiu, pois as potências envolvidas no conflito, por diversos interesses econômicos ou geográficos estratégicos, foram envolvendo esses países, obrigando-os a tomarem posições.

A situação do Brasil foi se alterando depois dos avanços surpreendentes das forças alemãs até 1941. Em 07 de setembro de 1941, o Japão atacou a base militar norte-americana de Pearl Harbor no Havaí. Neste momento, os EUA e a URSS entram na Guerra formando as potências Aliadas (Inglaterra, EUA e URSS), contra as potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), e a guerra assume as proporções de guerra mundial ou total.

Neste contexto, o governo Getúlio Vargas tentava manter sua



Os líderes ditadores Benito Mussolini da Itália (ao fundo) e Adolf Hitler da Alemanha.

Fonte: studyinghistoria.blogspot.com



O racismo baseado em provas supostamente “científicas”, que hierarquizava de forma biológica as “raças”, é característico de fins do século XIX e começo do XX no mundo ocidental.

No Brasil também existiram essas ideias que desqualificavam o negro. No entanto, o racismo contra os judeus, que é chamado de **antisemitismo**, assumiu proporções desastrosas na Europa. Culminou no assassinato de milhões de judeus nos campos de trabalho forçado dos alemães durante a 2ª Guerra Mundial, lembrando que negros e ciganos também foram vítimas. É o que chamamos de **holocausto**.

⁵ **Estado Novo**: em 1937, apenas três anos depois da Constituição de 1934 (ver capítulo 2); Getúlio Vargas, com a desculpa de um perigo comunista, dissolveu o Congresso Nacional e a Constituição e outorgou outra que lhe deu plenos poderes. Acabou com o direito do voto e com a autonomia dos estados, indicando interventores para dirigir os estados e os municípios, era a “morte” do federalismo. A ditadura do “Estado Novo” durou até 1945.

⁶ **Tratado de Versalhes**: depois de terminada a Primeira Guerra Mundial, os países vencedores da guerra se reuniram no palácio de Versalhes na França para decidirem a nova ordem para o mundo. Resolveram então que a perdedora Alemanha deveria pagar duras multas em dinheiro, ceder grande parte de seu território e suas colônias para os vencedores, além de serem proibidos de organizar novamente um exército próprio e de produzir armas. As multas criaram uma situação de endividamento crônico, que contribuiu para a inflação, o desemprego e a fome da população.

⁷ **Espaço vital**: era a ideia de que o país necessitava de mais territórios para se desenvolver ou mesmo, sua sobrevivência dependeria de mais espaço.

⁸ **Estopim**: momento crucial; de grande importância para o desencadeamento de algum fato marcante.

neutralidade, pois mantinha comércio de petróleo e armamentos com a Alemanha, tendo também um tratado de comércio firmado com os EUA, assim, sua neutralidade significava vantagens comerciais. Os norte-americanos faziam “vistas grossas” a este comércio com a Alemanha, justamente por enxergar no Brasil um aliado estratégico, vejamos o porquê.

A costa do nordeste brasileiro era fundamental para defesa do continente americano e ficava geograficamente próxima à África, o que daria grande vantagem aos alemães, que se conseguissem o apoio brasileiro, invadiriam os domínios dos aliados neste continente. Dessa forma, os EUA passaram a atrair o Brasil para o seu lado.

O status de país periférico do Brasil não deixava muita opção, tinham de apoiar os EUA. Dessa forma, Getúlio aproveitou o momento para barganhar algumas vantagens com os EUA.

O governo ditatorial de Vargas tinha assumido um caráter nacionalista e desejava industrializar o país, que ainda tinha uma economia essencialmente agroexportadora. O país passou a fornecer matérias-primas para os países aliados, o que era feito em nome da causa da “liberdade”. O Brasil ainda permitiu que os EUA se instalassem nas bases militares do nordeste brasileiro. Dessa forma, estava protegido um dos locais estratégicos da Guerra.

Em troca dos “favores” brasileiros, os EUA fizeram grandes empréstimos para a construção da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), onde os norte-americanos forneceriam armamentos de última geração para a renovação da força militar brasileira.

No entanto, as forças do Eixo não gostaram muito do apoio brasileiro aos “aliados” e logo responderam. Entre fevereiro e agosto de 1942 submarinos alemães atacaram e afundaram nove navios brasileiros, matando mais de 600 pessoas. Tornou-se assim inevitável a entrada formal do Brasil na Guerra e a 31 de agosto de 1942 o governo de Getúlio declarou guerra às potências do Eixo.



Na reportagem acima o jornal “O Globo” denunciava mais um ataque das potências do eixo a navios brasileiros. Neste caso, tinham afundado o “Parnaíba” nas proximidades da ilha de Trinidad.
Fonte: <http://br.monografias.com>



Irineu Froner. Membro da AIB de Barretos com a farda integralista.
Fonte: Museu “Ruy Menezes”.
Acervo de Ivair Augusto Ribeiro



Você sabia?
A simpatia brasileira pelas forças do Eixo ultrapassaram meros acordos comerciais. O governo ditatorial de Vargas simpatizava com as ideias nazi-fascistas, por causa de seu caráter militar, patriótico e disciplinador. O movimento representante destas ideias aqui foram os membros da “Ação Integralista Brasileira” (AIB), chamados de “camisas verdes”, por causa do uniforme militar e em alusão aos “camisas pretas” do fascismo italiano. Ao todo, foram formados no Brasil mais de mil núcleos dos integralistas, inclusive em Barretos, cujo chefe do movimento foi Osório Faleiros da Rocha.
Fonte: Cotrim, 2005; Vitale, 1996.

Barretenses na Guerra

“O destino vos escolheu para a missão histórica de fazer tremular, nos campos de luta, o pavilhão auriverde e responder com a presença do Brasil às ofensas e humilhações que nos tentaram impor. Dedicai-vos de corpo e alma à vossa gloriosa missão”.

Getúlio Vargas em discurso de despedida aos pracinhas brasileiros, em 30 de junho de 1944 à bordo do navio “General Mann” que rumava para a Guerra.

Dentre os pracinhas que ouviram esse discurso do presidente estavam alguns barretenses pertencentes ao 1º esquadrão enviado à Itália. As palavras patrióticas de Getúlio Vargas eram características do Estado centralizador daquele momento.

Em 02 de julho de 1944 zarpava o navio norte-americano “General Mann” com os primeiros dos milhares de brasileiros que foram enviados aos campos de batalha na Itália. A FEB e a FAB brasileira estiveram subordinadas ao V Exército norte-americano e lutaram nas batalhas de Monte Castello, Castelnuovo, Collechio e Fornovo, todas em esforço vitorioso de tomar a Itália para as forças aliadas.

Entre esses brasileiros saíram de Barretos: *“Adair Paulino; Alcides Chiodini; Ângelo Zardini; Antero Soares do Prado; Antonio Vicentini; Armando Pianta; Clarismundo de Matos; Cyro Prado; Eurípedes Guimarães; Francisco de Assis Bezerra de Menezes; Irmo Bruschi Bianchi; João Baptista de Oliveira; Jonas Francisco Alves; Josino Venâncio Silva; Justo Laranjeira; Mário Lemos Ferraz; Moacir de Aguirra; Oscar Coutinho; Pedro Fontoura Pires; Pedro Paulo de Souza Nogueira Neto; Ramis Cúri; Ruy Rubens de Oliveira e Pedro Fortunato de Oliveira”* (Correio de Barretos, 24/05/1945). Contabilizando aproximadamente 23 pracinhas.

Os barretenses chegaram a se alistar para luta na FAB (Força Aérea Brasileira), mas por razões desconhecidas não foram à guerra. Os demais aviadores brasileiros haviam passado por treinamentos no Panamá e nos EUA. E os praças do exército receberam treinamento de norte-americanos no próprio Brasil e na parte da Itália já conquistada.

Os brasileiros entraram na Guerra num momento em que as forças aliadas já estavam ganhando, pois já haviam contado com a importante vitória do “Dia D”, em 06 de junho de 1944 na Normândia (França), tomando Paris em 25 de agosto.



Aviões caças e pilotos brasileiros durante fase de treinamento nos EUA.
Fonte: veja.abril.com.br/especiais_online/segunda_guerra.../sub4.shtml



O presidente Getúlio Vargas se despede dos pracinhas à bordo do navio General Mann.

Fonte: Coleção “Em Guarda”.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



No recorte de jornal acima é anunciada a abertura das inscrições de voluntários barretenses para aviação de Guerra. Segundo a notícia, no dia seguinte já se haviam esgotado as inscrições. O que foi considerado demonstração de solidariedade para com o chefe do Governo, Getúlio Vargas.

Fonte: “Correio de Barretos”, 03/08/1942. Acervo: Museu “Ruy Menezes”

Aos brasileiros coube a tarefa de conquistar o norte da Itália em longas e difíceis batalhas em solo montanhoso, que dificultava o avanço das tropas e durante um inverno rigoroso, ao qual nossos brasileiros de clima tropical não estavam acostumados. Imaginem os barretenses, que viviam em um sertão de sol escaldante, ter de lutar debaixo de neve e chuvas constantes!

Entre esses barretenses estava Francisco Assis Bezerra de Menezes, conhecido em Barretos como Bezerrinha. Bezerrinha foi autor de uma história que costuma arrancar suspiros dos corações mais românticos. Durante o período em que esteve nas batalhas, ele escreveu, com a ponta da faca, o nome de sua namorada, Lygia, na tampa da sua marmitta. Assim, ele expressava as saudades da amada e o desejo de retornar vivo para ficar com ela. Bezerrinha felizmente sobreviveu, voltou a Barretos e se casou com Lygia Guerra Bezerra de Menezes, com a qual viveu até falecer.

Entre uma batalha e outra, Bezerrinha, que também é autor de várias composições musicais, compôs em 1945 uma música para alegrar os expedicionários. Vejamos a letra:

*Cobra não fuma
Cobra nunca fumou.
Mas o Tedesco se meteu
O cachimbo ela acendeu*

*É só pena que vai voar.
Caiu Castelo
Vai ser dura agora a cana
Vou deixar a italiana,
Noutras terras vou parar,
Mas quando, enfim, a turma entrar
lá em Berlim
É só pena que vai voar.*

*Eu só espero
Que termine "esta guerra"
Pra voltar pra boa terra,
Onde vou desembarcar.
Se andando à toa
Eu topar com alguma boa
É só pena que vai voar.*

Vamos nos deter um pouco nesta música, pois ela nos conta muito sobre a história destes brasileiros e barretenses "heróis de Guerra". A expressão "a cobra vai fumar" é com certeza bastante popular no Brasil atualmente. Mas você sabe como ela surgiu?

Dizem que o presidente Getúlio Vargas, ávido por manter a neutralidade do Brasil perante a Guerra, costumava afirmar que o país só entraria na Guerra no dia em que a "cobra começasse a fumar"! No entanto, parece que "a cobra fumou", já que o Brasil foi pra Guerra. Pois o "Tedesco se meteu" (o alemão se meteu) e o "cachimbo ela acendeu/É só pena que vai voar". A expressão "pena que vai voar" faz referência à própria Guerra em metáfora às brigas de galo, que são muito violentas.

No momento em que Bezerrinha escrevia essa música, Monte Castelo na Itália já havia sido tomada, por isso a expressão "Caiu Castelo". Foi



Marmitta do Bezerrinha. Note-se a inscrição "Lygia".
Acervo: Museu "Ruy Menezes".



A "cobra fumando" se tornou o símbolo oficial da FEB. Era bordado nas fardas do exército brasileiro.
Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Bezerrinha (em primeiro plano) na 2ª Guerra Mundial.
Fonte: Museu "Ruy Menezes".
Acervo: Família Bezerra de Menezes.

uma das batalhas mais difíceis e mais demoradas para nossos brasileiros. Mas, a pior batalha veio depois, com a conquista do povoado de Montése, localizada acima da linha gótica⁹ alemã, onde os brasileiros sofreram muitas baixas (mortes).

Foi também importante para firmar a vitória brasileira, pois em 29 de abril de 1945, o general Otto Fretter Pico da 148ª Divisão Alemã rendeu-se aos brasileiros, sendo recebido pelo general das forças brasileiras Mascarenhas de Moraes nos povoados conquistados de Fornovo e Collechio.

O barretense Mário Lemos Ferraz, único expedicionário de Barretos ainda vivo, participou da dura batalha de Montése. Ferido gravemente no braço por estilhaços de granada, foi retirado para o hospital militar de Livorno, sendo que um médico norte-americano salvou o seu braço de ser amputado. Mário ainda contou em entrevista, que certa vez, quando ele e mais dois colegas estavam armando minas terrestres nas "terras de ninguém"¹⁰, uma das minas explodiu nas mãos de um deles, matando-o. Mário colocou o outro, gravemente ferido, nas costas e começou a correr antes que as outras também explodissem, e assim ele salvou a vida do seu sargento!

Antônio Zardini foi mais um dos expedicionários barretenses que participou de todo o período de guerra que o Brasil travou na Itália, voltando para contar sua história. Era fuzileiro e costumava caçar dos inimigos alemães chamando-os de "urus" (uma ave que foge aos bandos ao menor sinal de perigo) em suas entrevistas.

Contou que certa vez estavam atacando o inimigo e ele era o atirador de uma metralhadora norte-americana, a Browning calibre.30 (costureira), quando um alemão caiu "sem querer" na trincheira em que estava. Antes de conseguir pensar direito, o seu colega (o municionador – o que carrega a arma) sacou uma faca e matou o inimigo em luta corpo a corpo. No entanto, Zardini contou que o seu amigo sentiu remorso de ter matado daquela forma um jovem como ele, nunca se recuperando do episódio. Assim como esse colega de Zardini, e mesmo ele próprio, muitos outros pracinhas ficaram perturbados depois da Guerra, sofrendo os abalos psicológicos de tal tragédia. Foi o caso de Antonio Vicentini, que sofrendo de neurose, desapareceu em outubro de 1952.

Os brasileiros não usaram apenas as armas norte-americanas, todos os equipamentos eram do aliado EUA. Até mesmo as fardas, capacetes e o treinamento recebido. A Guerra foi especialmente difícil para os brasileiros, pois a escola militar do Brasil até então usava como referência de treinamento o método de guerra da escola francesa. No entanto, a França foi vencida em apenas alguns dias pela Alemanha, no início da guerra, demonstrando que o seu método de guerra de avanço lento em trincheiras estava ultrapassado, precisando ser renovado com métodos de guerra mais ágeis, de avanço rápido e batalhas urbanas.

Assim, os norte-americanos deram treinamentos rápidos aos brasileiros durante os anos de 1943 e 1944, antes deles embarcarem para as batalhas na Itália.

Os expedicionários brasileiros continuaram avançando ao norte da Itália, na sua "caça" aos facistas e nazistas, culminando com a execução do líder ditador Benito Mussolini por forças da resistência italiana, destacando-se nesta empreitada os líderes comunistas daquele país. Conseguiram a completa rendição da Itália no dia 30 de abril e 1º de maio de 1945.

No dia 25 de abril, a cidade de Berlim na Alemanha, encontrava-



Mário Lemos Ferraz
Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Antônio Zardini
Acervo: Roseli Tineli.

⁹ Linha Gótica: uma linha no território do norte italiano cheia de fortificações construídas pelos alemães para barrar o avanço do inimigo. Foi muito difícil para os brasileiros conseguir transpô-la.

¹⁰ Terra de ninguém: território que separava os dois lados da Guerra, que não havia sido conquistado por nenhum dos dois.

se cercada e no dia 30, Adolf Hitler se suicidou. No dia 08 de maio de 1945, deu-se a completa rendição da Alemanha. Esse dia ficou conhecido como o “Dia da Vitória” na Europa. No entanto, a Guerra só terminaria com o fim da resistência japonesa na frente Oriental. Para conseguir isso, os EUA infligiram cruel ataque com bombas nucleares às cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki (6 e 9 de agosto), matando milhares de civis inocentes.

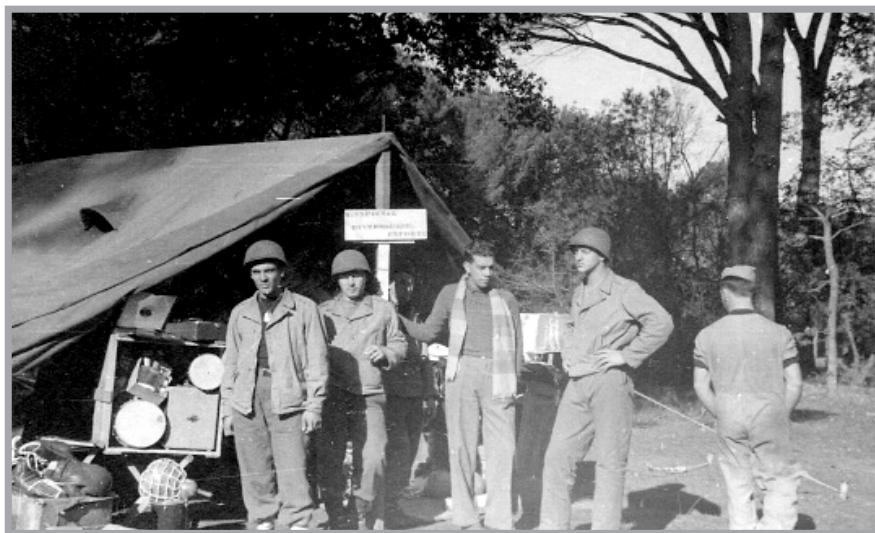
Cotidiano da Guerra

O exército norte-americano tinha o costume de providenciar diversões para os seus soldados durante a guerra, buscando “levantar a moral” de suas tropas e fazer com que eles conseguissem ganhar as batalhas. Você já deve ter visto nos filmes norte-americanos os shows envolvendo artistas femininas, música e dança para a diversão dos soldados. Pois bem, a FEB também tinha a preocupação de promover a alegria dos nossos praças.

Era promovido pelo Serviço Especial de Diversão para os soldados. Eles organizavam os shows na retaguarda¹¹, onde as tropas vinham descansar depois de dias seguidos de batalhas no front¹². Traziam artistas brasileiros para os shows, e, quando não conseguiam, angariavam talentos entre eles mesmos para as apresentações, um dos organizadores destes eventos era o já citado barretense, Bezerrinha. Além dos shows, os brasileiros chegaram a editar pequenos jornais com notícias da Guerra e do Brasil, como o “Zé Carioca” e o “Cruzeiro do Sul”. Outro ponto interessante era que esse serviço tinha a preocupação de fazer propaganda do Brasil e de seus produtos para os estrangeiros, visando futuros acordos comerciais ou o aumento do Turismo brasileiro!



O capacete norte-americano usado pelos praças brasileiros. Este capacete encontra-se em exposição no Museu “Ruy Menezes”.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Acampamento durante a Guerra. O primeiro da esquerda para direita é Bezerrinha.
Fonte: Museu “Ruy Menezes”. Acervo: Família Bezerra de Menezes.

No Brasil, as coisas também mudaram devido à situação de guerra. Por causa do conflito e dos bloqueios econômicos, o comércio internacional ficou prejudicado. Isso diminuiu a importação do petróleo, logo a gasolina passou a ser racionada e seu preço subiu (lembrando que não existia ainda a *Petrobrás*). O país, e também Barretos, adotou o gasogênio como fonte de energia para os motores. Não foi apenas a gasolina que sofreu racionamento, mas também muitos outros produtos,

¹¹ **Retaguarda:** território que durante a guerra já havia sido conquistado. Ficava atrás das linhas de combate, protegida por ela.

¹² **Front:** Frente de guerra; A linha de combate que encara o inimigo e tem a função de avançar, ganhando territórios, fazendo o inimigo recuar ou se entregar.

como a energia elétrica (não existiam ainda as grandes usinas), o gás, o querosene e até mesmo o pão!



*Padaria Luso-Brasileira em Barretos. Fila para comprar pão durante os tempos de Guerra.
Acervo: Museu "Ruy Menezes"*

No Brasil, os imigrantes italianos, alemães, japoneses e seus descendentes foram proibidos de circular pelo interior do país ou de sair e entrar dele sem o salvo-conduto¹³. Era como se eles se tornassem possíveis inimigos, e o governo via a necessidade de vigiá-los.

Os clubes de união dos estrangeiros e de difusão de suas ideias também sofreram mudanças no Brasil e em Barretos. Com a ascensão do fascismo na Itália na década de 1920, Benito Mussolini resolveu dar especial atenção às "Sociedades Italianas", a fim de fazer propaganda do governo fascista dentro da Itália e pelo mundo; isso também ocorreu no Brasil. Tal intento se concretizou através da seção política "Fascio", que disseminava as ideias do fascismo italiano e da seção do "Dopolavoro"¹⁴, que tinha a função de promover esportes e lazer para os trabalhadores depois da jornada de trabalho. Essas associações, de modo geral, foram agregadas à "Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Unione e Fratellanza" transformando-se em "Casas D'Itália".

Em Barretos, a "Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Unione e Fratellanza" foi fundada em 1895 e em 1936 transformou-se em "Casa D'Itália". Tinha a função de promover e conservar o patriotismo e a cultura italiana, de prestar socorro aos italianos com dificuldades financeiras e de prestar serviços em esportes e lazer. Essa associação agregava também as seções do "Dopolavoro" e da "Fascio" italiana.

Acontece que em 1938, o governo federal decretou que deveriam ser fechadas todas as instituições políticas estrangeiras. Devemos nos lembrar que em 1937, Getúlio Vargas instituiu uma ditadura chamada "Estado Novo", portanto não deveria haver nenhum partido ou facção política no país, todos estavam proibidos de existir. Além disso, havia a pressão internacional no sentido de cortar relações com o fascismo e o nazismo que já estavam no poder nesta época. Assim, foi fechada em Barretos a seção da "Fascio" italiana.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, a sociedade "Casa D'Itália" de Barretos foi dissolvida por despacho ministerial de 17 de

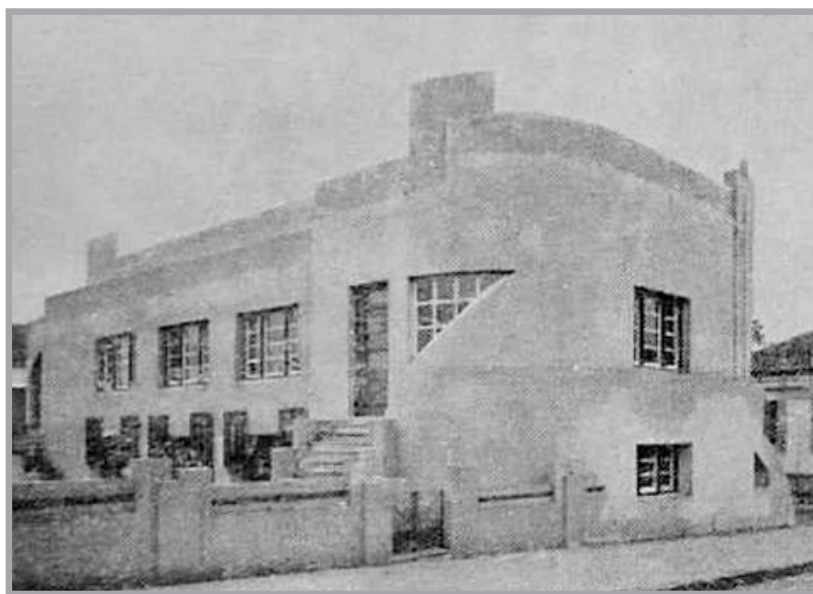


No Brasil, durante o período da Guerra, os italianos foram proibidos de falar sua língua de origem em público.

¹³ Salvo-conduto: é um documento que permite ao estrangeiro circular dentro de um território e costuma ser usado em período de guerras, mas no Brasil a sua existência é datada de antes da 2ª Guerra Mundial. Atualmente pode ser emitido para estrangeiros no país em situação irregular, que para poder circular precisam deste documento.
¹⁴ Dopolavoro: o Dopolavoro era um órgão da ditadura na Itália que tinha a função de promover o divertimento dos trabalhadores depois da jornada de trabalho. Benito Mussolini instituiu esse órgão com a finalidade de ganhar a simpatia dos operários e trabalhadores em geral. Com a mesma intenção ele outorgou a "Carta del Lavoro", onde eram enumerados os Direitos Trabalhistas do italiano. Cabe lembrar que Getúlio Vargas mais uma vez se inspirou nas ideias do fascismo italiano, pois os Direitos Trabalhistas brasileiros reunidos pela ditadura do Estado Novo na CLT (Consolidação das Leis de Trabalho) em 1943, foram inspirados na "Carta del Lavoro" italiana. Getúlio, assim como Mussolini, queria com isso conquistar a simpatia dos trabalhadores.

abril de 1945, pouco antes de terminar a guerra. Seu patrimônio, que era um prédio situado à rua 16, esquina com avenida 15, foi doado à “Associação de Assistência à Maternidade e à Infância”. Mesmo tendo terminado a guerra; em 1949 a “justiça” agiu mais uma vez e cancelou o registro jurídico e os estatutos da “Casa D’Itália”, pondo fim à sociedade barretense que promovia aqui o conagraçamento dos imigrantes italianos.

Esses acontecimentos nos levam a crer que mesmo tendo terminado a guerra, quando o governo fascista na Itália e a ditadura do “Estado Novo” no Brasil já tinham caído em 1945, os italianos ainda eram proibidos de se organizar em clubes e agremiações. São pistas das características conservadoras que assumiram os governos “democráticos” do pós-2ª Guerra.



Prédio onde funcionava a “Casa D’Itália”, transformado na sede da “Associação de Assistência à Maternidade e à Infância”, depois doado à Santa Casa. Tendo funcionado também como Câmara Municipal. Hoje o prédio não existe mais. Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. p. 43. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

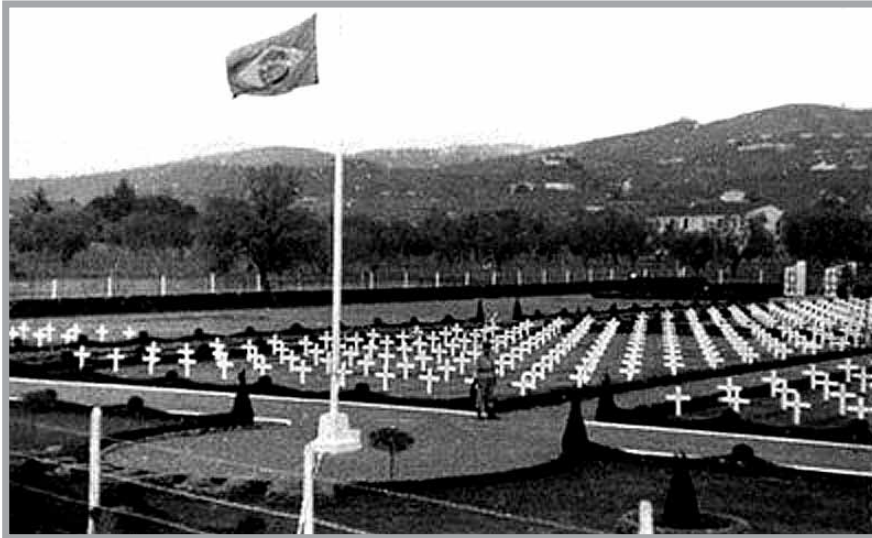


Pracinhas brasileiros posam para foto logo após a vitória de “Monte Castelo”. Fonte: segundaguerra.net/

Unidade III • Capítulo 3

Desta forma, entendemos que a situação de guerra abalou fortemente todos os cantos do país e do mundo de diversas maneiras, não apenas nos campos de batalha.

Após o término da 2ª Guerra, o mundo continuou sofrendo suas consequências pelas constantes lembranças, pelas lições que dela foram tiradas, mudanças políticas, econômicas e ideológicas que esta guerra causou.



Cemitério de Pistoia na Itália, onde estão enterrados 462 pracinhas brasileiros mortos em combate.
Fonte: avidanofront.blogspot.com



As mulheres foram de grande importância em todos os países envolvidos na Guerra. Assumiram postos nas indústrias, produzindo uniformes e armas para os soldados e nos campos de batalha atuaram como enfermeiras. As mulheres do Brasil também se voluntariaram para ajudar na Guerra. Na foto, algumas das enfermeiras da força brasileira. Fonte: www.segundaguerra.net/feb-as-primeiras-mulheres-militares/

As consequências da 2ª Guerra Mundial

Qual era o cenário mundial do pós-guerra?

A crise do modelo liberal (político e econômico) iniciada ao final da 1ª Guerra e aprofundada com a crise de 1929, levou a um redirecionamento dos modelos políticos e econômicos para uma democracia de práticas mais protecionistas e de um Estado intervencionista. Esse tipo de postura prevaleceu no pós-2ª Guerra Mundial, causando um surto de conservadorismo político e moral nos países ocidentais.

Ao mesmo tempo, o estandarte da “liberdade” empunhado pelas forças aliadas, não permitia mais a existência contraditória de um governo ditatorial no Brasil, e isto apressou a queda do “Estado Novo” de Getúlio ainda em 1945.

As barbaridades cometidas por ambos os lados da Guerra fizeram com que o mundo entrasse em profunda crise moral sobre os seus valores. Tanto os campos de extermínio de judeus montados pelos alemães, quanto as bombas nucleares lançadas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, são considerados crimes contra a humanidade.

Depois deste conflito horrendo, as populações passaram a refletir sobre as consequências de se tentar hierarquizar os humanos por ditames “biológicos” e “científicos”. Deixando de ser válida esta visão, que era até então aceita pela maior parte do mundo. O caminho de combate ao “racismo” ainda hoje não está vencido e é longo. É preciso que uma lição como a 2ª Guerra Mundial nos leve a refletir que o “racismo não está com nada”, que todos somos iguais, mesmo em nossas diferenças, sejam elas de cor, de credo ou de ideias.

Galeria dos Pracinhas que saíram de Barretos

Antônio Vicentini



Antônio Vicentini nasceu em Ituverava, São Paulo, no dia 18 de abril de 1917. Filho de Adolfo Vicentini e Leonora Martim Vicentini. Cabo do 6º Regimento de Infantaria, embarcou em 02 de julho de 1944 e retornou em 17 de setembro de 1945, com o DP/FEB. Devido à neurose de guerra, Vicentini encontra-se desaparecido desde o dia 31 de outubro de 1952.

Antônio Zardini



Nasceu em Colina em 05 de janeiro de 1917. Filho de Arthur Zardini e Angela Piai. Embarcou para a Itália no 1º Escalão, em 02 de julho de 1944. Fez parte da 6ª Companhia, Regimento de Infantaria. Lutou em Monte Castelo, Montése, Torre de Nerone, Fornesse e Monte Casino. Foi ferido em combate por estilhaço de granada durante conflito na região de Roma, voltou a Barretos depois de terminada a Guerra. Recebeu patente de 2º Sargento.



Um dos movimentos que lutaram contra o conservadorismo político, moral e cultural foi o *rock n'roll*. Foi um movimento musical dos jovens, que contestou, através das letras das músicas, da dança e do comportamento “livre”, a postura conservadora da geração anterior (seus pais) e do governo. É chamado também de contracultura (contra a cultura dominante) e iniciou-se na década de 50 nos EUA, passando em seguida para a Inglaterra e “contaminando” todo o mundo com a sua energia! O *rock'n roll* era uma verdadeira febre, para a loucura dos pais!

Ciro Prado



Provavelmente nasceu em São Paulo, pois lá há um monumento dedicado a seu nome, mas residia em Barretos quando foi para a Guerra. Era soldado do 1º Regimento de Infantaria. Embarcou para a Itália em 22 de setembro de 1944, partiu de Nápoles, na Itália em direção ao Brasil em 28 de agosto de 1945. Faleceu em São Paulo.

Clarismundo de Matos



Nasceu em Guaraci, São Paulo. Foi soldado do 6º Regimento de Infantaria. Era filho de Joaquim de Paula Matos e Osória do Carmo. Embarcou para a Itália com o 1º Escalão no dia 02 de julho de 1944. Saiu de Nápoles, na Itália, em 06 de julho de 1945 em retorno ao Brasil. Faleceu em São Paulo, dia 10 de maio de 1987 sendo sepultado no Cemitério da Quarta Parada.

Eurípedes Guimarães



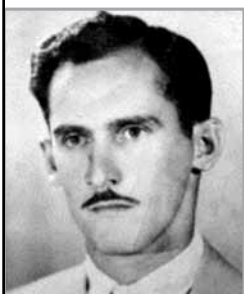
Nasceu em Igarapava, São Paulo, em 25 de junho de 1920. Filho de João Miguel Guimarães e Ricardina Maria de Jesus. Era da 4ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria e embarcou para a Itália no dia 02 de julho de 1944, com o 1º Escalão. Ferido na perna durante combate, na região de Torre de Nerone. Restabelecido, voltou para o *front*, mas devido aos ferimentos retornou ao hospital de Pistoia. 2º Sargento aposentado.

Francisco Assis Bezerra de Menezes



Nasceu em Barretos em 12 de abril de 1920. Filho de Francisco de Assis Bezerra e Inah de Lima Bezerra. Era advogado, formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Seguiu para a Itália no 2º Escalão em 22 de setembro de 1944. Fez parte do Serviço Especial comandado pelo Major Saldanha da Gama. Voltou ao Brasil como 2º sargento em 03 de agosto de 1945. Faleceu em São Carlos no dia 02 de junho de 1996, sendo seu corpo sepultado na cidade de Barretos.

Ilmo Brusqui Bianchi



Nasceu em 03 de setembro de 1919, na cidade de Ariranha, São Paulo. Filho de Horácio Bianchi e de Janosfa Brusque. Serviu durante a guerra na unidade 1/2ª Grupo do Regimento de Obuzes Auto Rebocado.

João Batista de Oliveira



Jonas Francisco Alves



Nasceu em Icém, São Paulo. Filho de Romualdo Francisco Alves. Formou-se em advocacia, foi casado com Eurides Francisco Alves. Foi assassinado no Paraguai e sepultado em Barretos no dia 30 de maio de 1986.

Josino Venâncio da Silva



Nasceu em Itambé, em 07 de julho de 1921. Filho de Ezequiel Pedro da Silva e Maria Rita do Nascimento. Embarcou no 2º Escalão em 22 de setembro de 1944. Foi transferido do 11º RI para o 6º RI. Voltou para o Brasil e residiu em Barretos, quando trabalhou na Prefeitura Municipal. Ficou doente e foi internado no Hospital Militar de São Paulo. Faleceu no dia 11 de maio de 1992.

Justo da Costa Laranjeira



Nasceu em Tabatinga, São Paulo, no dia 21 de maio de 1917. Filho de Manoel da Costa Laranjeira e Laura Fernandes Laranjeira. Embarcou no 1º Escalão, em 02 de julho de 1944. Durante os combates tentou o suicídio. Sofreu a neurose de guerra. Convidado a permanecer no Exército recusou e aposentou-se como 3º sargento.

Mário Lemos Ferraz



Nasceu em Barretos no dia 30 de maio de 1921. Filho de Izidoro Lemos da Silva e de Maria Ferraz da Cunha. Casado com Nair de Oliveira Lemos. Embarcou com o 2º Escalão, no dia 22 de setembro de 1944. Fazia parte do 11ºRI, de São João del Rei. Lutou em quase todas as frentes: Gaba, Monte Castelo e Montese. Ocupou o cargo de municionador, substituindo um soldado ferido no *front*.

Moacir Aguirra



Nasceu em Barretos e era filho de Francisco Aguirra e Margarida Aguirra. Era muito conhecido na cidade por ser um ótimo carpinteiro. Foi soldado do 6º RI, seguindo para a Itália no 1º Escalão no dia 02 de julho de 1944. Chegou ao Brasil em 18 de julho de 1945. Sofreu neurose de guerra; no ano de 1950 esteve internado na cidade de Franco da Rocha. Durante uma briga em São Paulo, onde residia, levou uma surra da polícia e em consequência disso veio a falecer.

Oscar Coutinho



Nasceu em 27 de dezembro de 1918. Filho de João Evangelista Coutinho e Amélia F. Coutinho. Embarcou com o 1º Escalão no dia 02 de julho de 1944. Combateu em diversas frentes como Monte Castelo, Montese e Monte Prano, onde foi ferido. Depois passou a residir em Cuiabá, no Mato Grosso, onde faleceu.

Rui Rubens de Oliveira



Nasceu em Frutal, Minas Gerais, no dia 22 de abril de 1922. Filho de José Cândido de Oliveira e Nair Pires. Rubens era da 1ª Companhia do 2º Escalão, embarcando para a Itália dia 22 de setembro de 1944. Era aposentado no Exército como segundo sargento. Faleceu em Barretos no dia 04 de fevereiro de 1986.

Pedro Fontoura Pires



Pedro Paulo de Souza Nogueira Neto



Nasceu em Araraquara, estado de São Paulo, no dia 08 de agosto de 1923. Filho de Heli Jarbas de Souza Nogueira e Maria Angelina Leitão Nogueira. Fez seus estudos primários e secundários em Barretos. Embarcou para a Itália no 2º Escalão em 22 de setembro de 1944. Serviu a guarda pessoal do Comandante da FEB General Mascarenhas de Moraes. Faleceu em São Paulo no dia 25 de agosto de 1988.

PROPOSTA DE ATIVIDADES NO CADERNO

Na década de 1920 chegava ao Brasil a novidade do rádio e a transmissão radiofônica, que encantavam e causavam espanto nas pessoas daquele tempo, era mais uma novidade da vida moderna. Mas, foi nos anos 1940 e 1950 que se deu o auge do rádio no Brasil, período que ficou conhecido como a “Era de Ouro do Rádio”. No entanto, devemos saber que até meados da década de 40 estávamos no período da ditadura do Estado Novo, portanto, todos os meios de comunicação, (inclusive as emissoras de rádio) sofriam censura do governo. Este, as aproveitava para fazer propaganda do regime.

A novidade virou febre, principalmente com as radionovelas e shows de artistas ao vivo. No entanto, não era apenas para ouvir as radionovelas que o ouvinte da década de 1940 ligava o rádio. Com os tempos de guerra, as pessoas ficavam “ligadas” nas novidades do *front*. Era incrível poder saber pelas ondas do rádio tudo o que acontecia nas frentes de batalha na Europa, saber o que se passava com os brasileiros na Itália. E claro que a indústria e o comércio ligados a este ramo, não perderiam a oportunidade de aumentar suas vendas. Vejamos este anúncio:

CONFIANÇA

Durante estes tempos adversos é de máxima importância conservar alertas todas as vias de comunicações. Os destróieres americanos têm este trabalho a seu cargo, e o povo americano enfrenta o futuro na segurança que seus destróieres desempenham satisfatoriamente sua missão. Os possuidores da Zenith podem ter a mesma confiança nos instrumentos musicais Zenith. A universalmente reconhecida superioridade destes receptores de rádio asseguram uma recepção suprema, uma tonalidade incomparável e uma duração sem igual.

Com a recepção mundial da Zenith é possível captar a "nota" das ondas aéreas quando se dão os acontecimentos — em qualquer parte.

ZENITH
LONG DISTANCE RADIO

INVARIÁVEL EM TODOS OS CLIMAS

O Zenith oferece a verdadeira selectividade de faixa expandida.

Agentes em todas as cidades principais.

SEGUNDA GUERRA

Responda no seu caderno:

- 1) Qual elemento da guerra é utilizado para ser comparado ao rádio na propaganda? Por que?
- 2) Faça um pequeno texto ressaltando o símbolo do rádio na modernidade, e qual a importância deste aparelho nos tempos de guerra.



Unidade III

Referências

ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a segunda guerra mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed da PUC-Rio, 2000.

COTRIM, Gilberto. **História global**: Brasil e geral. Vol único. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). Tradução: Marcos Santarrita; revisão: Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FRIEDLANDER, P. **Rock and Roll**: uma história social. RJ: Record, 2002.

MAZOWER, Mark. **Continente sombrio**: a Europa no século XX. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao48/materia06/>

<http://segundaguerra.net>

<http://www.almanaquebrasil.com.br/ciencia/8001-incrivel-era-do-radio.html>

<http://www.exercito.gov.br/web/guest/jornal-da-guerra>

<http://www.portalfeb.com.br>

Livros, jornais, documentos e fotos do Museu "Ruy Menezes".



Unidade IV • Capítulo 1

Temas da História Barretense



As tipografias eram oficinas de produção dos jornais e começaram a ser utilizadas no Brasil no século XIX, até meados do XX. Dentro das tipografias podiam ser feitos jornais, revistas, convites de casamento, batizado e enterros, dentre outros tipos de impressos. As letras do alfabeto eram esculpidas separadamente, formando os “tipos”. Para formatar a reportagem do jornal, o tipógrafo tinha que formar palavras com os “tipos”, depois passando tinta sobre os mesmos e comprimindo-os contra o papel. Desta forma ele obtinha o texto impresso.

Comunicação

Desde a Pré-História até a Idade Contemporânea onde cá estamos, a necessidade de comunicação rondou os homens do planeta Terra. Fosse através da arte nas paredes de cavernas, pelas inscrições em tabuletas de argila ou ainda pelas palavras transcritas nos papiros e mais tarde em livros, a humanidade sempre usufruiu das palavras e das imagens para fazer circular informações ou deixar seus vestígios escritos para a posteridade. Além da escrita, o homem também desenvolveu a comunicação oral, onde os discursos, palestras, aulas, reportagens ouvidas no rádio ou assistidas na televisão, foram capazes de formar tradições, gerar reflexões, criar ideologias e desenvolver atitudes modernas. As várias maneiras que o homem utilizou para se comunicar, escrita ou oralmente, fazem parte da experiência humana e por isso são também fontes históricas. Por isso, vamos estudar neste capítulo recortes históricos da imprensa, do rádio, do telefone, do correio e da televisão em Barretos, há mais de cem anos atrás.

Imprensa

A chegada da imprensa em Barretos aconteceu no período da Primeira República no Brasil, ou seja, na transição do século XIX para o XX. Nesta época, como já estudamos, Barretos tentava edificar-se como uma cidade, pois acabara de se tornar comarca, e então surgiam suas primeiras instituições administrativas, culturais, religiosas e sociais. Dentre estas, estavam as oficinas de jornais, que desde o início mostravam-se ávidos instrumentos de propagação política, principalmente a republicana.

O Sertanejo

Aconteceu a partir de 1900 a circulação do primeiro jornal em Barretos. Chamava-se **“O Sertanejo”**, foi publicado pela primeira vez em 31 de março daquele ano e tinha como redator-chefe o Cel. Silvestre de

Lima (aquele líder político que estudamos na Unidade II). Tratava-se de um jornal hebdomadário, isto é, publicado uma vez por semana e com tipografia própria (veja a definição no “Você Sabia?”) que ficava na “Rua Prudente de Moraes” (hoje rua 14).

Este jornal possuía já nas primeiras edições pelo menos oito colaboradores, correspondentes em três cidades, reportagens sobre acontecimentos na cidade e na região (às vezes até mundiais), colunas especiais como a “**Matutando**”, com charadas e a “**Noticiário**”, com acontecimentos sociais, viagens, crimes, aniversários, óbitos, casamentos, alistamento eleitoral e etc... A coluna “**Societá Italiana Di Mutuo Soccorso Unione e Fratellanza de Barretos**” exibia **matérias em italiano** para aqueles imigrantes que ali viviam. Sendo válido notar que, aqueles que escreviam e liam a coluna em italiano eram imigrantes da elite, ou seja, sabiam ler e escrever e tinham acesso à vida social, intelectual e às atividades urbanas.

“O Sertanejo” era também o espaço para a disseminação da **cultura poética**. Nele, eram publicadas poesias de autores parnasianos¹ como Olavo Bilac, Amadeu Amaral, Raymundo Corrêa, Silva Ramos e Alberto de Oliveira. Porém, o poeta que mais era exibido no jornal “O Sertanejo” era Silvestre de Lima, que antes de vir para Barretos passou por experiências intelectuais no Rio de Janeiro, onde teria tido contato com poetas como Bilac, Cruz e Souza e até Machado de Assis.

Existia também no jornal a coluna “**Chronica da Terra**”, escrita pelo Cel. João Carlos de Almeida Pinto, sob o pseudônimo de “João Bobo”. Nesta coluna, Almeida Pinto retratava os acontecimentos sociais e humorísticos da cidade em versos rimados. Veja como exemplo a rima abaixo feita por ele, demonstrando sua amizade com o Cel. Raphael da Silva Brandão:

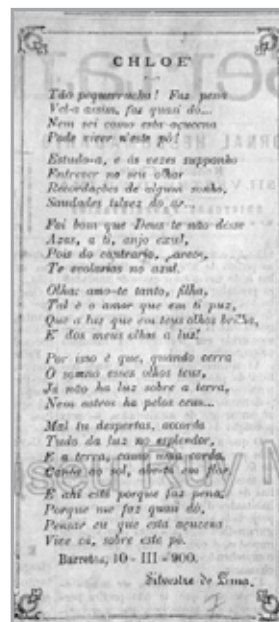
Eu também lá fui à festa do meu amigo Muniz: foi uma noite de risos, foi uma noite feliz! Como o compadre Brandão, arroz doce sou de festa; baile em que não estamos, é ruim, é feio, não presta! “O Sertanejo”, 27/10/1900, p. 2.

Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Outra coluna de fato interessante no jornal foi a “**Tradição de Barretos**”, onde Jesuíno de Melo, agrimensor e intelectual, registrou os primeiros indícios da história da cidade. Naquele espaço que durou poucas edições, Jesuíno analisou depoimentos colhidos por ele dos moradores mais antigos de Barretos, aqueles que conviveram com as famílias Barreto, Marques e outras também antigas. Nota-se ali no jornal, uma tentativa de criar um passado local, para que os habitantes da cidade pudessem se identificar com uma história e memória particular da pequena Barretos.

Dentre tudo o que foi abordado sobre “O Sertanejo”, talvez o mais importante de se analisar sejam as reportagens que conduziam a população a um **disciplinamento social**. Como naquela época a sociedade brasileira tentava adaptar-se aos novos modelos sociais trazidos pela República, os intelectuais e políticos de Barretos também se curvavam a estes novos hábitos e buscavam trazê-los ao povo de Barretos.

Procurava-se formar uma comunidade em Barretos que tivesse como instrução pública a educação, a saúde e a cultura. Eram publicadas reportagens de capa sobre a importância da frequência escolar, do asseio do corpo, da prevenção de doenças através das campanhas de



Poesia “Chloé” de Silvestre de Lima (Chloé era uma das filhas de Silvestre), Jornal “O Sertanejo”, 12/5/1900, p. 2.

Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

¹ Autores parnasianos: refere-se a poetas que se inspiravam no Parnasianismo, corrente literária que compunha poesias baseadas na perfeição da rima e da métrica.

vacinas. Os documentos como certidão de nascimento, casamento e óbito retirados no cartório, bem como o atestado de vacina, também eram sempre mencionados na tentativa de orientar a população aos órgãos civis. Anúncios de peças teatrais ou filmes eram publicados nas últimas páginas do jornal, com o objetivo de tornar a cultura artística e intelectual hábitos comuns na comunidade, sendo que os artistas desses teatros eram os próprios coronéis.



Capa de "O Sertanejo", com destaque às "Instruções Sanitárias". Fonte: "O Sertanejo", 27/4/1902, p.1. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Anúncio de espetáculos teatrais com os nomes dos coronéis. Fonte: "O Sertanejo", 14/4/1900, p.5. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Enfim, com alguns anos de parada, "O Sertanejo" foi publicado de 1900 a 1914. Como um órgão republicano e político, este jornal foi simultaneamente instrutor da sociedade da época e alvo de jogos políticos. Sua publicação ficou alguns anos suspensa, até que em 1909, por ocasião da campanha civilista, voltou a funcionar. Hoje, um exemplar encadernado dele (não contendo todas as edições) compõe o acervo jornalístico do Museu Histórico, Artístico e Folclórico "Ruy Menezes" e, na intenção de preservar o material, já está inteiramente digitalizado para o uso de pesquisa a historiadores e curiosos.

A eclosão de jornais nos anos de 1910 aos de 1950

Nos anos iniciais do século XX, não só "O Sertanejo" compunha a imprensa de Barretos. Outros jornais foram publicados com a direção de diversas pessoas, defendendo ideais políticos diferentes. Isso porque, nesta época, o jornal era o principal veículo de propagação política existente na cidade, já que o rádio ainda não existia por aquelas bandas. Era no jornal que se lançava campanhas de políticos, seus discursos, suas críticas e promessas. Exemplos de jornais com modelos explícitos de política foram "O Popular", cujo fundador foi Riolando de Almeida Prado (aquele prefeito de 1926 que você viu na Unidade II) e "Tribuna de Barretos", que teve Osório Rocha entre outros colaboradores.

Outros jornais eram publicados na mesma época, porém segundo os ditames da moral católica, como era "A Semana", originado em 1925 com os jornalistas Paulo Bezerra de Menezes e Luis Xavier Teles. Segundo Ruy



Cel. Silvestre de Lima em pose para fotografia de estúdio. Percebe-se a imagem dele como um intelectual pela postura sentada de leitura e o papel que segura em sua mão. Fonte: ANDRADE, A. 1918. Acervo: Roseli Tineli.



Paulo Bezerra de Menezes, fundador de "A Semana". Fonte: "A Semana", 11/8/1946, p.1. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Menezes, este jornal funcionou até o final da década de 70, atingindo mais de cinquenta anos de funcionamento. “A Semana” anunciava, dentre outras coisas, campanhas em prol de entidades assistenciais como a Santa Casa, reportagens sobre a cidade e propagandas do comércio local, produtos importados e até de remédios. Falando nisso, médicos e advogados eram grupos sociais que muito procuravam o jornal para anunciar seus serviços. Afinal, numa comunidade recente, como era Barretos no início do século XX, esses tipos de trabalho não eram tão procurados.

Um jornal que possuía muitas propagandas de médicos e demais profissionais liberais foi o “Diário de Barretos”, em sua primeira fase (1917). Este jornal teve aproximadamente cem dias de duração e, dentre suas principais reportagens, destacou o escândalo do serviço de água e esgoto na época.

O jornal era a referência da vida social de Barretos, tanto que muitos pesquisadores que analisam a política, a cultura, a economia e sociedade naquela época, utilizam-no como fonte de pesquisa. Acredite, até os anos 50, os barretenses publicaram mais de oitenta folhas na cidade. Veja a tabela abaixo e confira os nomes destes jornais em ordem alfabética:

Jornais publicados em Barretos Anos de 1900 até a década de 1950

Nome	Data	Nome	Data
Abelha (A)	15/9/1912	Gazeta do Povo	7/9/1922
A.C.I.R.B	01/1944	Grêmio (O)	7/8/1935
Album (O)	09/1929	Imparcial (O)	5/1/1918
Alfinete (O)	20/01/1935	Jornal de Barretos	1919
Almofadinha (O)	9/9/1922	Jornal de Notícias	23/8/1917
Aurora Colegial	12/6/1932	Jornal Pequeno	12/6/1927
Bandeira (A)	7/11/1935	Juvenil (O)	7/5/1922
Barretense (O)	1907	Kermesse (A) (1ª.)	30/5/1911
Binóculo (O)	28/10/1917	Kermesse (A) (2ª)	11/5/1918
Camélia (A)	21/10/1917	Lágrima (A)	21/10/1917
Carta (A)	1/3/1914	Lápis (O)	1913
Charleston	9/1/1927	Magnólia (A)	10/8/1913
Cidade de Barretos	9/1/1919	Medaglia d’Oro	12/1912
Combate (O)	18/1/1928	Mercurio	3/1944
Comercinho (O)	14/2/1919	Metralha (A)	12/6/1927
Comércio	4/6/1916	Miniatura (A)	5/2/1919
Comércio de Barretos	13/3/1910	Mocidade	13/2/1934
Correio (O)	3/1/1931	Nosso grupo	1947
Correio de Barretos (1ª.)	30/8/1906	Notícia (A)	24/1/1934
Correio de Barretos (2ª)	20/1/1937	Olho (O)	22/10/1933
Correio de Barretos (3ª)	7/9/1937	Orbe (O)	1909
Diário de Barretos (1ª.)	1/7/1917	Palavra (A)	4/9/1930
Diário de Barretos (2ª)	31/1/1946	Pão Duro	-
Doutrina (A)	25/12/1927	Pepineira	31/3/1924
Eden-Jornal	9/6/1929	Popular (O)	31/3/1924
Espantalho (O)	5/8/1928	Propaganda (A)	7/1912
Estudante (O) (1ª.)	5/5/1932	512-Jornal	7/12/1927
Estudante (O) (2ª.)	1948	Roteiro (O)	1/7/1932
Evolução (A)	6/10/1910	Salve!	-
Falena (A). rev.	7/1920	Semana (A)	15/10/1925
Farol (O)	5/11/1933	Sertanejo (O)	31/3/1900
Ferrão (O)	1/1/1922	Trevo (O)	1909
Fita (A)	7/6/1914	Tribuna de Barretos	9/10/1921
Florete (O)	1/1/1922	Tribuna do Povo	25/8/1928
Folha de Barretos	1/12/1909	União (A)	4/8/1935
Folha de Barretos (A)	1/4/1933	Vida Comercial	20/6/1927
Folha de Graça	8/12/1929	Violeta (A)	4/8/1912
Galhofoeiro (O)	2/2/1919	Voz Pública (A)	21/2/1914
Gancho (O)	9/1922	Xilique (O)	19/6/1932
Garoto (O)	6/8/1922	Zabumba	10/2/1935
Gazeta de Barretos	5/7/1916		

Fonte: ROCHA, O. Barretos de Outora, p. 217-8-9.



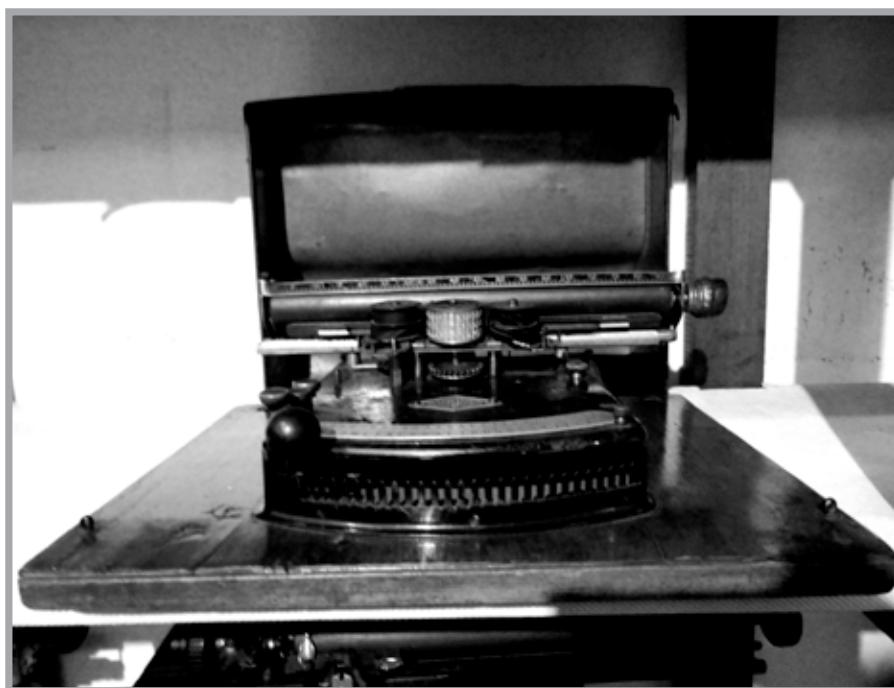
Há 107 anos, foi lançada a primeira revista infantil brasileira: “O Tico-Tico”. O Museu “Ruy Menezes” tem dois exemplares dessa revista dos anos 40.



Em julho de 1944, o jornalista Paulo Bezerra criticou na imprensa a ação do sub-delegado de polícia na época. Com base na Lei de Segurança Nacional, foi aberto um processo crime. Em sentença de dezembro do mesmo ano, o tribunal absolveu o acusado. A decisão favorável a Paulo Bezerra parece ter repercutido até mesmo nas grandes cidades do país, como uma vitória da imprensa. Fonte: MENEZES, Ruy. 1985. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

A partir da observação dos nomes e datas dos jornais, verifica-se que na primeira metade do século XX surgiram muitos jornais na cidade, dos mais variados tipos, ideologias e proprietários. Existiam jornais dos setores políticos, religiosos, estudantis, imigrantes, econômicos e informativos; enfim dos mais sortidos grupos da comunidade. Outro comentário notável é em relação aos nomes, alguns muito curiosos e engraçados, mas a maioria com relação à cidade, às atividades que ali se desenvolviam e ao povo. Como exemplo “O Comércio”, “O Popular”, “A Voz Pública”, “O Imparcial”, “A Evolução” e outros.

Para escrever suas reportagens, os jornalistas do passado possuíam como ferramenta de trabalho a **máquina de datilografar**. Máquinas como essas já passaram por modelagens diversas, mas sempre tiveram presentes no trabalho dos escritores. Sabendo disso, observe a imagem abaixo que mostra a máquina de escrever “Gundka” de 1910. Ela faz parte do acervo do Museu Histórico, Artístico e Folclórico “Ruy Menezes”, e é um modelo muito antigo. Tão antigo que possuía suas letras dispostas em um único cilindro, que possuía um dispositivo que quando acionado, movia-se de um lado para outro de acordo com o sistema do alfabeto. Esta máquina foi superada pelos modelos mais modernos com sistema de teclado, que permite o uso de todos os dedos tornando o trabalho de datilografar mais rápido:



Máquina de escrever do tipo “Gundka”, 1910. Acervo: Museu “Ruy Menezes”

Depois das tipografias, as oficinas gráficas e de jornais começaram a aparelhar-se com as linotipos (ver definição no “Você Sabia?” ao lado). Em Barretos, José Tedesco, proprietário da Gráfica Tedesco, foi o primeiro a trazer a novidade dada ao final dos anos 40. O aparelho de composição era considerado como última tecnologia no ramo da gráfica e imprensa, por isso sua repercussão na cidade foi tamanha, como pode se observar nos jornais da época e no convite de inauguração da linotipo da Gráfica Tedesco:



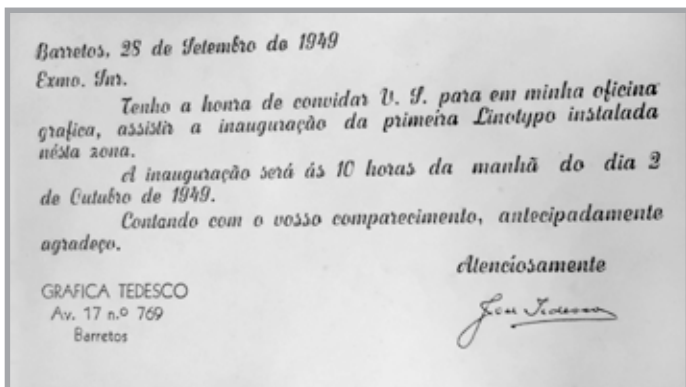
A linotipo foi uma máquina inventada no século XIX. Era usada para impressão de jornais, convites, folhetos e diversos impressos no passado. Seu nome vem de “linha de tipo”, que eram as linhas compostas pelos tipos (letras que agregadas formavam as palavras e as frases). O advento dessa prensa funcionava pelo sistema e composição de chumbo, o que podia causar danos ao seu operador, o “linotipista”.

Atualmente, existem alguns municípios do Brasil que ainda sustentam esta técnica da linotipo. No entanto, as técnicas de hoje são em sua maioria a impressão *offset*.

A introdução de uma máquina moderna e desconhecida de muitos numa indústria citadina, é sempre motivo de natural curiosidade e de envaidecimento daquele que a apresenta. Daí, a natural curiosidade de quantos param à porta da “Gráfica Tedesco” para ver o funcionamento da nova linotipo que o sr. José Tedesco adquiriu, modernizando sua oficina de artes gráficas. “A SEMANA”, 2/10/1948.

É de tal monta a influência de uma linotipo no desenvolvimento da imprensa, que o cronista futuro, ao escrever a história das atividades jornalísticas de Barretos, terá que dividi-la em duas fases distintas: antes e depois da linotipo adquirida por José Tedesco. “A SEMANA”, 15/10/1948.

Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Convite de inauguração da linotipo da Gráfica Tedesco. Fonte: álbum da família Tedesco. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

As declarações sobre a linotipo continuaram a aparecer nos jornais da cidade, fosse para anunciar a montagem, instalação ou inauguração do aparelho. Com o tempo, as linotipos foram sendo incorporadas nas gráficas e oficinas de produção de jornais. Diz-se que seu uso causava vantagens pela rapidez na impressão e pelo custeio barato do material produzido.



Oficina e Auxiliares da Gráfica Tedesco. Fonte: MENEZES, José; TEDESCO, Ruy. 1954. p. 22. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Anúncio da Gráfica Tedesco com destaque à linotipo.

Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. p. 22.

Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Dos anos 60 aos tempos atuais

Os anos 60 e 70 no Brasil foram marcados por uma política conturbada e por uma efervescência cultural. Enquanto a política se conservava nos moldes da ditadura, movimentos culturais de resistência também se manifestavam nas grandes cidades brasileiras. Neste contexto, a imprensa brasileira se inseria dentro destes parâmetros, fosse apoiando o governo, já que este tinha órgãos específicos que censuravam certas matérias jornalísticas; ou correndo riscos de se manifestar contra o mesmo. No entanto, ao observar o tempo dos lugares, a imprensa de Barretos continuava nos mesmos modelos até então empregados no jornal, isto é, destacando mais os acontecimentos locais. Foi a partir do final da década de 1960 e início dos anos 1980, que a imprensa começou a mudar através da criação de novos jornais.

No fim da década de 1960, se têm notícias de pelo menos cinco jornais que circulavam na cidade. Eram eles: “A Semana” (bi-semanário) dirigido pelo sr. Paulo Bezerra de Menezes, “Correio de Barretos” (bi-semanário) do jornalista Ruy Menezes, “Cidade de Barretos” (bi-semanário) dirigido pelo sr. Clodoaldo F. Bueno, “MiniJornal” (semanário) de propriedade do sr. Wander Ramos e “O Diário de Barretos” (diário) do Sr. Monteiro Filho. “A Semana” e “Correio de Barretos” eram os mais antigos até então, sendo o “Correio de Barretos”, nesta época de propriedade do jornalista Ruy Menezes, editado em sua terceira fase (desde o final da década de 1930).

“O Diário de Barretos” era o mais novo destes apontados, foi lançado em 1º de abril de 1969 pelo jornalista João Monteiro de Barros Filho e Joel Waldo Dal Moro, amigos repórteres que já trabalhavam juntos no rádio, a “Reportagem Que Não Pára”. “O Diário de Barretos” continua a ser editado atualmente.

Além deste, o “Jornal de Barretos”, criado em 1º de agosto de 1985, tendo como diretor naquela época o Sr. Raze Rezek e editor responsável Sr. Luiz Carlos Messias da Silva. Este periódico também circula na cidade até os dias de hoje. No início de sua publicação, o mesmo jornal funcionava no sistema linotipo, com gráfica e redação na avenida 31. Atualmente, as redações funcionam no mesmo prédio da Rádio Jornal AM, também de propriedade do grupo Jornal de Barretos Comunicações.



Na época de sua criação, o jornal “O Diário de Barretos” funcionava no sistema linotipo, de composição de chumbo. Inicialmente funcionou na avenida 17 e hoje é parte integrante da Organização Monteiro de Barros, localizada na Praça Joel Waldo Dal Moro.



Jornal de Barretos. Ano II – 1986
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Nas décadas de 1970 e 1980, foi disponível à população brasileira o acesso à informática, ao computador. Nesta época, muitas empresas passaram a utilizá-lo como ferramenta de trabalho, usada principalmente para armazenar dados e para instalação de programas. O computador da foto acima é um “Prológica” de 1983, que pertenceu à antiga FEB (Fundação Educacional de Barretos) e hoje é parte do acervo do Museu “Ruy Menezes”. Aos poucos, esta máquina inovadora chegava também às redações de jornais, as quais aposentavam a antiga máquina de datilografar. Hoje, disponibiliza além de tudo isso, o acesso à internet que facilita a comunicação social.

Correios

Atualmente, a necessidade de comunicação entre pessoas de todo o mundo é tão grande, que se desenvolveu ao ponto de ser estabelecida entre segundos numa via de e-mail. Mesmo assim, é indispensável às cidades o papel dos correios, compostos por agências postais em todo o Brasil, que levam correspondências de um canto do país a outrem. Deste modo, fica difícil imaginar a dinâmica de uma cidade sem um correio. E assim era Barretos na transição do século XIX para o XX, uma recém-cidade que tinha a sede de correio em Araraquara e depois em Jaboticabal.

A **primeira Agência Postal de Barretos**, de correios e telégrafos que se tem notícia (data de 1906), instalada na antiga Rua Prudente de Moraes (hoje rua 14). Depois disso, a imprensa barretense citou nomes de agentes postais nos anos de 1909 e 1917, mas nada sobre a própria agência. Em 1920, cogitava-se a ideia de transferir a sede do correio para outro prédio na mesma rua. O problema é que tal local era muito pequeno em relação ao volume de serviços necessários à agência de Barretos. Foi então que, jornalistas protestaram contra esta nova sede e reivindicaram respostas por parte da Agência de Correios de São Paulo, até que conseguiram a instalação da agência na Praça Francisco Barreto.

A atual localidade da Agência de Correio de Barretos, na rua 14 entre as avenidas 15 e 17 originou-se em 22/01/1961 quando foi inaugurada sua nova Agência de Correio e Telégrafos.



Prédio, em primeiro plano, onde funcionou o Correio à rua 14.
Fonte: Jornal "Barretos Memórias". 1988. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Local onde funcionava a agência de correios e telégrafos em Barretos, na década de 1950. Avenida 17, entre ruas 20 e 22. Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. P. 35. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Os telégrafos eram aparelhos que usados por meio de sinais convencionados, transmitiam mensagens rapidamente e a distância através do fio.
Fonte: <http://www.historiadetudo.com/telegrafo.html>

Telefone

Rosário: - Alô!

Telefonista: - O número, por favor.

Rosário: - 25.

Minutos depois...

Fátima: - Alô!

Rosário: - Oi comadre, aqui é a Rosário. Como é que "tá"?

Esse é um exemplo de conversa telefônica do início do século XX. Com o surgimento do telefone nas cidades brasileiras, as pessoas passaram a utilizar este aparelho frequentemente no cotidiano. A cidade que tinha central telefônica e a disponibilidade de linhas telefônicas à população era considerada "progressista" e "moderna". Deste modo, o telefone era um aparelho de alta tecnologia que facilitava a comunicação entre os indivíduos.

Como se vê no diálogo acima, para conseguir fazer uma ligação e conversar com a pessoa do outro lado da linha que desejasse, era necessário a intermediação da telefonista. Esta, por sua vez, operava um sistema de *plugs* que conectava o número correspondente ao que era pedido. Depois de alguns minutos, o pedido solicitado era realizado e a ligação telefônica concretizada. O trabalho na telefonia era predominantemente feminino, desde a origem, em razão de ser um trabalho menos penoso e mais sociável, (o que não significa que não era exaustivo). Além disso, o trabalho da telefonista era operado num lugar fechado, portanto "protegido". Em Barretos, empresas como a "Companhia Paulista de Estradas de Ferro" de Barretos e o "Frigorífico Anglo" tinham salas específicas para o trabalho das telefonistas.



Central Telefônica do Frigorífico – década de 1920.
Acervo: Museu "Ruy Menezes"



Aparelho telefônica, década de 1910.
Acervo: Museu "Ruy Menezes"



Pilha para telefone
Acervo: Museu "Ruy Menezes"

Data entre 1907 e 1908 a primeira instalação de serviço telefônico em Barretos, concedida a Antonio Witzel para a execução do serviço telefônico e todas as suas necessidades técnicas. Em 1917, tal serviço foi concedido à Empresa Orion (que tinha sede em Campinas), e depois em 1928, à Companhia Telefônica Brasileira (que não era brasileira, tinha sede no Canadá). Nesta época, funcionava a estação central de Barretos num prédio da rua 20, que estava sob condições precárias e precisava ser reformado ou mudar de lugar.

Com algumas dificuldades, o prédio da estação central de Barretos foi remodelado em 1930, e em 1939 foi inaugurado o novo serviço telefônico da cidade.



Credita-se à Alexander Graham Bell a invenção do telefone em 1876 (data do centenário da Independência Americana).

Diz-se que Graham Bell mostrou sua invenção patenteada numa feira de exposição nos EUA, no mesmo ano. Dom Pedro II, imperador do Brasil, visitou esta exposição e fez parte de uma experimentação do inventor. Depois de analisar a funcionalidade do telefone, Pedro II teria exclamado: "Meu Deus, isto fala!" Em 1879, o Palácio de São Cristóvão no Rio de Janeiro já tinha telefone.

Fonte: Museu da Telefônica.



Em 1890, o Bell System comemorou pela primeira vez o Dia da Telefonista, em 29 de junho, Dia de São Pedro. Pois, como ele detém as chaves do céu, elas detinham as chaves da comunicação.

Fonte: Museu da Telefônica.



Prédio da central telefônica de Barretos em 1954, na rua 20. Nesta época, Barretos contava com 1138 telefones em funcionamento. Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. p.32. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Com o passar dos tempos, os números dos telefones passaram de dois dígitos para três, quatro e até seis nos anos 70! Com isso, a década de 70 trouxe novidades na telefonia, por conta de avanços técnicos criados no estado de São Paulo. Em 19 de abril de 1974, a TELESP (Telecomunicações de São Paulo S/A), criada um ano antes, trouxe seu representante a Barretos na ocasião da **inauguração da central de telefonia automática de Barretos** e de seu prédio. Barretos agora teria a ligação telefônica automatizada, o que diminuiria de fato a presença da telefonista no serviço telefônico. O que não significou que elas desapareceram, pois as ligações de longa distância ainda eram operadas por elas. Sobre isso, observe a foto e a informação tirada da imprensa na época:



Foto das telefonistas no dia da inauguração da nova central telefônica de Barretos. (Álbum da administração do prefeito Ary Ribeiro de Mendonça. Acervo: Museu "Ruy Menezes"). "As telefonistas, que por muitas décadas trabalharam pela nossa comunidade, têm agora o seu campo de trabalho restrito às posições interurbanas. Jacyra Alves Ferreira é a primeira do grupo que está em plena atividade na Central recém inaugurada. O avanço tecnológico deu mais precisão aos serviços telefônicos, mas privou os assinantes de contato sempre atento e solícito com as telefonistas que a todas as chamadas caracterizavam com a indagação: "O número por favor". Fonte: Jornal "O DIÁRIO", abril de 1974. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Na coluna social "Jornal do Paulo Flosi" do Jornal "O Diário", Paulo Flosi ensinava as pessoas sobre como usar o telefone. Ele esclarecia que elas deveriam tirar o fone do aparelho, e ao ouvir um ruído deveriam colocar os dedinhos nos buraquinhos correspondentes aos números e girar o disco para fazer a ligação. Ele também alertava que as pessoas não ouviriam mais a voz da telefonista. Fonte: "O Diário", 27/2/1973. Acervo Museu "Ruy Menezes".



Até a implantação do sistema automático, Barretos contava com 70 telefonistas que se revezavam no atendimento diário das chamadas dos 1.880 telefones existentes na cidade. A média de ligações por telefone era de 300 chamadas mensais. Fonte: Jornal "O Diário", 15/3/1973, p.1. Acervo Museu "Ruy Menezes".

Segundo dados técnicos, naquela época havia muita procura por novos aparelhos na central telefônica, mas a capacidade máxima da mesma era de 4 mil aparelhos. No dia da inauguração da central automática da Telesp em Barretos, foi o prefeito Ary Ribeiro de Mendonça o primeiro a fazer a ligação pelo processo automático.



O prefeito Ary Ribeiro de Mendonça. Fonte: álbum da administração do prefeito Ary R. de Mendonça. "Na solenidade de inauguração da Central Telefônica da Telesp, o prefeito Ary Ribeiro de Mendonça, fez a primeira ligação pelo processo automático à Sra. Maria de Lourdes Souza, funcionária aposentada da empresa, que durante muitos anos prestou relevantes serviços à telefonia". Fonte: Jornal "O DIÁRIO", 23/4/1974, p. 4. Acervo: Museu "Ruy Menezes"

Com o desenrolar das décadas, à medida em que a cidade crescia, o sistema telefônico se desenvolvia cada vez mais. Em 1976, foi inaugurado o sistema de DDD (Discagem Direta à Distância) e DDI (Discagem Direta Internacional). No ano de 1992, Barretos fazia parte da lista de 68 municípios paulistas do projeto Telesp Celular. Já em 2004, existia na cidade 33.600 linhas telefônicas com os prefixos de 4 dígitos: 3322, 3323, 3324, 3325, 3326 e 3328 (Parque do Peão).

A era do rádio em Barretos

Você certamente já ouviu falar da relevância do rádio na vida das pessoas que viveram no passado, num tempo que não é tão distante assim. A "era do rádio" é o período de sucesso das emissoras de rádio



Aparelho de rádio do acervo do Museu "Ruy Menezes"



Aparelho de rádio de 1939. Acervo: Museu "Ruy Menezes"



No final da década de 1980, quando já funcionava o sistema automático de telefonia, a procura por aparelhos telefônicos aumentou em 200%.



A Constituição brasileira de 1937, promulgada pelo presidente Getúlio Dorneles Vargas, foi discursada em emissoras de rádio da época.

nos EUA, nos anos 20 e 30. Já no Brasil, o auge das rádios se deu nos anos 40 e 50. Antes da chegada da televisão, o rádio era o meio de comunicação que o povo brasileiro tinha mais acesso. Era por ele que as pessoas escutavam novelas, jogos de futebol, discursos de políticos, missas, cerimônias civis e acontecimentos sociais. Sem contar que ter um aparelho de rádio em casa era sinal de status social, visto que nos anos 50, o consumo destes bens culturais aumentou notavelmente. Era o consumo da indústria cultural.

Em Barretos, a primeira rádio que surgiu foi a “S/A Rádio Barretos”, inicialmente com o prefixo PRJ-8, fundada em 19 de abril de 1939 numa cerimônia realizada no Grêmio Literário e Recreativo de Barretos. Participaram desta cerimônia homens da elite barretense, tais como Nicolau Gentil, Teófilo Benabem do Vale, Washington de Menezes Camargo, Melquíades de Souza e Celso Salustiano Silva. Junto a estes encontrava-se também o advogado Humberto de Melo Carvalho, que logo tornou-se diretor e locutor da rádio. A Rádio Barretos foi oficialmente inaugurada em 15 de novembro de 1940.



Comemoração do 8º aniversário da Rádio Barretos, PRJ-8. 1948. Acervo: Museu “Ruy Menezes”

As atividades da rádio se pautavam nos acontecimentos sociais e cívicos da cidade, bem como nas campanhas de entidades assistenciais de Barretos. Mas, no “Álbum Centenário de Barretos”, elaborado em 1954, foram destacados os artistas, literatos e políticos que passaram pela rádio até aquele período.

Conforme reportagem do jornal “A Semana” de 28/06/1951, iniciava-se neste período a segunda fase da S/A Rádio Barretos, em virtude da inauguração das novas instalações da rádio na época do diretor Nadir Kenan. Foi feita uma reforma nas dependências da rádio, onde o prédio foi remodelado e o ambiente arejado. Foi também instalada iluminação indireta, novas poltronas mais confortáveis, novos discos, o sete² foi pintado e os aparelhos transmissores também foram mudados.

Dentro da sede da rádio, existia não somente a aparelhagem eletrônica, mas também um palco e um auditório que eram separados por vidro. Era comum as pessoas irem à rádio para ver de perto artistas

² Sete: local de gravação na emissora de rádio.



Sede da “S/A Rádio Barretos” em 1954, avenida 17.

Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. p. 61. Acervo Museu “Ruy Menezes”.



Nadir Kenan
Acervo Museu “Ruy Menezes”



Nadir Kenan nasceu em 1919 em Taiuva. Veio para Barretos nos anos 1940 e atuou nas rádios “Barretos” e “Piratinga”. Foi eleito deputado estadual por três vezes, nos anos de 1963, 1967 e 1974. Também foi vereador e candidato a prefeito no início dos anos 80. Porém, faleceu ainda no período das eleições. Fonte: “O Diário”, 7/2/1993, p. 3 (reportagem de Luiz Antonio M. de Barros).

de belas vozes fazerem sua apresentação ao vivo tanto aos ouvintes, quanto ao público que ali permanecia atento. Quem nos contou tudo isso foi José Vicente Dias Leme, um radialista que viveu a “era do rádio” nos seus tempos áureos, além de ter sido locutor da PRJ-8 desde 1951. Sobre isso, ele conta também outras curiosidades:

Qualquer ruído era proibido [dentro do aquário de vidro na rádio]. Prejudicava a recepção, que deveria ser clara, cristalina. Os aparelhos receptores não eram lá essas coisas. Para se ter um bom som, eram instaladas antenas nos telhados das casas e outros “fios” em seu interior. No começo, havia poucos aparelhos de rádio na cidade e o que muita gente não sabe, pagava-se uma taxa anual nos correios para se ter o rádio em casa. A PRJ-8 tinha um seletíssimo quadro de locutores, orquestra com piano, regional, cantoras, atores e um auditório de pouco mais de cem lugares, onde se apresentavam os grandes nomes da música que passavam pela cidade. Não existiam programas gravados. Era tudo feito ao vivo.

(Depoimento de José Vicente Dias Leme, cedido à Roseli Tinelí em 2003).

Muitos locutores, diretores e funcionários passaram pela Rádio Barretos e fizeram parte de sua história. Vamos falar somente sobre alguns deles, segundo o que ficou registrado na imprensa jornalística. Os locutores e artistas eram os que mais apareciam, dentre eles estava “Ribas Filho”, pseudônimo que Ricieri Baston adquiriu depois de ter participado de um programa infantil na Rádio Barretos. No final dos anos 40, Ribas Filho foi convidado por Nadir Kenan para atuar na rádio, e ali mesmo conheceu Maria Abadia, até então a única mulher que tinha programa radiofônico na época. Tempos depois, casara-se com ela, fazendo com que os dois ficassem conhecidos como o “casal do rádio”. Abaixo está um depoimento de Ricieri Baston (Ribas Filho) quando atuava na rádio:

Eu e o Toninho Scavaccini tínhamos um programa denominado ‘Radio Baile’, que ia ao ar todos os sábados. Eu adorava fazer imitações, passando entusiasmo para quem ouvia. [...]. Eu e Maria Abadia sempre fomos parceiros também, tínhamos um programa lítero-musical, uma mistura de poesias e músicas, entre outros programas.

(Depoimento de Ricieri Baston (Ribas Filho), “O Diário”, 6/6/2004. Acervo: Museu “Ruy Menezes”).

Também nos anos 40, foi locutor da rádio o profissional Aldo Campos, que veio de Jaboticabal junto com Nadir Kenan. Este por sua vez, foi locutor, diretor-secretário e superintendente geral da Rádio Barretos, onde trabalhou por quatorze anos. A partir de meados da década de 50 em diante, a Rádio Barretos, PRJ-8, foi vendida a distintos proprietários até ser adquirida por Monteiro Filho.

Existiu também em Barretos a “Rádio Piratininga”, inaugurada em 29 de maio de 1961. Esta rádio pertencia à “Rede Rádio Piratininga” de São Paulo, que contratou Nadir Kenan para dirigir a nova emissora que se instalara em Barretos no início da década de 1960. A equipe de repórteres passou a contar com Monteiro Filho, Joel Waldo Dal Moro, Antonio de Jesus Buck, Luiz Carlos Fabrini, Marco Antonio Siqueira de Matos e José Pedro Domingues Neto.

O dia da inauguração da “Rádio Piratininga” foi exposto em



Maria Abadia e Ricieri Baston (Ribas Filho), o casal do rádio. Fonte: “O Diário”, 6/6/2004. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Monteiro Filho entrevistando Christiano Carvalho. Acervo Museu “Ruy Menezes”.



“Em 20 de junho de 1955, nascia na antiga rádio PRJ-8, que tinha na direção José Vicente Dias Leme, a “Reportagem Que Não Para”, composta por João Monteiro de Barros Filho, Joel Waldo Dal Moro e Marco Antonio Siqueira de Mattos. Responsáveis pelo departamento de esporte da rádio, os amigos resolveram diferenciar o programa dando a denominação de “Reportagem Que Não Para”. Atualmente, a “Reportagem Que Não Para” atua em todos os meios de comunicação da Organização Monteiro de Barros – composta por cinco emissoras de rádio e um jornal”. Fonte: “O Diário”, 11/08/2004, p. 5. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

reportagem na imprensa da cidade, já que a “Rede Rádio Piratininga de São Paulo” era muito conhecida, pois era composta por vinte e três emissoras na capital do estado e no interior. Sobre este dia, em que o jornalista Osório Rocha cortou a fita simbólica e o bispo Dom Varani fez a bênção da sede, sabe-se que:

A nova estação, instalada com todos os requintes da moderna técnica no edifício do Salão Paroquial, convenientemente adaptado, possui o mais amplo auditório, com mais de 600 confortáveis cadeiras, de todo o interior do Estado.

(“A Semana”, 29/1/1961, p. 8. Acervo: Museu “Ruy Menezes”).

Em 1969, Monteiro Filho adquiriu a propriedade da “Rádio Piratininga”, sendo no ano seguinte José Vicente Dias Leme o diretor da mesma. No ano de 1974, a Rádio Piratininga passou a ser denominada “Rádio Independente de Barretos”. Tempos depois, “Rádio Independente AM”. Em 1980, também de propriedade de Monteiro Filho, foi ao ar pela primeira vez a “Rádio Independente FM”, fato registrado pela imprensa da época.

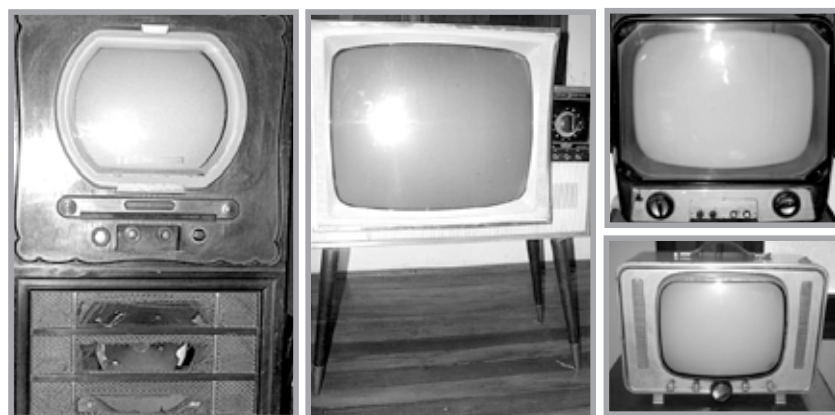
Televisão

Você já parou para pensar como foi o impacto da televisão na sociedade de meados do século XX? Consegue imaginar o que aquele aparelho, que até então quase ninguém conhecia ou tinha ouvido falar, repercutiu na imaginação das pessoas? Contam os ditos populares que, quando a televisão chegou ao Brasil, muitos imaginavam que existiam pessoas aprisionadas dentro daquele aparelho grande que, além de transmitir o som da fala dos artistas, fazia aparecer quase que num “toque de mágica” a imagem dos mesmos. Além do mais, algumas pessoas se vestiam com roupas mais bonitas para assistir televisão, pois na imaginação delas os artistas poderiam estar vendo suas imagens também.

Hoje, podem parecer brincadeira estes casos, mas na época, realmente foi de grande espanto a chegada da televisão. Observem as imagens abaixo que demonstram algumas das televisões do acervo do Museu “Ruy Menezes”. O tamanho do aparelho era bem maior do que as televisões atuais, elas funcionavam num sistema à válvula, isto é, até a válvula esquentar a imagem da televisão não aparecia. Minutos depois, a imagem em “preto e branco” começava a aparecer, isso quando a



Convite de inauguração da Rádio Independente FM. Fonte: “O Diário”, 13/3/1980, p. 1. Acervo Museu “Ruy Menezes”.



Aparelhos de televisão do acervo do Museu “Ruy Menezes”.

exibição não falhava, por causa de “chiadeiras” no sinal.

Segundo o livro *Chatô – O Rei do Brasil* do escritor Fernando Morais, a vinda e o desenvolvimento da televisão no Brasil se iniciaram como um grande empreendimento feito pelo jornalista e empresário Francisco de Assis Chateaubriand (Chatô). Ele conheceu essa novidade em Nova York em 1944, onde descobriu televisão. Quando indagou David Sarnoff, presidente da empresa, Chatô, como era apelidado. Descobriu que somente a França, a Inglaterra e os EUA possuíam emissoras de televisão e isso lhe fez render a ideia de montar uma emissora de televisão no Brasil.

Depois de alguns impasses, o empresário Chateaubriand colocou no ar em 1950 a TV Tupi, que recebeu este nome em homenagem aos indígenas brasileiros. Suas atrações eram diárias no período das 20h00 às 23h00, sendo que os artistas das novelas faziam tudo ao vivo, como em um teatro, já que o *video-tape* ainda não existia no Brasil.

Pouco depois chegavam a Barretos notícias sobre uma possível concessão do sinal televisivo na cidade. Mesmo com tamanha expectativa, a televisão não foi bem aceita instantaneamente na cidade, por conta dos setores mais conservadores que viam naquele aparelho um desconfortante meio que separava as famílias e poderia sugerir programações imorais a serem assistidas pela população. Observe como Ruy Menezes retratou a chegada da televisão segundo a visão de alguns membros da sociedade:

Mas, eis que de repente, um caixão escuro, cheio de fios pendentes, com uma tela à frente, entrou em sua casa, e com ele um mundo totalmente diferente, fantástico, com música e falatório, notícias e paisagens diversas, novelas e fitas de cinema, o diabo, que acabou o diálogo entre os membros da família, que deixou todo mundo calado, de olhos arregalados e fixos na tela, sem permitir qualquer comentário em torno que atrapalhasse a audição. (MENEZES, 1985, p. 391).

Mesmo com tais críticas, a cidade de Barretos queria fazer parte desse status de “progresso”, qual perfazia as cidades brasileiras que possuíam a transmissão da rede televisiva. A ACIB (Associação Comercial e Industrial de Barretos), então, passou a defender esta ideia no ano de 1960. Seu pensamento a respeito da televisão pode ser visto num pedido encaminhado à Câmara Municipal de Barretos naquele mesmo ano: “*usada com parcimônia e assistida, somente, na sua programação utilitária, a comunidade só benefícios receberá. O que se pretende é, única e exclusivamente, dotar Barretos de um incontestável melhoramento, digno dos centros evoluídos*” (MENEZES, 1985, p. 393).

Assim sendo, mesmo com discussões não tão pacíficas por parte dos vereadores, o anteprojeto de lei foi aprovado na Câmara e sancionado pelo prefeito, na época Christiano Carvalho. Pela **lei nº 743 de 26/10/1960**, foi permitida em Barretos a captação da imagem e do som da TV Tupi, Canal 4, única emissora então em vigor. Na gestão do prefeito Ary Ribeiro de Medonça, o canal da TV Tupi foi desativado e surgiu o canal 5, TV Globo. Na administração do prefeito Melek Zaiden Geraige, foi captada a transmissão da TV Record, canal 7, e na gestão do prefeito Uebe Rezeck, chegou a Barretos a TV Bandeirantes, canal 13.

Em 26 de maio de 1990, surgiu em Barretos a primeira emissora de televisão da cidade, “**TV Soares Educativa**”, fundada por João Carlos Soares de Oliveira Junior, no canal 31 UHF. Segundo reportagem de “O



A ACIB foi fundada em Barretos em 21/1/1936, na intenção de organizar a classe de comerciantes, agricultores e industriais numa época de transição política e econômica do governo Vargas. Em 1941, a mesma passou a se chamar ACIRB, incluindo o “rural” ao referir-se aos lavradores. Entretanto, em 1948 esta denominação foi extinta. O seu edifício próprio, na rua 20, foi inaugurado em 1940, na ocasião possuía três andares e até biblioteca!

Diário” de 12/08/2004, a primeira transmissão realizada pela TV Soares foi um VT³ da Festa do Peão de Boiadeiro. Atualmente, a emissora de televisão de Barretos é denominada “TV Barretos” e possui em sua programação nove programas, fora os Independentes.

O jornalista Monteiro Filho, atuante em Barretos, foi o idealizador da rede de televisão “Redevida”, com o slogan “O canal da família”. Esta foi fundada em 1º de maio de 1995 com sede na cidade de São José do Rio Preto. A Redevida é um canal baseado nos princípios religiosos cristãos, tendo inclusive apoio das dioceses brasileiras. Atualmente, a emissora tem sinal em território nacional e é um dos poucos canais que possui sinal digital HD.

³ VI: Sigla que significa “vídeo tape”. Trata-se dos vídeos elaborados pelas emissoras de televisão, prontos para passar na programação.



Unidade IV

Referências

- ARMANI, Karla de Oliveira. **A jovem República e seus efeitos em Barretos (1900-1909)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). – Bebedouro: Fafibe, 2009.
- PERINELLI NETO, Humberto. **Nos quintais do Brasil: homens, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade – Barretos (1854-1931) / Humberto Perinelli Neto (tese de doutorado)**. – Franca : UNESP, 2009
- MENEZES, Ruy. **Espiral: História do Desenvolvimento Cultural de Barretos**. s/ed. 1985.
- MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. **Álbum do 1º. Centenário da Fundação de Barretos**. 1954.
- Revista “Aventuras na História”, julho/2010, p. 52-55.
- ROCHA, Osório. **Barretos de Outrora**. s/ed. 1954.
- Periódicos (Acervo do Museu “Ruy Menezes”):**
“O Diário de Barretos” (1ª, 2ª e 3ª fase) - 1917, 1946, 1969, 1974, 1980, 1990, 1993, 2004, 2010.
“Jornal de Barretos” – 1986.
“O Correio de Barretos” – 1969.
“A Semana” – 1925, 1961 e 1969.



Unidade IV • Capítulo 2

Temas da História Barretense

Educação

“A Mocidade”

*Quem quiser possuir a sabedoria
E na vida ostentar conquista:
Consulte a voz da ciência, noite e dia
Do mal que surgir, contra o bem, resista!*

*Quando a luz do sol, vivida, irradia
E a natureza nos alegra a vista
Adornada de fina louçaria
Lembra o gênio de um sábio, de um artista!*

*Estudar os mistérios de um rochedo
Para lhe desvendar todo o segredo
Descortinar a terra, o mar e os céus!*

*Relutar a favor da humanidade,
Da justiça, da Lei, da Verdade:
Como vive lutando o próprio Deus!*

(Adão Carvalho)

Você sabia que antigamente as escolas se preocupavam com o patriotismo e os estudantes chegavam a competir para hastear a bandeira nos eventos cívicos? Isso era fruto de um ensino voltado à valorização do nacional e à formação de dirigentes do país. Existem diversas faces da educação que poderíamos abordar, no entanto, daremos mais atenção à história do desenvolvimento do sistema escolar.



Participação do 2º Grupo Escolar de Barretos nas comemorações de 07 de setembro no ano de 1939. Nota-se que os garotos apresentam o número “pirâmide humana”, muito comum e executada durante eventos cívicos e comemorativos. Fonte: site oficial do Arquivo do Estado de São Paulo.

As Primeiras Letras em Barretos

O capítulo acerca da educação barretense começa com o cenário do Brasil Império, em fins do século XIX. Um tempo onde a dedicação árdua ao trabalho no campo dificultava o acesso à educação.

Barretos, no princípio de sua formação, era uma pequena vila marcada pelo trato rural e pecuário, ou seja, a maioria da população não tinha acesso à educação e sua mentalidade estava marcada pela crença de não precisar dela. A educação desenvolveu-se, assim, no seio da elite, com alguns bacharéis, coronéis ou intelectuais exercendo o papel de professores, ministrando aulas e abrindo alguns colégios particulares, a fim de passar aos seus filhos o “conhecimento” necessário para manter a ordem estabelecida.

De acordo com Osório Rocha, o primeiro professor primário de Barretos foi o português Antônio Alexandre Ferreira. Nesses primeiros tempos, constatamos a presença de uma escola no ano de 1868, identificada graças a um registro em Ata da Câmara Municipal de Jaboticabal, já que a cidade pertencia à Freguesia de Jaboticabal.

Além de Pedro Alexandre, existiram outros professores de primeiras letras, destacando-se a escola de Narciso José de Lima de 1875; Eliseu Augusto Xavier Serra Dourada, apelidado de “Guardanapo Papudo”, que teria fundado sua escola no ano de 1876 e Herculano Rodrigues Alves, que foi também o primeiro escrivão de paz de Barretos. No entanto, esses poucos professores não conseguiam atender a toda a população, que muitas vezes nem sequer queria estudar, ao ponto de Osório Rocha afirmar que “A população compunha-se em sua quase totalidade, de analfabetos ou semi-analfabetos nas escolas locais” (ROCHA, p. 48, 1954)

Essa situação contradizia a Constituição Imperial de 1824, que declarava que “A instrução primária é gratuita para todos os cidadãos”, e a lei de 1827 dizia que “em todas as cidades, vilas e lugares populosos haverá escolas de primeiras letras que forem necessárias”. Apesar da legislação prever a gratuidade do ensino primário e a instituição de escolas em todas as cidades, este projeto nunca saiu do papel.

Em Barretos as dificuldades por que passou o ensino também marcou a nossa história. Por exemplo, *“O Serra Dourada dava suas aulas numa salinha de chão batido, em cujo recinto, mais do que o professor e alunos, trabalhavam ativamente as saúvas, num grande formigueiro. Também lecionou na própria capelinha primitiva já ruínosa, com os paus a pique apodrecidos, esburacada, se é que não foi somente aí nessa igrejinha a dita escola[...]”* (ROCHA, 1954, p.139).

A narrativa de Osório Rocha ainda aborda os duros castigos físicos e morais que as crianças sofriam na escola, marcando o método autoritário do ensino naquela época. Ficar ajoelhado no milho e levar “bolos” nas mãos com as palmatórias eram práticas comuns. De modo que havia uma coletânea de barbaridades cometidas contra os estudantes e “escolares diariamente espancados” (ROCHA, 1954, p. 321).



A palmatória era um instrumento de tortura muito usado contra os escravos durante a época da mineração no Brasil.



Placidino Alves Gonçalves foi, em 1894, professor de primeiras letras em Barretos. Fonte: Cisalhas de Osório Rocha. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Colégio São João e Escola Estadual

Em 1883 chegou a Barretos o Cel. João Carlos de Almeida Pinto, que em 1885 fundou o primeiro Colégio de Barretos, chamado “São João”. Esse colégio era particular e teve a duração de pouco mais de um ano. No entanto, foi depois “ressuscitado” por outros professores; em 1899 sob a direção de Cândido Spinola Castro e em 1926 pelo Prof. Wladimir Arruda, que fundou o Externato “São João”, instalando além do curso primário, o secundário.

O Colégio “São João”, do Cel. Almeida Pinto, foi o primeiro a racionalizar o sistema escolar, contando com cadeiras (disciplinas) organizadas e distribuídas entre os professores da cidade, que eram as pessoas mais cultas do local. Esse Cel., como vimos na Unidade II, foi um importante líder político. Era republicano ardoroso, e desejava difundir os preceitos morais da nova ordem política que seria instituída em 1889.

As novas ideias republicanas pregavam o ambiente escolar como um local civilizador, destinado a educar os alunos nos termos morais do patriotismo, da disciplina, do higienismo e do civismo, ou seja, desejava reformar os “corpos” e “almas” das crianças, que deveriam se ajustar à nova ordem. Explica-se assim, o termo “Ave Lux” (Salve Luz) inscrito na fachada do prédio da escola à rua 14 esquina com a avenida 15.

O povo no entanto não se ajeitava muito bem com esses novos preceitos ou com o discurso republicano a favor da educação. Um exemplo disso é que apesar da intenção de Almeida Pinto em escrever “Salve Luz” para designar a escola como local de “iluminação do povo”, este, tirando sarro, traduziu os termos em latim para Ave (Pinto) Lux (Louco), que caiu “na boca do povo” como Colégio do Pinto Louco, em alusão ao espírito ativo e eloquente de Almeida Pinto.

Não foi apenas o Colégio São João que não teve sucesso entre a população, pois logo fechou suas portas, mas também uma **Escola Isolada**, sustentada pelo poder público do estado, que ao que parece foi fundada em 1890. Logo após a implantação da República, foram criados pelo governo do estado de São Paulo os **Grupos Escolares** e além deles as chamadas escolas provisórias, preliminares, isoladas e ambulantes, que tinham a função de tentar compensar o atraso educacional em que se encontrava o Brasil.



Sala de aula masculina. Era comum as salas e às vezes até as escolas serem separadas por sexo. Início do século XX. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



O Prof. Wladimir Arruda com sua turma. O primeiro sentado, da esquerda para a direita. Acervo de Roseli Tineli.



Nessa época, o Cel. Raphael Brandão ensinava francês no Colégio São João. A opção por essa língua explica-se pelo culto à cultura e moral francesa, em razão da Revolução Francesa e seu modelo de República.

Unidade IV • Capítulo 2

As dificuldades enfrentadas por esta Escola Isolada em relação à falta de recursos e condições precárias dos estudantes pode ser percebido no trecho abaixo retirado de uma carta da professora Laurinda Vieira d'Escobar a Arthur César Guimarães, diretor da Instituição:

Esta escola até o presente nenhum auxílio mereceu, não obstante o vivo interesse que por ela tenho tomado; achando-se por isso, desprovida de todos auxiliares indispensáveis a um estabelecimento de Instituição. Lutando com a falta de cômodos e condições pedagógicas apropriadas ao emprego dos métodos modernos, com a falta de todos os meios materiais indispensáveis a uma escola, com a falta de livros para distribuir gratuitamente pelos alunos indigentes, que constituem quase a totalidade da infância, e, finalmente, lutando contra a ignorância dos Pais de Família, por todos os meios persuasivos e convincentes, para mandarem seus filhos à escola, não conseguindo de tantos esforços, senão um resultado que está muito além da minha expectativa e interesse pela causa da instrução base de toda evolução e aperfeiçoamento da sociedade. (Arquivo do Estado de São Paulo – caixa 03 5027.

Carta datada de 26/11/1890. Apud PERINELLI, H. 2009. p. 353)

Apesar da crença na educação como um meio para o progresso, dificuldades afetaram também os colégios particulares, frustrando os esforços dos intelectuais e políticos envolvidos com as várias escolas implantadas, que rapidamente tinham de fechar as portas por não ter interesse e público suficiente que as mantivessem.



Grupo Escolar do Frigorífico – 1939. Fonte: site oficial do Arquivo do Estado de São Paulo.

Século XX: Ensino Público

A partir de 1900, as duas escolas provisórias do estado em Barretos, uma feminina e outra masculina, passaram a ser custeados pelo poder local, transformando-se em escolas municipais. Muitos professores lecionaram nessas escolas, tentando compensar as dificuldades que enfrentava o ensino primário¹. Destacou-se entre esses professores, o Prof. Fausto Lex, que lecionou em Barretos durante mais ou menos doze anos.

Até 1915, as escolas primárias municipais eram criadas e providas ao sabor das conveniências da política dominante. Por essa razão, muito cabo eleitoral recebia como prêmio pela dedicação partidária, a nomeação para a regência de uma dessas unidades escolares disseminadas pela zona rural ou perdidas na imensidão do município. Tais “mestres”, no exercício de suas funções, “brilhavam” pelo semianalfabetismo. Revelando que a instituição escolar serviu de palco para práticas clientelísticas (troca de favores), tão comum no estilo político brasileiro.



Escola Municipal do Distrito de Fortaleza (Outro Mundo) – foto da década de 1920. A ocasião da foto deve ter exigido dos alunos que usassem suas melhores roupas, mas mesmo assim nota-se a pobreza das crianças e do local, que se tratava de um bairro especialmente carente. Fonte: PERINELLI, H. 2009. p.354

Em 1914, o prefeito João Machado de Barros sancionou uma lei que regulamentava o ensino primário e profissionalizava o exercício do magistério, que exigia que o professor se submetesse a concursos públicos para assumir as cadeiras nas escolas, além de proibir o uso da palmatória e outros castigos físicos contra os estudantes. É desse tempo que se institucionalizou o sistema de recompensas como método de disciplinarização dos estudantes, contando com formas mais regulares como o elogio público do melhor aluno, premiação por notas e participação de destaque em eventos cívicos, que causava orgulho nos estudantes que participavam.

Os Grupos Escolares foram criados por decreto do governo do estado de São Paulo em 1894, mas o primeiro colégio público estadual de Barretos só foi inaugurado em 30 de setembro de 1912 e situava-se na Praça Central. A escola foi considerada um êxito administrativo por “araras” e “pica-paus”, os dois partidos políticos rivais que você viu na



Grupo Escolar de Laranjeiras, que se localizava na área rural de Barretos. Acervo: Museu “Ruy Menezes”

¹ Ensino primário: educação das primeiras letras; corresponde atualmente ao ensino fundamental I.

Unidade IV • Capítulo 2

Unidade II. Chamava-se 1º Grupo Escolar e foi instalado com sete classes, sendo nomeado pelo governo do estado para ser seu diretor o Prof. Oscar de Melo Brito. Em 1950 passou a denominar-se Grupo Escolar “Dr. Antônio Olímpio”.



Prédio do 1º Grupo Escolar. Na foto nota-se a imponência do prédio construído por Pagani Fioravanti para ser símbolo da modernidade e do progresso de Barretos. Sua arquitetura baixa e achatada rendeu-lhe o apelido popular de “Carrapatão”. Os muros altos eram uma novidade, que estabelecia o caráter disciplinador e rígido que se exigia das crianças que deveriam adequar-se à nova ordem. É possível observar a proximidade com a Igreja Matriz, que foi a doadora do terreno para construção da escola. Este prédio foi, infelizmente, demolido em 1972 para a construção do atual, inaugurado em 1974. Acervo Museu “Ruy Menezes”.

Já na década de 1920, o modelo elitista que incluía a restrição da educação e a reprodução de práticas conservadoras de ensino, entrou em crise, juntamente com vários outros setores da sociedade como o político, o econômico e o social. Barretos passava pelo aumento do alunado, em razão do “boom” populacional que viveu a cidade no começo do século XX. Antes dessa época, ao final do século XIX, a maioria da população era composta por lavradores; com a urbanização surgiram várias profissões.

Os pais desses novos “tipos” sociais pareciam mais preocupados com a educação dos filhos e os professores passaram a ser mais valorizados pela sociedade. Tal comportamento pode ser resultado da forte campanha em prol da educação realizada pela imprensa local, que vinha promovendo essa valorização desde a década de 1900, em esforço de combater o desinteresse em relação à educação.

Depois de algum tempo, o 1º Grupo Escolar de Barretos aumentou o número de classes para atender ao maior número de alunos, mas estava longe de conseguir atender à demanda. Só no ano de 1935 fundou-se o 2º Grupo Escolar. Por meio de decreto de 1952, passou a denominar-se **Grupo Escolar “Prof. Fausto Lex”**. Em 1996, seu nome foi mudado para Escola Estadual “Prof. Fausto Lex” e seu prédio foi transferido para o bairro Nadir Kenan.

Em 1939 foi fundado em Barretos o 3º Grupo Escolar, instalado junto às dependências do 1º Grupo devido à falta de prédio próprio; problema solucionado apenas em 1951, quando foi inaugurado seu estabelecimento na Praça da Bandeira, atual Praça São Sebastião. Em 1952 passou a denominar-se **Grupo Escolar “Cel. Almeida Pinto”**. Com o tempo, aumentaram-se os Grupos Escolares e na década de 1950, Barretos contava com 189 classes de ensino primário espalhadas pelos



1ª Turma do 1º Grupo Escolar – 1912. Podemos observar a condição dos alunos, pois muitos apresentam-se de roupas surradas e pés no chão, o que contrasta com a imponência do edifício. Acervo: Roseli Tineli.



Vista lateral do 1º Grupo Escolar no início do século XX. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Grupos Escolares, incluindo o Grupo do Frigorífico, e dos distritos de Ibitu, Alberto Moreira e Colômbia bem como por escolas estaduais e municipais isoladas.

Durante o período imperial e também da Primeira República, o governo federal mantinha uma política de incentivo apenas ao ensino superior e secundário² (elitizante), o ensino primário e profissional, de cunho mais popular, acabava sendo de responsabilidade do estado e do município.

O secundário era composto de disciplinas avulsas, preparatórias para as provas de ingresso no curso superior, ou seja, não existia uma organização racional do ensino secundário. De modo que os cursos secundários em Barretos quase não existiam, apenas alguns particulares para preparar os mais ricos para o ingresso no ensino superior fora da cidade.

Depois da Revolução de 1930, várias discussões de reforma da educação entraram em ação. Resultando na criação de um sistema educacional único e articulado a ser respeitado por todo o país. Desse modo, o ensino secundário foi dividido em ginásial e colegial, e o técnico-profissional em ensino industrial, comercial, normal (que formava para o magistério) e agrícola.

Em Barretos, muitos professores, políticos e outros doutos empenhados na educação seguiam no rastro nacional o empenho por ampliação do ensino. O jornal local "A palavra" convocou uma reunião a fim de instalar a Assembleia Geral da "Sociedade Escolas de Barretos", grupo que vinha se formando desde 1929.

Participou desta Assembleia o então prefeito Dr. Jerônimo Serafim Barcelos, João Baroni e Dr. Osório Rocha, líderes da causa educacional barretense, além de muitos outros professores. A intenção primeira era instalar um Colégio Religioso para meninas, mas depois optaram por um Colégio Leigo para ambos os sexos. Esse foi o Ginásio Municipal, instalado em 23 de fevereiro de 1931, com a ajuda do Dr. Augusto dos Reis Neves, vindo de Agudos, que foi o seu primeiro diretor. Este ginásio começou a funcionar no antigo Hotel Tellini e tinha algumas classes também na Casa D'Itália.

A fim de angariar fundos para a fundação do Ginásio Municipal, Osório Rocha publicou o "Álbum da Centúria de Honra da Sociedade Escolas de Barretos". Assinando por seu pseudônimo Caá-Ubi, Osório Rocha teceu alguns traços de cem "senhorinhas" da sociedade barretense. Além disso, o senhor Jerônimo Serafim Barcelos organizou festas esportivas e



Imagem 1) Prédio do 2º Grupo Escolar, localizado no bairro Fortaleza em 1939. Imagem 2) Prédio do 3º Grupo Escolar, atualmente E. E. "Cel Almeida Pinto". Fonte: 1) site oficial do arquivo do Estado de São Paulo; 2) Acervo Museu "Ruy Menezes"

² Ensino secundário: corresponde atualmente ao ensino fundamental II mais o ensino médio.



O Museu "Ruy Menezes" tem em seu acervo um exemplar do "Álbum Centúria de Honra da Sociedade Escolas de Barretos".

competições de futebol.

Vejam a seguir a transcrição de trecho de uma propaganda do Ginásio Municipal, que anunciava os cursos primário, secundário, admissão³ e comercial, para alunos de ambos os sexos, internos, semi-internos e externos:

O Ginásio Barretos, recentemente fundado na salubérrima cidade de Barretos, Estado de S. Paulo, funcionando provisoriamente em 2 amplos e aprazíveis palacetes, é um estabelecimento de ensino primário, secundário e comercial, calcado nos moldes mais perfeitos da moderna Pedagogia, o qual dará a seus alunos além de uma curada instrução intelectual e física, uma educação moral completa segundo os preceitos da igreja católica.

(Folheto do ginásio; acervo do Museu "Ruy Menezes").

O folheto trazia entre outras informações, os preços pagos pelos cursos; o aluno do internato pagava mais caro e deveria levar enxoval completo de casa além dos uniformes, diário e de gala, conforme o modelo do Ginásio. Temos na propaganda a preocupação com os preceitos da Igreja Católica, contradizendo a idealização inicial de implantar um ensino supostamente leigo, mas que seguia o Catolicismo como moral escolar.

No folheto ainda se traz informações sobre o ensino de línguas no curso secundário, que seguia "rigorosamente o programa do Colégio de Pedro II", um Colégio federal situado no Rio de Janeiro e ícone do ensino na época. O curso comercial dava habilitação para contador ou guarda-livros⁴. No ano de 1933 formava-se a 1ª turma de bacharéis do Ginásio Municipal de Barretos (naquela época ganhava o título de bacharel quem terminava o ensino secundário).

Em relação ao ensino técnico-profissional foi fundada a **Escola Técnica do Comércio** em 17 de janeiro de 1933, junto ao Ginásio Municipal. No ano de 1935, o prédio do Ginásio Municipal foi transferido para a rua 20 esquina com avenida 27, onde há pouco tempo funcionava o Colégio



Boletim de aluna da "Escola de Comércio de Barretos", mantida pela União dos Empregados do Comércio. Década de 1930 do século XX. Acervo do Museu "Ruy Menezes".



Alunas do Grupo Escolar do Frigorífico atuando na opereta "A Branca de Neve", por ocasião do encerramento das aulas no ano de 1939. Fonte: site oficial do Arquivo do Estado de São Paulo.

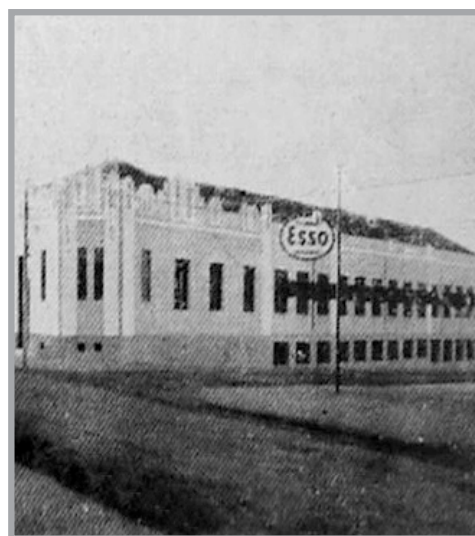
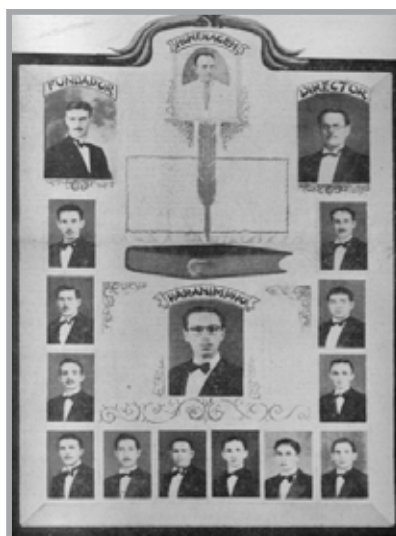


Imagem 1) Turma de contadores da Escola Técnica do Comércio - 1938; Imagem 2) Vista do Prédio do Colégio Estadual e Escola Normal "Mário Vieira Marcondes" – década de 1950. Fonte: (1) Jornal do Museu "Ruy Menezes" (2) MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. p.127

³ **Admissão:** era um curso preparatório para o exame de admissão ao secundário. Esse exame era parecido com os vestibulares hoje em dia e fazia-se necessário por não haver vagas para todos no ensino secundário.

⁴ **Guarda-livros:** era uma profissão parecida com a de cartorário e muito nobre na época.

Soares de Oliveira. Em 1947, o Ginásio Municipal foi encampado pelo estado de São Paulo. No ano de 1952, iniciou suas atividades como Escola Normal, depois de um tempo passou a chamar-se Instituto Estadual de Educação “Mário Vieira Marcondes”, foi quando ganhou o apelido de “Estadão”, perpetuado até os dias de hoje. Em 1960, seu prédio foi transferido para onde encontra-se atualmente, na avenida 43 entre as ruas 14 e 12.

Em 26 de maio de 1953 foi instalada a **Escola Artesanal de Barretos**, de administração do governo do estado, que tinha a função de preparar o estudante para o trabalho. Em 1957 passou a chamar-se Escola Artesanal “Cel. Raphael Brandão” e em 1963 a escola Artesanal foi transformada em Industrial. Em 1965 funcionava a escola “[...] com curso ginasial, industrial, aprendizagem mecânica geral, cursos extraordinários de corte e costura, arte culinária e outros” (“A Semana”, 07/06/1964).

É interessante notar que os cursos técnico-profissionais implantados na cidade sempre tinham cursos dedicados a ensinar as “prendas domésticas”, estes cursos eram destinados exclusivamente às mulheres, o que demonstra a reprodução do papel da mulher como dona de casa.

Em uma reportagem de um jornal local na década de 1950, anunciava-se que visitaram a “Escola Industrial” vários importantes políticos da capital do estado e da cidade, a fim de avaliarem a condição da escola. No entanto, o que constataram era que os cursos profissionais, muito bem equipados, estavam praticamente abandonados pelos alunos! Pois contavam com apenas 2 a 7 alunos por classe. O motivo, explicou o diretor Prof. Arilton Antônio Nunes: “É comum, disse-nos o seu diretor, na época das colheitas, alunos abandonarem as aulas para se entregarem aos trabalhos do campo” (Fonte: “A Semana”, 28/11/1959).

Essa situação é a constatação de que em vésperas da década de 1960, os jovens e também adultos das classes baixas encontravam dificuldades em seguir os estudos, devido à necessidade de trabalhar. Tal situação ainda perduraria por muito tempo. Com certeza atingiu muitos dos seus avós e pais, devendo atingir ainda parte da população barretense.



As normalistas do Colégio Estadual e Escola Normal “Mário Vieira Marcondes”, em excursão ao Rio de Janeiro, visitaram o presidente Getúlio Vargas em agosto de 1951. Ao lado esquerdo de Getúlio encontra-se a Professora Nilza Diniz Soares de Oliveira, que era diretora da escola. Acervo Museu “Ruy Menezes”



Prof. Raul Alves Ferreira, diretor do “Estadão” na época da mudança do prédio.

Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Escola Artesanal, durante a construção.

Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



A Câmara Legislativa do estado “baixou” decreto colocando o nome de “Cel. Raphael Brandão” na então Escola Artesanal a pedido dos vereadores barretenses. Na ocasião foi cogitado o nome de Silvestre de Lima para nomear a escola, ganhando o de Raphael Brandão em votação. Mais tarde, o nome do Cel. Silvestre de Lima nomearia o então 4º Grupo Escolar fundado em 1952, na Vila Baroni.

Em 1985, a então E.E.P.S.G. “Cel. Raphael Brandão” vinculou-se ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Atualmente, os cursos da Etec “Cel. Raphael Brandão” atendem às demandas regionais, sendo dezoito cidades circunvizinhas e cinco cidades do estado de Minas Gerais.

No ano de 1957, foi fundado em Barretos o **Ateneu “São José”**, que um ano mais tarde passou para o poder público municipal, quando Benedito Realindo Côrrea era o prefeito. Tinha o nome de “Ginásio e Escola Técnica do Comércio”, onde funcionavam os cursos de contabilidade e auxiliar de escritório, juntamente com o curso ginasial (atualmente 6º ao 9º ano).

A partir do ano de 1968, o Ateneu de Barretos deixou de ser municipal e passou para o governo do estado, funcionando o 2º Grau com habilitação ao já tradicional curso de Contabilidade. A escola ministrava aulas de Educação Física e tinha uma banda marcial, que foi muito famosa. As bandas marciais constituíam prática recorrente entre as escolas daquela época, que enchia de orgulho os alunos que disputavam uma vaga na banda, empolgados para apresentarem-se nos eventos cívicos da cidade.

Em 1963 foi criado o **Ginásio Estadual Vocacional**. A atuação dessa escola era diferenciada, pois fazia parte de um programa do governo do estado, o Serviço de Ensino Vocacional. A respeito deste programa nos explica Aurea Cândida Sigrist de Toledo Piza, ex- diretora do Ginásio Vocacional de Americana: *“Muita gente acha que o termo vocacional está relacionado à profissão, mas não é. Esse nome foi escolhido porque o sistema visava formar homens livres, críticos e criativos, de modo que eles pudessem arquitetar sua vocação ontológica de ser humano”*. (Fonte: portal.aprendiz.uol.com.br /2011/06/28/ginasiosvocacionais)

Os alunos desenvolviam atividades como acampamentos nas fazendas da região e encenação de peças teatrais, como parte complementar de um currículo que desenvolvia o espírito comunitário e crítico. Uma importante conquista do Ginásio Vocacional foi a abertura dos cursos noturnos industriais, onde fabricavam-se pequenos utensílios nas oficinas da escola, aproveitando essa atividade para o aprendizado em todas as disciplinas.



Fachada do Prédio onde funcionou a Escola Estadual “Embaixador Macedo Soares”, antigo Vocacional. Atualmente funciona neste prédio a Secretaria de Saúde do Município. Acervo da Delegacia de Ensino de Barretos.



No ano de 1993 a E. E. “Paulina Nunes de Moraes” foi vencedora na FESTIART, recebendo 16 premiações com a peça teatral “O Circo”.



Durante o período da Ditadura Militar (1964 – 1985), o autoritarismo impediu a participação política das classes populares em todos os setores da vida em sociedade, inclusive na educação. Professores, alunos e funcionários foram perseguidos e todas as escolas passaram a ser vigiadas pelo Serviço Nacional de Informações (SNI). Vivemos, nesta época, um período de retrocesso, em que o conteúdo e métodos educacionais foram limitados e discussões e disciplinas reflexivas foram proibidas.

Em 1967 mudou-se para prédio próprio, que em 1968 passou a chamar-se Ginásio Estadual Vocacional “Embaixador Macedo Soares”, instalando-se o curso ginasial. O ensino vocacional foi extinto em 1969, formando-se a última turma dessa modalidade em 1974.

Tivemos no Brasil durante o período democrático (1946-1964) um grande avanço popular na área da educação, como a aprovação em 1961, da “Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional”. Dentre outras iniciativas de caráter popular, como o Vocacional, tivemos a Campanha de Educação de Adultos (1947), o Movimento de Educação de Base (1961) e o Programa Nacional de Alfabetização (1963), onde se sobressaiu o método de um famoso professor, chamado Paulo Freire.

Com a instalação da ditadura militar, o método de Paulo Freire foi extinto, devido ao seu caráter crítico. No lugar, instalou-se em 1967 o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) que se destinava aos adultos. Em Barretos, o MOBRAL foi instalado no início da década de 1970, e em 1973 chegou a ter 500 alunos matriculados, tanto na zona rural como na urbana, espalhados pelos núcleos do MOBRAL, que podiam ser os salões das igrejas.

Em Barretos, foi justamente durante este período que se proliferaram os estabelecimentos de ensino estaduais, que mais tarde passaram a se chamar Escolas Estaduais, substituindo a antiga nomenclatura de Grupo Escolar. O poder público municipal cuidou durante esse tempo da educação infantil, fundando vários parques infantis, que então eram administrados pela secretaria de promoção social. Só em 1999, as creches municipais passaram para a administração da Secretaria de Educação do município, tornando-se estabelecimentos propriamente educacionais com a designação de “Centro Municipal de Educação Infantil” (CEMEI).

No ano de 1997, a Secretaria Municipal de Educação implantou o ensino fundamental, ampliando gradativamente os prédios e recursos humanos para atender à nova demanda. Além disso, atende também a um contingente de adultos através do Ensino para Jovens e Adultos - EJA e de cursos profissionalizantes. Atualmente funcionam em Barretos 11 escolas públicas estaduais e 42 municipais, entre CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) e EM (Escola Municipal).



Veridiana Suzuki.
Acervo: Maurício Suzuki.



Justamente por essa característica de formar cidadãos críticos, conscientes e de utilizar-se de métodos que exaltavam o espírito comunitário, que o ensino vocacional foi extinto pelo governo militar em todo o estado. Em Barretos, professoras e uma mãe de aluno foram presas: Veridiana Suzuki, membro da APM, Elisabeth Chinali, diretora do Vocacional e Maria Medeiros, coordenadora pedagógica. Um quadro intitulado “O Calvário” de autoria do professor de artes Nirceu Aparecido, apresentava-se exposto no saguão da escola, conta-se que Che Guevara, o líder da revolução comunista em Cuba, estava pintado no centro da cruz de Cristo e John Kennedy e Martin Luther King nas cruzes laterais; o fato foi, ao que parece, que muitas pessoas contrárias ao comunismo não se conformaram com a presença de Che Guevara no quadro e aproveitaram o episódio para denunciar a metodologia da escola. Isso culminou com a vinda de membros da Polícia Federal a Barretos em 12 de setembro de 1969. Levaram as detidas para Campinas. A professora Veridiana foi libertada no dia seguinte, graças à influência de seu marido, o então vereador, Matinas Suzuki. No entanto, o ensino Vocacional foi extinto naquele mesmo ano. Fonte: Depoimento de Matinas Suzuki, publicado no jornal “O Diário” de 01/09/1991. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Século XX: Ensino Privado

A iniciativa privada foi pioneira na preocupação com o ensino das crianças barretenses. Destacou-se os professores locais que se esforçaram para tornar realidade a instrução no distanciado sertão de Barretos. Este foi o caso de Noemi Hilda de Mello Nogueira. Pertencia à elite barretense, filha de Pedro Paulo de Souza Nogueira, que foi intendente de Barretos. Além de escrever no jornal “O Sertanejo”, traduzindo poemas do francês para o português, Noemi ministrou as primeiras letras para as crianças, abrindo, em 1901, salas particulares. Segundo Osório Rocha, “[...] suas aulas foram frequentadas por meninas das mais distintas famílias locais e nos seus últimos tempos eram dadas no salão da frente da confortável residência do Cel. José Eduardo de Oliveira, hoje aumentada e transformada no Central Hotel” (ROCHA, 1954, p.322). Pela declaração desta fonte histórica, podemos afirmar que o **Colégio Nogueira** era destinado à formação dos filhos dos membros da elite barretense.

Por volta do ano de 1903, já estava funcionando na cidade o **Colégio Lacerda**, fundado pelo capitão Ernesto Lacerda, destinado à instrução primária e secundária somente para meninos nas modalidades de externato e internato. Vejamos um anúncio deste Colégio:

Collegio Lacerda
BARRETOS
 Instrução primaria e secundaria para o sexo masculino
INTERNATO E EXTERNATO
 Leccionam-se todos os preparatorios exigidos para a matricula nos cursos superiores da Republica.
 O corpo docente será fornecido à medida que for sendo reclutado, para o que conta a direcção com optimos e conhecidos auxiliares.
 Recebem-se alumnos das seguintes categorias: Internos, semi-internos e externos, que pagarão segundo a seguinte

TABELLA DE HONORARIOS:	
Internos, por trimestre	200\$000
Semi-internos	120\$000
Externos (Instrucção primaria)	30\$000
» » secundaria	45\$000

Os pagamentos são feitos adeantadamente, sem desconto, considerando-se vencido o trimestre uma vez começado.
 O collegio não dá ferias.
 Para mais informações dirigir-se pessoalmente, ou por carta, ao
DIRECTOR
Ernesto Lacerda
 NOTA.—A pedido de algumas pessoas fica estendido o prazo para a matricula ao corrente anno até 15 de abril.

Propaganda do “Collegio Lacerda” publicada no jornal “O Sertanejo”. Fica explícito o caráter elitizante do ensino, pois além dos cursos serem pagos, “os preparatórios”, ao qual o cartaz se refere, tratava-se do curso secundário. Este era composto por disciplinas avulsas voltadas à preparação para os exames de ingresso no ensino superior, que só existiam fora da cidade e só poderiam, também, ser frequentado pelos filhos dos mais abastados.

Fonte: “O Sertanejo”. 05/04/1903. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Muitos outros professores se empenharam em fundar escolas particulares, cobrando dos pais dos alunos mensalidades pelas modalidades de internato, semi-internato ou externato, muito comuns à época. Os mais ricos, por sua vez, muitas vezes mandavam os seus filhos a estudarem fora, na capital, assim, mesmo muitos dos mais abastados não se preocupavam com o desenvolvimento da educação local.

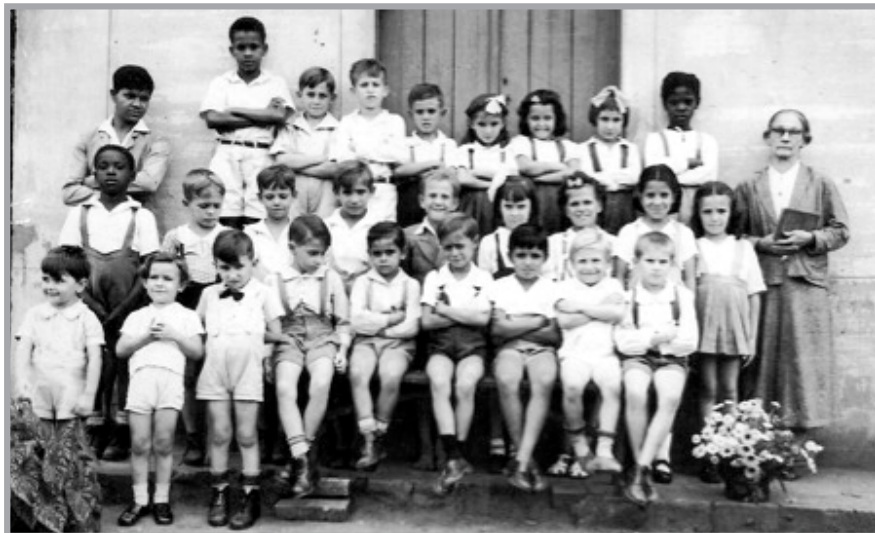
Se no início do século XX vieram para Barretos novos tipos sociais e a população aumentou em grande escala, o desenvolvimento econômico não eliminou a pobreza, muito pelo contrário, a intensificou. Agravavam-se as diferenças e problemas sociais, que aumentavam a distinção entre



No início do século XX, nos anos de 1900, se têm notícia de uma professora chamada Glorinha que era muito conhecida no ramo da educação particular (ela é a destinatária daquele convite de inauguração do Paço Municipal que você viu na Unidade II). Nos anos 20 e 30, os jornais de Barretos apontam também a professora Antonieta de Almeida Prado que atuava em escolas do frigorífico.

o centro da cidade e o bairro “Outro Mundo”. Entre esses problemas estava o acúmulo de crianças abandonadas, vagando pelas ruas a se envolver em brigas, roubos e marginalidades.

O nome da **Professora Paulina Nunes de Moraes** se destaca como uma benfeitora neste sentido. Paulina veio de Piracicaba para Barretos em 1915 e fundou a “**Escola Mista da Infância**”. Sua ação no magistério destacou-se por especial dedicação às crianças com deficiências mentais, além de acolher alunos que tivessem sido expulsos de outras escolas. Sua escola localizava-se no então bairro do “Outro Mundo” (Fortaleza), onde lecionou por mais de 50 anos. Sua atuação ficou marcada na memória da cidade ao ponto de nomear uma escola estadual.



Turma da Escola Mista da Infância de 1941. Na ponta, do lado direito, a professora Paulina Nunes de Moraes.
Fonte: Acervo do Museu “Ruy Menezes”

Dando especial atenção a este caso do aumento de crianças abandonadas e indigentes é que se destaca na cidade o **Educandário Sagrados Corações**, fundado em 1934. Esta entidade de educação e de amparo à criança e ao adolescente nasceu da “Creche e Asilo Anália Franco”, fundado na cidade em 1918.

Em 1934 a entidade passou a ser autônoma; regida por estatutos próprios. Em 1936 assume o comando as Irmãs Franciscanas da Penitência, vindas da Alemanha. A partir daí, em 1942, a entidade passa a ser de caráter religioso católico. O atendimento foi ampliado aos meninos em 1951, construindo-se uma ala, que recebeu o nome de “Casa Abrigo Irmã Lurdes”, onde atualmente nomeia o “Educandário Sagrados Corações” situado à avenida 19 com a rua 6. Em 1984 houve a separação das alas feminina e masculina instalando-se o “**Educandário São Benedito**” para os meninos no bairro *Jockey Clube*.

O desenvolvimento econômico de Barretos atraiu no início do século XX, grande massa de imigrantes, a comunidade sírio-libanesa fundou em Barretos o “**Gymnásio Syrio-Brasileiro**”, destinado a congregar o seu povo e a ensinar as crianças os preceitos de sua cultura. Foi fundado em 1917 pelo Professor Habibe Khodor, e oferecia os cursos primário, secundário e comercial nas modalidades internato e externato. O Ginásio funcionava no antigo prédio do “Hotel Martinelli” posteriormente “Grande Hotel” e nos últimos tempos “São José”, situado na rua 18 esquina com a avenida 15.



Anália Emília Franco nasceu em 1853 no Rio de Janeiro e destacou-se em São Paulo por seu trabalho com a educação infantil. Conhecida como a “Grande Dama da Educação Brasileira”, ela criou métodos educacionais inovadores para a época, que valorizava o ser humano e o aprendizado prático. Construiu 28 escolas maternas na capital, 27 no interior, 3 liceus, 4 escolas para adultos, 2 escolas de idiomas, 7 escolas primárias, 7 escolas profissionalizantes, 2 Colégios, 22 creches no interior de São Paulo e 2 na capital.



Ginásio Santo André – década de 1940. Fonte: *Jornal Barretos Memória*, nº 1. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Imagem 1) estudantes do ginásio sírio-brasileiro, que compunham a fanfara, em 1923. Nota-se no canto da foto o pequeno canhão de propriedade da escola e orgulho de seus alunos. Imagem 2) 1ª turma de guardalivros de 1924. Fonte: livreto do *Gymnásio Syrio-Brasileiro*. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

O currículo abrangia aulas de árabe (já que quase todos os alunos eram filhos de sírios), ginástica sueca, esgrima e evoluções militares. Revelando o gosto pelos novos preceitos republicanos que pregavam as práticas militares e as ideias higienistas, que incluía o cuidado com o corpo. Por isso a nova preocupação expressa nas aulas de educação física presente em todas as escolas.

A educação para mulheres era ministrada com especial zelo nos colégios religiosos, administrados pelas freiras, que tinha como principal objetivo a formação “integral” das meninas, seguindo preceitos religiosos e tradicionais de ensino. O que vemos é a conservação de preceitos que vigoravam desde a época colonial.

Em 1936 foi fundado em Barretos o **Ginásio “Santo André”**, sob a direção das religiosas da “Associação Literária e Recreativa Santo André”, dirigida pela Madre Julia Casier. Em 1947, as religiosas da “Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora” compraram o estabelecimento.

A partir daí, a escola passou a chamar-se **Escola Normal Livre e Ginásio “Maria Auxiliadora”**, seu prédio era o atual Colégio “Nomelini Cirandinha”. Não possuindo renda, o colégio mantinha suas atividades mediante cooperações de benfeitores, subvenções de poderes públicos e contribuições das alunas. As meninas do então apelidado “Colégio das Freiras” se destacavam pela luxuosidade de seus uniformes e pela elegância com que se apresentavam nos desfiles cívicos.



Bacharelandas de 1945 da Escola Normal Livre e Ginásio “Maria Auxiliadora”. O uniforme de gala era constituído de saia e blusa branca, luvas brancas, sapatos pretos de verniz; na cabeça, boina azul marinho de feltro. No ombro, o escudo com a frase em latim “Ora et labora”, recomendando às alunas “Oração e trabalho”. A rapaziada da época, que não perdia tempo, passou a interpretar a frase do escudo como “Olha e namora”. Acervo: Museu “Ruy Menezes”

A Escola Técnica do Comércio do Ginásio Municipal passou na década de 1950 para a direção do Sr. João Carlos Soares de Oliveira. Neste mesmo ano o professor instalou o primeiro curso ginasial noturno sob o nome de **Ginásio “Francisco Barreto”**, em homenagem ao fundador da cidade. Com a transferência do “Estadão” para o novo prédio, o professor João Carlos Soares de Oliveira adquiriu o prédio da rua 20, para instalar a Escola Técnica do Comércio e o Ginásio “Francisco Barreto”. Em 1972 houve a junção das duas escolas que passou a chamar-se **Colégio Técnico Soares de Oliveira**. Tempos depois seu nome mudou para apenas Colégio Soares de Oliveira.



Corpo docente da Escola Técnica do Comércio e Ginásio Francisco Barreto. Ao centro, sentado, o Prof. João Carlos Soares de Oliveira. Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. p. 131. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Em 1946 foi criado o “Serviço Social da Indústria” – SESI. É uma entidade de direito privado, organizada e dirigida pela Confederação Nacional da Indústria para prestação de serviços à classe operária e funciona em todo o país. Em Barretos, foi instalada uma unidade do SESI em 1951. Durante a gestão do prefeito João Batista da Rocha foi construído o atual prédio do SESI à rua 34, que atualmente atende alunos do ensino fundamental.

Em 1969 foi fundada a **Escola de Educação Integrada Cirandinha**, com a finalidade de atender somente às crianças, sendo sua primeira diretora a Prof^a Maria Gabriela de Almeida Nomelini. No ano de 1974, quando já funcionava, além do Jardim de Infância e a Pré-Escola, também o 1º Grau, a escola mudou-se para o antigo prédio da Escola Normal Livre e Ginásio “Maria Auxiliadora”. Hoje, o Colégio Nomelini Cirandinha oferece educação desde o infantil até o Ensino Médio e pré-vestibular.

Atualmente, temos na área da educação privada o **Colégio Drummond**, fundado em 1990, que oferece educação infantil, ensino fundamental e médio. O **Colégio Barretos Objetivo**, que surgiu em 1986. Naquela época chamava-se Colégio Alto Padrão, hoje funciona em prédio próprio na avenida 23 e oferece ensino infantil, fundamental e médio. Foi instalado em 2007 o **Colégio Plus COC**, que oferece o ensino fundamental I e II, ensino médio e curso pré-vestibular.



O Professor Jorge Olegário de Almeida Abreu. Nasceu na Bahia e estudou engenharia no Rio de Janeiro. Nunca chegou a exercer a profissão, envolvendo-se com o jornalismo e o magistério. Veio para Barretos em 1943, lecionando em seu estabelecimento particular que chamou de “Instituto Francisco Barreto”. Foi professor de História no Colégio e Escola Normal Estadual “Mário Vieira Marcondes” e no Colégio Soares de Oliveira, lecionando ininterruptamente até sua aposentadoria em 1970. Destacou-se na cidade por ser muito duto, publicando dois livros, do qual o mais famoso é “História da Literatura Nacional”. Exerceu atividade de jornalista, colaborando com os jornais locais “Correio de Barretos”, “A Semana” e “O Diário”. Faleceu em 1975.
Fonte: acervo do Museu “Ruy Menezes”.

Ensino Superior

O sistema escolar barretense desenvolvia-se e tornou-se necessário a implantação na cidade de cursos superiores que atendessem a demanda. Orientado pelo Dr. Roberto Frade Monte, professor de engenharia da Universidade Mackenzie da capital paulistana, o então prefeito João Batista da Rocha, no dia do aniversário da cidade de 1964, anunciou a instalação da Faculdade de Engenharia, criando a sociedade autônoma e sem fins lucrativos “**Fundação Educacional de Barretos**”.

O ensino superior ainda hoje é privilégio de poucos, e na década de 1960 seu caráter elitizante era ainda mais forte. A classe estudantil e parcelas populares lutavam para mudar esse cenário, no entanto, foram interrompidos pelo golpe militar de 1964. Buscando neutralizar a luta dos estudantes por mais vagas na universidade pública foi que o governo promoveu a reforma universitária de 1968, que entre outras ações, multiplicava a autorização da abertura de faculdades particulares. Podemos supor que em Barretos o governo saiu na frente, aprovando o funcionamento do curso de engenharia já em 1966. Uma mostra da presença do poder federal neste empreendimento foi a participação do General Golbery do Couto e Silva, Chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) e do governo da Ditadura Militar na solenidade de inauguração do curso de engenharia.

Em 14 de agosto de 1981 foi criado o **Instituto Tecnológico e Científico “Dr. Roberto Rios” – INTEC**, com o objetivo de coordenar e realizar estudos e pesquisas científicas que contribuam para a comunidade local, estadual e brasileira. A Universidade também oferece Pós-Graduação, que hoje em dia trabalha com as modalidades “Atualização e extensão”; “Strictu-sensu” e “Lato-sensu”, otimizando assim a área da pesquisa. Em 1994 foi implantando o **Colégio e Escola Técnica da FEB – CETEC**, funcionando o ensino médio regular e alguns cursos técnicos.

A FEB constituiu-se até 2003 por quatro grupos de faculdades isoladas: FAENBA (Faculdade de Engenharia), FACIBA (Faculdade de Ciências), FOFEB (Faculdade de Odontologia) e FADA (Faculdade de Direito e Administração). Em julho de 2003 estas mesmas faculdades unificaram-se, transformando-se em Faculdades Unificadas da Fundação Educacional de Barretos. Em outubro de 2007 foi transformado em Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos, o UNIFEB, assegurando assim autonomia para criar, organizar e extinguir cursos de graduação, contando atualmente com 25 cursos de nível superior.

No nível superior particular ainda temos na cidade as **Faculdades Integradas Soares de Oliveira**, que nasceu do antigo Colégio Soares de Oliveira e oferece curso de Pedagogia. A recém-instalada **Faculdade Barretos**, que oferece cinco cursos: História, Administração de Empresas, Sistemas de Informação e Enfermagem. É mantida pelo Centro Unificado de Educação de Barretos que, além da faculdade, mantém cursos técnicos, o colégio e educação à distância. O ISEB (Instituto Superior de Barretos) nasceu do Centro de Idiomas Ibero-Americano de Barretos fundado na cidade em 1999. Em janeiro de 2005 foi credenciado como Instituto Superior.

Recentemente a cidade vem se dedicando a instalar os cursos superiores à distância EAD (Ensino à Distância), trata-se de uma modalidade em que não é necessária a presença física do estudante nas aulas, todo o processo ensino-aprendizagem é informatizado e via internet. As vezes, pode contar com algumas aulas presenciais ministradas nos pólos das



Prof. Roberto Frade Monte.
Fonte: “O Diário”, 10/01/1971,
p. 1. Acervo: Museu
“Ruy Menezes”.

idades credenciadas. Em Barretos temos o **Colégio Plus Coc** que oferece alguns cursos de graduação EAD e um pólo do LICEUTEC e do Centro Universitário Anhanguera.

Ganha destaque também a **Universidade Aberta do Brasil (EAD – Pólo Barretos)**, que oferece cursos a distância da UnB (Universidade de Brasília) de Administração Pública, Artes Visuais, Educação Física, Geografia e Teatro. A implantação desse polo na cidade é de grande relevância, já que a Universidade de Brasília é pública e uma das melhores do país. No dia 16 de fevereiro de 2012, o Polo Barretos/UAB/UnB, formou a primeira turma de licenciados em Artes Visuais, Educação Física e Teatro.

Neste sentido, destaca-se também a unidade barretense do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) inaugurado na cidade em 2009. A instituição é uma autarquia federal de ensino e, além dos cursos técnicos, oferece atualmente o curso superior de licenciatura em Ciências Biológicas e Tecnologia em Gestão de Turismo. Seu prédio localiza-se no bairro Cristiano Carvalho.

Foi instalada em 2010 a **Escola Politécnica de Saúde de Barretos**, que oferece os cursos de técnico em enfermagem e técnico em radiologia. Em 2012 surge integrada a esta a **Faculdade de Ciências da Saúde de Barretos “Dr. Paulo Prata”**, que deu início as suas atividades este ano com sua primeira turma do curso de Medicina, realizando um antigo sonho de seu idealizador Henrique Prata, que também é diretor do Hospital de Câncer de Barretos e filho do Dr. Paulo Prata, que nomeia a nova faculdade.

São 30 vagas semestrais para o curso de Medicina. A instituição disponibiliza uma infraestrutura de laboratórios de apoio, laboratórios de práticas profissionais, salas de aula e biblioteca para receber os alunos, que contarão com a parceria da Fundação Pio XII, Santa Casa, Secretária Municipal de Saúde, Diretoria Regional de Saúde e os Ambulatórios Médicos de Especialidades (AME) de Barretos, que auxiliarão na aprendizagem prática dos futuros médicos.



IFSP. 2012. Foto: Ezequiel Amós.



Faculdade de Barretos. 2012. Foto: Daniel Pacheco.



Unifeb. 2012. Foto: Guilherme Soares.



Faculdade de Medicina, 2012. Foto: Guilherme Soares.



Unidade IV

Referências

MENEZES, Ruy. **Espiral: História do Desenvolvimento Cultural de Barretos.**

MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. **Álbum Comemorativo do 1º Centenário da Fundação de Barretos.** Gráfica Tedesco: 1954.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **Filosofia e História da Educação.** 7ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.

ROCHA, Osório. **Barretos de Outrora.** 1954.

Jornais

“O Diário”, 1971 a 1974;

O Sertanajo;

A Semana 1959-1964;

Correio de Barretos 1947-1957;

O Diário – 1969; 1972.

Sites

<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/index.html>

<http://200.133.218.44/site/> (site do Ifsp)

<http://www.portal.aprendiz.uol.com.br/2011/06/28/ginasiosvocacionais>

<http://www.unifeb.edu.br/historicounifeb.pdf>

<http://www.barretos.sp.gov.br>

<http://www.diretoriabarretos.com.br/Escolas#>

<http://www.isebarretos.edu.br/institucional-historico.htm>

<http://www.colegionomelini.com.br/>

<http://www.fcsb.com.br/index.php>



Unidade IV • Capítulo 3

Temas da História Barretense

Esporte

Desde os tempos da Grécia Antiga, o esporte vem sendo divulgado como recorrente costume em diversas sociedades do planeta. Na escola, você tem contato com o esporte através da disciplina de Educação Física, que busca além do entendimento dos mais variados tipos de jogos e competições, o bem estar do corpo e da mente como forma de equilíbrio para uma vida mais saudável. Logo abaixo será apresentado um histórico do esporte na cidade de Barretos entre os séculos XX e XXI, que sintetiza como as atividades esportivas foram vistas e sentidas pela comunidade com o passar das décadas e dos governos políticos.

O contexto do esporte nacional e em Barretos

*“Saudações do Prefeito Municipal,
Na ufania cívica da importante jornada do atletismo pátrio, quando Barretos faz convergir a atenção do país para o seu Centro Esportivo Municipal; Na expectativa dos melhores índices técnicos, superando recordes brasileiros e sul-americanos, na ante-visão de um Pan-Americano melhor para as nossas cores; Na crença de que os nossos Dirigentes, atentos à nossa realidade inferior na área dos esportes olímpicos, avançam técnicas permanentes – para colocar nossos atletas no cume – e por intermédio deles – o Brasil, no pódio das Olimpíadas; [...] **No reconhecimento de que, mais do que saúde, o Esporte é Cultura e Civismo, educando o jovem a competir pelas suas cores com fibra e perseverança, e, ao final, ser Homem nas vitórias e nas derrotas, tal qual no dia-a-dia da vida!”***

Grafia da época. Fonte: Panfleto da Prefeitura Municipal de Barretos, gestão do prefeito Ary Ribeiro de Mendonça, 1976. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

O documento acima é parte do discurso proferido pelo prefeito de Barretos, Ary Ribeiro de Mendonça, no ano de 1976 na ocasião



Leônidas da Silva, o "Diamante Negro". Foi o centro-avante mais famoso do Brasil na década de 30, além de ter sido o criador do "gol de bicicleta". Jogou pelo Botafogo e São Paulo Futebol Clube Futebol Clube.



A Copa do Mundo surgiu em 1930 e o primeiro campeonato foi disputado no Uruguai, com a participação de 16 seleções mundiais sem disputas de eliminatórias.

A ideia de realizar um evento mundial de futebol surgiu em 1928 quando Jules Rimet, ao assumir o comando da FIFA, junto com sua equipe, começou a organizar os campeonatos e idealizar a taça oficial. Conhecida por "Taça Jules Rimet", em homenagem ao idealizador, a taça do mundo foi criada em 1929 por um ourives francês e passou a ser o prêmio conquistado pelas seleções vencedoras a cada quatro anos.

da realização do "VI Troféu Brasil de Atletismo", que estava sendo sediado na cidade. Você pode estar se perguntando o motivo de termos começado o histórico do esporte em Barretos pelos anos 70, não é? Na verdade, a intenção é demonstrar como o esporte é algo muito além do que as competições e os exercícios. No caso do documento inscrito anteriormente, percebemos no discurso do prefeito a relação do esporte nacional e local com o "civismo" e o "patriotismo". Esta fala é reflexo do contexto político e social que o Brasil vivia naquele tempo, onde os governantes eram, majoritariamente, militares e, como tais, valorizavam de sobremaneira o esporte no Brasil. Esta visão atribuía a nação uma característica de país centralizado, forte, patriótico, como se os cidadãos pertencessem a um corpo único e harmônico, da mesma maneira que um time de competição de esporte.

De modo mais claro, a Copa do Mundo de 1970 foi o momento em que mais se usou do esporte, no caso o futebol, como tática de patriotismo, que enaltecia a ideia de que se o Brasil desse certo no futebol, isso seria resultado do governo positivo dos militares.

Outra época em que o futebol foi incluído no projeto político foi no período do primeiro **governo de Getúlio Vargas**, 1930 a 1945. Segundo análises históricas atuais, o presidente Vargas almejava construir uma nação ordenada e disciplinada e o futebol era utilizado como veículo de propaganda da "identidade nacional" do Brasil, uma vez que era capaz de reunir numa arquibancada pessoas de diferentes regiões, cores, crenças e condições sociais.

Na época, a valorização do estilo coletivo de jogar e a disciplina que os jogadores deviam seguir, fazia parte do projeto do governo. No entanto, o futebol apresentou resistência a isso, pois o estilo brasileiro de jogar sempre foi baseado na malemolência, na ginga e no individualismo dos jogadores. Foi assim que surgiu um dos maiores craques populares de futebol do Brasil, Leônidas da Silva, conhecido como "O Diamante Negro".

Depois de entender um pouco sobre o contexto nacional, vamos conhecer algumas das atividades esportivas em Barretos desde o início do século XX e como elas se relacionaram com o que acontecia no país naquele momento.

Com o título de "Esporte em Barretos", o Tenente Afonso Câmara Filho escreveu um texto no "Álbum do Centenário de Barretos", em 1954, sobre o desenvolvimento dos esportes na cidade. Esse texto será a principal fonte histórica deste capítulo.

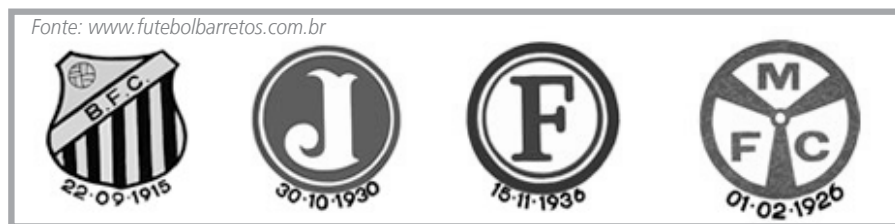
Em março de 1907 se tem notícia do **primeiro clube de futebol da cidade**, chamado "Foot-Ball Clube Barretense". Este mesmo clube inaugurou seu campo, na atual rua 22, em abril do 1907. É interessante notar que, ao mesmo tempo em que surgiam times de futebol locais, os clubes mais conhecidos a nível estadual também eram criados, como: "Corinthians", "Santos", "Palmeiras" e "São Paulo".

No começo do século XX, o futebol era um esporte da elite, trazido para o Brasil por um filho de um industrial da Inglaterra no final do século XIX, Charles Miller. Os ingleses foram responsáveis pela instalação das primeiras ferrovias, por isso muitos dos primeiros times que surgiram no Brasil tinham os mesmos nomes que as companhias ferroviárias. No entanto, com o advento da indústria e com o crescimento da classe operária, a partir do final das décadas de 1920 e 1930, os operários, principalmente os imigrantes, passaram a praticar o esporte. Assim

sendo, cada vez mais o futebol era praticado profissionalmente no Brasil, deixando de ser somente um esporte amador da elite. Em Barretos, o acesso ao futebol é perceptível a partir da eclosão de vários times deste esporte formados na cidade até os anos 1950. Acompanhe na tabela abaixo:

Clubes barretenses de futebol – Década de 1910 aos anos 1950

Futebol Clube Operários	A. A. Portuguesa
Atlético Barretense Clube	Gordural F. C.
Futebol Clube 15 de Novembro	Itambé F. C.
Associação Sete de Setembro F. C.	A. A. Estudantes de Barretos
C. A. Paulistano	Democrático F. C.
União Esportiva	Esporte Clube de Barretos
Atlético F. C.	Operário F. C.
Associação Atlética Sportiva de Barretos	Fortaleza F.C.
Barretos F. C. (2ª vez)	Favorita F. C.
Frigorífico F. C.	Veteranos F. C.
Associação Carlos Gomes	Motoristas F. C.
TG 512	Paulista F. C.
Associação Atlética Barretense	América F. C.
Clube Atlético Paulista	Associação Atlética do Ginásio
Esporte Clube Palmeiras (do Frigorífico)	Grêmio F. C.
Associação Esportiva de Barretos	Associação Atlética Barretense
Clube Atlético Independência	Clube Esportivo dos Bancários de Barretos
A. A. Bandeirantes	



Barretos Futebol Clube Esporte Clube Juventus do Frigorífico Fortaleza Esporte Clube Motoristas Futebol Clube

Como se pode observar pelos nomes dos clubes de futebol, a cidade de Barretos cada vez mais crescia em termos estruturais e profissionalizantes. Entre as denominações dos clubes estão classes profissionais específicas como os operários, os estudantes e os motoristas. Dessa forma, os clubes de futebol amador eram também locais de união e visibilidade social.

No início do século XX tivemos notícias da primeira reunião de **atletismo** em Barretos, no ano de 1909, além de constantes corridas que eram realizadas nos campos de futebol. Na década de 1910, a **patinação** era um esporte que dava seus primeiros passos na cidade. Conta-nos o “Álbum do Centenário de Barretos” que em 1914, dentro do Cine Éden, a modalidade de patinação começou a ser praticada entre os moços e moças de Barretos.

A década de 1920 foi uma época de surgimento de várias modalidades esportivas em Barretos, pois muitas cidades que se desenvolviam na região sudeste, apesar da vida predominantemente rural, tentavam aderir à modernidade das mais variadas formas, dentre elas, a prática dos esportes. Assim, instituições recreativas foram criadas para tal fim, ao ponto de Barretos sediar competições intermunicipais, como os campeonatos de futebol em benefício de entidades filantrópicas ou de saúde, como a Santa Casa de Misericórdia de Barretos, Asilo Dr. Mariano Dias, Asilo Anália Franco e outras. Observe atentamente a reportagem a seguir, que destacava a importância do evento em prol da Santa Casa de Barretos:



Atualmente, o Brasil prepara-se para ser o país sede da Copa do Mundo em 2014 e das Olimpíadas em 2016.



Na década de 1970, destacaram-se dois nomes de Barretos no atletismo: Luiz Gonzaga da Silva (Peixe) e Benedito Carlos Francisco (Rosa Preta). Em 2006, Vanilson Aparecido Da Rocha foi ouro e recorde na prova do estado de 600m rasos.
Fonte: Jornal “O Diário”.

Alcançou real sucesso o grande festival esportivo, em bôa hora lembrado pela senhorita Caridosa, e que se realizou no domingo ultimo, a tarde, no Estadio do "Barretos Futebol Clube" em beneficio da Santa Casa de Misericórdia desta cidade. Às 14 horas, já estavam replectas as archibancadas, predominando o elemento feminino, a "pelouse" encheu-se também de mais de cinquenta automóveis e de uma grande multidão, que não escondia o anseio de assistir a grande partida da tarde, o jogo de futebol entre os "doutores" e os "contadores".

Grafia da época. Fonte: Jornal "A Semana", 09/07/1927, p. 2. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

As expressões grifadas em negrito refletem a modernidade almejada pela cidade que se propagava até mesmo num simples anúncio de jornal de uma partida de futebol. O fato da cidade ter um estádio de futebol frequentado inclusive pelas mulheres na arquibancada, uma multidão revelada pela grande quantidade de automóveis (carater elitista do futebol), tudo isso para ver os "doutores" demonstra uma cidade que desejava se adequar aos moldes dos "novos tempos".

Sobre a **bicicleta**, os jornais apontam uma corrida de bicicleta, realizada no dia 14 de setembro de 1927, entre atletas barretenses que iriam percorrer o caminho de Barretos a Colina e depois voltar ao ponto de partida. Verifique a animação da seguinte reportagem que anunciava a tal corrida com a expectativa de um esporte muito novo na época, uma verdadeira "febre":

"Raid de bicycleta

Chegou também para a mocidade barretense a febre avassaladora dos raids. Assim é que, segundo nos informaram realizar-se-á no próximo dia 14 de julho um interessante "raide" de bicycleta desta cidade a Collina. A prova terá início às 8 horas da manhã, sahindo os raidmens da "A Selecta" e tendo como ponto de chegada o mesmo ponto de partida, havendo em Collina apenas 4 horas de descanso.

Grafia da época. Fonte: Jornal "A Semana", 09/07/1927, p. 4 – Acervo Museu "Ruy Menezes".

Já nos anos 1950, as corridas de bicicleta continuavam e estavam associadas ao civismo e ao patriotismo, tanto que muitas delas aconteciam em meio a comemorações de datas cívicas. Assim ocorreu com a prova ciclística "**Duque de Caxias**", que foi realizada em 25 de agosto de 1951, como parte da programação do aniversário da cidade. Segundo reportagens daquela data, o primeiro colocado da prova foi Raul Ramos do "Fortaleza Esporte Clube", que recebeu como premiação uma bicicleta. Imagens deste dia estão arquivadas no Museu "Ruy Menezes" e podem ser consideradas como verdadeiras fontes históricas a respeito do esporte nos anos dourados.

Em 28 de outubro de 1920 foi realizada a primeira luta de **boxe** em Barretos. Na década de 1930, João Vitale, que ainda era um menino, relatou que a Sociedade Italiana ofereceu curso deste esporte aos seus associados. Já na década de 1960 o barretense Antonio Paiva, "Paivinha", destacou-se no cenário pugilístico do Brasil.

Na década de 1930, os esportes pareciam estar atrelados mais com as escolas, principalmente ao "Ginásio Municipal de Barretos" do Prof. Augusto Reis Neves, como foi o caso da primeira prova de pedestre organizada por ele. O **voleibol** foi outro esporte que surgiu neste Ginásio, modalidade que atualmente tem angariado muitos títulos à cidade.



Em 1922, foi construída uma quadra de tênis no antigo campo da União Esportiva. E em 8 de julho de 1939, depois da iniciativa de Amir Cotrim e mais alguns amigos, foi inaugurada a quadra do "Tênis Esporte Clube".

Em 1941, a área desta quadra de tênis foi doada ao Grêmio, que a transformou em sua atual praça de esportes. Fonte: Depoimento de Marcos Cotrim.



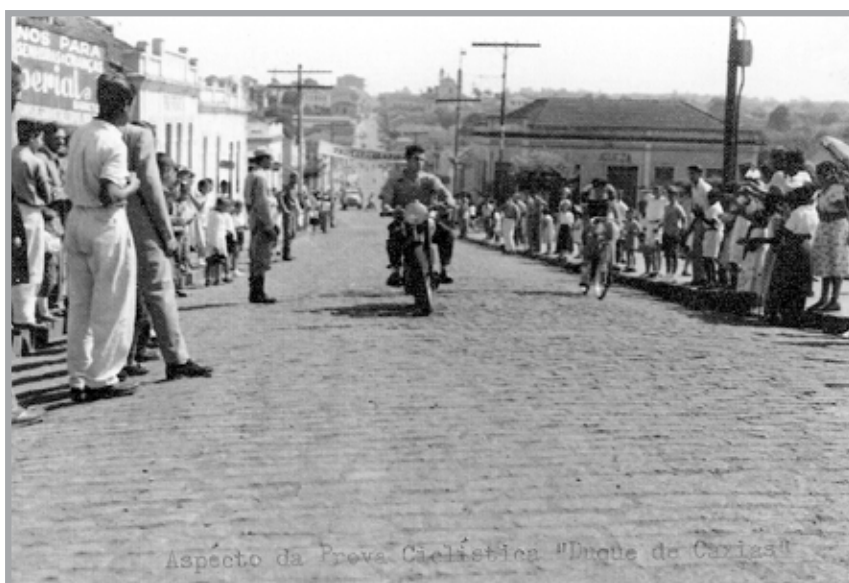
Em julho de 1960, a barretense Ione Magalini sagrou-se campeã brasileira de tênis de duplas femininas na categoria juvenil. Na década de 80, o destaque do tênis barretense era Amim Daher. Em 1989, o garoto Leandro Vieira Carvalho, na categoria 12 anos, era a "maior esperança do tênis regional".

Fonte: "O Diário", 30/8/1989.

Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Raul Ramos recebendo sua premiação, uma bicicleta. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Prova de bicicleta "Duque de Caxias". Acervo: Museu "Ruy Menezes".

A **natação** foi um esporte introduzido no ano de 1933, na ocasião da construção da primeira piscina, que, ao que se consta, não foi acabada. Em 15 de março de 1934, porém, inaugurou-se a piscina "Mariana" de propriedade do Sr. Francisco Junqueira Franco.

Em 1940 foi organizada a **Comissão Municipal de Esportes**, na administração do prefeito Fabio Junqueira Franco. Sabe-se também que, no início da década de 1940, Barretos tomou parte pela primeira vez dos **Jogos Abertos do Interior**, criado em 1936 com sede em Monte Alto. O **Troféu Bandeirantes** foi outro prêmio instituído paralelamente a esta época, criado pelo Departamento de Esportes do Estado de São Paulo para os clubes do interior paulista. Barretos participou em várias modalidades, sendo que a equipe feminina da ABC (Academia Barretense de Cestobol) conseguiu classificar-se em terceiro lugar.



Fabio Junqueira Franco, prefeito outorgado em Barretos entre 1938 e 1945 (período do Estado Novo de Getúlio Vargas). Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Inauguração da Piscina Mariana, assim denominada em homenagem à esposa de Francisco Junqueira Franco. Localizava-se na Avenida 21, entre ruas 10 e 12. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Na década de 1960, o destaque na natação foi a barretense Cristina Diniz Aranha. Em 1991, a barretense Tatiane Pereira foi destaque em Ituverava pois ganhou quatro medalhas de ouro no Projeto Nadar. Nesta mesma época, o técnico da União, Marcio Henrique Prudente de Oliveira, já tinha conquistado quatro anos consecutivos o título de campeão paulista nos 100m e 200m borboleta. Além disso, faziam parte da equipe de nadadores da União: Tadeu Cardoso, Rejan Luiz Faria e Leandro Faustoni.
Fonte: "O Diário" de 2/11/1991 e Acervo: Museu "Ruy Menezes".

A “Educação Física”, antiga “Cultura Física”

Em uma entrevista concedida à repórter Jandira B. de Oliveira, do jornal “Correio de Barretos”, a professora de Educação Física, Maria Aparecida, falou das constantes transformações desta disciplina e os desafios que ela sofreu em sua época de atuação, na década de 1950.

Naquela época, a educação física era praticada de maneira diferente a que conhecemos hoje, principalmente em relação às meninas. Segundo o costume da época, as alunas tinham que usar uma espécie de “bombacha”, um calção exageradamente comprido até os joelhos, o qual não permitia o conforto necessário para se praticar exercícios.

A professora declarava que este hábito era anti-higiênico e anti-pedagógico, visto que os exercícios não poderiam ser praticados de maneira correta e contínua. O desabafo da professora no jornal pode incitar nos profissionais da educação física de hoje certa satisfação pela evolução da disciplina no conteúdo escolar e pela luta de uma colega que desafiava os “tabus” dos anos dourados na busca por melhores condições de ensino e práticas pedagógicas da educação física.

Desde o começo do século XX, as mulheres tentavam superar o conservadorismo e caminhar junto aos novos hábitos. Dentre estes, fazer exercícios e até tornar-se profissional nesta área era algo assustador, pelo menos até dos anos 1920. Observe abaixo algumas fotografias de práticas da educação física nas escolas de Barretos. A participação das mulheres já podia ser vista, mesmo que com certa “timidez” e/ou “rigidez”.



Jovens do 1º Grupo Escolar formando time de futebol. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Percebe-se na imagem a disciplina, as vestimentas mais adequadas e organização do grupo feminino escolar, bem característico do contexto nacional da década de 1960. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



O judô barretense conquistou 6 medalhas em 2012 nos jogos regionais de Bebedouro. Ajudando a cidade a se manter na 1ª divisão em 2013.
Fonte: www.futebol.com



Um depoimento registrado em jornal no início dos anos 2000 demonstrava os limites da educação física praticada por algumas escolas em tempos atrás. Segundo o jornal: “Na disciplina de educação física, nos ginásios estaduais, pela imposição do sistema e da falta de material, só se jogava queima”.
Fonte: “O Diário”, agosto de 2004.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Na atualidade, a educação física promovia a interação dos alunos, que são instigados à concentração, atenção e cooperação dentro das atividades práticas em grupo e é organizada em três áreas: “jogos, ginásticas, esportes e lutas”; “atividades rítmicas e expressivas” e “conhecimento sobre o corpo”.

Hipódromo e Jockey Clube de Barretos

Barretos sempre foi muito associada à figura do “boi” em razão do desenvolvimento da pecuária no local. No entanto, o “cavalo” também foi muito expressivo na cidade, principalmente em relação ao esporte. Desde a época do jornal “O Sertanejo”, verificavam-se anúncios de corridas de cavalo realizadas em Barretos, inclusive com apostas e grandes competições:

SPORT. Realizaram-se no dia 19 do corrente, na raia de corridas d’esta cidade, dous pareos, entre os cavallos “Mimoso” do sr. Arthur de Oliveira e “Refugo” do sr. Magino Junqueira, ganhando folgadoamente por cinco corpos o cavallo “Mimoso”, que indubitavelmente é um animal soberbo. O outro pareo teve logar entre os cavallos “Mineiro” do sr. Antenor Junqueira e “Obediente” do sr. Magino Junqueira, ganhando por cabeça o primeiro. Sabemos que o “Mimoso” e “Refugo” correrão novamente para o mez vindouro em aposta avultada.

*Fonte: O Sertanejo, 21/7/1900, p. 3.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.*

A reportagem demonstra que essas corridas eram frequentes na cidade e sustentadas por indivíduos de posses. Em meio a essa cultura, é compreensível a construção de um hipódromo na cidade no ano de 1919. O hipódromo seria um novo lugar de sociabilidade e confraternizações da elite, principalmente de fazendeiros e criadores de animais. Era interessante ter um local de exibição destes animais e de entretenimento, o que significaria política e socialmente falando, ganhar mais uma instituição “moderna” para a cidade. Em 20 de junho de 1919 foi realizada a inauguração oficial do hipódromo. Este funcionava no local do antigo Posto Zootécnico e, depois, funcionou no aeroclube, onde hoje é a UNIFEB.



Hipódromo Barretense no final da década de 1910. Acervo da Santa Casa de Misericórdia de Barretos.



Corrida de burros no Hipódromo Barretense em 1936.
Fonte: Jornal "Barretos Memórias", nº 8, ano I, p. 5. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Após um tempo em recesso, as atividades do Hipódromo Barretense foram reabertas em 1929, ocasião em que foi criada a Sociedade "Jockey Club de Barretos". Mantendo suas atividades até 1939, quando foi fechado o hipódromo e seu campo foi cedido ao aeroclube de Barretos.

Em 15 de novembro de 1947, foi fundado o **Jockey Clube de Barretos**, um novo espaço para o hipismo na cidade, que passou a substituir as atividades hípicas realizadas no antigo Hipódromo Barretense.

Atualmente, o **Recinto "Paulo de Lima Corrêa"** passa por restaurações e adaptações para se transformar em Centro Hípico da Seleção Brasileira. Espera-se que o local torne a modalidade acessível, com a revelação de novos talentos. Um barretense destaca-se neste esporte, trata-se de Marcio Jorge, que disputará as Olimpíadas em 2016.

Por fim, existem na cidade de Barretos alguns haras particulares, que praticam atividades hípicas e a criação de cavalos.

Bola ao Cesto, o nosso Basquete

O basquete começou a ser praticado em Barretos já na década de 1910 por um time feminino promovido pelo então professor Fausto Lex. Na década de 1930, o "bola ao cesto" era praticado no Ginásio Municipal e a "União dos Empregados no Comércio". Em 1935, se tem notícias de cinco times de bola ao cesto em Barretos: "União", "Ginásio Municipal", "Piscina Mariana", "Palmeiras" e "Dopolavoro".

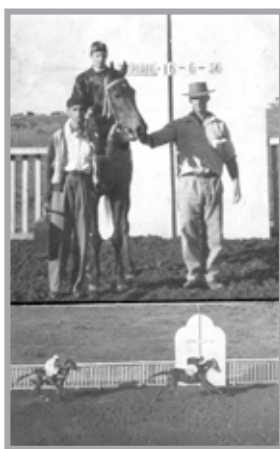
Em 1939 foi fundada a ABC (Associação Barretense de Cestobol), uma agremiação esportiva que valorizava o esporte de quadra como o voleibol, futebol de salão e principalmente o cestobol.

Em 1948, foi inaugurada a quadra da ABC. Nesta quadra realizavam-se campeonatos do interior e até lutas de boxe. Inclusive, o voleibol também era praticado ali, tendo em destaque a Profª Lone Magalini, que, segundo evidências, possuía "saques de arrasar as adversárias". No final da década de 1960, com a construção do Ginásio Municipal de Esportes (Rochão), a quadra da ABC foi desativada.

No ano de 1951, foi realizado o primeiro campeonato de bola ao cesto em Barretos, com o apoio da Federação Paulista de *Basketball*. Nesta disputa, a ABC foi classificada em terceiro lugar. Desde a década de 1950, o Grêmio de Barretos, com sua sede esportiva inaugurada em



Inauguração do Jockey Clube de Barretos em 15/11/1947.
Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Em destaque na fotografia de 1956, o jóquei Osmar Marchi em corrida no Jockey Clube de Barretos e o seu cavalo Querolito.
Fonte: Museu "Ruy Menezes".
(Acervo: Osmar Marchi).

1941, revelou interesse pelo basquete na cidade. Tanto que na década de 1980, um time foi comandado por **Ivan Tedesco**, nome que se destacou na história do basquete barretense.

Outro nome de destaque no basquete foi o de Oswaldo dos Santos, o **Caxambu**. Este, nasceu em 1939 e veio para Barretos com apenas um ano de idade. Dizia um jornal local sobre ele:

Entre os desportistas que têm prestigiado o esporte amador barretense, constituindo-se um verdadeiro patrimônio da cidade, há um nome que merece a admiração da comunidade. Trata-se de Oswaldo dos Santos, o popular Caxambu, responsável pela equipe de bola ao cesto de Barretos. [...]. [Iniciou suas atividades no esporte barretense] com 12 anos, quando dormia na bilheteria da antiga ABC. [...] Amante do esporte, amador, Caxambu dedica sua vida ao esporte da cesta. Como técnico barretense obteve este ano, vitórias contra as equipes de Rio Preto, Bebedouro, Rio Claro, Araraquara e Limeira. Perdeu apenas para Ribeirão Preto. Dos 8 jogos disputados, o time de Caxambu venceu 7.

Fonte: Jornal "O Diário", 16/8/1973, Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Ivan Tedesco e Caxambu, dois nomes destacados no basquete barretense. Fonte: Jornal "O Diário", 16/08/1973. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Em 28 de agosto de 1999 foi criada em Barretos a **Associação de Pais e Amigos do Basquete de Barretos (APAB)**, que trabalha diante do "Projeto 'Aprendendo através do Esporte'". Atualmente, este projeto conta com cerca de duzentas crianças inscritas em várias atividades esportivas. As conquistas do projeto foram muitas, tanto que a equipe da APAB em duas ocasiões representou o Brasil em Campeonatos Mundiais Escolares, em 2007 na França e em 2009 na Turquia.

A APAB, fundada pelo Profº Jesus Antonio de Oliveira, Fernando Teixeira, Marcelo Modenes e Diovane da Silva, ainda funciona em Barretos e é a mantenedora do basquete na cidade. O time de basquete feminino originado em 1993 ainda é muito conhecido pelos barretenses, sendo os nomes de maiores destaques durante a sua trajetória: Selma Barbosa (USA), Elaine Soares (USA) e Drielli Nascimento (Jundiaí). Além de outras jogadoras que passaram pelo time, angariando títulos importantes e tornaram-se verdadeiras profissionais do basquete.



A quadra da ABC também era usada para eventos festivos como shows promovidos pela rádio. Isso acontecia porque, muitas vezes o público que ia assistir os cantores de auditório ultrapassavam o espaço físico da rádio. Sendo assim, muitas vezes, o espaço da quadra era usado para tal fim. Fonte: O Diário, agosto de 2004. Artigo do Prof. Nazim Chubaci.

Barretos Esporte Clube: um breve histórico

Você sabia que o atual clube de futebol barretense, o BEC, é a fusão do antigo “Barretos Futebol Clube” com o “Fortaleza Esporte Clube”? Antes de sabermos mais sobre ele, que tal conhecermos um pouco da origem destes dois times que originaram o BEC? Vamos a eles...

O “Barretos Futebol Clube” foi fundado no ano de 1915, três anos depois ele foi reaberto. Este clube de futebol, possuía a alcunha de “Leão da 32” e era muito conhecido por ter, desde os anos 20, seu campo de futebol. Este campo funcionava onde hoje é a região da Praça 9 de julho; observe na fotografia logo abaixo e repare no requinte sua arquitetura.



Equipe do “Barretos Futebol Clube” nos anos 50. Acervo Museu “Ruy Menezes”.



Carteira de Identidade de jogador do Fortaleza Esporte Clube, “Alberto de Barros”, nos anos 50. Acervo da Família Barros.



Estádio do Barretos Futebol Clube na região onde é atualmente a Praça 9 de julho. Acervo de Patrício Augusto.

O “Fortaleza Esporte Clube”, rival do BFC nos anos 1940 e 1950, foi fundado em 15 de novembro de 1936. Possuía o apelido de “Periquito do alto da rua 20”, pois tinha o seu estádio de futebol localizado na rua 20, com as avenidas 3 e 1, inaugurado em 7 de setembro de 1939. Originalmente, se chamava “Estádio Fortaleza”, mas na época da fusão dos clubes, para se manter as duas marcas, o nome do estádio ficou “Fortaleza” e o da nova equipe, Barretos Esporte Clube. Nos anos 1990, o estádio recebeu o nome de Estádio Municipal “Antônio Gomes Martins – Cabeça”, porém, o nome “Fortaleza” ainda continua presente entre os torcedores. Depois de registrado em nome do BEC, o estádio em 1977 foi municipalizado, e a partir de então teve suas partes construídas aos poucos, como a arquibancada. Atualmente, muitos jogos têm sido realizados ali, portando-se, então, como um verdadeiro patrimônio histórico de Barretos.

A união dos dois times, “Barretos Futebol Clube” e “Fortaleza Esporte Clube” ocorreu em 1960, passando o time a denominar-se “Barretos Esporte Clube” (BEC).

Naquela época, tanto o “Barretos Futebol Clube” quanto o “Fortaleza Esporte Clube” foram rebaixados da Segunda para a Terceira Divisão, foi então que veio à tona a decisão de fundir os dois clubes.

Esta fusão foi oficialmente criada numa reunião do dia 28 de outubro de 1960, na sede da Associação Comercial e Industrial de Barretos. Deste



Frente do Estádio do Fortaleza Esporte Clube na década de 50. Fonte: Álbum Futebolístico de S. Paulo, 1957, Acervo de Patrício Augusto.



“Tio Cabeça”, como era conhecido, foi durante muitos anos o massagista dos atletas do Barretos Esporte Clube. Por tantos anos de “casa”, o clube lhe rendeu a homenagem de denominar o estádio do BEC com o seu nome, através do projeto de lei nº 92/93.

(Fonte: site do BEC)



Equipe do "Fortaleza Esporte Clube" nos anos 1950. Acervo: Família Barros.

modo, todos os bens móveis e imóveis, troféus, vínculos de atletas pertencentes aos dois times então extintos, passaram para a posse do BEC. O estádio oficial passou a ser o antigo do "Fortaleza Esporte Clube", na rua 20. As cores do BEC foram estabelecidas como o amarelo, o vermelho e o verde, tonalidades representadas no brasão da cidade de Barretos. No entanto, o principal símbolo do BEC tem sido o "Touro do Vale", e isso tem um motivo:

Quando foi fundado, o clube usava no escudo a cabeça de um touro, fazendo alusão à principal atividade econômica da cidade de Barretos e sua vocação pelos rodeios. Entretanto, em 1999 adotou o brasão do município como símbolo e passou a ter o animal como mascote, conhecido como o Touro do Vale.

Fonte: www.barretosesportecolube.com.br/clube.asp

Nos dias atuais, o BEC disputa o campeonato Paulista da série A3, promovido pela Federação Paulista de Futebol. A torcida "Fúria Jovem" tem sido destacada nas últimas atuações do BEC.



Barretos Esporte Clube (BEC) em 1964. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Barretos Esporte Clube em março em 2012. Foto: Janio Munhoz, Site do BEC.



Em março de 1973, o Barretos Esporte Clube (BEC) realizou uma promoção para angariar fundos à instituição, cujo sucesso financeiro "dependia a sobrevivência do futebol profissional em Barretos". Tratava-se de um show do "Rei" Roberto Carlos no Recinto "Paulo de Lima Corrêa". A diretoria do BEC depositava grandes esperanças no show do "rei", porque o clube estava passando por dificuldades como a falta de iluminação. Ocorre que a diretoria do BEC contratou o show para março de 1973, porém, como choveu no dia do show, o cantor que já estava na cidade aceitou transferi-lo para junho de 1973. E, para evitar prejuízos aos organizadores, não cobrou nem mesmo as despesas de viagem. Fonte: O Diário, 17/03/1973. p.7. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



O barretense Adriano de Barros, em 1984, com a camiseta da Seleção Brasileira de Juniores.

Ele participou da primeira convocação para a disputa do mundial de 1985. Naquela época, a camiseta da seleção só tinha três estrelas (Copas de 1958, 1962 e 1970). Adriano foi jogador do BEC em 1991 e do Palmeiras em 1988. Era conhecido como "Adriano Fu". Acervo: Adriano de Barros.



Torcida "Fúria Jovem" no Estádio "Antonio Gomes Martins" em 2011.
Foto: Janio Munhoz. Fonte: Site do BEC.

O futebol varzeano

Na intenção de organizar o futebol amador barretense, alguns destes clubes mais antigos, se uniram para fundar a "Liga Barretense de Futebol" (LBF) em 1947, mas a fundação só foi levada a efeito em 1948.

O interessante é que a "Liga Barretense de Futebol" existe até os dias de hoje e ainda organiza os campeonatos entre os clubes de várzea. Em 28 de junho de 2008, foi inaugurada oficialmente a sede da Liga Barretense de Futebol, que teve o total apoio de seus diretores e doação por parte da Prefeitura de Barretos.

Times como o "São Cristóvão", a "Portuguesa", o "Juventus" e o "Frigorífico" foram muito antigos na cidade e sempre participaram de torneios municipais ao longo das últimas décadas. Até hoje, alguns ex-jogadores ainda possuem lembranças sobre as antigas escalções e técnicos, bem como um acervo riquíssimo de fotografias antigas. Veja algumas delas:



"Juventus" em 1947, ano que foi campeão no amador de Barretos. Acervo: José Mesquita.



São Cristóvão Esporte Clube em 1963. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Time do Frigorífico na década de 1970.
Acervo: Alberto de Barros Filho.



Em 1973, a Portuguesa recebeu a taça de Campeão Varzeano de Barretos. Fonte: site da Liga Barretense de Futebol. Foto: Vicente Morato.



Motoristas Futebol Clube em 1956.
Fonte: Álbum Futebolístico de S. Paulo, 1957.
Acervo: Patrício Augusto.



Antigo Estádio "Dr. Adhemar de Barros",
pertencente ao Motoristas F. C.
Fonte: Álbum Futebolístico de S. Paulo, 1957.
Acervo: Patrício Augusto.

Ginásios de esporte

Talvez um dos mais conhecidos ginásios de esporte de Barretos seja o "Ginásio Municipal de Esporte João Batista da Rocha", o famoso "Rochão". Este ginásio foi criado na gestão do prefeito João Batista da Rocha em 1969. O nome "Rochão" advém da época de inauguração do ginásio, onde foi publicada uma reportagem no jornal "Gazeta de São Paulo" com o título "Rochão Palco Iluminado".

O campo de futebol e a pista de atletismo anexados no "Rochão" foram construídos na gestão do prefeito Ary Ribeiro de Mendonça, para sediar o Troféu Brasil (aquele do início deste capítulo discursado pelo prefeito Ary). Já na gestão do prefeito Ibraim Martins da Silva, o ginásio foi elevado à categoria de poliesportivo, sendo ampliado e remodelado em 1997.



Vista do Ginásio Municipal de Barretos na década de 1970. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

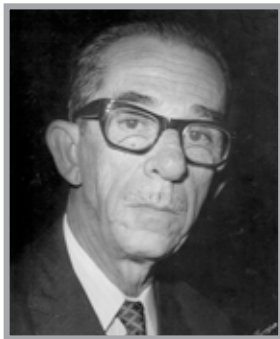


Grande parte dos clubes de futebol amador de Barretos possuía campos de treinamento e campeonatos. Alguns deles chegaram a ter campos próprios, mas a maioria treinava em propriedades particulares, que não pertenciam aos clubes. Eram extensões de terras que serviam como campos e chegavam a ter os nomes dos times que treinavam em cada local.

Muitos destes campos ainda sobrevivem, mesmo que os clubes não existam mais. Como exemplos destes "caminhos de futebol": Portuguesa, Motoristas, São Cristovão, Juventus, Esperança, São Bento, Magric, Olímpico, Ferroviária, Palmeirinha, Bahia e outros. Destes, sobraram apenas o campo da Portuguesa, cuja área é da prefeitura e o campo foi gramado. O campo do São Bento (terreno da prefeitura) foi transformado na Unidade Esportiva "José Pereira Neves – Zé Preto". O campo do Juventus, que era próprio, foi encampado pela fábrica do frigorífico, hoje Friboi, que fez outro campo. O campo da Magric foi desapropriado e hoje o local abriga o almoxarifado da prefeitura. Os demais campos não existem mais, foram urbanizados. Fonte: depoimento de Patrício Augusto.

Outro projeto de ginásio esportivo que foi instalado em Barretos foram os **CEMEPEs** (Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais) durante a gestão do prefeito Dr. Uebe Rezeck. Estes ginásios foram muito utilizados durante eventos esportivos como os Jogos Abertos do Interior e os Jogos da Primavera. A prática esportiva é relacionada hoje com a qualidade de vida, tanto que foram criadas recentemente em vários pontos da cidade as “**academias ao ar livre**” na gestão do prefeito Dr. Emanuel Mariano Carvalho. O incentivo à prática de exercício físico é vinculado à superação da obesidade, doenças e ao equilíbrio do corpo e da mente.

Então, gostou de estudar sobre o nosso esporte? Viu como o esporte na nossa cidade é muito mais do que as competições e os atletas? Falar de esporte é também remexer o “baú” da história da sociedade, da política e da economia de uma cidade. Depois de refletir sobre rápidas passagens do esporte barretense no livro, pratique o exercício de analisar o passado que está a sua volta. Pergunte às pessoas mais velhas do seu círculo de amizade sobre o que elas lembram do BEC, do Estádio do Fortaleza, da quadra da ABC, do Grêmio, da União, do Rochão, enfim... de todos os lugares de sociabilidade e prática esportiva de Barretos. Você irá se surpreender, além de manter viva a nossa história!



João Batista da Rocha, prefeito de Barretos de 1964 a 1969. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Unidade IV

Referências

CAMARGO, Felipe Maeda. **Futebol desafiou princípios do governo de Getúlio Vargas**. Disponível em: www.usp.br/agen/?p=16989. Acesso em 14 de maio de 2012.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado (Coleção Ensino & Memória), 2010.

MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. **Álbum do 1º. Centenário de Barretos**. Gráfica Tedesco. 1954. (Acervo Museu "Ruy Menezes").

MENEZES, Ruy. **Espiral: história do desenvolvimento cultural de Barretos**. Intec. 1985.

RODRIGUES, Frederico Machado Fagundes. **A seleção brasileira da Copa de 1970 e a ditadura militar**. Disponível em: www.universidadedofutebol.com.br/Jornal/Noticias/Detalhes.aspx?id=11140.

VITALE, João. **Adeus, Mico, Adeus** (Desafios de uma vida). Ed. GRD: São Paulo, 1996. (Acervo de Sueli Fernandes).

Periódicos do acervo do Museu "Ruy Menezes": A Semana, Correio de Barretos, O Diário de Barretos, Jornal de Barretos.

Documentos e Fotografias:

Acervo do Museu "Ruy Menezes";

Acervo da família Barros;

Acervo de Patrício Augusto (Álbum Futebolístico de S. Paulo, Federação Paulista de Futebol, 1957);

Acervo de Karla O. Armani (MONOGRAFIA DO ANIVERSÁRIO DE BARRETOS, Publicação de Maganize Bandeirante, Editora Erô: São Paulo, 1961).

Sítios:

<http://www.futebolbarretos.com.br>

<http://www.barretosesporteclubes.com.br>



Unidade IV • Capítulo 4

Temas da História Barretense



Manoel Gomes de Araújo
Gouveia. Acervo:
Museu "Ruy Menezes".

Justiça e Segurança Pública na passagem do século XIX para o XX

O modo com que a sociedade brasileira lida com a segurança pública e com a "justiça" tem sido muito discutido atualmente. E no passado? Como era elaborada a justiça? Quem fazia parte dela? Como e onde eram alocados os presos? Como era organizada a segurança pública em nossa cidade? Tudo isso pretende ser discutido neste capítulo, que tem como a maioria de suas fontes os processos de crimes guardados no antigo Fórum de Barretos. Algumas curiosidades a respeito de fugas, crimes e tantos outros fatos ligados à segurança serão tratados a partir de agora. Acompanhem....

Horrorosas notícias chegam do districto de S. José do Rio Preto e também de Barretos. N'aquelle, que um gruppó de quarenta ou cinquenta criminosos, chamados da famosa ilha do Rio Grande, e capitaneados pelos Seixas Ribeiros, espancaram barbaramente o vigario José Bento da Costa; deixando-o por morto; agarraram o subdelegado de Polícia, o distincto cidadão Joaquim Nicolau Rodrigues da Gama, espancaram-n'ó cruelmente no meio do largo; amarram-n'ó, amordaçaram-n'ó e assim o pobre velho foi arrastado pelas ruas e o occultaram. Em Barretos, três gruppós numerosos, capitaneados, fazem correr sangue diariamente, espancando, ferindo e dando tiros, desafiando os poderes públicos.
[...]

Não há alli nenhuma auctoridade policial, e ninguém quer servir tal cargo. Pede-se o auxilio poderoso da imprensa e do governo.

Fonte: Jornal "A Verdade", 30 de abril de 1886. Arquivo Público Mineiro.

Este artigo publicado no jornal de uma cidade mineira, Itajubá, demonstra que as regiões de Barretos e de São José do Rio Preto, pertencentes ao vasto sertão de Araraquara, eram locais com muita criminalidade. Os bandidos causavam medo à população e não havia

força policial suficiente para conter estes atos. Polícia naquela época era uma profissão de alto risco, e poucos se arriscavam.

Barretos, ao se tornar uma vila ligada a pecuária, recebeu uma maior migração de pessoas de vários pontos do Brasil. Estes vinham, ficavam alguns dias comerciando o gado, frequentando bares e cassinos e depois regressavam para suas cidades. Sabiam que não seriam localizadas, caso fizessem algo errado.

Um exemplo deste crescimento das necessidades quanto à segurança é a solicitação do subdelegado de polícia, em 7 de outubro de 1880, à Câmara Municipal de Jaboticabal, de ferros para segurança de criminosos, o que não pôde ser atendido por falta de recursos municipais.

Em 1884 Barretos contava com a presença do subdelegado Manoel Gomes de Araújo Gouveia, que iniciou uma campanha contra a criminalidade na região.

A primeira “cadeia pública” de Barretos foi um tronco de coqueiro que ficava em frente à casa do subdelegado na avenida 21, onde os presos ficavam amarrados como forma de punição. O pesquisador Osório Rocha em “Barretos de Outrora” registrou o estranhamento do Cel. Raphael Brandão quando chegou em Barretos diante de tal prática. Antes da inauguração do Fórum e cadeia em 1910, vários locais serviram de prisão aos criminosos.

Data de 1884 a abertura de um livro que se chama 1º Livro de “**Termos de Bem Viver e Segurança**”, onde eram anotados os atos criminosos dos moradores. Era uma forma de organizar a comunidade, evitar crimes e punir quem os cometia. Tentando, assim, trazer um pouco de “civilidade” àquela nascente comunidade.

Com a implantação da República em 1889 houve uma maior preocupação com a Segurança Pública e o surgimento de instituições que combatiam a criminalidade. A Câmara Municipal criou, em 1892, o “Código de Posturas”, conjunto de leis que regulavam a vida em sociedade. Uma das regras a ser seguida era a proibição de realizar gestos considerados imorais e indecentes e a proibição da colocação de escritos ameaçadores nos postes, paredes e esquinas.

Construção de um novo prédio para a cadeia e Fórum

No início do século XX, a cadeia pública funcionava em um prédio particular, que não possuía as condições para tal fim. Quanto a higiene, era um foco de epidemias¹. Tanto que em 1900, Jeronimo de Almeida Silveiras fez pela imprensa de Barretos, através do jornal “O Sertanejo”, uma campanha para a comunidade ajudar na alimentação dos presos.

Com o aumento da população, desde o fim do século XIX, os políticos da cidade solicitavam à Secretaria dos Negócios do Interior e Justiça do Estado de São Paulo a construção de um local adequado para funcionar tanto a cadeia, quanto a delegacia e o Fórum.

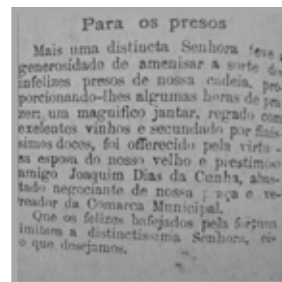
Transcrevemos abaixo um trecho de um destes ofícios enviados pelo Juiz João Baptista de Menezes, em 24 de setembro de 1901:

Em visita a cadeia pública desta cidade fiquei tão horrivelmente impressionado pelo seu deplorável e péssimo estado que, na qualidade de primeira autoridade desta comarca, faltaria ao cumprimento de um rigoroso dever, se deixasse de representar a Vossa Senhoria, como ora

¹ Epidemia: designa o brusco aparecimento de uma doença infecciosa que afeta um grande número de pessoas numa determinada região.



Em 1892 o subdelegado João Francisco da Silva ao se apresentar a Delegacia foi preso pelo sargento por não ter sido reconhecido como autoridade, pela roupa suja que vestia.



Campanha promovida pela Sra. Francisca Idalina da Cunha. Fonte: “O Sertanejo”, de 13 de outubro de 1900. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Unidade IV • Capítulo 4

represento, sobre a necessidade imprescindível e inadiável de construir-se nesta cidade, um edifício convenientemente adaptado para servir de cadeia e de quartel para a força pública. Entretanto, Barretos é uma comarca digna merecedora de toda atenção e de toda proteção do Governo do Estado, considerando-se não só a sua grande e vasta superfície, calculada em 300 quilômetros quadrados mais ou menos, e a sua população superior a 16 mil almas, mas também a sua distância de mais de 100 quilômetros, do ponto de estrada de ferro mais próximo que é a cidade de Jaboticabal [...].

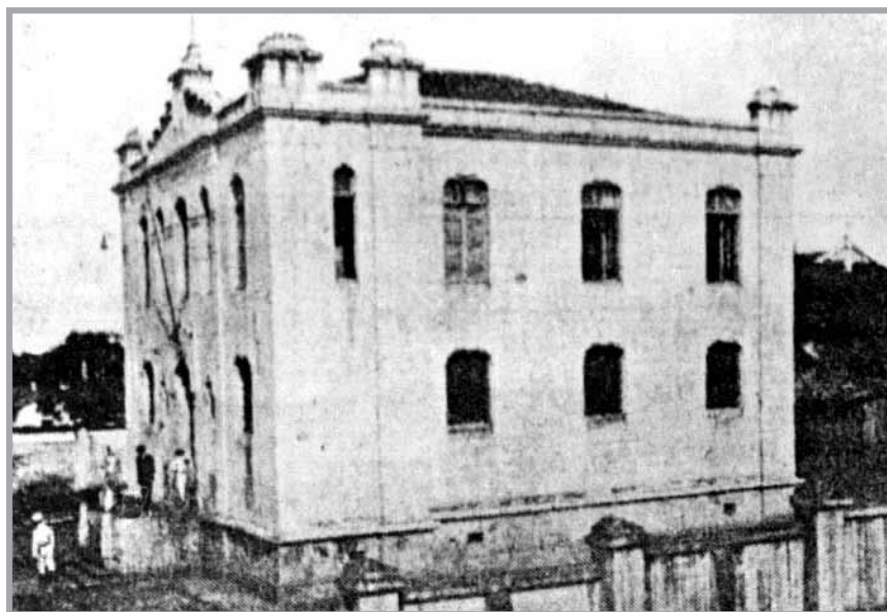
(Livro de Ofícios, número 1, Cartório de Registro de Imóveis)

Através de várias solicitações conseguiu-se, junto ao governo de estado, a construção de um prédio próprio. O fato de a cidade ter em seu espaço urbano uma **cadeia pública** era considerado algo “moderno”, dentro do contexto da Primeira República. Ter um local destinado para alojar os presos era sinônimo de uma cidade consoante com o progresso e com a civilidade, conceitos valorizados na época.

A sua inauguração se deu no dia 3 de maio de 1910. Este edifício funcionou como fórum por mais de meio século, tendo sido derrubado no final da década de 1950, para dar lugar a outro prédio.

Neste mesmo prédio também funcionou por um período a delegacia de polícia. Era comum os presos serem acometidos por várias doenças como varicela², tanto que a realização das sessões do júri foram transferidas para o Paço Municipal.

Em abril de 1912, os presos passaram por um surto de beribéri³ e foram removidos da cadeia para a enfermaria da Casa de Caridade do hospital “25 de Dezembro”.



Fórum, cadeia e, por um período, delegacia. Fonte: Jornal “Barretos Memórias”.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

² Varicela: doença também chamada de catapora, com erupções na pele, acompanhada de febre, dor de cabeça e dores musculares.

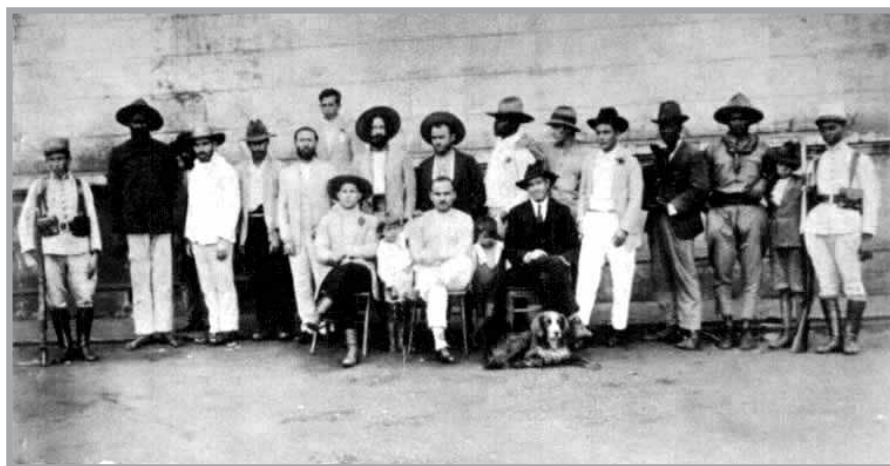
³ Beribéri: doença causada pela carência de vitamina B1, caracterizada por distúrbios digestivos, edemas e perturbações nervosas.

Fuga de presos

Desde a época do surgimento da cadeia pública em Barretos, você imagina quantas fugas já aconteceram?

As **fugas de presos** foram constantes nas cadeias de Barretos. Podemos citar várias delas, como a de 16 de setembro de 1920 em que os detentos conseguiram uma chave com o carcereiro e abriram a cela. Continuando a "aventura", depois que escaparam depararam-se com o escrevente de polícia na rua. Houve trocas de tiros, mas os presos não foram capturados.

Um destes fugitivos foi José Aprigio, que matou Angelina Saudino em 1920. Esta moça acabou sendo considerada uma santa milagreira pela população barretense. Até os dias de hoje o seu túmulo no cemitério municipal é bastante procurado, pois ela é conhecida com a "santa dos amores impossíveis".



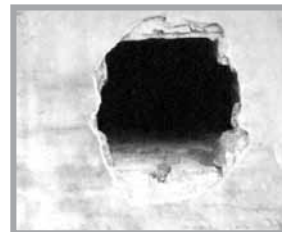
Presos que evadiram em 1926. Ao centro, de roupa preta, sentado, o carcereiro João Machado de Barros, demonstrando amizade entre os presos e o carcereiro. Ao seu lado esquerdo estava José Correia. Fonte: Processo crime. Acervo: Fórum de Barretos.

Crimes que marcaram a cidade

Como descrevemos, no final do século XIX a povoação de Barretos sentiu os efeitos do nascente ciclo do gado. As fazendas prosperavam, o dinheiro circulava nas mãos dos comerciantes e compradores de gado. O trânsito de pessoas pelo povoado era constante. Iam e vinham indivíduos de todos os lugares. Uns encantavam-se com a vila e por aqui enraizavam morada, outros não ficavam por muito tempo. José Pedro de Moraes seguiu a primeira opção. Era carpinteiro, profissão que recebia a denominação de "carapina". Desta forma, acabou apelidado de **José Carapina**. A partir de agora contaremos a sua história de acordo com o que nos deixou Osório Rocha, em "Barretos de Outrora".

Chegou a Barretos por volta de 1882 e, mesmo trabalhando como carpinteiro, entrou no mundo da criminalidade. Em 1894 foi contratado por um moço rico de Barretos para raptar uma moça e levá-la até Jaboticabal. Como o rapaz não pagou pelo serviço, José Carapina passou a ameaçá-lo e o moço teve que fugir para outra cidade.

Há indícios de que José Carapina costumava sair às ruas dando tiros, colocando em risco a vida das pessoas. Praticava muitos roubos. Uma de suas vítimas foi o farmacêutico Ismael Telasco de Miranda. Outro crime



Buraco feito pelos presos. Fonte: Processo crime. Acervo: Fórum de Barretos.



Alguns assassinos costumavam cortar a orelha de suas vítimas para exibi-la como troféu. Em dezembro de 1927 foi preso em Barretos Olívio Marçal, que entre suas mortes assassinou Antônio Garcia. Ele tinha o apelido de "Corta Orelha".



"Nos primeiros anos de funcionamento da Santa Casa de Misericórdia de Barretos, década de 1920, uma das principais causas de internação dos pacientes era "ferimento por arma de fogo". Este fato comprova o alto índice de criminalidade na cidade" (Fonte: Revista Ação e Vida, 3ª edição).

praticado por ele foi o assassinato de uma mulher no Ibitu.

Outro criminoso temido pela população da época foi **Severiano**, conhecido por Severianinho, natural do estado de Minas Gerais. Se fosse contrariado matava sem dó. Em 1896 matou um rapaz nas proximidades do matadouro municipal. Os historiadores locais narram que depois de cometer o crime, riscou uma cruz com um facão no corpo da vítima. A população ficou temerosa depois de tal crime, pois ele afirmava pela cidade que iria exterminar mais algumas pessoas. Nesta lista estaria o coronel João Carlos de Almeida Pinto (você já estudou sobre ele na Unidade II).

Em dezembro de 1896 Severianinho foi morto pelos cunhados, pois os tinha ameaçado. As irmãs de Severianinho juraram vingança contra os maridos, mas isto não ocorreu. Os réus de Severiano foram a julgamento, defendidos por João Carlos de Almeida Pinto e absolvidos. “Osório Rocha escreveu, na página 86 do livro “Barretos de Outrora” que “a morte do famigerado assassino causou muita alegria e entusiasmo na vila. A notícia correu, veio gente de todos os cantos para constatar a morte daquele homem, cujo corpo coberto por uma colcha e um pala gaúcho estava agora depositado no galpão da igreja local”.

Em 1926, Salustiano Custodio da Silveira foi vítima de uma emboscada. No caminho para Icem, acompanhado de seu genro e um motorista teve que parar na estrada para colocar uma tábua no mata-burro. Então, de um tabocal partiram vários tiros que o atingiram. Como Salustiano tinha muitos inimigos vários suspeitos foram apontados. Curiosamente o crime só foi desvendado por conta de algumas almôndegas encontradas no local. O alimento não era comum aos moradores, geralmente encontrado somente em pensões. Chegou-se ao mandante do crime José Corrêa, porque este era cunhado do proprietário de uma pensão que servia tal alimento em Barretos.

O Dr. Mariano Dias citado no capítulo da “Saúde” foi assassinado



Estrada para Icem. Em 1926 nesta estrada foi morto Salustiano Custódio da Silveira. Foi retirado pelo assassino um pau do mata-burro (é uma pequena vala, ou ponte de tábuas espaçadas, para evitar a passagem de animais). O motorista do carro teve que descer para arrumá-lo, foi quando Salustiano foi assassinado. Fonte: Processo crime. Acervo: Fórum de Barretos.



em 26 de março de 1926, por Santiago Moralles, com dois tiros e três punhaladas⁴. O crime foi motivado por desavenças, pois Mariano Dias e Moralles trocaram terras. Entretanto, Moralles, quando se preparava para mudar junto com sua família para a fazenda “Ponte Pensa”, adquirida de Mariano Dias, foi surpreendido com a visita de um senhor que declarou que as terras que ele pretendia tomar posse pertenciam ao seu patrão, um inglês. Santiago desorientado procurou o Dr. Mariano para desfazer o negócio. Sem sucesso, acabou cometendo o crime. Após o ocorrido se entregou à polícia e ficou preso por seis anos na Penitenciária da capital.

Outro bárbaro crime na história da cidade é o da jovem Maria Conceição do Ibitu, assassinada aos 16 anos de idade pelo padrasto em 10 de março de 1942. O crime teve motivação passional, pois o padrasto Antonio Pires Cordeiro se apaixonou pela jovem e, diante das negativas às suas declarações de amor acabou esfaqueando-a. O corpo permaneceu na prisão de Ibitu. Lendas contam que o local onde o corpo ficou mesmo depois de passado bastante tempo, continuava a sair sangue vivo quando lavado. Outra versão conta que chegado o corpo a Barretos, o médico legista não conseguiu retirar a faca, sendo que o mesmo só foi conseguido pelo assassino.

Devido à forma trágica que essa jovem foi assassinada, sua história acabou popularizando-a como a “santinha do Ibitu”, mais uma santa milagreira da cidade. Hoje, seu túmulo no Cemitério de Barretos é um dos mais visitados.



Antiga Igreja do Ibitu. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Em 1947, José Eduardo Oliveira de Menezes, proprietário do jornal “Correio de Barretos”, foi assassinado por um político da cidade. Naquele ano haveria eleições para prefeito em Barretos. Tratava-se do fim da Ditadura do Estado Novo. A política barretense do final da década de 1940 era marcada por uma luta acirrada entre dois partidos: Partido Social Progressista (PSP) e a União Democrática Nacional (UDN).

No dia 14/08/1947, José Eduardo Oliveira de Menezes, partidário da UDN, publicou em seu jornal, um artigo aludindo Benedito Realindo Correia, do PSP, como “fecha roda”. Este, julgando-se alvo de críticas depreciativas, resolveu procurar José Eduardo, encontrando-o no famoso “Bar Jaú”. Os dois discutiram e José Eduardo acabou desferindo



Mesmo depois da lei de terras de 1850, muitas propriedades continuaram sem demarcação e a devida regularização. Tal fato gerava a recorrência de brigas, ações na justiça e até mortes.



Túmulo de Maria Aparecida no cemitério de Barretos, cheio de flores.

⁴ Punhaladas: ferimento feito por punhal, que é uma arma branca constituída de um cabo e uma lâmina comprida e perfurante.

um tapa no rosto de Benedito, de acordo com a tradição oral da cidade.

No dia seguinte, o fato era o assunto mais comentado da cidade. Chegando novamente no Bar Jaú, Benedito surpreendeu seu inimigo contando o ocorrido e dando gargalhadas. Irritado com a cena, gritou: “bata outra vez”, e disparou contra José Eduardo, que faleceu dias depois na Santa Casa.

Benedito foi absolvido deste crime, mas ironicamente acabou assassinado em 13 de agosto de 1966, quando era deputado estadual.

O Poder Judiciário

O **poder judiciário** é composto por ministros, desembargadores e juízes, os quais têm a função de julgar, de acordo com as leis criadas pelo Poder Legislativo e as regras constitucionais do país. No Período imperial, as províncias não tinham poder para tomar decisões referentes ao judiciário.

Com a Proclamação da República coube a cada estado a estruturação dos seus órgãos judiciais. Foi realizada a reforma do Código Penal, estabelecida a separação entre a Igreja e o Estado.

Com a criação da comarca em Barretos em 1891, a justiça no estado de São Paulo estava sendo organizada. Por ser uma cidade violenta não havia interesse de juízes se estabelecerem nesta localidade, fato que pode ser percebido pela inconstância dos primeiros juízes nomeados para o cargo. Mas quem foram os primeiros juízes, de onde vieram?

O primeiro juiz de direito nomeado para Barretos foi Leopoldino Meira. Os estudiosos locais contam que chegou a Barretos, instalou a comarca e tomou posse, mas dois dias depois voltou para Araraquara. Foi então procurado pelo Major Joaquim Soares de Sá, pois este tinha sido nomeado para um cargo no cartório em Barretos e desejava obter algumas informações sobre esta cidade.

Disse-lhe o magistrado⁵ que se tratava de um centro com algum futuro, pois eram excelentes as suas invernações. O Major Sá ainda perguntou ao juiz quando ele voltaria a Barretos a fim de assumir suas funções. O juiz Leopoldino Meira afirmou, então, categoricamente: “Só quando eu for boi.” E de fato nunca mais pisou nessas terras.

Em substituição ao juiz Leopoldino Meira foi designado para Barretos, em 11 de setembro de 1892, o juiz de Direito Dr. José Belizário Peixoto de Melo, que exerceu o cargo até abril de 1895 e foi transferido para outro local. Vindo a substituí-lo, em 08 de fevereiro de 1896, Joaquim Fernando de Barros, que passou no concurso público aberto para provimento do cargo.

Era natural de Capivari e formou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, era, portanto, um bacharel⁶. Pouco tempo depois foi eleito Deputado Provincial pelo Partido Liberal. Desistiu de sua cadeira e filiou-se ao Partido Republicano.

Um fato que chama atenção na vida de Joaquim Fernando de Barros, estudado recentemente por historiadores como Cassia C. Aducci, é que Joaquim escreveu um livro chamado “Pátria Paulista” em 1877 com ideias de separar São Paulo do resto do Brasil. Já que naquela época o Estado de São Paulo era a região mais próspera economicamente do Brasil o que causava em certos paulistas um desejo de mais autonomia política e administrativa.

Em São Paulo montou uma serraria a vapor (foi por isso um dos precursores da indústria no Brasil). Não se saindo bem nos negócios,

⁵ Magistrado: designação geral dos juízes, desembargadores e ministros.

⁶ Bacharel: o que se formou por faculdade de Direito ou de Filosofia.

voltou para a magistratura. Inicialmente exerceu o cargo de Promotor Público em Faxina/SP e, em seguida, foi nomeado Juiz de Direito da Comarca de Barretos.

Em Barretos, Joaquim Fernando de Barros foi colaborador do jornal “O Sertanejo” e assinava artigos sob o pseudônimo⁷ de Jofebar. Fundou com mais pessoas, em 1897, a “Loja Maçônica Fraternidade Paulista”. Faleceu em 31 de março de 1901 e foi enterrado no cemitério local, onde seu túmulo até os dias de hoje permanece.

Depois da morte de Joaquim Fernando de Barros foi aberto um concurso para o provimento do cargo vago. O aprovado foi João Batista Martins de Menezes, nomeado em 12 de junho de 1901. Exerceu suas funções na comarca de Barretos até 16 de junho de 1915, quando foi promovido para uma das varas da Capital e, posteriormente, para o Tribunal de Justiça.

Na sua chegada a Barretos houve uma recepção festiva, que foi descrita pelo jornal “O Sertanejo” de 28 de julho de 1901 conforme transcrição a seguir:

Barretos engalanara-se de arcos, flores, folhagem e bandeirolas. Era magnífico, surpreendente, ver-se desfilar mansamente através das ruas assim enfeitadas a multidão de cavaleiros. O cortejo entrou pela Rua Alfredo Ellis e quebrou à mão direita na Avenida José Pedro, indo parar na Rua Prudente de Moraes, à porta do Hotel das Famílias de Luiz Ribeiro Borges. A banda de música do tabelião Olavo, Euterpe Barretense, que estava tocando no coreto do Largo, à passagem do ilustre hóspede, veio aboletar-se no coreto defronte ao hotel e continuou a tocar.

Depois serviu-se a vasta cerveja, e o Intendente Municipal dr. Pedro Paulo de Souza Nogueira saudou o integro magistrado, – (à quem o benemérito Governo do Estado, em boa hora confiara os destinos judiciários desta comarca). O Dr. Menezes agradeceu, – (com a voz embargada pela comção).

Às 6 horas da tarde foi servido banquete, de 60 talheres (mesa em forma de l), no Centro Recreativo, estabelecimento de bilhares e outras diversões, de propriedade do tenente Dermeval Castilho (pai do Zézinho). Em uma sala contígua, a Euterpe Barretense ia passando o seu grande repertório.

Fonte: “O Sertanejo”, 28 de julho de 1901. Grafia da época. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

O historiador Humberto Perinelli Neto discorre que através desta descrição podemos notar a importância desta autoridade para fazer valer a ordem pública na cidade. A utilização de arcos, flores, folhagens e bandeirolas eram os recursos da época para recepcionar e comover o visitante e integrá-lo ao círculo social da elite, já que a esta parcela da sociedade faziam parte os funcionários públicos, inclusive os ligados ao poder judiciário, como era o caso. Dessa forma, a então elite barretense, preparou com desvelo a recepção da autoridade, utilizando tudo que dispunha de “moderno” e “civilizado” como banda de música, banquete e cerveja. João Batista Martins de Menezes faleceu no dia 16 de janeiro de 1936.



Joaquim Fernando de Barros na época de sua formatura. Fonte: Jornal “Correio de Barretos”, 1943. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

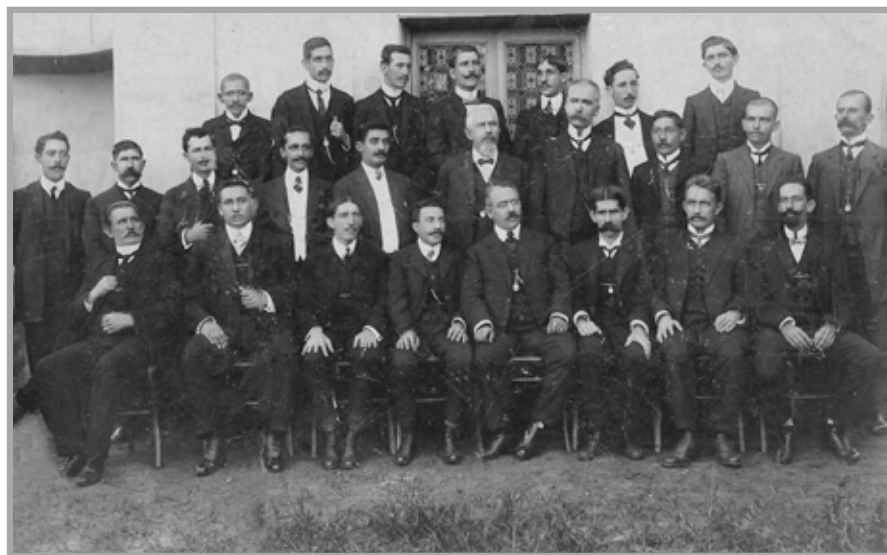


João Baptista Martins de Menezes. Acervo: Fórum de Barretos.



Família de João Batista Martins Menezes, na chegada do trole em Barretos. Acervo: Carmen Nogueira.

⁷ Pseudônimo: nome falso ou suposto, com que um autor assina algumas ou todas as suas obras.



Nesta foto estão reunidas várias autoridades e políticos da década de 1910, como juiz, advogado, escrivão, delegado, cartorário, entre outras. Estão nesta foto, da esquerda para a direita. Em pé, última fila: 1-João Rodrigues Nogueira; 2-Manoel Francisco Pereira (carcereiro); 3-?; 4-Pedro Paula de Souza Nogueira (cartorário); 5-Olympio Alves Campos; 6-Osório Falleiros da Rocha (advogado); 7-João Carlos de Almeida Pinto Junior. Em pé, segunda fila: 1-Vicente Ferreira Pinto (oficial de justiça); 2-Getúlio Nepomuceno Batista; 3-José Castro Rosa (advogado); 4-Leocadio Primo Seixas (advogado); 5-Antonio Olympio Rodrigues Vieira (foi promotor, deputado, prefeito e advogado); 6-José Machado de Barros; 7-Francisco Itagyba (advogado); 8-Álvaro Afonso de Carvalho; 9-Virgílio Alves Ferreira; 10-Francisco Honorato de Carvalho. Sentados: 1-João Carlos de Almeida Pinto (foi vereador, prefeito e advogado); 2-José Machado de Barros; 3-Felix Ribeiro da Silva (delegado); 4-Arthur Moreira de Almeida (promotor); 5-João Baptista Martins de Menezes (juiz); 6-Elyseu Ferreira de Menezes; 7-João Machado de Barros (prefeito de Barretos em 1915); 8-Francisco de Paula de Souza Nogueira. Acervo: Bié Machione.



Leocadio Seixas Primo, de bigode, ao centro, sentado. Década de 1910. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



O foro da comarca de Barretos em 1935. Estão nesta foto, sentados, da esquerda para a direita: 1 - Francisco Assis Bezerra; 2 - Altair Rios; 6 - doutor Antonio Olympio Rodrigues Vieira; 7 - Iris Meinberg; 8 - Manuel Barcellos. Em pé - primeira fila: 1-Lincoln Oliveira Menezes; 2-Major Elyseu Ferreira de Menezes; 4-Garibaldi de Mello Carvalho. Em pé - segunda fila: 4-Paulo Bezerra. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Prédios que abrigaram o Fórum

Vimos que em 1910 foi construído um prédio para a cadeia e o Fórum. Este foi derrubado no final da década de 1950. Em 17 de dezembro de 1960 foram inauguradas as instalações do novo Fórum de Barretos, que recebeu a denominação de “Conselheiro Lafayette”.

Na época de sua inauguração, o prédio do Fórum foi considerado “majestoso”, segundo reportagens da imprensa do período. Como se vê na imagem, a arquitetura com traços mais retos, oriundos daquele período, era o que tinha de mais moderno nos anos dourados. Este prédio, portanto, serviu como Fórum a Barretos durante quase meio século. Deste modo, vê-se a importância dele para a história da cidade. É um verdadeiro patrimônio histórico.



Prédio do Fórum no ano de 1969. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Esse prédio se tornou pequeno e um novo foi construído na Região dos Lagos, inaugurado em 27 de junho de 2008, localizado à avenida Centenário da Abolição, Bairro América, através de um convênio entre a prefeitura de Barretos e a Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania.

Ministério Público

No Brasil, há referência ao Ministério Público na Constituição de 1891. Na Constituição de 1988 o Ministério Público passou a ser uma instituição do Estado, mas independente e autônoma.

O promotor faz parte do Ministério Público, o juiz do Judiciário. Há o Ministério Público Federal e Estadual. O promotor atua em todas as áreas do direito e também fiscaliza os poderes legislativo e executivo. Num julgamento de algum crime, o Promotor acusa e o Juiz julga. Rotineiramente ouvimos nos noticiários a ação dos promotores, investigando políticos corruptos. Qualquer pessoa pode procurar o Ministério Público com alguma denúncia.

Com a instalação da comarca foi instalado o judiciário em Barretos e também o Ministério Público. O primeiro promotor nomeado para Barretos foi Antônio Olympio Rodrigues Vieira, em 1896. Você já estudou sobre ele na Unidade II. Em 1940, Josafat Valle escreveu na imprensa



Foto atual do Fórum.
Foto: Guilherme Soares.

barretense, um artigo comentando sobre a chegada deste promotor a Barretos.

Na noite de 31 de outubro de 1896, estava a heróica Vila do Espírito Santo dos Barreto, posta em sossego, quando correu a seguinte nova: o Promotor chegou!

A notícia correu célere e foi direitinho meter-se pelo ouvido do coronel Almeida Pinto, intendente municipal, que, à noite, depois do jantar, veio esfregar a bigodeira, em palestra animada e casquilha, com Raphael Brandão e Olavo de Carvalho, junto do novo promotor. Como era natural, o promotor, logo nesse encontro, contou as agruras da sua viagem e as suas impressões.

[...]

A vontade de chegar e o céu que ameaçava chuva fizeram com que o bacharel promotor se apressasse.

Deu de rédea, então, seguido do camarada e subiram rapidamente a encosta. Já no espigão, as nuvens baixaram mais e despejaram sobre os viajantes um rápido, mas pesado aguaceiro. Mais tarde, por causa dessa chuva, disseram línguas ferinas que o Espírito Santo, padroeiro da vila dos Barreto quis troçar do bacharel cearense, pondo-lhe em cima, logo à chegada, aquilo que mais faltava na sua terra: água. Seja lá como for, o certo é que ele não se sentiu mal com a primeira mirada que lançou sobre a nossa terra, ao passar a chuva e quando já descia para ela.

Viu com bons olhos as casinhas esparsas salpicando a colina e depois de agrupando à margem dos córregos. Vendo essas casas mais de perto, já na entrada da vila, teve uma impressão que só nos pode honrar, dado o feitio da vida que anos depois veio a caracterizar a nossa região, em comparação com as terras nossas vizinhas. Tomando os quintais por currais, pois eram cercados de tábuas de peroba, sentiu pela alma ambiciosa um tropel de boiadas... de vacas leiteiras, pois foi do leite, afinal, do leite gordo e sadio, que ele se lembrou. E no Hotel, quando em palestra com as suas primeiras visitas, antegozou essa fartura, teve grande desgosto ao lhe informarem que o leite era quase desconhecido da população. Só os principais se serviam dele. Então, o coronel Pinto, que não podia ver ninguém triste, deu volta às chãcaras e arranjou-lhe de presente uma vaquinha rabicó, cor de azeitona. O que parece, na verdade, é que o jovem promotor, já trazia em estado potencial, ao chegar à terra do boi, a bossa do boiadeiro. Negócios de grande tino aqui realizou ele, tempos depois, nesse terreno. E se não fosse a megera da política, que o agarrou e fez dele o caporal⁸ dos pica-paus, contra os araras, é bem possível que não fosse o Chico Martins o maior boiadeiro daqueles tempos.

Grafia da época. Fonte: "Correio de Barretos", 1940. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Membros da elite da época foram recepcionar o promotor, procurando atender seus pedidos, como o de ter uma vaca que lhe fornecesse leite. Barretos, neste período, iniciava-se como centro de engorda de gado, mas não se priorizava a criação de gado leiteiro, e sim de corte.

O artigo destaca também as qualidades comerciais e políticas do promotor. Os políticos locais Almeida Pinto e Raphael Brandão foram visitá-lo, para se inserir no círculo de amizades da nova autoridade. Você viu na Unidade II que Antônio Olympio se tornou um dos chefes do partido dos "Pica-paus" e foi por muitos anos chefe político da cidade.

Barretos atualmente conta com seis promotores de Justiça.



Isolda de Morais Dias.
1ª Barretense a se bacharelar em
Direito, na década de 1940.
Jornal "Correio de Barretos",
1943. Acervo: Museu
"Ruy Menezes".

⁸Caporal: cabo

Polícia civil em Barretos

Atualmente o sistema de Segurança Pública conta com a Polícia Civil, Militar e Federal. Em cada estado há uma Polícia Civil, tem a função de investigar e elucidar crimes praticados, elaborar boletins de ocorrência, expedir cédulas de identidade entre outras atividades.

Em 1841 surgiu a Polícia Civil junto à Secretaria dos Negócios da Justiça, mas os delegados e subdelegados eram nomeados de acordo com os interesses políticos do local. Com a Proclamação da República e a preocupação na manutenção da ordem pública, deu-se maior atenção à Polícia Civil, estruturando-a.

Posteriormente, em 1905 houve uma organização na Polícia Civil, criando-se vários departamentos e algumas delegacias foram inauguradas em todo o estado de São Paulo.

Com o crescimento da cidade também foi criada uma delegacia, que funcionou em vários locais até a construção de uma sede na década de 1930, ao lado prédio do Fórum, à rua 15, pelo construtor Antônio Serradela.

Em 1968 a sede da delegacia foi transferida para o prédio da avenida 17, onde se encontra atualmente.

Barretos também possui a **Delegacia de Defesa da Mulher**, criada em dezembro de 1986 para prestar atendimento diferenciado ao público feminino, vítima de violência.



Da esquerda para a direita, na primeira fila: 1-Amir; 2-filha de Amir; 3-Byron; 4-Carlos Fernando Priolli L'Apicciarella Carlos; 5-Álvaro; 6-Jovino; 7-Paulo Anchieta; 8-Iole Augusto; 9-Reinaldo; 10-Marcos; 11-Alceu; 12 - Laerte; 13-Carmo. Segunda fila: 1-José Aguilar; 2-Rodrigues; 3-Coriolano; 4-Rafael Gentil; 5-Durval; 6-Jobap; 7-Galati; 8-Geraldo; 9-Abel. Terceira fila: 1-Vilar; 2-Moacir Bassora; 3-Dorival; 4-Paulo; 5-Milton; 6-Irlandino; 7-Ariones; 8-Luiz; 9-Gil; 10-Dioraci; 11-Tietê; 12-Pessoa. Acervo: Iole Augusto. Década de 1970.



Entrega de Diploma "Gente que é notícia" ao delegado Amir Neves Ferreira da Silva, em 28 de dezembro de 1972. Da esquerda para a direita: primeira fila: 1- Tenente Barreto, 2- Amir, 3- João Monteiro, 4- Irlandino, 5- Froner; segunda fila: 1 - José Carlos, 2- Munif; 3- Milton; 4- Carlos; 5- Iole; terceira fila: Pacífico, Mamed, Reinaldo. Acervo de Iole Augusto.



Delegacia de Polícia à av. 15. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Iole Augusto foi a primeira mulher a ingressar para Polícia Civil, como investigadora na década de 1960. Acervo de Iole Augusto.



A Lei Maria da Penha foi criada em 7 de agosto de 2006 em defesa da mulher que sofre violência física ou emocional. Maria da Penha tornou-se símbolo desta luta, pois foi agredida pelo marido e passou a lutar em defesa das mulheres.

Polícia Militar

A Polícia Militar se chamava **Força Pública** e a sede era em São Paulo. Na estrutura da Polícia Militar existia um batalhão chamado de “Captura”. Era uma tropa especial que percorria todo o interior do estado de São Paulo para capturar os criminosos.

Em Barretos vinha a tropa comandada pelo temido tenente “Galinha”, que empregava truculência em suas ações. Era comum o roubo de gado. A “Captura” era chamada quando a ação policial local não surtia efeito.

Francisco Gabriel Junqueira Machione, no livro “Entre minha Gente”, narra que o destino de alguns ladrões, quando não se tinha o apoio da “Captura”, era a morte. Com a posterior retirada de suas partes internas e jogados no rios Grande ou Pardo.

Com o estabelecimento da força policial mais presente no município, esta prática foi sendo abolida. Atualmente a Polícia Militar é responsável pelo policiamento preventivo e ostensivo, pelo policiamento florestal, de trânsito urbano e rodoviário, além do policiamento escolar.

1ª Companhia da Polícia Militar

Na década de 1950 foi instalado em Barretos a primeira Companhia da Polícia Militar. Em 1968 os policiais militares realizavam o policiamento de radiopatrulha com dois jipes pertencentes à delegacia, policiamento de trânsito e cadeia pública.

Em 1985, a 1ª Companhia passou a pertencer ao 33º Batalhão da Polícia Militar do Interior (33º BPM/I).

Posto de Bombeiros de Barretos



Foto: Bombeiros, em 1975.
Acervo: Osmar Alves Camilo.

Até o ano de 1973, Barretos não possuía o Corpo de Bombeiros e, quando ocorria algum incêndio, nada podia ser feito. Nesse mesmo ano foram conseguidas algumas viaturas do governo do estado, formando-se uma equipe com sete homens para atender às solicitações de incêndios e salvamentos, em local improvisado, no almoxarifado da prefeitura à rua 30.

A sede atual que abriga o Corpo de Bombeiros foi inaugurada em 25 de fevereiro de 1975.

Os bombeiros apagam incêndios, resgatam pessoas em situação de perigo, fornecem assistência nos desastres naturais, fiscalizam prédios para evitar acidentes e realizam resgate aquático.

Polícia Ambiental

Foi criada em 09 de abril de 1964 com o intuito de proteger o meio ambiente, englobando as áreas de caça, pesca, mineração e florestal. No início, a Polícia Florestal em Barretos não tinha viaturas. Os policiais utilizavam os próprios veículos para fazer as vistorias, que se restringiam a parte florestal. A prefeitura ajudava com o combustível. Somente em 1972 é que chegou a primeira viatura.

A foto mostra membros da Polícia Florestal, no final da década de 1960. Estão nesta foto, da esquerda para a direita, primeira fila: Cabo Lima, Soldado Moacir Ramos da Silva, Soldado Argemiro, 2º Sargento Francisco Batista de Araújo, Soldado Jaime Schinochio, Soldado Prodoscio. Segunda fila: Soldado Vanin, Soldado Pignata, Soldado Pangrácio, Soldado Carlos Adão e 3º Sargento Macedo.



Foto da década de 1960. Acervo: Francisco Batista de Araújo.

Polícia Militar Rodoviária de Barretos - 2º Pelotão

Em 1953 foi criada a Polícia Rodoviária em Barretos, sendo designado como primeiro guarda rodoviário o Sr. Jordão Alves. Sua função é o policiamento ostensivo de trânsito e a preservação da ordem nas rodovias. A Polícia Rodoviária teve várias sedes. Em 30 de março de 1979, com a criação do 3º Batalhão da Polícia Militar Rodoviária, passou a denominar-se 2º Pelotão Rodoviário de Barretos. Em 1981 foi construída uma sede às margens da SP-326, Rodovia Brigadeiro Faria Lima, km 412, no sentido Barretos a Colina, onde encontra-se até os dias atuais. Da esquerda para a direita: 2-Xisto, 3-Jordão.



Foto da década de 1960. Acervo: Capitão Bonfim.

33º Batalhão da Polícia Militar do Interior

Até 1985 as unidades da Polícia Militar de Barretos faziam parte de batalhões de outras cidades, mas em 27 de dezembro de 1985 foi criado o 33º BPM/I – Barretos.

Em 1º de outubro de 1986 a unidade do 33º BPM/I instalou-se em sede própria no prédio da escola desativada Escola Estadual Fábio Junqueira Franco, na Estrada Municipal sem número, do bairro Industrial do Frigorífico.



Sede do Batalhão. Foto: Tininho Santos.



O brasão do 33º Batalhão é representado por um cavaliño pulando, retirado de uma foto de Maurício Alves Pinto. Inicialmente a ideia seria um boi, mas não foi aprovada. Por Barretos realizar a Festa do Peão, foi escolhido um símbolo que tivesse relação com este evento.



Unidade IV

Referências

ARMANI, Karla. **Barretos na história do Brasil**. Jornal "O Diário".

MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. **Álbum Comemorativo do 1º. Centenário da Fundação de Barretos**. Barretos: Publicação da Prefeitura Municipal de Barretos, 1954.

MACHIONE. Francisco Gabriel Junqueira. **Entre minha gente**. Barretos: Editora Soares de Oliveira, 1996.

PERINELLI NETO, H. **A construção da paisagem do Sertão no Brasil Moderno**: investigando e interpretando a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos (1956/1972). Franca: FHDSS/UNESP/FAPESP, 2002 (Dissertação de mestrado em História).

ROCHA, Osório Faleiros. **Barretos de Outrora**. Barretos: s/e, 1954.

Arquivos do Fórum e Polícia.

Atas da Câmara Municipal de Barretos.

Acervo do Museu Histórico, Artístico e Folclórico "Ruy Menezes":

Jornal "Correio de Barretos", 1943, 1944, 1947;
Jornal "O Diário", de 10 de março de 1991.

Depoimentos:

Tenente Bonfim, Polícia Rodoviária;
Osmar Alves Camilo, Bombeiros;
Francisco Araújo, Polícia Ambiental.

Sítios:

www.scielo.org
www.policiamilitar.sp.gov.br/unidades/cprv/historico.asp
www.dhi.uem.br/.../manifestacoes_populares_do_catolicismo_em_m



Unidade IV • Capítulo 5

Temas da História Barretense

Saúde

Durante toda a história da humanidade, as sociedades se preocuparam com as doenças do corpo e suas curas. A saúde faz parte da vida do homem porque ela implica em sobrevivência, em vida. Lidar com isso tem sido um dos principais desafios desde os primórdios da evolução humana. Moléstias, chagas, enfermidades, doenças, seja qual for a denominação, sempre farão parte da memória de uma comunidade, assim como a cura, as ervas, os remédios e as figuras dos médicos e enfermeiros. Em Barretos, atravessamos uma linha do tempo na área da saúde que levantou voo com os curandeiros do século XIX e aterrissa nos mais altos padrões tecnológicos da medicina atual. Vamos estudá-la então?

Século XIX: práticas de curas no arraial de Barretos

“Há um ditado popular que diz: De médico e de louco todos têm um pouco”

Dr. Wilson Ferreira de Mello, jornal “Correio de Barretos”, 01/10/1944, p. 4.

O que nos diz o médico Wilson Ferreira de Mello na citação acima é o que se via no Brasil no final do século XIX, quando Barretos era ainda uma vila e tentava se formar como cidade. Você estudou na Unidade I como era Barretos nesta época e pôde perceber que a vida e o cotidiano das pessoas que ali viviam eram voltados ao universo rural. Muitas fazendas compunham o cenário de Barretos, sendo a paisagem urbana um misto de casinhas ao redor da Capela do Divino Espírito Santo.

Sabendo disso, imagine como era tratada a saúde? Você acha que existiam muitos médicos por estas bandas? E as doenças, será que elas existiam tanto quanto hoje? E como!

Segundo os estudos do Dr. Wilson, naquela época poucos médicos apareciam em Barretos, e quando chegavam não era suficiente para atender a demanda do povo. Quando as pessoas ficavam doentes, elas procuravam os curandeiros. Estes sim, famosos porque eram conhecidos como os curadores das moléstias (doenças) como um dom que poderia ser passado de geração em geração.

Desde a época que o Brasil era colônia, a prática da medicina era realizada pelos curandeiros, fossem estes os indígenas ou os **jesuítas**¹ que perambulavam pelo interior do Brasil. Habitados a usar as ervas e as forças da natureza (forças consideradas sagradas e mágicas), os antigos curandeiros eram considerados homens de respeito, pois tentavam curar as doenças e o sofrimento das pessoas. Utilizavam sempre as ervas, raízes, sementes, poções e tudo o que a natureza podia oferecer, já que estes eram os recursos oferecidos naquele tempo.

Assim foi em Barretos, só que com uma ressalva. No século XIX, os curandeiros de que temos notícias eram homens da elite, geralmente fazendeiros. Eram em sua maioria coronéis (“coronéis de mato” que você estudou na Unidade I) que possuíam em sua fazenda uma espécie de farmácia, onde atendiam as pessoas adoentadas e vendiam os remédios receitados. Porém, há relatos de que muitos destes curandeiros forneciam gratuitamente os remédios. Vamos a eles então...

O primeiro curandeiro a atuar em Barretos, por volta de 1860/70, foi Manuel Antonio da Silva Cuiabano, descrito como “sujeito valente e destemido”. Depois, o mais famoso foi Antonio Marcolino Osório de Souza (aquele Coronel que foi o primeiro líder político de Barretos, você viu isso na Unidade II lembra?). Segundo os relatos, o Coronel Antonio Marcolino mantinha em sua fazenda uma pequena farmácia e ali atendia o povo do arraial.

O próximo curandeiro foi João Francisco da Silva, pelos idos de 1892, que possuía o cargo de sub-delegado. Tinha fama de “valentão” e conhecedor da fauna e flora brasileira, não era à toa então que se tornou curandeiro. Outro de igual fama de curandeiro era Jerônimo de Almeida Silveiras, que na realidade era farmacêutico. Outros de que se têm notícia eram os Coronéis Almeida Pinto, Carlos de Brito (que mantinha uma farmácia em sua Fazenda Buriti), João Batista, Joaquim Alves de Lima, Ismael Telasco, o velho Joaquim Tomé, Francisco Honorato (que em horas vagas era homeopata na Fazenda da Onça) e outros.

Como você pode observar, eram homens que viviam em fazendas e tinham contato com grande parte da população. Como a maioria deles eram considerados “homens esclarecidos” e por isso “eles não podiam deixar morrer à míngua seus semelhantes menos providos de conhecimento”, disse o Dr. Wilson.

Naquele tempo, as principais doenças eram a malária, a varíola, o sarampo, resfriados, cobreiro, feridas, fraturas, doenças de pele e a pneumonia. Algumas amostras de “benzeção” foram reescritas na reportagem do Dr. Wilson e olhem só o resultado:

- “Maleita” (malária): pílulas de quinino dissolvidas no café.
- “Sarampo”: chá de fezes de cachorro, bem secas e brancas, misturadas com flores.
- “Cobreiro”: raspar uma vela, empalhar a placa eruptiva, cobrir com uma leve camada de algodão e por fogo.
- “Fractura”: preparado com limão assado.
- “Tosses” (antes de virar tuberculose): amendoim secado e misturado



Para se ter ideia da raridade de um médico, por volta de 1890 existia na cidade o então conhecido “Dr.” João Batista Soares. O mesmo exercia funções de médico na vila, mas depois descobriu-se que este título não lhe pertencia de fato, porque, na ocasião da Guerra do Paraguai, ele serviu como soldado ao lado de seu primo João Batista Soares, que era estudante de medicina. Como o mesmo faleceu durante a guerra, ele assumiu a identidade do primo e sua função de médico.
Fonte: ROCHA, O. 1954.



O Cel. Antonio Marcolino era conhecido como Pestanudo. Como demonstração de sua relação com o povo do arraial, conta-nos Osório Rocha: “Um dia uma cabocla da fazenda lhe ofereceu um lençinho em cujas pontas bordara com linha vermelha esta quadrinha:
Fiz este lenço,
Com muito gosto,
Para o Sr. Antonio
Limpar o rosto”.
Fonte: ROCHA, 1954, p. 188.

¹ **Jesuítas**: padres oriundos da ordem católica “Companhia de Jesus” surgida na Contra-Reforma. Durante os séculos XVI, XVII e XVIII foram os responsáveis pela catequização dos indígenas e pelos hábitos católicos praticados no Brasil.

com açúcar e mel.

- “Diarréia”: infuso de broto e goiaba.

Com o passar dos tempos e o desenvolvimento da vida urbana, a medicina oficial tomou conta dos tratamentos e curas das pessoas que habitavam a cidade. Diz-se que, no início dessa época de mudanças, ainda demorou para que as pessoas passassem a se tratar de fato com os médicos, isto porque já estavam demasiadamente acostumadas com os curadores, isto é, os “Coronéis” curandeiros.

A instrução sanitária com a chegada da República

Quando o Brasil ainda era regido pelo Império, a saúde pública não era algo fácil de ser administrado. Isso acontecia devido à imensidão do território nacional e a dificuldade da administração centralizada do imperador alcançar cada canto do país. Sabe-se que desde 1884 existia a Inspetoria de Higiene para se responsabilizar com o trato da saúde, mas este órgão não exercia influência nas cidades interioranas distantes da capital. O que de fato facilitava a atuação dos curandeiros locais e as crendices, já que a figura de um médico era rara de se ver.

Com a Proclamação da República em 1889 e a promulgação da Constituição da República de 1891, o governo brasileiro publicou uma série de decretos que redefiniam e organizavam a saúde pública. O estado de São Paulo logo criou, também em 1891, o **Serviço Sanitário do Estado**, que entre suas funções reorganizava a instrução da saúde à população e sancionaria oficialmente os profissionais da saúde, já que esta área era muitas vezes invadida por práticos não licenciados².

Nos anos finais do século XIX, São Paulo e algumas cidades ao seu redor, como Campinas, Santos, Sorocaba e até Ribeirão Preto e São Simão, passavam por **graves epidemias de febre amarela**. Como solução para tal doença e outras como a varíola que assolava a população, o estado de São Paulo criou **campanhas de vacinação** a fim de conter o avanço das doenças.

Este cenário repercutiu em Barretos, quase que de forma imediata. Na recente comarca de Barretos já existia o jornal “O Sertanejo”. É possível perceber que, já nesta época, a Câmara Municipal criou uma Comissão de Higiene para cuidar dos casos da saúde na cidade. Além disso, era no jornal que os administradores da cidade publicavam as campanhas, os anúncios dos médicos e principalmente as instruções à população de como manter hábitos de higiene. Era o poder público intervindo na vida particular, ensinando como portar-se, higienizar-se, enfim “modernizar-se”, uma vez que a função da República era “civilizar” os “maus hábitos” dos brasileiros.

Neste jornal via-se, por exemplo, notícias sobre a tuberculose, uma das doenças que atacava a população de forma avassaladora e rápida. “O Sertanejo” exibia matérias sobre a “Liga contra a tuberculose” fundada no Rio de Janeiro e também medidas preventivas contra a doença. Como exemplo, o versinho a seguir retirado do jornal em 01/09/1900, onde se via hábitos que deveriam ser evitados para a contaminação da tuberculose não se alastrar:



Anúncio de médico no jornal “O Sertanejo” de 23/6/1900, p.4. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Em 31 de abril de 1900, o jornal “O Sertanejo” publicou uma matéria intitulada “Pelos pobres de Sorocaba” em prol das vítimas de febre amarela naquela cidade, então devastada com a epidemia.

² Práticos não licenciados: pessoas que agiam como profissionais quando na verdade não eram habilitados para exercer tal função, isto é, não possuíam sansão oficial do governo.

“Contra a tuberculose”

*Nunca debes consentir
Tapetes nem cortinados
Nem os móveis estofados
No teu quarto de dormir*

*Pelo escarro mais gente tem morrido
Que nas guerras que tem no mundo havido*

*Quem for tuberculoso durmam só,
Si de si e dos outros tiver dó.*

*Não debes nunca deixar
Em teus filhos beijos dar.*

Além de versos como estes, outras publicações ensinavam a limpeza das casas com cal virgem, o asseio com o corpo, o perigo de beijar as crianças e as bandeiras em festas religiosas, evitar andar descalço, a importância do “atestado de vacina” como um documento oficial e as campanhas de vacinas. Malária, angina diftérica (uma doença que assolava as crianças), tuberculose, peste bubônica e a varíola eram as principais doenças citadas no jornal. Em junho de 1906, o jornal anunciava que:

A Camara Municipal encarregou o dr. Mathias Lex do serviço de vacinação contra a varíola. Medida aconselhada em circular pela Directoria do Serviço Sanitário, por terem aparecido casos em mais de um ponto do Estado. Disse Mathias Lex: ‘tenho notado que os habitantes desta cidade e de toda a comarca, são, em geral, refractários à vacinação preventiva contra a varíola (bexigas) e, estou certo, por não terem ocasião de presenciar epidemias ou casos isolados dessa terrível doença’.

*O Sertanejo, 09/06/1901, p. 1.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”. Grafia da época.*

A campanha promovida pela Câmara Municipal de início não teve muito sucesso porque as pessoas não eram muito conscientizadas a respeito da vacinação. Sabe-se que em menos de um mês, tinham se vacinado somente 112 pessoas, sendo 107 crianças e só 5 adultos. Os médicos, os remédios e as vacinas eram de fato uma novidade, uma misteriosa novidade, e isso justificava a resistência do povo à medicina.

A Casa de Caridade

Muito se falava da saúde no começo do século XX, a começar pelo próprio jornal “O Sertanejo” como foi visto. Tantas eram as doenças, um médico aqui outro acolá, campanhas de vacinação e medidas preventivas. Mas e os hospitais? Onde estavam?

O primeiro hospital de que se tem notícia em Barretos foi a Casa de Caridade, instalada nas dependências da Sociedade Espírita “25 de Dezembro”. A “Casa de Caridade” responsabilizava-se pela cura espiritual dos enfermos. Nesta época o espiritismo era muito ligado à homeopatia³. Mas, praticavam-se ali também a medicina de fato, exercida por médicos



Anúncio de médico no jornal “O Sertanejo” de 31/03/1901, p.3. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Em 1904, o governo da cidade do Rio de Janeiro decretou a obrigatoriedade da vacina à população pobre. Sem nenhum tipo de conscientização ou campanha, profissionais da saúde, acompanhados de policiais, adentravam as casas das pessoas e davam vacina a força. A população se revoltou e protestou contra esta atitude, num episódio conhecido como a “Revolta da Vacina”. Muitos não sabiam que tipo de benefício ou malefício aquela injeção poderia causar.



Nos jornais da década de 1910, são encontrados vários anúncios de médicos. Muitos dos quais anunciava em baixo da propaganda a seguinte afirmativa: “Atende-se de graça os pobres” ou ainda “Atende-se ao domicílio”.

³ Homeopatia: Terapia que tem por objetivo melhorar a saúde do indivíduo através de um processo de dinamização (diluções e sucções sucessivas) de substâncias naturais que a princípio poderiam causar os efeitos patológicos a serem tratados.

licenciados, como o Dr. Raymundo Mariano Dias. Este maranhense formado em Medicina no Rio de Janeiro, foi o diretor clínico da Casa de Caridade desde sua fundação em 1911 até seu fechamento em 1920.

Poucos registros se têm sobre a Casa de Caridade, mas segundo o livro de registro de pacientes de 1919, foram atendidas no período de um ano pelo menos 240 pessoas. Um número expressivo para um lugar adaptado como hospital. Neste mesmo período, foram registrados os trabalhos de sete médicos, eram eles: Marcos Candido Martins, Henrique Pamplona de Menezes, José Gurjão, José Caldas, Guilherme Gonçalves, Alves Martins, Frederico Toledo.

Durante a década de 1910, observa-se nos jornais a atuação da Casa de Caridade perante os enfermos. Alguns casos de enfermidades mais graves ou ferimentos sofridos por arma de fogo, por exemplo, eram registrados na imprensa. Além de doações em dinheiro ou em gêneros alimentícios por parte da classe mais abastada da cidade.

Com quase uma década de funcionamento, o hospital mantido pelos espíritas foi fechado para inaugurar-se na cidade a Santa Casa de Misericórdia de Barretos. Tratava-se de um lugar maior, com dependências específicas da área da saúde, enfim um lugar onde a instrução sanitária poderia ser de fato direcionada.

A Santa Casa de Misericórdia de Barretos

Você sabia que a Santa Casa de Misericórdia de Barretos tem mais de 90 anos? É uma longa história, vamos tentar resumí-la...

A ideia de fundar uma Santa Casa em Barretos advém tanto da ação católica quanto do Poder Público Municipal. Conforme os preceitos da saúde pública da época, era necessário ter um espaço hospitalar dedicado ao tratamento das doenças com enfermaria, salas de operações, farmácia, dentre outros. Além disso, a igreja católica tinha como ação comum a disponibilidade de irmãs religiosas que atuavam como enfermeiras em diversos hospitais no Brasil daquela época.

Em 1917 aconteceram pelo menos duas reuniões entre o padre da paróquia do Divino Espírito Santo, Pe. José Martins, e membros da política local, que resultaram na organização da “Comissão Promotora da Fundação da Misericórdia de Barretos” e depois na diretoria provisória desta instituição. Esta comissão passou a angariar fundos e tomar demais providências para a fundação do hospital.

Iniciou-se então a investigação de qual seria o local apropriado para executar a obra. O terreno escolhido foi no quarteirão onde se situava a “Praça Dr. Antonio Olympio”, isto é, na avenida 23 entre as ruas 28 e 30. Este terreno pertencia à igreja (lembra da doação de terras das famílias Barreto e Marques à igreja? Você viu na Unidade I), por isso foi expedida uma autorização do bispo de São Carlos, Dom José Marcondes Homem de Mello, para que o Pe. José Martins pudesse doar o terreno em prol da edificação da Santa Casa de Barretos. E assim foi feito.

Em abril de 1918, foram contratados o construtor Dacio de Moraes e o arquiteto Pagani Fioravanti para elaborar a planta arquitetônica do hospital. Há indícios de que os construtores da Santa Casa adotaram o modelo arquitetônico do famoso arquiteto Ramos de Azevedo da capital de São Paulo, responsável pelas obras mais belas feitas no estado naquela época.

Deste modo, com quase tudo acertado, em 30 de junho de 1918 foi



Gravura da antiga fachada da Sociedade Espírita “25 de Dezembro”
Acervo: Karla O. Armani



Padre José Martins (5º pároco)
Acervo: Museu da Catedral

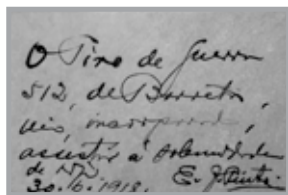


Em 1918, vários países, inclusive o Brasil, passaram por epidemias da “Gripe Espanhola”. Em Barretos, muitos casos foram registrados. Como ponto de atendimento às vítimas foi montado um pequeno pronto-socorro no Grêmio Literário; que na época funcionava na rua 18 em frente à Igreja Catedral.

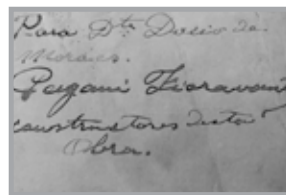
realizada a solenidade de lançamento da pedra fundamental da Santa Casa. Este dia foi muito comentado nos jornais da época. As autoridades e o público presente foram fotografados e escreveram bilhetinhos para serem lidos no futuro. Como parte de uma tradição fotos, bilhetes, jornais e moedas da época foram guardado dentro de uma urna, colocada debaixo da construção do prédio. Cinquenta e seis anos se passaram até que o prédio fosse totalmente demolido e a urna de cobre resgatada. Veja abaixo, o resultado:



Solenidade de lançamento da pedra fundamental da Santa Casa de Barretos. 30/06/1918.



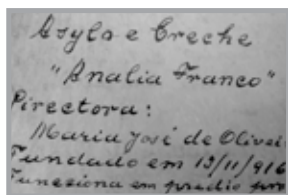
Bilhete de Pagani Fioravanti e Dacio de Moraes.



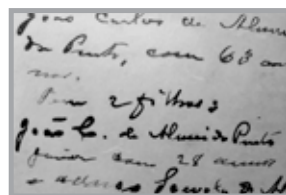
Bilhete do Tiro de Guerra 512.



Solenidade de lançamento da pedra fundamental da Santa Casa de Barretos, 30/06/1918.



Bilhete da diretora do Asilo e Creche Analia Franco.



Bilhete do Cel. Almeida Pinto e seus dois filhos.

Acervo: Santa Casa de Misericórdia de Barretos.

A construção do hospital continuou pelo menos nos próximos três anos, quando os serviços das enfermarias foram inaugurados em 03 de abril de 1921, sendo que somente uma ala funcionava, a outra ainda estava sob construção. A primeira mesa administrativa já tinha sido nomeada desde janeiro do mesmo ano, tendo como primeiro provedor o Dr. Pedro Paulo de Souza Nogueira e o primeiro diretor clínico o Dr. Henrique Pamplona de Menezes.

Durante a década de 1920, a Santa Casa de Misericórdia de Barretos, apesar das dificuldades, atendia boa parte da população da cidade e da



A Santa Casa de Misericórdia de Barretos nos anos iniciais de funcionamento Acervo da Santa Casa de Misericórdia de Barretos



Primeiro corpo clínico, tendo o dr. Henrique Pamplona de Menezes ao centro Acervo da Santa Casa de Misericórdia de Barretos



Convite de solenidade. Acervo: Santa Casa.



A Irmandade da Misericórdia foi criada em Portugal pela Rainha Leonor entre os séculos XV e XVI. A primeira Misericórdia instalada no Brasil foi a de Santos, em 1543. A Santa Casa de Barretos por muito tempo respeitou a tradição colonial das Misericórdias, mantendo práticas como as religiosas enfermeiras, a capela no terreno do hospital, a figura do mordomo (administrador que ligava os diretores com os funcionários do hospital) e do provedor (gestor), ambos os cargos não remunerados, além do arrecadamento de dinheiro por meio de heranças deixadas em testamentos.

Unidade IV • Capítulo 5



Capela de Santa Izabel, anos 1930.

Acervo: Santa Casa de Misericórdia de Barretos



Em 1942, foi fundada a Sociedade Médica da Santa Casa de Misericórdia de Barretos. O objetivo desta sociedade era realizar conferências entre os médicos, afim de trocarem experiências entre eles, além de organizar os atendimentos no hospital



Em 1934 foi realizada a primeira cirurgia de cesariana em Barretos no espaço hospitalar da Santa Casa de Misericórdia de Barretos. A novidade da "cesariana" na época foi concretizada pelo médico baiano Dr. Francolino Galvão de Souza.

região. Segundo o livro de registros de Barretos, as pessoas que eram internadas ali eram em sua maioria lavradores, jornalheiros, domésticas, lavadeiras, peões, sendo muitos ainda imigrantes (portugueses, italianos, romenos, lituanos etc).

Outro livro de igual importância é o livro de visitantes ilustres, onde eram registradas as impressões dos visitantes que por ali passavam, como políticos, médicos, padres, bispos e poetas. Entre outros, escreveram naquele livro poetas como Coelho Neto (1921) e Martins Fontes (1922), além de pessoas famosas como o ex-presidente Jânio Quadros (1957) e o príncipe Dom Bertrand Pio de Orleans e Bragança da família real brasileira (1996).

Nos anos 1930, chegaram as irmãs da **Ordem de São Francisco de Assis**, conhecidas como "Franciscanas da Imaculada Conceição", para atuar como administradoras e enfermeiras no hospital. Estas irmãs eram em sua maioria austríacas, e passaram a organizar todo o serviço do hospital em departamentos.

A influência das irmãs foi tão grande que já em 1932 foi inaugurada a **Capela de Santa Izabel** na parte traseira do terreno da Santa Casa. Santa Izabel da Hungria é a padroeira da Ordem das Franciscanas. O prédio desta capela permaneceu na Santa Casa até o ano de 1971, quando foi demolido para dar espaço ao atual departamento de Raio-X. Era uma bela capela!

Além da Capela de Santa Izabel, os anos 1930 foram marcados por outra construção na Santa Casa, trata-se do **Pavilhão Titinha Franco**, destinado a quartos particulares. Lembrando que, nesta época, a Santa Casa possuía enfermarias coletivas de homens e outra que atendia mulheres e crianças no mesmo espaço.

A década de 1940 foi marcada por algumas inaugurações, mas foi na gestão dos provedores José Tedesco e Astolfo Araujo que surgiu a ideia de se construir a **maternidade**. Esta ideia foi concretizada em abril de 1951 quando se lançou a pedra fundamental da maternidade, na gestão do provedor Teophilo Benabem do Vale.

Depois de muito trabalho, com a Campanha do Cereal, a Campanha das Colunas e quermesses foram arrecadados bons vinténs durante o processo de construção da maternidade, inaugurada em 1955.



Fachada da Santa Casa entre os anos 1930 e 1940. Acervo: Santa Casa de Misericórdia de Barretos.



Pavilhão da Maternidade, inaugurada em 1955. Acervo: Santa Casa de Misericórdia de Barretos.

Após a inauguração da maternidade, a Santa Casa ainda enfrentou novos obstáculos e campanhas para concretizar o pavilhão Hussein Gemha (1957-1967), uma obra extensa que durou dez anos para ser finalizada.

Nos anos 1970, muitas das antigas estruturas do hospital foram

demolidas, dando lugar a novos departamentos. Nesta época, o hospital passava por mudanças internas, como exemplo a extinção das enfermarias coletivas para os quartos com dois ou quatro leitos (1977, provedor Althayr Pereira).

A configuração atual da Santa Casa ganhou forma com a construção do novo pavilhão na década de 1980. Esta construção durou cinco anos (1983-1988) e foi realizada na gestão do provedor Ibraim Martins da Silva. Hoje, a Santa Casa de Misericórdia de Barretos é um dos maiores hospitais da região e continua a atender mais de vinte cidades próximas a Barretos. Mesmo com dificuldades de vários tipos, o hospital cresce em números de funcionários, atendimentos e padrões tecnológicos da medicina atual.



Fachada do pavilhão Husseim Gemha, anos 1970 (o primeiro prédio já tinha sido demolido). Acervo: Santa Casa de Misericórdia de Barretos.



Santa Casa. 2012. Foto: Guilherme Soares.

A segunda metade do século XX: novos hospitais

Os anos 1950 e 1960 no Brasil remodelaram muitos dos padrões da saúde e educação pública. Com o crescimento desenfreado de muitas cidades brasileiras e do número populacional, ainda mais com a passagem de muitos moradores do campo para a cidade, o Estado passou a redirecionar sua área de atuação pública. Em Barretos, principalmente a partir dos anos 1960, novos hospitais com inovadores padrões de tecnologia da época foram implantados. Ao longo de sua história, Barretos comportou muitos hospitais, como exemplo, nos anos 1950 existiam casas de saúde como a “Casa de Saúde dr. Andrade” e a casa de “Assistência à Infância e Maternidade”, que funcionava no prédio da antiga Sociedade Italiana.

No final dos anos 1950, o Dr. Milton Baroni comprou a casa de saúde do Dr. Andrade e criou ali o “Hospital Santa Inês”, nome dado em homenagem à sua mãe Inês. Este hospital funcionava quase que com exclusividade à saúde da mulher, em especial às parturientes, uma vez que a maternidade do Santa Inês não possuía aspecto de “hospital”. Na década de 1980, o hospital “Santa Inês” ampliou sua área de atuação para cirurgia plástica e tratamentos geriátricos. O fechamento do hospital se deu no ano de 1996, por conta de uma série de dificuldades. Tempos depois, o prédio foi vendido ao Sr. Celso Garcia, que o transformou na “Fundação São Sebastião” onde são tratados os portadores do vírus HIV.

O **"Hospital São Judas Tadeu"** inaugurou-se no ano de 1962, sendo seus idealizadores os Drs. Paulo Prata e Hirdonway Batista. O novo hospital foi erguido no local em que se localizava a Casa de Saúde do Dr. Álvaro Amâncio da Silveira, à rua 20 esquina da avenida 31. Irmãs religiosas também administraram o hospital no início de seu funcionamento, eram irmãs da Ordem do Sagrado Coração de Jesus. Com o passar do tempo, este hospital cada vez mais se inclinava ao tratamento de pacientes com câncer.

Em 1969, o **"Hospital São Jorge"** foi inaugurado na cidade de Barretos, tendo como proprietário o médico Dr. Uebe Rezeck, formado desde 1962. Este hospital se localizava na "Praça São Benedito", onde ficava a famosa "casa redonda" que era de propriedade do ex-prefeito de Barretos, Sr. Christiano Carvalho. Na época de sua criação, o hospital comportava um espaço de 25 salas, 8 consultórios, além de aparelhos de Raio-X, ultrassonografia e mamografia.

Já na década de 1970, se tem notícia da fundação do **"Hospital Psiquiátrico Vale do Rio Grande"**, fundado em 1977, pelos médicos Drs. João Bosco Pena e André Ivan Petroucic. O hospital foi criado para tratar das doenças psíquicas dos indivíduos, sendo boa parte do atendimento assegurada pelo SUS.



Hospital "São Judas Tadeu"
Fonte: "Correio de Barretos" de 1962.
Acervo: Museu "Ruy Menezes"



Casa do ex-prefeito Christiano Carvalho que é sede do Hospital "São Jorge".
Acervo: Museu "Ruy Menezes"

Fundação Pio XII e o IRCAD

Você deve estar se perguntando: e o Pio XII, quando e como entra nessa história? Vamos conhecer!

Como vimos, o Hospital "São Judas Tadeu" cada vez mais se especializava em tratamentos de câncer, tanto que se tornou necessário



Fundação Pio XII em 1987.
Acervo: Dr. José Carlos Zapparoli.



Fundação Pio XII em 2002.
Acervo: Dr. José Carlos Zapparoli.



Muitos artistas doaram e ainda doam seus cachês dos shows da Festa do Peão de Boiadeiro aos projetos do hospital. Isso só é possível porque a associação "Os Independentes" doam algumas noites de shows para o hospital. Uma forma de agradecer e homenagear estes artistas é denominando os pavilhões com os nomes deles. Assim foi com a Xuxa, Zezé de Camargo e Luciano, Ivete Sangalo, Sérgio Reis, Chitãozinho & Xororó e tantos outros.

ampliar a rede de atendimentos e a estrutura do hospital. No final da década de 1960, o único hospital especializado em câncer se situava na capital paulista, portanto, distante da realidade das pessoas do interior que procuravam o hospital para o tratamento da doença. Deste modo, no ano de 1967 foi instituída oficialmente a Fundação Pio XII, o “Hospital de Câncer de Barretos”.

Nesta época, o hospital contava com o trabalho de quatro médicos: Drs. Paulo Prata, Scylla Duarte Prata, Miguel Gonçalves e Domingos Boldrini. Com dedicação exclusiva e tratamento especializado, o hospital cresceu demasiadamente em números de atendimentos ao ponto do antigo prédio do “São Judas” não comportar a demanda. Foi assim que, através de uma doação de lotes na área periférica da cidade, o Dr. Paulo Prata propôs a construção de um novo hospital.

No final dos anos 1980, o filho do casal de fundadores, Sr. Henrique Duarte Prata continuou o projeto dos pais ampliando a área do novo hospital com o “Pavilhão Antenor Vilela Duarte”, isto é, o ambulatório inaugurado em 1991. Mesmo com dificuldades, a partir de então o hospital passou a buscar e receber doações de artistas, da iniciativa privada e do governo, na tentativa de tratar dos pacientes com câncer que em sua maioria vinham do SUS (Sistema Único de Saúde).

Atualmente, a Fundação Pio XII é uma das principais instituições de saúde do Brasil e da América Latina, tanto em relação a enorme quantidade de atendimentos diários, quanto aos padrões tecnológicos ali estabelecidos. Em termos de estrutura conta com dezesseis pavilhões, várias unidades móveis de exames e prevenções, além do “Instituto de Ensino e Pesquisa Ivete Sangalo” e uma comunidade de treze alojamentos para abrigar os pacientes e seus acompanhantes não residentes na cidade. O número de atendimentos diários é aproximadamente três mil, o que também interfere na vasta quantidade de refeições diárias.

O hospital ainda reúne uma equipe de 250 médicos de dedicação exclusiva e mais de 2,5 mil colaboradores. Contando com essa equipe, além dos administradores, o hospital encerrou 2011 com cerca de 550 mil atendimentos realizados a mais de 97 mil pacientes, advindos de mais de 1.500 municípios de todos os 27 estados do país e do Distrito Federal.



Vista aérea do Hospital Pio XII. Foto: Acervo Hospital Pio XII.

Como ponto de referência de alta tecnologia existe o **IRCAD** (Instituto de Pesquisa contra o Câncer do Aparelho Digestivo), inaugurado em 2011 no Hospital de Câncer de Barretos. Este é um instituto de treinamento para médicos em cirurgia minimamente invasiva, que é um procedimento mais seguro para o paciente porque não há a necessidade de fazer grandes cortes. Inclui também cirurgias robóticas que no futuro permitirão procedimentos cirúrgicos a distância. Estes procedimentos diminuem o tempo de recuperação do paciente e derrubam os custos de internação, o que facilita o atendimento de um grande número de pacientes. São ministrados cursos práticos e teóricos, por professores de outros países, a vários cirurgiões simultaneamente e em tempo real, com 3 a 5 dias de duração.

Em março de 2012, o hospital galgou mais uma conquista com a inauguração do Pavilhão infanto-juvenil “Presidente Luiz Inácio Lula da Silva”.



Fachada do IRCAD. 2012. Foto: Guilherme Soares



O IRCAD de Barretos é o terceiro do mundo e o primeiro da América Latina. Os outros dois se localizam na França e Taiwan. No Brasil, existem somente 5% de cirurgiões treinados na área da medicina robótica oferecida pelo Instituto.

Recortes atuais da saúde pública municipal

Sabe-se que desde o início da administração municipal houve a preocupação com a saúde pública. Isso porque nem todas as pessoas tinham ou ainda têm acesso ao tratamento médico, exames e prevenções às doenças. O histórico da saúde pública do município de Barretos certamente é muito longo e complexo, pois exige o estudo de campanhas, inaugurações de hospitais e postos de saúde, contratações de equipes médicas, projetos dos vereadores da Câmara Municipal, inaugurações de departamentos de saúde nas administrações de vários prefeitos.

Até agora vimos a história da saúde pela ótica dos hospitais. A partir de agora, falaremos do enfoque dado à prevenção nos espaços de saúde criados no município nas últimas décadas. Como a saúde pública municipal hoje busca trazer ao cotidiano dos barretenses a importância da prevenção às doenças?

Como resposta a esta questão podemos citar a implantação nas últimas décadas do “Centro de Saúde Dr. Ally Alahmar” ou Ambulatório de Referência em Especialidades (ARE I), conhecido popularmente como “postão”, as UBS (Unidades Básicas de Saúde), chamados de “postinhos”, e as UESF (Unidades de Estratégia de Saúde da Família, antes “Programa

de Saúde da Família”).

Em 1985 foram implantadas doze “Unidades Básicas de Saúde” que se instalaram em vários cantos da cidade de Barretos, nos bairros: América, Cecapinha, CSU, Christiano Carvalho, Derby Club, Ibirapuera, Los Angeles, Marília, Pimenta, São Francisco e distritos de Alberto Moreira e Ibitu. As unidades dos bairros Barretos II e do Distrito do Prata foram implantadas respectivamente nos anos de 1988 e 1999. A proposta desse projeto era desenvolver programas de prevenção às doenças contando com o tripé básico da medicina disponível às populações: Pediatria, Clínica Geral e Ginecologia, além da Odontologia que sempre foi muito reivindicada pelo povo. Foi um grande avanço na saúde pública do município, pois disponibilizou o acesso preventivo e curativo a áreas isoladas.

As “Unidades de Estratégia de Saúde da Família” (UESF), atualmente doze no total, fazem parte do projeto inicialmente chamado “Programa Saúde da Família” implantado em 2003. Este projeto disponibiliza “agentes comunitários” de saúde que visitam a população dos bairros a fim de conscientizá-la da importância da prevenção, salientando que a procura dos postos de saúde para a realização de ações preventivas é indispensável, mesmo que as pessoas não estejam doentes. Logo, o importante é prevenir-se. A intenção é que os médicos tenham dedicação exclusiva para acompanhar mais de perto cada caso da área abrangida pela UESF e criar vínculos entre a população e a equipe de saúde da família.

Além destas instituições, nos tempos atuais, também se encontra em funcionamento o **Centro de Reabilitação Municipal “Solange Lana de Ávila”** para tratamentos de fisioterapia e reabilitação. O **SAMU**, que a partir de então passa a ser regional e a atender dez municípios da região nos casos de atendimentos de urgência. E o **AME** (Ambulatório Médico Especializado), que, em Barretos, possui duas sedes, uma para tratamento cirúrgico especializado e outra para ambulatório.



Centro de Reabilitação Municipal “Solange Lana de Ávila”. 2012. Foto: Guilherme Soares.



Fachada do AME. 2012. Foto: Guilherme Soares.



Cada equipe da “Saúde da Família” é composta por um médico, um enfermeiro (coordenador da equipe), seis agentes comunitários de saúde, um dentista e um auxiliar de consultório dentário. O “médico da família” atende nas três frentes: pediatria, clínica geral e ginecologia. Hoje já existe curso de especialização para esta área nos cursos de Medicina.



Samu. 2012. Foto: Guilherme Soares.

Depois de tanta tecnologia, é comum pensarmos numa evolução na saúde em Barretos. Embora isto seja uma verdade, não podemos esquecer que em todas as décadas deste longo século XX em Barretos existiram iniciativas de hospitais, médicos, iniciativa privada e poder público em trazer o que havia de melhor em tecnologia na saúde de acordo com cada época. Devemos olhar a época, com os olhos da época. Pensem.



Unidade IV

Referências

ARMANI, Karla de Oliveira. **A jovem República e seus efeitos em Barretos (1900-1909)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). – Bebedouro: Fafibe, 2009.

FERREIRA, Milton. **A história do espiritismo em Barretos e região**. – Barretos, SP: Editora Sete Virtudes, 2009.

MESGRAVIS, Laima. **A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, 1599?-1884: contribuição ao estudo da assistência social no Brasil**. São Paulo, 1976.

ROCHA, Osório. **Barretos de Outrora**. s/Ed, 1954.

SILVA, Marcia Regina Barro da. **O mundo transformado em laboratório: ensino médico e produção de conhecimento em São Paulo: 1891 a 1933**. (Tese de Mestrado), USP, 2003.

Periódicos:

Jornal "O Sertanejo", 1900/01 (Arquivo: Museu "Ruy Menezes");

Jornal "Correio de Barretos", 1944. (Arquivo: Museu "Ruy Menezes");

Revista Ação & Vida da Santa Casa de Misericórdia de Barretos (1ª, 2ª, 3ª e 4ª edição).

Arquivos particulares:

Santa Casa de Misericórdia de Barretos;

Sociedade Espírita 25 de Dezembro;

Cúria Diocesana de Barretos.



Unidade IV • Capítulo 6

Temas da História Barretense

Transportes: do carro de boi ao avião

*“Antigamente nem em sonho existia
Tantas pontes sobre os rios
Nem asfalto nas estradas”*

(Música Mågoa de Boiadeiro, de Nono Basílio e Índio Vago)

A necessidade das pessoas de deslocar, transportar e transitar é antiga. O transporte no Brasil, assim como no restante do mundo, tem uma importância fundamental para o desenvolvimento social e econômico.

Nesse capítulo abordaremos o modo de locomoção dos primeiros barretenses, as primeiras estradas, os carros de bois, a expectativa com a chegada da ferrovia, o primeiro trole, o transporte fluvial e suas dificuldades de implantação até a instalação do aeroclube na cidade.

Transporte fluvial: Rio Grande

Os primeiros habitantes oriundos de Minas Gerais, que se transferiram para a região de Barretos tiveram que transpor os rios Pardo e Grande, a nado ou com jangadas improvisadas. A **navegação no rio Grande** teve início na década de 1860. O responsável por esta iniciativa foi João Gonçalves, de Campo Belo (estado de Minas Gerais). Este comerciante procurou uma área no rio Grande e criou um **porto**¹, construiu armazéns e dentro da mata abriu uma estrada, ligando Barretos a Frutal.

Nesta abertura da estrada surgiu um povoado que você já deve ter ouvido falar o nome: Laranjeiras. João Gonçalves e seus empregados buscavam sal e outros produtos em Porto Ferreira, através dos rios Grande, Pardo e Mogi Guaçu, em jangadas improvisadas.

Com a chegada da estrada de ferro em 1902 em Bebedouro as jangadas foram **paulatinamente**² sendo **suprimidas**³. Em 1903 o empreendedor Antonio Prado, que tempos antes havia sido prefeito de São Paulo, inaugurou o sistema de navegação a vapor no Rio Grande, pois ele já

¹ **Porto**: abrigo natural ou artificial para os navios e barcos, munido de instalações necessárias ao embarque e desembarque de mercadorias e de passageiros.

² **Paulatinamente**: lentamente; coisa feita aos poucos.

³ **Suprimidas**: abolidas, anuladas, cessadas, acabadas.

Unidade IV • Capítulo 6

tinha interesse de construir um frigorífico em Barretos. Prado aproveitou os barcos do Porto Ferreira no serviço implantado em Barretos. Para isso, teve que atravessar os rios Mogi Guaçu, Pardo e Grande. A descida dos barcos foi perigosa, pois haviam muitas cachoeiras difíceis de serem transpostas, conforme podemos observar na foto abaixo:

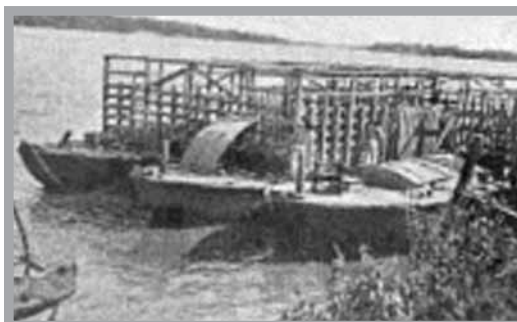


Cachoeira da Onça. Fonte: "Exploração do Rio Grande e seus afluentes".
Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, 1913.

Assim, o antigo porto de jangadas do João Gonçalves se transformou em um porto com serviços mais modernos implantados, por Antonio Prado, que passou a oferecer transporte para gado e pessoas em embarcações a vapor, transporte mais rápido e seguro para a época.



Rio Grande, cachoeira dos Patos. Acervo: Museu "Ruy Menezes."



Barco para transporte de gado.
Fonte: ANDRADE, A. 1918.

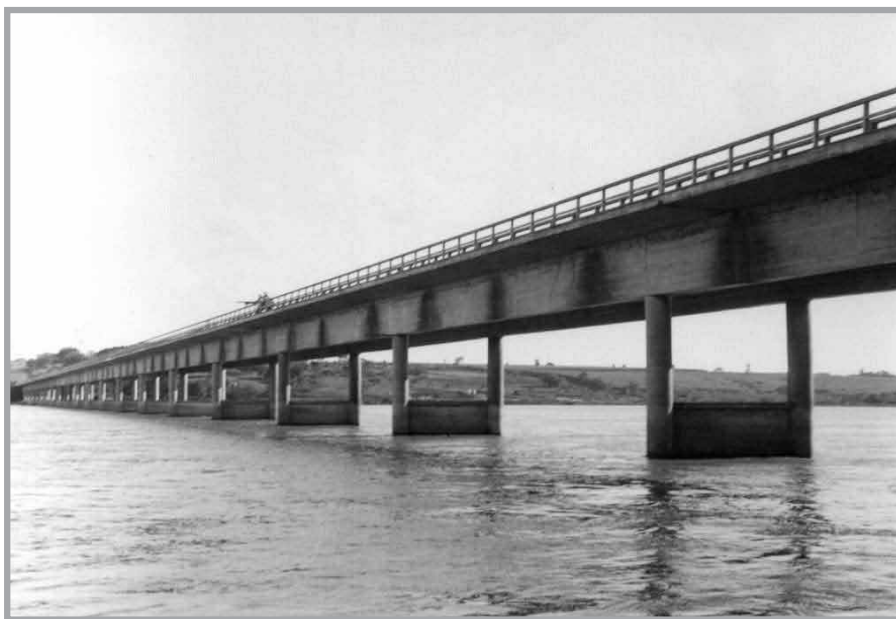


Barco a vapor no antigo Porto Antônio Prado 1912.
Fonte: Álbum exploração do Rio Grande e seus afluentes.

Ponte Gumercindo Penteado

Atualmente, a travessia dos rios Pardo e Grande é feita por pontes. Mas a construção de tais passagens demandaram esforços da população, autoridades e jornalistas junto ao governo do estado.

O jornalista Paulo Bezerra, através de seu jornal "A Semana", juntamente com Gastão de Castro Leite, na presidência da "Associação Comercial de Barretos", a partir da década de 1940 mobilizaram a atenção de deputados para a construção de uma ponte, contaram com o importante apoio do deputado federal José Alves da Palma. A ponte foi inaugurada em 1º de fevereiro de 1954 e recebeu o nome de Gumercindo Penteado", nome do engenheiro responsável pelo projeto de construção.



Ponte "Gumercindo Penteado" que liga Barretos a Colômbia. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Rio Pardo

A ligação entre os municípios de Barretos e Guaira é realizada por meio de ponte, e o curioso é que já existiram três pontes para fazer essa travessia. A primeira ponte foi construída em 1916, mas em 1929 a cidade de Barretos sofreu uma chuva muito forte que a destruiu. Com isso, foi necessária a construção de uma nova ponte, hoje abandonada. Posteriormente foi construída a ponte em uso nos dias de hoje.



Primeira ponte construída no Rio Pardo, que foi destruída na enchente de 1929. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Construção da ponte do Rio Pardo (Ponte Velha, atualmente abandonada) Acervo: Roseli Tineli.

Transporte Ferroviário

No mundo e no Brasil, as estradas de ferro foram responsáveis por fundação de cidades, serviram como agências de correios e trouxeram progresso a muitos lugarejos.

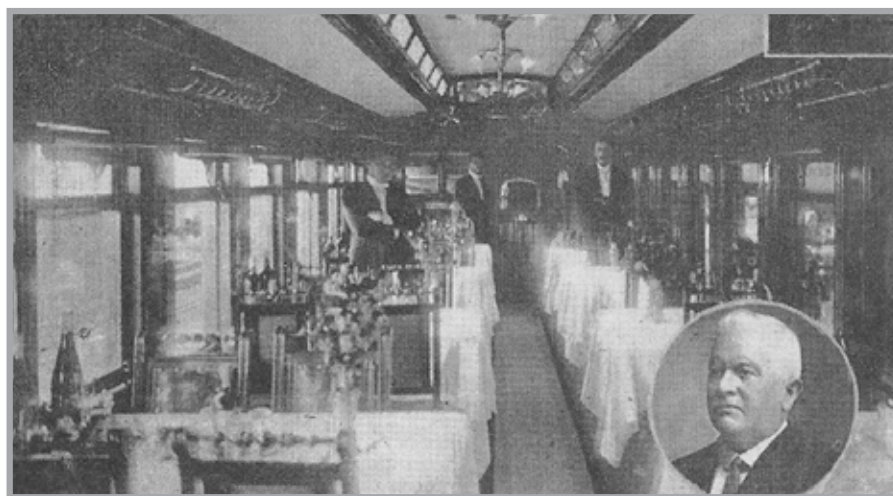
Em Barretos a linha férrea contribuiu para o desenvolvimento econômico da cidade através do transporte de carne e de boi para os grandes centros comerciais. Os trilhos que aqui chegaram em 25 de maio de 1909, resultaram do prolongamento do traçado de Bebedouro até Barretos. A primeira Estação foi construída em 1912, embora o transporte tivesse se iniciado no momento em que os trilhos aqui chegaram, ou seja, três anos antes. No trajeto entre Bebedouro e Barretos, foram construídas estações menores: Colina, Palmar e Frigorífico, esta última inicialmente servia de posto telegráfico, passando ao serviço de embarque e desembarque de pessoas e animais em 1921.

Em 1929, com a mudança da largura da linha férrea (bitola), foi necessária a construção de uma nova estação, onde hoje é a Estação Cultura a (Avenida 3 entre as ruas 16 e 18).

Neste período, partiam da cidade de Barretos para a capital do estado dois trens de passageiros, sendo um diurno com carro restaurante e um noturno com carro dormitório.



Antiga Estação de Barretos, construída em 1912. A foto é de 1918.
Fonte: "Álbum Ilustrado da Companhia Paulista de Estrada de Ferro".



Interior do carro restaurante, linha São Carlos-Barretos. Fonte: "Álbum Ilustrado da Companhia Paulista de Estrada de Ferro".

E como eram os vagões do trem? O trem era composto por máquina – primeiro carro do maquinista; carro breque – onde se localizavam o guarda-volumes de bagagens dos passageiros e correspondências; bagagens – local onde se acomodavam as encomendas. A segunda classe era um carro de 60 lugares, com bancos de madeira e passagem mais barata. A primeira classe tinha também 60 lugares e bancos estofados; carro restaurante, local onde eram servidas refeições, bebidas e café e o último o carro Pulman, o mais luxuoso.

Com o prolongamento dos trilhos entre Barretos e Colômbia, outras estações surgiram impulsionando o surgimento de novos povoados como: Alberto Moreira e Adolfo Pinto.

A estação de **Alberto Moreira** foi inaugurada em 1926, mais tarde teve o nome trocado para Amoreira, como consequência da abreviação de A. Moreira. Os trens de passageiros para Amoreira foram suprimidos entre 1978 e 1980. Em torno da estação foram sendo construídas casas para os operários e crescendo um povoado. As vilas surgidas nos locais onde eram inauguradas as estações, que geralmente recebiam os mesmos nomes dados às estações.

A estação de **Adolfo Pinto** foi inaugurada em 1º de julho de 1929. A estação recebeu o nome “Gordural”, devido ao córrego que passava próximo e fazia parte do trecho final do tronco que seguia até o Porto Cemitério. Em 1º de setembro de 1930, passou a chamar-se Adolfo Pinto, em homenagem a um antigo diretor Paulista, falecido pouco tempo antes.

O declínio da malha ferroviária começou no governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1960), que priorizou o sistema rodoviário como principal meio de transporte, desencadeou-se a falta de investimentos no setor ferroviário, canalizando recursos financeiros para a construção das modernas rodovias.

A última viagem para transporte de passageiros aconteceu em 1998. Em 2002, os trilhos foram arrancados do perímetro urbano e foi construída uma nova linha fora da cidade, inaugurada em 2004.

Estradas de Rodagem

Desde o início do povoamento de Barretos (por volta de 1850), a maior dificuldade dos moradores era a abertura e **conservação das estradas**. O tempo da cheia dos rios deixava-os intransitáveis e os cavalos acabavam quebrando as pernas nas longas viagens.



Trator na gestão do prefeito Riolando de Almeida Prado, em 1929, recuperando as estradas barretenses. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Alberto Moreira.
Fonte: “Álbum Ilustrado da Companhia Paulista de Estrada de Ferro”.



Adolfo Pinto.
Fonte: “Álbum Ilustrado da Companhia Paulista de Estrada de Ferro”.

Em 1920, diversas pessoas solicitaram à Câmara Municipal de Barretos providências no sentido de ser colocado no trecho da estrada de Barretos ao Porto Antônio Prado, bebedouros de água para os animais. Pois a locomoção se dava utilizando os animais para puxar carros de bois e carroças. Na tentativa de conservar as estradas, a Câmara de Barretos em 1924 proibiu o trânsito de carros de bois pelas estradas do município.

O Prefeito Municipal Riolando de Almeida Prado (1926-1930) comprou as estradas particulares, tornando-as livres de pedágio⁴. As estradas a partir de então foram incorporadas ao patrimônio da Prefeitura. Para conservá-las houve um aumento nos impostos.

Em 1928, a fim de evitar os estouros da boiada que saíam em disparada pelas ruas, foi elaborado um projeto urbano com a construção de um corredor boiadeiro, local de passagem dos animais até o Frigorífico Anglo. Este corredor margeava a rodovia Faria Lima.

As boiadas conduzidas para as Charqueadas Minerva e Bandeirante, depois do São Domingos, seguiam pela rua 30. Adentravam o perímetro urbano, o que não solucionou a questão do estouro das boiadas.



Foto: Corredor boiadeiro do São Domingos. Esta era uma estrada que seguia de Barretos até Colômbia com pastos em ambas às margens. Era o local onde o gado ficava até o fazendeiro vir comprar. Fonte: PERINELLI NETO, H. 2009.

Meios de locomoção

Os primeiros moradores que povoaram Barretos se locomoviam por **carros de bois**, cavalos e posteriormente por troles. O carro de boi era mais utilizado para levar mercadorias e foi um dos primeiros instrumentos de trabalho, além do mais antigo e principal veículo de transporte utilizado no país, principalmente nas áreas rurais, por quase três séculos.

Já os **troles** eram utilizados para transporte de pessoas, puxados por cavalos e conduzidos por um condutor. Eram altos e leves para não afundarem em terrenos lamacentos ou arenosos.

Era um meio de transporte cômodo para circular nas grandes propriedades do fim do século XIX, levava o fazendeiro de sua residência



A reportagem mostra que a rua 30 era usada para a condução do gado destinado às charqueadas Minerva e Bandeirantes. Fonte: Jornal da década de 1940. Acervo: "Museu Ruy Menezes".

⁴Pedágio: taxa que se paga para transitar em uma estrada ou ponte.

até a estação.

Segundo o historiador Osório Rocha, no ano de 1887, proveniente da paulista cidade de Limeira, chegou a Barretos o primeiro trole. O que trouxe à cidade o Major José Machado de Barros, sua esposa e o filho do casal.

Com a crescente demanda de transportes para as cidades vizinhas, no ano de 1902 Jacob Witzel Filho recebeu a concessão de exploração de um serviço de troles, inaugurando sua linha entre Barretos e Bebedouro. Para melhor qualidade de serviços alugou uma casa, onde plantou um capinzal para alimentar seus animais.



Carro de boi em desfile de aniversário da cidade de Barretos.
Acervo: Família Palma da Rocha.



Canga. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Foto de um trole, do século XIX. Acervo: Museu Rodoviário. www.levygasparian.rj.gov.br/novo/?link=Fotos/MuseuRodoviario

Transporte coletivo

Até o ano de 1907, Barretos não possuía um transporte coletivo de uma cidade a outra. Foi quando Antônio Passos e José Vergueiro Steidel, empresários, iniciaram o serviço de transporte de passageiros e de cargas na cidade, que passava por um período de modernização. Já em 1913, a firma Moreira & Barros se estabeleceu em Barretos, inaugurando uma linha de transporte de Barretos até a cidade mineira de Frutal.

De 1913 a 1945, outras empresas foram responsáveis pelo transporte de passageiros para as cidades do estado de São Paulo e outros. Em 1945



Um dos poucos carros circulando pela cidade de Barretos, em 1917.
Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Moreira & Barros. Fonte: ANDRADE, A. 1918.

havia também a empresa “Michelin”, uma organização especializada em transporte coletivo, ligando Barretos aos vários municípios vizinhos e ao estado de Minas Gerais. O transporte rodoviário estadual acontecia devido ao intenso fluxo do comércio de gado.

Viasa – Viação Sarri Ltda

Atualmente o transporte urbano é feito pela Viação Sarri, que percorre toda a cidade transportando passageiros. No ano de 1946, teve início o transporte dos trabalhadores em Barretos entre frigorífico e a “cidade”. O serviço foi implantado pelo Sr. Hermantino Sarri, que percebeu no transporte coletivo uma oportunidade de negócio propiciada pelo traslado dos operários.

Na década de 1960 com o aumento populacional a empresa ampliou as linhas para atender aos bairros Baroni, Rosário, Bom Jesus e Nogueira, além da linha do Frigorífico.

Com o passar dos anos, novas linhas foram surgindo e a empresa foi transformada em “Viasa- Viação Sarri Ltda”. O sistema de integração foi implantado em 1993 com o pagamento de somente uma passagem, que dá o direito de utilizar as outras linhas para qualquer local da cidade.



Parte da Frota de Ônibus da empresa Michelin. Na foto estão Argemiro Ribeiro Filho e José Beazot. Estão ao lado de um caminhão da empresa. Fonte: jornal “Barretos Memórias”, número 3.



Terminal, localizado à rua 32 com a avenida 23, em 2004. Acervo: Roseli Tineli.



Ônibus da empresa Irmãos Sarri. Jornal “O Diário”. 16/11/ 1969. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Ponto de ônibus, atrás da Catedral do Divino Espírito Santo, à avenida 21. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Estação Rodoviária de Barretos

A primeira estação da cidade foi construída no ano de 1954 pelos sócios Vespaziano Garcia e João Ribeiro, na rua 6 esquina da avenida 25. Com o passar do tempo, devido ao crescimento populacional e conseqüente demanda, o local tornou-se pequeno, necessitando de ampliações para o bom atendimento dos viajantes. Para isso, foi construída uma nova Estação Rodoviária.

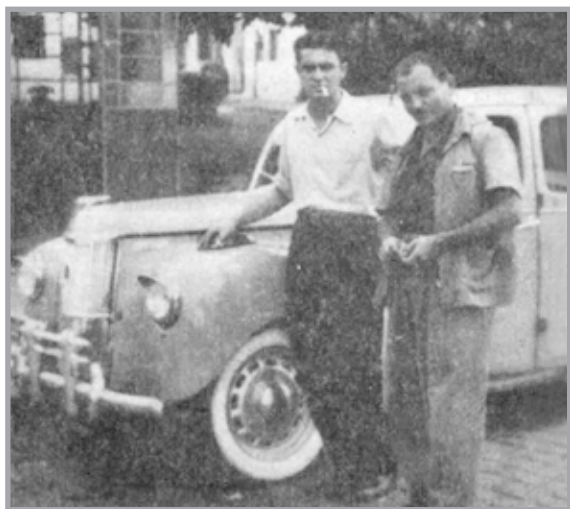
A 2ª Estação Rodoviária, Terminal Rodoviário “Ary Ribeiro de Mendonça”, foi inaugurada em 1977 e está em funcionamento até os dias de hoje.

Os serviços de carros de praça na cidade

Os primeiros carros de praça⁵ no início do século XX, que serviram a população barretense e eram puxados a cavalo, espécies de troles. Os primeiros pontos deste tipo de veículo localizavam-se próximos à Catedral.

Os carros de praça foram paulatinamente substituídos pelos automóveis.

A partir de 1949, o serviço de Táxi em Barretos passou a ser feito pelos “Biribas”, apelido tanto do carro de pequeno porte quanto do seu condutor. Como o veículo era menor, necessitava de menos combustível. Isso que barateava o valor das passagens. Então o número de corridas aumentou e muitos motoristas começaram a faltar aos compromissos com os clientes. Este foi o caso de um casal recém-casado, que com a viagem de lua de mel já marcada, foram “deixados na mão” pelo Biriba. Este não apareceu para levá-los até a estação, conforme demonstra a matéria ao lado.



Carro Biriba (1957), que ficava no Ponto 868, da Catedral. O proprietário Antônio Gallego, está na foto ao lado de um passageiro (Elpidio Medeiros).
Fonte: Jornal “Barretos Memórias”, de Wilson Franco de Brito, nº4.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Transporte de gado

No início do desenvolvimento da pecuária, o meio de transporte das boiadas era feito através das comitivas, que atravessavam os estradões em longas marchas até o nosso município.

Com o advento do transporte ferroviário, a “Companhia Paulista de Estradas de Ferro” passou a fazer este serviço, possuindo vagões especiais para transportar boiadas até São Paulo.

⁵ Carros de praça: correspondem atualmente aos táxis.



Parte interna da antiga Estação Rodoviária.
Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. p. 184.



Fonte: Jornal “A Semana”. 01/12/1949. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Na área de transporte rodoviário de gado em Barretos, a primeira empresa foi a "Frota C", de Clarindo Queiroz. Posteriormente seu sobrinho Edivar Vilela de Queiroz e Iranildes Leite fundaram em 1965 o "Expresso Barretos".

Transporte Aéreo

O primeiro voo registrado sobre Barretos foi em 1915, quando o prefeito municipal João Machado de Barros, convidou o aviador Luís Bergman para realizar uma demonstração nos céus da cidade. Para que o evento tivesse um caráter verdadeiramente popular, capaz de impressionar os barretenses, foram distribuídos boletins pela cidade e região a fim de divulgar tal acontecimento.

Luis Bergmann foi recepcionado pela população na Estação Ferroviária, pois o avião veio desmontado. As acrobacias executadas por Bergman em seu avião *Bleriot* impressionaram a todos. O evento foi realizado no campo de futebol do "Barretos Futebol Clube", à rua 32, lugar improvisado de onde decolou e aterrissou o avião. Lá do alto, Bergmann atirou ao povo impressos multicolores, inaugurando assim uma nova era: a da exploração dos ares em nossa região.

Depois da exibição do aviador Bergmann, em 1915, somente em 2 de março de 1921 veio a Barretos o aviador João Busse. Com seu avião Aviatik fez sobre a cidade voos, levando vários passageiros, como o capitão Philogônio Theodoro de Carvalho (o mesmo que em 1925 tomou a cidade, você estudou sobre ele na Unidade III). Vê-se então que a primeira exibição, em 1915, foi somente um voo de apresentação; diferente do segundo, em 1921, que ofereceu à população o privilégio de experimentar a sensação de voar.

Em 1929, os frequentadores do Hipódromo⁶ já tinham se familiarizado com a presença de aviões que faziam uso daquele local para aterrissagem e decolagem, quando vieram a Barretos três aviadores. Em consequência de tantas demonstrações que causavam fascínio e frente a mais essa novidade da modernidade, o barretense se interessou pela aviação, o que motivou a criação de um aeroclube com cursos para formação de pilotos na cidade.



Avião Bleriot. Fonte: Enzo Angelucci. "Os aviões". São Paulo: Mirador, 1971, p. 25.

⁶Hipódromo: Local para corrida de cavalos.

Aeroclube de Barretos

Em 1939 foi criada a Escola de Aviação Civil, tendo Abel Coimbra como um dos primeiros a receber brevê⁷. Ele era médico analista da Santa Casa de Misericórdia de Barretos.

Abel trabalhou para a construção de um aeroclube na cidade e sua fundação foi em 07 de fevereiro de 1939. Associaram-se ao Aeroclube: Abel Coimbra, Eduardo Antonio de Oliveira, Antonio Nunes Serradela, Cherubino Gori Neto, José Amêndola Neto, Ademar Rodrigues da Cunha, José Cândido de Paula e Surem Mirzeam.

O Hipódromo Barretense foi utilizado como pista de pouso e aterrissagem até 1979. Um dos primeiros acidentes aéreos que se tem notícia na cidade é o de 1940, no qual faleceram Abel Coimbra e Geraldo Horta Costa, mecânico e instrutor do Aeroclube da cidade de Uberlândia.

Abel Coimbra, aproveitando a estadia em Barretos do experiente aviador Horta, praticou por diversas vezes a aterrissagem e decolagem do avião. Na última manobra, subiu e perdeu por completo o controle e a velocidade, sendo lançado ao solo. Em seguida, veio para Barretos o aviador Sargento Antonio Meirelles. Recolheu os destroços do avião, aproveitando-os como meio de instrução à numerosa turma de alunos e pilotos.

Em setembro de 1942, foi brevetada a primeira turma de pilotos civis do Aeroclube de Barretos. Um dos formandos foi o piloto Roberto Perondini, que atuou como instrutor do Aeroclube por dois anos em Barretos. Mudou-se posteriormente para São Paulo, onde tirou o primeiro lugar no Curso de Monitores, obteve licença para pilotar 17 tipos de aviões.



Banho de óleo. Formatura de pilotos no aeroclube. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Rádio controle antes da inauguração oficial do aeroclube. Foto datada de 31 de agosto de 1938. Acervo: Museu "Ruy Menezes."



Abel Coimbra. Fonte: Jornal Correio de Barretos. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

⁷ Brevê: Título que atesta a capacidade de um indivíduo pilotar aviões.

Outro piloto que se destacou foi Osvaldo Malaman, que em 1943 também completou mil horas de voo. Fato noticiado em vários jornais. Em 1945, o piloto Chafei Amsei passou a administrar aulas no Aero clube de Barretos.

A mulher barretense também participou da aviação e a primeira a receber brevê foi Laura de Melo Leme. Seu irmão conta que por ser mulher, ela não conseguiu seguir a carreira de piloto de aviação comercial e acabou desiludindo de voar. A cultura da época causava discriminação em relação às mulheres em certas áreas do trabalho ou do lazer, que tinham então dificuldades em realizar seus sonhos e tomar parte em todos os aspectos da vida em sociedade.

Em sua trajetória, o Aero clube passou por momentos difíceis, permanecendo fechado por um período. Atualmente, o aero clube de Barretos, utiliza o espaço do Aeroporto *Chafei Amsei*, localizado na estrada Vicinal Pedro Vicentini.



Laura Maria de Melo Leme. Fonte: Jornal "Correio de Barretos", 1943. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Osvaldo Malaman, Fonte: Jornal "Correio de Barretos", 1943. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Roberto Perondini. Fonte: Jornal "Correio de Barretos", 1943. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Segunda Turma de pilotos brevetados por Chafei Amsei – 1946. Diretoria: presidente – doutor Aley Spinola; vice-presidente – Dalcio Pedreira; Secretário - Evaristo Urias de Paula; tesoureiro – Faria. Alunos: Suren Mirsian, Mário Gonçalves, Roberto M. Nunes, Mário Bueno, Clóvis Oliveira Cardoso, Paulo Santos, Toragio Honda, Rubens Dias Fontão, Luiz Botacini, Sílvio H. Nogueira. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Aeroporto Estadual de Barretos

Com a criação do Aeroclube, foi construída uma pista de pouso. Isso que permitiu o funcionamento do aeroporto de Barretos. Funcionou até a década de 1970 nos terrenos onde hoje se localiza a Fundação Educacional de Barretos, que também foi Hipódromo e Campo de Pólo. Em 1979 foi construído o atual aeroporto denominado de Aeroporto *Chafei Amsei*. A pista tem 1.800 metros por 90 metros de largura e está habilitada para o recebimento de aeronaves particulares, comerciais e de carga.



Fonte: "Álbum de relatório de governo (1977–1978) Administração Melek Zaiden Geraige". Acervo: Museu "Ruy Menezes".

O mototaxismo

O serviço de mototaxi é um dos mais populares da atualidade, devido à rapidez e ao baixo custo do transporte. Em julho de 1996 teve o serviço regulamentado pelo então prefeito Nelson James Wright.

Atualmente, os trabalhos de mototaxista e *motoboy* são regularizados por lei federal, sendo necessária aos profissionais a aprovação em curso especializado. Barretos conta com mais de 3.000 pessoas desenvolvendo este tipo de atividade, incluindo todos os profissionais que realizam estes serviços com motos.

Chegamos ao final de nossa viagem conhecendo um pouco mais sobre o desenvolvimento dos meios de locomoção dos barretenses. O transporte ferroviário não está em atividade no município, nem para transporte de cargas. Pois a nova linha construída fora da área urbana apresentou problemas.

Barretos atualmente é ligada a outras cidades pelo transporte rodoviário.



Unidade IV

REFERÊNCIAS

ANGELUCCI, Enzo. **Os aviões**. São Paulo: Mirador, 1971.

Álbum Ilustrado da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (1868-1918). Cinquentenário Filemón Peres, 1918.

ANDRADE, Absay. **Álbum de Barretos**. Volume dos estados do Brasil: das monografias paulistas. São Paulo: Escritório Jurídico Técnico-Comercial, 1918.

Publicação da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. **Álbum Exploração do Rio Grande e seus afluentes**. São Paulo: tipografia Brasil de Rothschild& Cia, 1913.

MENESES, Ruy; TEDESCO, José. **Álbum Comemorativo do 1º. Centenário da Fundação de Barretos**. Barretos: Publicação da Prefeitura Municipal de Barretos, 1954.

PERINELLI NETO, H. **Desejo, cordialidade e civilidade: deates e ações do Poder Legislativo Municipal na construção da Barretos moderna – 1926/1930**". www.anpuhsp.org.br/sp/

PERINELLI NETO, Humberto. **Nos quintais do Brasil: homens, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade – Barretos (1854/1931)**. 2009. Tese. (Doutorado em História) Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho": Franca, 2009.

ROCHA, Osório Faleiros. **Barretos de Outrora**. Barretos: s/e, 1954.

Jornais:

- "O Diário", de 5 de junho de 2004;
- "O Sertanejo", de 1901 a 1906;
- "O Comércio", 24 de agosto de 1919;
- "Correio de Barretos", de 1943 e 1944;
- "A Semana", 150 a 1954;
- "Estação Cultura", 28 de junho de 2008.

Sites:

- <http://www.estacoesferroviarias.com.br/c/est-c.htm>
- www.abpfsp.com.br/ferrovias.htm
- basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option
- www.marcoarelioasilva.com.br/navegacao.html
- www.estacoesferroviarias.com.br/p/ptferreira.htm
- www.orkut.com › Maria-fumaça Jaguariúna-SP
- www.ibge.gov.br



Unidade IV • Capítulo 7

Temas da História Barretense

A Pecuária e a moderna tecnologia dos Frigoríficos

Na unidade I você viu que Barretos pertencia ao circuito comercial de gado. Este consistia na criação do gado nas regiões de Mato Grosso, sul de Goiás e Triângulo Mineiro. O gado era trazido até Barretos, engordado nas invernadas e depois revendido para localidades consumidoras.

No final do século XIX, o negócio da Pecuária já havia crescido grandiosamente, atraindo populações e muitos negociantes de gado vindos de Minas Gerais. Foi por essa época que começaram a surgir os **matadouros**, pois há passagens no livro “Barretos de Outrora”, de Osório Rocha que indicam a existência em 1896 do “Matadouro Municipal de Barretos”, que tinha a função de abastecer o mercado local e às vezes o da região com carne fresca. O boi engordado também era vendido vivo para outras localidades, como as cidades que cresciam em número de consumidores devido ao plantio do café. Esse boi era levado a pé pelas estradas e também pelas ferrovias de outras cidades da região.

Já no começo do século XX, Barretos era o maior produtor de bovino gordo da região, enchendo seu território de pastagens. Esse fato atraiu a atenção de negociantes muito ricos, alguns da capital. Foi o caso de Antônio de Almeida Prado, que enxergando em Barretos uma cidade estratégica no negócio da carne, instalou aqui em 1913 o primeiro frigorífico do Brasil.

A **refrigeração da carne** nos frigoríficos era uma tecnologia nova, a qual impedia que a carne estragasse depressa, valorizada devido às ideias higienistas do século XX. Antes disso, as carnes dos bois abatidos nos matadouros não eram conservadas por métodos muito higiênicos e estragavam rápido, o que causava doenças nos consumidores. Um dos modos de se conservar a carne era salgando-a e secando ao sol, essas eram chamadas “carnes de sol” ou “charque” (atual “carne seca”), método empregado pelos matadouros e pelas chamadas charqueadas.

Antônio Prado foi prefeito da cidade de São Paulo e era membro

da elite, sua família estava envolvida em variados negócios, incluindo a criação de gado, a cafeicultura, bancos, indústrias, importação e exportação. Diga-se de passagem, o capital cafeeiro esteve diretamente relacionado à industrialização do país, principalmente a partir da década de 1930. Portanto, este também foi direcionado para a construção do frigorífico.

“Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais” e “Companhia Frigorífica e Pastoril”

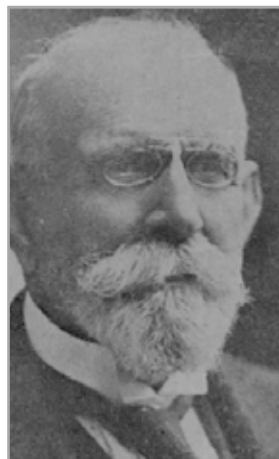
Não eram apenas os donos de frigoríficos que poderiam sair lucrando com este negócio, mas também os donos de empresas que fizessem o transporte dessa carne frigorificada ou mesmo do boi. Foi pensando nisso que a “Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais” implantou em 1903, no antigo porto “João Gonçalves” à beira do Rio Grande, um vapor destinado a transportar pessoas e boiadas. A partir daí, o porto passou a ser conhecido como “Porto Antônio Prado” em homenagem ao mesmo Antônio Prado que instalaria o Frigorífico em 1913, mas por que? Porque ele também era o diretor da Companhia Paulista responsável pelo prolongamento da linha férrea de Bebedouro a Barretos, inaugurada em 1909.



Fachada da Estação da “Companhia Paulista da Estrada de Ferro” de Barretos em 1929.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Parque industrial do Frigorífico da “Companhia Frigorífica e Pastoril” de Barretos em 1913.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Antônio de Almeida Prado.
Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Estando pronto o esquema de transporte, iniciaram-se as negociações para instalação do frigorífico. A câmara municipal de Barretos já havia cedido a exploração de um frigorífico na cidade também para a “Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais”, direito este transferido para a “Companhia Frigorífica e Pastoril”. No mesmo ano eles começaram a construção do parque industrial, implantando-o na fazenda Pitangueiras. Assim utilizavam a água do córrego Pitangueiras. O frigorífico estava do lado do bairro “Outro Mundo” em Barretos e foi inaugurado em 1913.

Foram instaladas máquinas de última geração, trazidas da Europa, trouxeram alguns profissionais dos Estados Unidos e da Argentina, já experimentados no serviço e adquiriram pastagens para invernar o gado que serviria de matéria-prima ao frigorífico. Já em 1914, foram exportadas 1,5 toneladas de carne, sendo que o destino era o comércio internacional, interestadual, intermunicipal e municipal.

Já para a elite local, era conveniente ajudar na instalação do frigorífico, pois este seria mais um comprador importante dos bois invernados nas fazendas da região. Além disso, esta nova tecnologia era uma representante da “modernidade” que poderia colaborar na modernização da cidade, gerando impostos, empregos e aumentando a popularidade dos políticos envolvidos no negócio. Isso explica o empenho dos políticos locais em ganhar a concorrência deste empreendimento com Bebedouro, que também esteve interessada.

Não era porque se instalava o método de frigorífico que os antigos matadouros deixaram de utilizar o método do charque. A própria “Companhia Frigorífica e Pastoril” também utilizava-se deste método. Assim, em 1924 foi instalada em pequenos barracões na cidade a “Charqueada Minerva”, e em 1927 a “Charqueada Bandeirante”. Só na década de 1940, os dois tornaram-se frigoríficos e na metade da década de 1950 o “Matadouro Industrial Minerva” e o Frigorífico Bandeirante figuravam como matadouros industriais de médio porte, aumentando a capacidade da cidade em absorver um maior número de gados.



Foi construído junto ao parque industrial do frigorífico um prolongamento dos trilhos da Companhia Paulista. Isso permitia o embarque dos produtos ali mesmo, diminuindo os custos com transporte, além de fazer a entrega de maquinários, insumos e bois para o abate. Estação do Frigorífico. Acervo: José Mesquita.



Sala de polias do frigorífico. Tratava-se de um sistema baseado na transmissão de forças, que requeria um sistema de eixos e polias para “conduzir” a força motriz, a partir da ação de giro do eixo principal da caldeira, transferindo a força para as máquinas da indústria. Com a introdução dos motores elétricos as máquinas passaram a ter capacidade própria de trabalho. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Frigorífico Anglo e a Associação Rural Vale do Rio Grande

Você deve se lembrar que em 1914 o mundo começava a Primeira Guerra Mundial (ver capítulo 3; Unidade III), exatamente um ano após a inauguração do primeiro frigorífico em Barretos. Por estar em período de Guerra, o parque industrial da Europa, inclusive os frigoríficos, não estava operando de modo a satisfazer seus consumidores. Desse modo, as exportações da “Companhia Frigorífica e Pastoril” de Barretos para a Europa expandiram-se passando de 3.500 toneladas em 1915, para aproximadamente 5.850, 7.700 e 11.050 toneladas nos anos de 1916 a 1918.

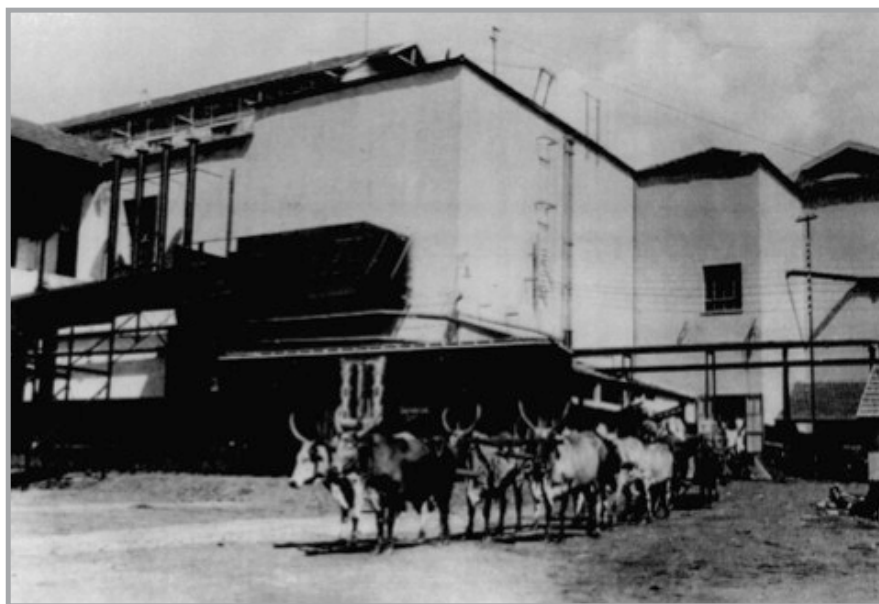
Terminada a Guerra, o setor no Brasil sofreu crises e algumas remodelações, pois os europeus começaram os esforços para a recuperação de sua indústria.

Já em meados da década de 20, a Europa reorganizava seu parque industrial e o modernizava, o que a fez voltar sua atenção às potencialidades de instalarem-se filiais de suas empresas no Brasil. Assim explorariam melhor nossas matérias-primas. Surgiu, então, o papel de capitais vindos da Inglaterra e EUA através da empresa de frigoríficos “Brazilian Meat Company”. A empresa comprou frigoríficos no Brasil e potencializou seu poder de produção. No entanto, isso era feito em benefício dos estrangeiros, pois exportavam grande quantidade da carne e seus subprodutos, prejudicando o abastecimento do mercado interno e o desenvolvimento da indústria nacional.

Em 1919, o Frigorífico de Barretos foi arrendado à “Companhia Mecânica e Importadora” de Santos, da qual era presidente Alexandre Siciliano, sócio de Antônio Prado. Fazia parte desta sociedade a família Di Giulio, grande fornecedora de carne em São Paulo. O comerciante Di Giulio tinha a preferência da compra, mas por pressão do poder econômico dos estrangeiros o frigorífico foi vendido a um grupo inglês.



Varais para a produção do charque no Frigorífico. Acervo: José Mesquita.



Um carro-de-boi em um dos pátios do frigorífico de Barretos. Os carros-de-boi conviviam com automóveis e locomotivas, já que era necessário transportar madeira e outros produtos entre os setores da fábrica. Era o tradicional convivendo com o moderno, típico de um período de transição. Acervo: José Mesquita.

Esse grupo era a “Brazilian Meat Company”, que comprou em 1923 o frigorífico de Barretos, adquirindo também vários outros frigoríficos no Brasil. No final da década de 1920 já não existia investimentos nacionais neste setor. Depois dessas aquisições a firma inglesa “Brazilian Meat Company” passou a ser chamada de Frigorífico Anglo S/A. Suas atividades foram ampliadas e modernizadas, sendo que em 1928 a Anglo de Barretos foi a responsável por 23% de toda a produção do estado de São Paulo.

O capital estrangeiro investido no frigorífico de Barretos não ficou restrito apenas à indústria frigorífica, mas passou a comprar cada vez mais fazendas para criar e engordar o gado. Desta forma, a empresa criava um monopólio¹ de todo o processo produtivo (criação; engorda e industrialização da carne). Isso acabou gerando descontentamento por parte dos fazendeiros locais, pois se o frigorífico aumentava a propriedade das boiadas, ele podia também impor preços aos outros criadores através da concorrência, diminuindo os grandes lucros dos fazendeiros de Barretos. Estes, então resolveram se organizar para defender sua classe: nascia o “Sindicato Rural Vale do Rio Grande”.

Consta que ela foi fundada em 31 de maio de 1931, sob o nome de “União dos Fazendeiros e Invernistas do Oeste de São Paulo”. Já em 1941 a entidade organizou o “Primeiro Congresso Pecuário do Brasil Central” em Barretos, com o objetivo de fundar uma instituição que congregasse todas as Associações Rurais para defender os interesses dos pecuaristas do estado de São Paulo. Essa associação foi criada com sede em Barretos em 1942, e em 1946 passou a se chamar “Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo” (FARESP), quando já havia mudado, em 1944, sua sede de Barretos para a capital do estado.

Ainda naquele primeiro Congresso foi expressa a vontade dos pecuaristas em retomar também a industrialização da carne para o capital nacional, queriam repatriar² todo o processo produtivo do ramo. O que eles combatiam? O trust³, que se formava sobre a criação, recriação e engorda de rebanhos nos mais de 70 mil alqueires de terras pertencentes ao monopólio estrangeiro. Um dos caminhos era priorizar o mercado interno, pois às indústrias de capital estrangeiro interessava muito mais exportar, o que prejudicava o mercado no Brasil. Neste sentido nacionalizante, a classe dos pecuaristas teve o apoio do então presidente Getúlio Vargas (principalmente no mandato de 1951-1954).

Estas associações passaram a defender toda a sorte de interesses dos pecuaristas, mais tarde também os dos agricultores. Suas atividades englobavam a valorização da atividade no estado e no país, bem como a busca de melhorias no setor, como o aperfeiçoamento das raças do gado de corte, visando melhoria da qualidade da carne.

O Recinto “Paulo de Lima Corrêa” e as Exposições de Gado

Devemos considerar que Barretos vivia um auge no ramo da pecuária, era um centro de convergência neste sentido. No entanto, já na década de 1940, as pastagens barretenses começaram a sofrer concorrência de pastagens nas regiões paulistas da Noroeste e Sorocabana (nome de Companhias Férreas). Assim, para estas regiões começaram afluír parte do gado criado no Triângulo Mineiro, Goiás e Mato Grosso, que eram tradicionalmente os fornecedores de Barretos. Foi nesta época que nossa cidade viveu um crescimento da agricultura, contudo o negócio de gado não esmoreceu.



Getúlio Vargas em visita a sede da Associação Rural Vale do Rio Grande em 1950, por ocasião de sua campanha eleitoral, quando firmou compromisso com os pecuaristas locais acerca da nacionalização do ramo. O segundo da esquerda para a direita. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Foi no ano de 1954 que se realizou a 1ª Exposição Estadual de Animais de Barretos, no Recinto “Paulo de Lima Corrêa”. O evento foi parte da programação das comemorações do Primeiro Centenário de Barretos e significava, para a elite da cidade, a demonstração da sua força econômica, representada na pecuária. Acervo: Museu “Ruy Menezes”

¹ Monopólio: exclusividade. Quer dizer que a empresa arrumava maneiras de tornar exclusiva a sua exploração sob o negócio da carne.

² Repatriar: tornar novamente pátrio, da pátria; nacionalizar.

³ Trust: Agrupamento de empresas para dominar o mercado e diminuir a concorrência. holding trust: sociedade anônima que controla, graças às suas participações financeiras, um grupo de empresas da mesma natureza, ligadas assim por uma comunidade de interesses.

O governo do estado de São Paulo percebeu a força do setor da pecuária e passou a incentivar esse ramo, sobretudo a partir da década de 1930, ou seja, depois da decadência do café. Tais incentivos atraíram a atenção de novos empresários, surgindo pastagens em vários pontos do estado, fazendo concorrência a Barretos.

Além disso, o poder público passou a promover Feiras e Exposições de Animais em parceria com frigoríficos, prefeituras e organizações classistas, que tinham a intenção de trocar experiências e fechar negócios entre os empresários do ramo.

Devido a estes investimentos, mesmo sofrendo concorrência, Barretos consolidou-se como **Capital Nacional do Gado**, incentivada pelo crescimento da demanda internacional por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Em 1945, a "Associação Rural Vale do Rio Grande" inaugurou sua sede própria, no mesmo ano foi inaugurado o Recinto "Paulo de Lima Corrêa" e também realizada a 1ª Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados.

A qualidade da carne bovina foi uma preocupação dos ingleses desde a década de 1920. Tanto que os fazendeiros de Barretos trouxeram o gado zebú de origem indiana do Triângulo Mineiro, mais especificamente Uberaba. A preferência por essa raça vem da sua resistência ao clima quente da nossa região. Os barretenses a partir da década de 40, para fazer frente à concorrência, intensificaram a criação e seleção de gados reprodutores indianos, o zebú (das raças Gir e Nelore) visando também outro mercado: os criadores. Era nas exposições do Recinto que os fazendeiros fechavam negócios e demonstravam as novidades em relação às raças dos bois, havendo concursos neste sentido e prêmios aos donos dos melhores animais.



Nas fotos, pecuaristas uberabenses, barretenses e outros formavam expedições e iam até a Índia negociar a compra do gado zebú. Chegavam a participar de rituais hindus.
Fonte: SANTIAGO, A. A. 1973 p.133 e 113.

O operariado

"De permeio com êsses nomes, vemos goianos, mineiros, paulistas de outros rincões, ingleses e americanos, todos irmanados dentro do mesmo ideal: a prosperidade econômica do Brasil"

Fonte: Cione Pardi, 1954. Grafia da época.

Essas palavras são de Miguel Cione Pardi, que escreveu a história da pecuária e dos frigoríficos barretenses para o "Álbum do 1º Centenário da Fundação de Barretos" no ano de 1954. Ele era membro da inspeção federal junto ao então Frigorífico Anglo e arrolou os mineiros, goianos, paulistas, ingleses e americanos como os responsáveis pela prosperidade econômica de Barretos e mesmo do Brasil neste ramo. Os nomes aos



Recinto "Paulo de Lima Corrêa" durante a realização de uma exposição. Acervo: Museu "Ruy Menezes"



O boi Dominante, de propriedade de Mamed Mussi da Estância Indiana em 1954. Foi tricampeão na exposição em Goiás, em Barretos e vencedor do prêmio do IV Centenário da cidade de São Paulo, em Abril de 1954.

Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. p.148.

Acervo: Museu "Ruy Menezes"

quais ele se refere eram os de proprietários, tanto fazendeiros como os donos de frigoríficos. Mas será que eles foram os únicos responsáveis pela riqueza produzida em nossa cidade naquele período?

A partir de agora você vai aprender como era a vida dos trabalhadores do frigorífico, os verdadeiros responsáveis por fazer funcionar todo o processo produtivo.

Os operários e o “novo” modo de produção

Antes de tudo, devemos entender que o negócio da pecuária atraiu para a cidade grande fluxo de populações já no começo do século XX. Foi nesta época que ganhou importância o papel dos **imigrantes**, que diversificaram a vida social da cidade. Os imigrantes, principalmente italianos e espanhóis, vieram para o Brasil para trabalhar nas fazendas de café; acontece que Barretos ficava próxima à zona cafeeira, atraindo imigrantes vindos das fazendas da região, os quais desejavam trabalhar em outra área que não na cafeicultura. Eles se instalaram na cidade, causando grande movimentação econômica e social, trabalhando no comércio, na construção e também na indústria.

Teve grande importância a recrutação dos lituanos para trabalhar no frigorífico de Barretos, sendo que tivemos maior concentração destes imigrantes por volta da década de 1930. O Antônio Prado teve desde o princípio a preocupação com a construção de colônias para agregar a mão-de-obra empregada no frigorífico, ao exemplo do que já vinham fazendo com os operários da ferrovia recém-instalada. No entanto, não havia casas para todos. Assim, aos empregados de “baixa especialização” foram distribuídos materiais para que eles mesmos construíssem seus barracões que tomaram aspectos de favelas.

Em 1923, quando as dependências da “Companhia Frigorífica e Pastoral” foram vendidas à “Brazilian Meat Company”, o vasto local pertencente ao frigorífico já possuía mercearia, açougue, escola e cinema. Isso é indicativo de que os brasileiros já estavam implantando modelos europeus e norte-americanos de **colônia operária**, organizada de modo a manter o controle sobre o trabalhador. O que foi aperfeiçoado com a vinda dos ingleses.

O “novo” frigorífico vendia uma imagem de empresa moderna e higiênica na imprensa local, ao mesmo tempo racionalizou e modernizou o processo produtivo dentro da fábrica. O trabalho na fábrica representava um novo modo-de-produção e um novo modo de vida ainda estranho aos trabalhadores, pois exigia muito esforço e era insalubre⁴. No entanto, a industrialização era também um valor da modernidade. Foram recrutados para o trabalho imigrantes de muitas localidades, como lituanos, italianos, sírio-libaneses, portugueses e espanhóis e em menor escala iugoslavos, russos, argentinos, paraguaios,



*Operários trabalhando no interior do frigorífico.
Fonte: PERINELLI, H. Nos quintais do Brasil. 2009. p. 247.*



*Casa dos trabalhadores, principalmente lituanos, nos primeiros anos do frigorífico.
Acervo: José Mesquita.*

gregos e indianos.

O grande fluxo de vinda de pessoas para a cidade nesta época beneficiou o capital estrangeiro, que buscava no Brasil e em outros países subdesenvolvidos, a mão-de-obra farta e barata, bem como acesso à matéria-prima; em Barretos os ingleses encontraram os dois.

Ao trabalho foi aplicado o **modelo "taylorista"** de produção, originário dos Estados Unidos e Europa, que se tratava da divisão do trabalho em seções nas fábricas, a chamada "linha de produção". A premiação por produtividade e a rotatividade dos cargos. Esse modelo era famoso por aumentar a capacidade produtiva. No entanto, não permitia que o trabalhador tomasse conhecimento de todo o processo produtivo, mas só da pequena parte que lhe era ordenado, tanto que em entrevistas realizadas pela historiadora Célia Aiello, nenhum antigo operário disse ter conhecido a fábrica inteira.

A divisão do trabalho também gerava uma divisão da fábrica, logo uma divisão dos próprios trabalhadores, que por isso tinham dificuldades de se organizar (já que passavam quase todo o seu dia no interior do frigorífico). Com o fim de bloquear a solidariedade, a união e a consciência de classe entre os trabalhadores, também era proibido aos mesmos andarem entre as seções da fábrica sem a permissão dos superiores, promovendo a vigilância dos operários.



Piquenique dos funcionários do Frigorífico no campo de golfe. Fonte: PERINELLI, H. 2009. p. 259



As condições precárias de trabalho, que tratavam o assalariado quase como um escravo são também consideradas resquícios da cultura do sistema da escravidão, que naquela época havia sido extinta há pouco tempo. Para se ter uma ideia, o coordenador de uma seção dentro da fábrica era chamado de capataz, mesmo nome usado pra designar o empregado que tinha a função de perseguir e punir os negros durante o período da escravidão no Brasil.



Operários almoçando na beira dos trilhos do frigorífico. Nota-se a utilização das marmittas. Fonte: PERINELLI, H. Nos quintais do Brasil. 2009. op. cit. p. 243.

Vila operária: modernidade e vigilância

Por que a vila operária era um modo de manter o controle sobre o trabalhador?

Primeiramente as casas onde eles moravam eram de propriedade do frigorífico, criando um forte laço de dependência do trabalhador com a empresa. Além da moradia, a empresa provia tratamento médico, escola e lazer. Tudo dentro do espaço da vila operária, tornando o operário "independente" da cidade, pois não precisava ir até o centro para praticamente nada, e ao mesmo tempo totalmente dependente dos "benefícios" da empresa.

⁴ Insalubre: doentio; prejudicial à saúde.

Através do **discurso patronal**, veiculado na imprensa e dentro da fábrica, os patrões davam a estas melhorias característica de “favores”, quando na verdade era um modo de manter o operário preso às dependências dos “benefícios” e ao emprego, sem poder questionar muito suas condições, já que seu salário não poderia pagar pelos “benefícios”.

Depois da compra pelos ingleses, construíram-se casas melhores para os trabalhadores. Elas eram separadas pelo cargo que o trabalhador ocupava na empresa. As melhores ficavam com os patrões e as piores com os operários de baixa remuneração. O planejamento das casas e a sua disposição urbana dava aos patrões o “poder” de **vigilância** sobre a vila, sobre os operários e as suas ações, pois podiam observar de perto e sem obstáculos os movimentos dos trabalhadores, tanto sua vida social, quanto possíveis organizações políticas e reivindicatórias.

É interessante notar que quem morava fora da vila operária tinha salário menor do que os que moravam na vila. Os trabalhadores que insistiam em morar “na cidade” geralmente permaneciam pouco tempo no frigorífico, eram pessoas que queriam poupar capital para posteriormente abrir algum comércio na cidade. Esse foi o caso, principalmente, dos sírio-libaneses, que constituíam em Barretos o comércio mais forte da região.

O lazer era também um “benefício”. Assim existia a igreja, campo de golfe, de tênis, de futebol, o cinema, os bailes e outros “luxos da **modernidade**”. No entanto, mesmo no lazer foi possível identificar a distinção social. Para os patrões o golfe e o tênis, para os operários o futebol, no qual, quem ditava as regras eram igualmente os superiores, em sua maioria, os ingleses. Para os empresários ingleses representantes da “nova” empresa, erigiram-se casarões modernos e um clube luxuoso que recebia membros da elite política e econômica.



*Time de futebol do frigorífico na década de 1930.
Acervo: José Mesquita*



Da esquerda para a direita. imagem 1) Prédio onde funcionava o cinema do frigorífico; imagem 2) Clube dos ingleses. Acervo de José Mesquita.



Da esquerda para a direita. Imagem 1) Visão panorâmica da área do frigorífico na década de 1950; imagem 2) Vila operária. O “Bairro do Frigorífico” havia crescido muito; era localizado próximo à vila Pereira e tornou-se um populoso bairro com panificadora, restaurante e linhas de ônibus. Fonte: PERINELLI, H. 2009, p. 239 e 254.

No final da década de 1960 e 1970, por questões de problemas judiciais entre os proprietários e moradores que não queriam sair das casas depois de desligados da empresa, esta resolveu não construir mais casas para os operários e demoliu o conjunto habitacional que já tinha mais de 300 casas. Restaram apenas algumas que foram ganhas judicialmente pelos operários.

É importante notar que mesmo depois de “destruída” a vila operária, os antigos moradores do “bairro do frigorífico” mantiveram uma rica memória acerca da vida que tiveram ali. Os laços de sociabilidade criaram lembranças de uma vida que, apesar de sofrida, também mantinha uma movimentação social e fraterna muito grande, gerando laços de amizade e momentos de diversão. Veja o que disse José Mesquita, ex-morador do bairro do frigorífico: *“Tenho muito orgulho de ser morador do Frigorífico. Lá todos tinham amizade, éramos uma grande família”*.

No ano de 1999, dona Duquinha, também ex-moradora do bairro frigorífico e José Mesquita resolveram começar a realizar encontros dos ex-moradores do bairro, que segundo seus relatos têm sido muito emocionantes. Nos encontros são resgatadas antigas histórias ao som das músicas da época dos bailes que tanto os agradava, revelando que construíram também uma cultura do operariado. *“Foi um encontro necessário para resgatarmos nossas origens, nossas amizades”*, lembrou Duquinha.

Assim, é válido afirmar que *“A fábrica permaneceu nas primeiras lembranças dos operários como símbolo do moderno, da segurança, da higiene. Mas, ao aprofundar, ao buscar no fundo da memória, as lembranças vieram amargas e se misturaram com o orgulho que tinham da fábrica, numa confusão de alegrias e sofrimentos. Foi um tempo triste. Um tempo de miséria, de exploração, de acidentes... mas também de esperança”*. (ARAÚJO, 2002, p. 111).



Encenação de um casamento numa das festas juninas dos funcionários do frigorífico.
 Fonte: PERINELLI, H. 2002. p. 259.

A busca por melhorias: os operários e suas reivindicações

Os baixos salários associados a duras condições de trabalho levaram os operários a demonstrarem insatisfação na forma de resistência a essas condições. São consideradas demonstração de resistência, práticas como negligência no serviço, insubordinação aos chefes, faltas e até mesmo pequenos furtos, que só ocorriam dentro da fábrica e não na vila. O interessante é que muitos eram despedidos, mas pouco tempo depois readmitidos, demonstrando a necessidade da fábrica por essa mão-de-obra. Apenas os grevistas, ao que parece, não eram readmitidos.

Para buscar melhorias de condições, o operariado também se organizou em associações de classe. A primeira foi a “União Operária Barretense” de 1916, depois a “Sociedade Operária Internacional” de 1917. Essas associações surgiram com a função de ajuda mútua, prestando socorro no caso de acidente de trabalho e na velhice dos trabalhadores. O surgimento dessas sociedades, aliado à constante adesão dos operários ao “Sindicato da Construção Civil” (que era um sindicato bastante ativo nas reivindicações), nos leva a pensar que os operários definiam espaços para discutir os seus problemas e encontrar maneiras de mudar sua condição.

Uma das formas mais representativas de resistência e reivindicação eram as greves. A primeira greve expressiva registrada na história do frigorífico foi a de 1931. A greve eclodiu devido à intensificação da insatisfação dos operários quando estes começaram a ser substituídos, em grande escala, por operários lituanos que aceitavam receber menos que os brasileiros.

A greve teve início às duas horas da manhã do dia 22 de maio de 1931, com grande aglomeração de operários nos portões da fábrica anunciando a paralisação do trabalho. Os relatos dão conta de muita desorganização e opiniões divergentes entre os operários. Os organizadores da greve levaram as reivindicações ao superintendente do frigorífico, o Sr. A. M. Moore, onde constava aumento de salário, redução da jornada de trabalho para oito horas e remuneração extra para o serviço noturno, mas, este não aceitou negociar. Dessa forma, a polícia interviu e houve pancadaria, feridos e presos; todos os organizadores da greve foram demitidos. Só em 1934, frente à eminência de outra greve, os diretores do frigorífico resolveram ceder parte das reivindicações aos operários.



Funcionários do frigorífico em um dos inúmeros pátios que existiam entre os edifícios da fábrica. Esses pátios constituíam locais de reunião dos operários, de sociabilidade, desabafo acerca das condições de trabalho, troca de experiências e ideias. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Antes da força da lei de 1943 (CLT), não existiam leis trabalhistas no Brasil, ou seja, o empregador não tinha a obrigação de suprir condições mínimas ao trabalhador.

Assim, não existia a determinação de salário mínimo, aposentadoria ou licença maternidade. As jornadas de trabalho chegavam a 16 ou 18 horas diárias, existia o trabalho infantil e mulheres ganhavam muito menos que homens, sendo frequentes os acidentes de trabalho. Ou seja, as condições de trabalho eram precárias e em Barretos não foi diferente.

No ano de 1933, ou seja, apenas dois anos após a greve de 1931, foi fundado o “Sindicato dos Trabalhadores em Frigorífico”, hoje “Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Barretos”. O sindicato foi prontamente reconhecido em 31 de maio de 1933 pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, criado pelo então presidente Getúlio Vargas em 1930. Tais fatos, nos levam a crer que este Sindicato nasceu atrelado ao poder patronal (dos patrões), o que diminuía a autonomia dos trabalhadores em relação às suas reivindicações, que passaram então a ser “mediadas” e “medidas” pelos representantes do capital e da ordem pública.

A admissão de menores era muito comum; tinham 14, 11 e até 8 anos de idade. Não havia a preocupação de colocá-los em seções menos insalubres, aumentando o risco de acidentes. A admissão deles se explica pelo fato de uma criança ganhar metade do salário de um adulto para fazer a mesma tarefa. Essas crianças que começavam a trabalhar na fábrica precocemente tinham que abandonar os estudos devido à carga horária de trabalho, que começava antes do raiar do sol e só terminava com o pôr do sol. Forçadas a tornarem-se adultas antes do tempo, participavam igualmente das greves e reivindicações.

A maioria das mulheres que trabalhavam no frigorífico tinham entre 15 e 18 anos de idade, e às vezes até mais jovens. Os patrões tinham preferência pelas jovens e solteiras, que trabalhavam um tempo na fábrica, normalmente em seções que exigiam habilidades domésticas, como a seção de conservas onde era necessário o cozimento, ou seja, a submissão delas aos serviços domésticos continuava sendo reproduzida dentro da fábrica. Depois de casadas ou de terem filhos, elas eram demitidas e passavam a cuidar de suas casas ou arrumavam emprego de domésticas nas casas dos diretores do frigorífico. Mais tarde, suas filhas e filhos ingressavam no frigorífico para ajudar nas despesas da casa, normalmente era a única fonte de renda de famílias inteiras.



Mulheres trabalhando na seção de embalagens do Frigorífico. As máquinas eram uma novidade que causava fascínio e espanto naquela época. Eram de diferentes tipos e fabricavam diversos produtos, embalados com materiais como plástico e vidro (como na foto), o que mudava a rotina da população consumidora e também do trabalhador. Era a chamada modernidade. Fonte: PERINELLI, H. 2009. p. 247.

Essas mesmas mulheres também organizavam greves. Vejamos o depoimento de Maria José, que trabalhou no frigorífico na década de 1930:

"... um dia, nós mulheres, resolvemos fazer uma greve, desligamos a bomba de água que abastecia a fábrica e as casas dos ingleses... fizemos um cordão em volta... não permitimos nem o bombeiro entrar para ligar... diante da ameaça da polícia de que ia jogar bombas na gente e que era para tirar as crianças de lá, buscamos o resto que tinha ficado em casa e dissemos: se vamos morrer, morreremos todos juntos."

(Apud ARAÚJO, 2002, p. 93)

Apesar de ter trabalhado na fábrica na década de 1930, D. Maria relata que o episódio aconteceu na década de 1950, quando ela não trabalhava mais na fábrica, mas ainda morava na vila e lutava por melhorias de salários e condições de trabalho para o marido e o filho que trabalhavam no frigorífico, assim como as outras mulheres.



Operárias do Frigorífico na década de 1930. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Empenhados na busca de melhorias, muitos acabaram ligados à **militância política**, principalmente o comunismo, que possuía um discurso de defesa do operário. Foi possível identificar a presença dos líderes comunistas desde o começo das reivindicações operárias. Esse fato se reforça pela presença de agentes do DEOPS (Departamento de Ordem Política e Social) – a chamada polícia política da ditadura de Vargas – investigando trabalhadores do frigorífico barretense durante a greve de 1931 e mesmo depois dela, chegando a deportar dois irmãos lituanos líderes da greve. O fato de serem também líderes comunistas era reforçado pela grande quantidade de lituanos e de outros imigrantes que tinham origem na União Soviética ou próximo a ela, na Europa Oriental. Toda essa movimentação política culminou na fundação do Partido Comunista na cidade em 1940, que passou a ser muito frequentado por trabalhadores do frigorífico.

Percebemos assim que a consciência da união da classe como um meio de conseguir melhorias no trabalho também esteve presente. O espaço

da fábrica comportava, portanto, as lutas movidas pelas classes que se opunham. Os operários passaram a organizar de forma mais sistemática as suas reivindicações frente ao empregador, através das organizações classistas, das expressões de resistência e das reivindicações.

E como “termina” essa história?

Neste capítulo tratamos da modificação que sofreu a cidade a partir do século XX. Na Unidade II você viu essas modificações na política com o advento da República, que influenciou a área cultural e social da cidade. Neste capítulo nós tratamos do impulso econômico que moveu todas essas mudanças.

Desde o começo do século XX até pelo menos a década de 1960, a tradicional prática da pecuária, aliada à moderna tecnologia dos frigoríficos incentivou a vinda de grande fluxo de imigrantes e migrantes, aos quais tiveram muita importância para a formação da dinâmica urbana e moderna de Barretos. Todos eles vinham atrás de esperanças de uma vida melhor e mais farta, ou seja, também queriam participar das benesses da modernidade.

Quando barrados, lutaram e insistiram, deram a vida pela fábrica, constituíram famílias e uma cultura própria dos operários expressa na intensa vida social do “bairro do frigorífico”. Esse mosaico diverso de “tipos humanos” transformou radicalmente o panorama geral da cidade. Instalaram oficinas e estabelecimentos comerciais, que encontravam terreno fértil em um local de população crescente.

Constituíram sindicatos e associações que defendiam os interesses de sua classe ou de algum grupo étnico, a Sociedade Sírio-Libanesa (1915); “Propaganda Portuguesa” (1917), com sede em São Paulo; União dos Empregados no Comércio, (1914) dos comerciários; “União Operária Barretense”, (1916) dos operários do frigorífico; Sociedade Recreativa dos Empregados da Companhia Paulista, (1917) dos ferroviários; etc.

Mas e hoje? Como anda o negócio da carne em nossa cidade?

Contamos atualmente com dois importantes grupos no ramo da carne frigorificada, o grupo “Minerva Dawn Farms” e o “JBS Friboi”. O “Matadouro Industrial Minerva”, que na década de 1950 era considerado um frigorífico de médio porte, faz hoje parte do grupo “Minerva Dawn Farms”, um dos líderes na comercialização e exportação da carne na América do Sul.

A situação se alterou quando em 1992 a família Vilela & Queiroz, que tinha negócio de transporte de bois, comprou o Frigorífico Minerva do Brasil S/A de Barretos e entrou para o ramo da carne frigorificada. A partir daí expandiram os investimentos abrindo novas filiais em todo o Brasil, e no ano de 2007 a empresa selou laços com o Grupo irlandês “Darwn Farms” para a construção de uma nova unidade em Barretos, para o processamento de proteína animal.

A Companhia encerrou o ano de 2011 entre os três maiores exportadores brasileiros de carne, subprodutos e industrializados com aproximadamente 1.300 clientes localizados em mais de 100 países. Atualmente, o Frigorífico Minerva tem capacidade para abater 10.500 cabeças diárias, está presente nos estados de São Paulo, Tocantins, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rondônia, Santa Catarina, Espírito Santo, Pará, Distrito Federal e também no Paraguai e no Uruguai. A empresa ainda mantém escritórios em países como Rússia, Líbano, Irã, Arábia Saudita, Itália, Chile, Colômbia e Estados Unidos. Na unidade de

Barretos, matriz do Grupo, o abate de bovinos chega a 840 cabeças por dia e emprega aproximadamente 1.500 funcionários. Mantém ainda uma casa de carnes na cidade para o comércio de seus produtos.

Já o Frigorífico Anglo, em setembro de 2000, arrendou todo o complexo industrial para o grupo de frigoríficos "Friboi Ltda.". Uma empresa de capital nacional que começou em 1953 com um matadouro, na cidade de Penápolis em Goiás. Desde que seu idealizador, José Batista Sobrinho (por isso JBS) resolveu ir à recém-construída Brasília, na década de 1960, abastecer por lá o novo mercado consumidor de carne. O negócio se expandiu ao ponto de ser hoje em dia o maior do mundo no ramo.



"Minerva Darwn Farms" em Barretos. Fonte: <http://www.minerva.ind.br>



Frigorífico de Barretos do Grupo "JBS Friboi".
Fonte: <http://www.odariodebarretos.com.br/www1/rodeio/suplemento260811.php>

Unidade IV • Capítulo 7

Em 2004 a Friboi assumiu o controle total do Frigorífico Barretense e em 2005 o grupo iniciou seu processo de internacionalização, com a criação da JBS S/A. "A JBS é atualmente a maior empresa em processamento de proteína animal do mundo, atuando nas áreas de alimentos, couro, biodiesel, colágeno e latas. A companhia está presente em todos os continentes, com plataformas de produção e escritórios no Brasil, Argentina, Itália, Austrália, EUA, Uruguai, Paraguai, México, China, Rússia, entre outros países. Com acesso a 100% dos mercados consumidores, a JBS possui 140 unidades de produção no mundo e mais de 120 mil colaboradores" (Fonte: www.jbs.com).



Unidade IV

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Célia Regina Aiello. **Perfil dos operários do frigorífico Anglo de Barretos: (1927-1935)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

COTRIM, Gilberto. **História para o ensino médio: Brasil e geral**. Volume único. São Paulo: Saraiva, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4.

MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. **Álbum Comemorativo do 1º Centenário da Fundação de Barretos**. Barretos: Gráfica Tedesco, 1954.

PERINELLI NETO, Humberto. **A construção da paisagem do sertão no Brasil Moderno: investigando e interpretando a festa do peão de boiadeiro de Barretos (1956 -1972)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho": Franca, 2002.

SANTIAGO, A. A. **O gado Nelore, São Paulo**: Secretaria Estadual da Agricultura de São Paulo, 1973. P. 113 - 133.

_____. **Nos quintais do Brasil: homens, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade**. Barretos (1854 – 1931). 2009. Tese. (Doutorado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho": Franca, 2009.

_____. Espaço (s) Fabril (is) e Tempos Sociais Diversos: etnografia histórica, particularidades da modernidade brasileira e o frigorífico de Barretos (1909-1931). Disponível em: <http://www.arquitetura.eesc.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/01523.pdf>. Acessado em: 37/03/2012.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Brasil: 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

TRUCULLO, Priscila Ventura. **Modernidade e tradição no interior paulista: Barretos nos anos 50**. 2011. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho": Franca, 2011.

Sítios:

<http://www.mzweb.com.br>

<http://www.mdfr.com>

<http://www.jbs.com.br>

<http://www.odariodebarretos.com.br/www1/rodeio/suplemento260811.php>



Unidade IV • Capítulo 8

Temas da História Barretense



Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos

*Vento gelado batendo em meu rosto
Me diz que é agosto florada do Ipê
Meu sertão diz que eu me esqueça
De todos os apertos que eu vá pra Barretos
Pra festa do peão*

Através da música “Festa do Peão” composta por Bezerrinha, (aquele que lutou na 2ª. Guerra Mundial), temos uma rica descrição da cidade de Barretos no mês de agosto, marcada pelos dias quentes, vento frio e a belíssima florada dos ipês brancos, roxos e amarelos que compõem a paisagem da cidade no mês de realização da **Festa do Peão**.



Em 2004, o ipê amarelo foi declarado árvore símbolo de Barretos, devido à beleza da florescência dos ipês no mês de agosto, quando comemora-se o aniversário da cidade.

Como tudo começou

Os peões de boiadeiro conduziam o gado pelos estradões, eles eram os profissionais responsáveis por transportar o gado de uma região a outra. Saíam do sertão brasileiro com o gado que lá era criado e vinham



Estrada de rodagem paralela ao corredor boiadeiro. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

pelas estradas tocando o berrante e guiando a boiada até chegarem a Barretos.

Nas fazendas, os peões, nos momentos de folga faziam competições de rodeio entre eles. Mas como surgiu a ideia de se fazer uma festa homenageando o peão de boiadeiro? Existiram outras festas anteriores a Barretos? Houve realizações de rodeios no Brasil? Onde surgiu o rodeio? Estas são algumas das questões que passaremos a elucidar...

A origem do rodeio no Brasil

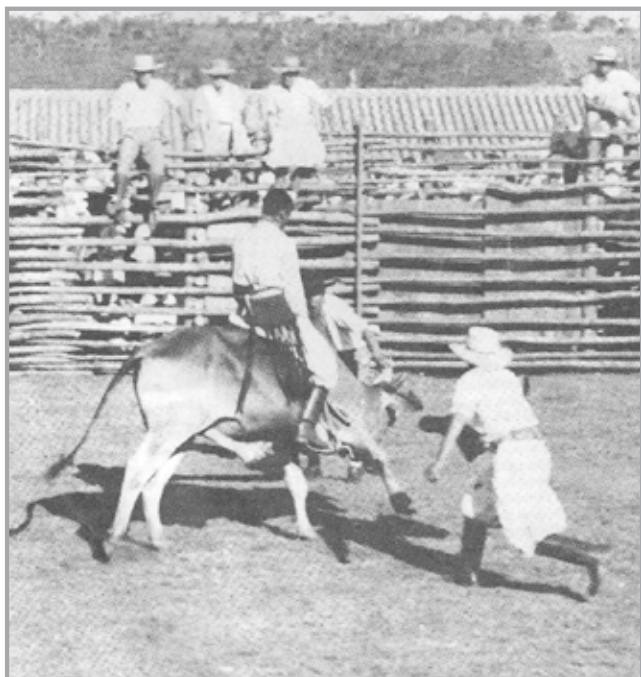
Ao estudar a história do Brasil, encontramos festas nas quais a exibição de montarias era ponto alto do festejo e aconteciam desde o Brasil Colônia. Em 1845, o Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Tereza Cristina assistiram a um rodeio nos alagados de Campinas de São José, Santa Catarina, onde D. Pedro chegou a dançar um fandango¹.

Nas décadas de 1910 e 1920, eram comuns bois amansados para montaria, em Barretos. Um grande apreciador desse tipo de montaria foi o famoso revolucionário e fazendeiro Philogônio Teodoro de Carvalho (estudamos sobre ele e sua revolta na Unidade III). Este, num carnaval convidou o menino Luiz, filho de seu amigo (Coronel Raphael da Silva Brandão), para no corso subir em seu boi e desfilarem com ele.

Desta forma, as brincadeiras dos rodeios e os desfiles em bois e cavalos cresciam paralelamente ao investimento na pecuária em nossa cidade.

A primeira Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos

Em 1947, quem governava o país era o presidente Eurico Gaspar Dutra e o governador do estado de São Paulo era Adhemar de Barros, do PSP (Partido Social Progressista). No meio político barretense, a situação mostrava-se conturbada. Adhemar de Barros trocou os prefeitos de várias



1ª. Festa do Peão (1947). A imagem acima é de uma das primeiras Festas do Peão no Recinto. Nota-se que havia mato em volta. A arena foi feita de varões horizontais, o que dificultava um pouco a visão dos espectadores. O Senhor João Garcia da Costa, o "Zico Garcia", foi um depoente valioso sobre a construção do círculo do rodeio, pois ele mesmo ajudou a fincar os esteios. Não havia bretes (local onde animal fica preso, antes do rodeio). O animal era amarrado a um poste no centro da arena. O peão montava no animal e só quando afirmava "pronto" é que se soltava o laço que segurava o cabresto. Ocorreram montarias em burros, touros bravos, corrida de lanças, pega de bois, concurso de laçadas etc... Fonte: Jornal "Barretos Memórias" (1988). Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Mario Vieira Marcondes.
Fonte: Jornal "Correio de Barretos", 5/6/1945, p.1
Acervo: Museu "Ruy Menezes"...

¹ **Fandango**: dança ou baile de ritmo popular muito alegre e barulhento.

idades e em Barretos foi nomeado seu aliado Mário Vieira Marcondes.

Em 20 de maio de 1947 Mário Vieira Marcondes organizou uma reunião no salão da União dos Empregados no Comércio e discursou, lembrando que várias cidades paulistas tinham suas festas populares características. Mas por que Barretos não tinha a sua festa? Daí surgiu a ideia de homenagear o peão de boiadeiro responsável em grande medida pelo progresso econômico da cidade.

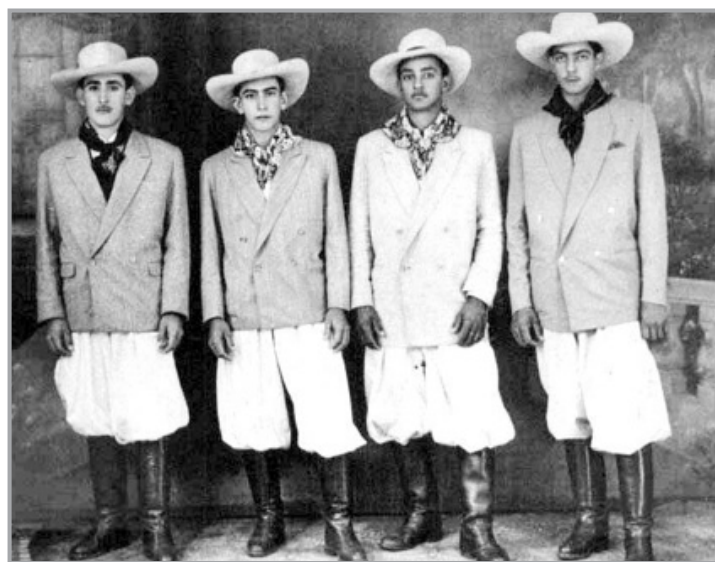
Com esta festa, pretendia-se mostrar o progresso de Barretos alcançado com a pecuária. O Brasil vivia os resquícios de uma política populista², implantada por Getúlio Vargas, de valorização da cultura regional. Assim, a valorização do peão foi sugerida por Mario Vieira Marcondes.

A **primeira festa** aconteceu no período de 22 de junho a 06 de julho de 1947, no Recinto “Paulo de Lima Correa”, inaugurado em 23 de maio de 1943 para exposição de gado. A festa contou com barracas de comidas, jogos de futebol, corrida de bicicleta, corrida da fogueira, desafios de viola, sorteio de brindes, apresentação de folclore regional, quermesse e rodeio.

No dia 06 de julho de 1947, Osório Faleiros da Rocha apresentou sua peça teatral composta por um ato, chamada “Que bom num seria”. Foi escrita especialmente para a ocasião e retratava cenas da vida rural. No mesmo dia, professoras locais apresentaram trechos de óperas e músicas brasileiras.

Os peões que participaram do primeiro rodeio foram: Benedito Maximiano da Silva (Ditinho do Moura, de Barretos); Cazuzu (de Paulo de Faria); Orlando Cassimiro (de Paulo de Faria); Negrão do Amélio (Orindiuva); Venício Rodrigues (Petito, de Riolândia); Elizio Sapateiro (de Orindiuva); Pedro Botelho (de Barretos); Aníbal Araújo (Orindiuva); Teófilo Sabino (Orindiuva); Negrinho do Otávio (Barretos); Sebastião Luiz (Orindiuva); Zé Pequeno (Paulo de Faria) e Jair da Silva.

O vencedor da prova de rodeio em 1947 foi o peão Petito – Venício Rodrigues - de Paulo de Faria e o segundo lugar ficou para Benedito



Na imagem acima, observa-se da esquerda para a direita: Benedito Maximiano; Cazuzu; Orlando Cassimiro e Negrão do Amélio. Antigamente a vestimenta consistia em chapéu de feltro, calças estilo bombacha, botas compridas, lenço no pescoço, camisas longas e guaiaca (cinto largo com compartimentos). Nas fotos colocava-se o terno por cima. A roupa dos peões daquela época é muito diferente das usadas atualmente nos rodeios, que são estilo americano: calças jeans, fivela e camisa xadrez. Acervo de Estelina Silva.



Ditinho e Petito. Acervo de Estelina Pereira da Silva.



Jornal “Correio de Barretos”
29/06/1947.
Acervo Museu “Ruy Menezes”.

² **Populista:** o Populismo é uma forma de governar em que o governante utiliza de vários recursos para obter apoio popular. O populista utiliza uma linguagem simples e popular, usa e abusa da propaganda pessoal.

Maximiano da Silva.

Petito ganhou como prêmio de Nenê Costa (um fazendeiro da cidade), um garrote Nelore que montou. Alguns adversários políticos de Mário Vieira Marcondes e do PSP alegaram que a festa era política, de cunho eleitoral e publicaram alguns artigos na imprensa, criticando-o.

Poemas em homenagem ao Peão de Boiadeiro

Na realização da primeira festa, alguns barretenses escreveram poesias exaltando o peão, que foram publicadas na imprensa local: Osório Faleiros da Rocha, José de Lima e Assis Canoas. Para ilustrar o poema de Osório Rocha, foi feito um desenho de um peão, por Paulo Castor Gomes.

Nesse poema, o peão é traçado como o herói da produção, desvendando aquela imagem de bagunceiro que vinha na cidade gastar todo o dinheiro recebido. Todas as condições de trabalho do peão são mostradas, a vestimenta, os seus modos: *“Sou o peão, a quem ninguém dá valor, trabalhador, de ocupação desprezada, considerada de baixa categoria pelo patrão, e toda população. Essa é a vida do peão, vida de devotamento, que tem como recompensa, quase sempre a indiferença, e a desconsideração”*. (ROCHA. “Correio de Barretos”, 1947.)

Desta forma, procurava-se criar uma **identidade** para a cidade, um mito. Como Barretos era uma região voltada para a pecuária, a ideia foi aceita e a festa bem recebida pela população.

Em 1948, a prefeitura organizou nova Festa do Peão, mas não foi o sucesso da primeira. Somente após oito anos é que se teve o retorno da Festa com o clube “Os Independentes”.

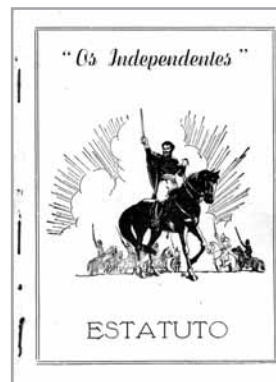
“Os Independentes”

Nos anos dourados, isto é, na década de 1950, era comum os moços se reunirem no final da tarde e entrada da noite para bater um papo agradável. Foi o que aconteceu no dia 14 de julho de 1955, em que se reuniram na Praça Francisco Barreto alguns amigos, solteiros e membros da elite³ barretense. No desenrolar da conversa surgiu a iniciativa de se fundar uma instituição que mantivesse vivas as tradições da cidade, e que ao mesmo tempo praticasse a benemerência.

No dia seguinte, domingo, dezesseis rapazes reuniram-se no bar de propriedade de Henrique Juliano, conhecido por “A Nossa Sorveteria”, situado onde atualmente se localiza o banco Bradesco. Cinco pessoas foram escolhidas para a elaboração dos estatutos, que foram manuscritos num papel de embrulho, sobre a mesa do bar. Depois, com a adesão de novos membros, o grupo inicial ficou composto por 20 pessoas.

No dia 1º de setembro do mesmo ano, na sede do “Sindicato do Vale do Rio Grande”, foram aprovados os estatutos e a eleição da primeira diretoria da entidade. O grupo tinha como principal objetivo a manutenção de uma entidade de caráter civil, que possuísse como princípio básico a congregação de jovens barretenses maiores de 22 anos de idade, que comungassem do ideal de amizade e proteção recíproca e que fossem respeitados integralmente, com os preceitos da sociabilidade e da lealdade. Como condição, todos os membros deveriam ser solteiros, financeiramente independentes e adeptos da filantropia. Este grupo participou de várias festas e gincanas.

³ **Elite**: palavra utilizada para designar a nata de uma sociedade; minoria dominante.



Dino Scannavino se inspirou em um caderno que tinha a imagem de Dom Pedro I com a espada proclamando a Independência para servir de símbolo de “Os Independentes” porque remetia a independência econômica e a liberdade de seus membros. Acervo de Bié Machione.



Bar interior do antigo Grêmio, situado à rua 18, de propriedade do senhor Antônio Silveira, o famoso Mister Antoni. Da esquerda para a direita: 1- Helio Garces; 2- Abdo Del Karin Gemha; 3- Orestes de Ávila; 4- Zequinha Sebastião e 5- Octacílio Domingos, fundadores de “Os Independentes”, cerca de 1956. Acervo de Bié Machione.

A primeira promoção do clube foi uma gincana automotiva, em 1955, com renda em prol da Vila dos Pobres, pois era uma ação muito bem vista na sociedade da época.

Ao casarem-se, os membros do clube eram **jubilados**⁴, e na cerimônia de despedida de solteiro, realizada em meio a uma farta galinhada ou a um churrasco, recebiam como presente dos demais membros um pau-de-macarrão e um avental, e em meio às brincadeiras. Afirmavam que o “expulso” a partir daquela data estaria atrelado a uma mulher e à vida do lar, e depois de muitas brincadeiras, o noivo era obrigado a retirar-se da festa, pois não pertencia mais ao clube.

Muitos já devem ter visto o símbolo de um cavalinho pulando que sai em jornais, revistas e televisão. Mas quem fez aquele desenho, quando foi feito e por que?

Símbolos e Signos

Quando se cria um clube ou entidade, os membros procuram elaborar um símbolo de identificação. Foi o que aconteceu com o Clube “Os Independentes”.

Os integrantes de “Os Independentes”, ao decidirem realizar as Festas do Peão, também precisavam de alguma coisa que os identificasse para divulgação e chamar a população para o evento. Sem ter um símbolo próprio, utilizaram o desenho criado pelo desenhista Geraldo Stuart para a Festa de 1947.

Este desenho representava um peão com o chapéu na mão direita, em cima de um cavalo pulando. Seus trajes traziam a influência texana. O desenho foi elaborado pelo pintor Geraldo Stuart que, por longos anos, enfeitou a cidade de cartazes bem elaborados e artísticos de casas comerciais, bem como propaganda de jornais.

Qual o motivo das cores do clube serem azul, vermelha e branca? Na data da fundação do clube “Os Independentes”, somente membros do



Logotipo de festa de 1956, desenho de Stuart. Jornal “Correio de Barretos”, 1956. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Primeira gincana automotiva organizada pelo clube “Os Independentes” no Recinto “Paulo de Lima Corrêa”. Na foto, Leila Gemha e José Sebastião Domingos. Acervo de Bié Machione.



Em 1967 houve uma alteração no estatuto que permitia que os membros de “Os Independentes” que já estivessem no clube e se casassem poderiam continuar. Permitiram, inclusive, a volta dos anteriormente expulsos. Atualmente, os aspirantes a independente só podem se casar após serem aceitos no clube.

⁴ **Jubilado**: afastado, aposentado, reformado.

“Grêmio Literário e Recreativo de Barretos” eram aceitos como sócios. O Grêmio era o clube da elite na época e suas cores são as mesmas: branca, vermelha e azul, o que também revelava a influência da cultura e civilização francesa sobre os intelectuais da cidade. Por este motivo, as cores de “Os Independentes” obedecem a este rigor.

Em 1962, novamente cogitou-se a criação de um símbolo que representasse a Festa do Peão, para deixarem de usar o clichê do jornal “Correio de Barretos” (o desenho do Stuart), das festas da década de 1940. Sérgio Carreira era presidente do clube.

O desenho de um cavalo pulando foi encomendado na Tipografia Andreotti, em São Paulo. Nota-se que o peão pulando, no centro do círculo é o tipo de peão norte-americano, pela indumentária, tal qual o peão idealizado por Stuart nas festas de 1947 e 1948. Este que foi usado nos cartazes e nas flâmulas do clube de “Os Independentes”, nos primeiros anos de sua existência.

Mas, qual a relação entre este clube criado e a Festa do Peão?

Festa de “Os Independentes”



Festa de 1962, no Recinto. Foto de Maurício Alves Pinto. Acervo de Bié Machione.



Festa no recinto, década de 1970. Foto de Maurício Alves Pinto. Acervo Museu “Ruy Menezes”.

Em 1956, numa conversa entre Zequinha Amêndola (então vice-prefeito), de Barretos, com Antônio Renato Prata e Joaquim Luiz Goulart, membros do clube “Os Independentes”, surgiu o consenso de que seria oportuno e necessário fazer renascer o evento. Marcaram uma reunião no “Sindicato Rural Vale do Rio Grande”. Compareceu a diretoria de “Os Independentes”, Zequinha Amêndola, Décio Pinto e outros. Ali, naquela oportunidade, ficou deliberada a realização da Festa do Peão, naquele ano de 1956, concomitante às festividades de aniversário da cidade.

Renascia, após um período de oito anos de hibernação, a festa e ao mesmo tempo, surgia naquele momento o ciclo das Festas do Peão de Boiadeiro, dirigidas pelo clube “Os Independentes” que desde então acontecem anualmente.

No momento, é muito discutida a questão de proteção aos animais em espetáculos. Na época, também houve contestação à realização do evento.

A festa de “Os Independentes” realizou-se inicialmente em dois dias 25 e 26 de agosto. Houve sessões cinematográficas, jogos de basquete entre equipes, alvorada na Praça Francisco Barreto, baile no “Grêmio Literário e Recreativo” e no domingo, no Recinto, o rodeio. O primeiro peão vencedor do rodeio foi José F. de Azevedo. Inicialmente a festa se



Símbolo atual da Festa do Peão de Barretos. Fonte: www.independentes.com.br

realizava em dois dias, mudou para cinco e atualmente dura dez dias.

Juntamente com o rodeio, outras atividades se desenvolveram no período da festa. Algumas persistem até hoje, mas outras foram perdendo espaço. Abordaremos resumidamente cada uma delas.



1ª. Festa do Peão (1956). Da esquerda para a direita Alcino Pedro Cassim e a eguinha "Pampinha", no meio Mamed Mussi Filho, e da direita para a esquerda Marisa Cassim e o seu burrinho branco "coelhinho". Acervo Museu "Ruy Menezes".

Rodeio

É a atração central de toda a Festa. Consiste em provas de montarias em cavalos e touros. Como funciona a montaria? Quando a porteira é aberta, o peão tem que permanecer oito segundos sobre o cavalo, com uma mão o peão segura a rédea e a outra deve ficar no alto, em geral eles seguram o chapéu. A prova é analisada por juízes que dão a nota ao competidor, de acordo com o desempenho do peão e do animal.



Montaria do sr. Osmar Marchi no recinto "Paulo de Lima Corrêa", em 1975. Observem o piso gramado. Fonte: Museu "Ruy Menezes". Acervo: Osmar Marchi.



Os palhaços salva-vidas são figuras engraçadas que usam roupas coloridas, numa mistura de vaqueiro com palhaço. Eles distraem o animal até o peão se recompor.



Segundo o Sr. Osmar Marchi, o gramado da arena das primeiras Festas oferecia maior dificuldade para o peão manter-se na montaria. A areia utilizada nos dias de hoje serve para amortecer o impacto de eventual queda do peão ou do animal montado.

O rodeio da festa de 1956 foi realizado num circo de touradas alugado de uma cidade mineira, Aparecida de Minas. O nome do circo era Fubeca. O circo de touradas era cercado de arame liso, formando uma arena arredondada com arquibancadas em volta. Posteriormente o clube “Os Independentes” comprou este circo.

Um barretense que se destacou no rodeio foi o Sr. Osmar Marchi, que na década de 1960 fez sucesso nas arenas de rodeio de todo o país. Marchi conquistou 20 títulos na montaria estilo cutiano, 15 deles consecutivos. Em Barretos foi campeão duas vezes: 1966 e 1967. Também foi tema da música “Primeiro rodeio furacão” dos intérpretes Valdivino, Valdinei e Vantur, composta especialmente para o primeiro rodeio de Uberlândia, MG.

O rodeio foi considerado **atividade esportiva** pela lei federal nº 10.519, de 2002. A partir de então, a lei que ficou conhecida como Lei do Rodeio, instituiu normas gerais relativas ao esporte Rodeio. Já o peão, foi reconhecido como atleta profissional em 2001. Assim, o profissional envolvido no rodeio além de ser reconhecido por lei também ganhou direitos que já eram seguidos por outros esportes.

O rodeio considerado atividade esportiva implica na transformação do peão em atleta, o que o diferencia dos peões das primeiras festas, pois naquela época os peões iam para o rodeio para mostrar a sua destreza na lida diária. Atualmente, o peão de montaria é um profissional que se prepara fisicamente na academia como os demais atletas profissionais.

A Alvorada

Antigamente, na véspera do primeiro dia da festa as pessoas não dormiam. Era costume, a partir da meia noite os conjuntos de seresta⁵ saírem da sede do clube “Os Independentes” e percorrerem vários pontos da cidade. A cada meia hora mudavam de lugar. As pessoas acompanhavam estes conjuntos pela cidade e por volta das cinco horas, se reuniam em frente à Catedral, com o início da Alvorada. Era o toque para acordar o povo da cidade, avisando que a festa ia começar. Às 5 horas do novo dia, o povo assistia no céu, em frente à Catedral, muitas estrelas coloridas, oriundas da explosão de fogos de artifício e dos morteiros. Em seguida ocorria o desfile dos carros e motocicletas, pelas ruas da cidade, ao som do buzinaço, anunciando o início da festa.



Alvorada, década de 1960. Foto de Walter Campos. Acervo: Bié Machione.

⁵ Seresta: composição musical realizada na rua ou nas janelas.

Posteriormente, a Alvorada foi realizada na Praça da Primavera. Outros lugares serviram de palco para a apresentação do show pirotécnico, como o Parque do Peão e a Região dos Lagos.

Locutores

Nas festas de Barretos e de outras cidades existem os locutores de rodeio. Eles são responsáveis pela animação do evento, tornando-o mais agradável ao público. Nas primeiras festas não havia os recursos tecnológicos de hoje e o locutor tinha que prender a atenção do público. Fazendo uso de muita criatividade, Orlando Araújo primeiro locutor de “Os Independentes”, usava um cornetão de lata para brincar com o público.

Posteriormente tornou-se locutor Orestes de Ávila, também membro de “Os Independentes”. Dele foi a invenção de expressões que se transformaram em verdadeiros *slogans*: “Segura Peão”, “Elegância é rapidez”, “O chão é o limite”, “Isto é fazer cera”, “Chega de lamber chumbada”, “Escovar urubu para ver se branqueia”.

Muitos outros locutores surgiram depois de Orestes: José Ribeiro, campeão de rodeios, na década de 1970 foi o introdutor de músicas e frases feitas durante as apresentações de rodeio.

Conjuntos folclóricos na Festa

Nas primeiras festas realizadas por “Os Independentes” foram organizadas “Noitadas Folclóricas” na Praça Francisco Barreto, enquanto o rodeio era realizado no recinto.

A partir de 1964 o folclorista Dr. Wilson Palma da Rocha assumiu a direção da parte folclórica da Festa, trazendo para Barretos diversos grupos folclóricos nacionais e internacionais. Dentre eles apresentações de dança, canto e música do norte, nordeste, centro e sul do país. Além de conjuntos vindos dos cinco continentes: americano, europeu, Ásia, África e Oceania.



O comediante Mazzaropi, em 1967. Acervo: Família Palma da Rocha.



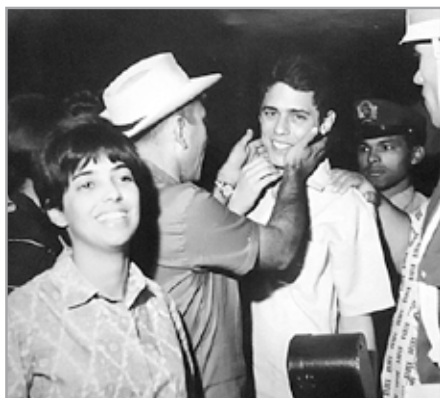
Miss Brasil Carmem Silvia Ramasco e Dr. Wilson Palma da Rocha. Ao fundo da foto, Rita de Cássia Rocha Capucho. Acervo: Família Palma da Rocha.

Com o aumento de apresentações, as “Noitadas Folclóricas” foram transferidas para o recinto. Todo o Brasil folclórico esteve presente na Festa, desde o Bumba-meu-boi do Maranhão, até a dança da chula do Rio Grande do Sul.

Muitos artistas e personalidades participaram das Noitadas, dentre os quais: em 1967 o compositor e cantor Chico Buarque de Holanda, o comediante Mazzaropi, e a *miss* Brasil Carmem Silvia Ramasco e outros conjuntos folclóricos nacionais e estrangeiros.

As “Noitadas Folclóricas” eram tão apreciadas pelo público que em 1969 o Dr. Wilson Palma da Rocha foi eleito “Folclorista do ano” em concurso realizado pela “Rádio Nacional de São Paulo”. Na época em que ele foi diretor artístico da Festa do Peão, a parte artística era mais prestigiada do que o rodeio.

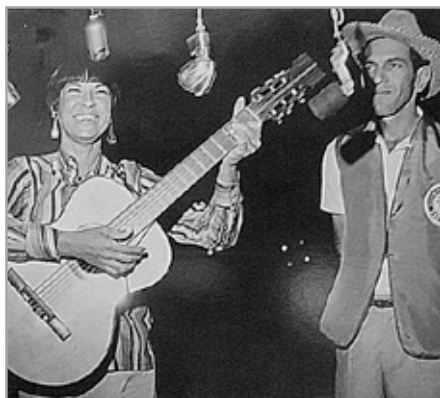
Já no início da década de 1980, começaram algumas mudanças. Uma das inovações apresentadas foi colocar na apresentação, dois locutores regionalistas: Pioneiro e Paulo Belmiro. Com isso, inaugurou-se uma nova fase de apresentação dos conjuntos.



Muitos grupos se apresentavam numa única noite, por isso, nenhum artista podia se atrasar. Nesta foto, o Dr. Wilson está dando uma bronca no jovem cantor e compositor Chico Buarque que devido ao atraso foi o último a se apresentar nessa noite. Ano de 1967. Acervo: Família Palma da Rocha.



Grupo Folclórico do México – no centro da foto o casal dona Terezinha Luvizoto Palma da Rocha e o Dr. Wilson Palma da Rocha. Acervo: Família Palma da Rocha.



Cantora Inezita Barroso e Roberto de Ávila Lima, década de 1970. Acervo: Família Palma da Rocha.



Conjunto folclórico do Rio Grande do Sul, apresentando a dança do facão. Festa de 1962, Acervo: Bié Machione.

Pau de Sebo

Desde a primeira Exposição de Animais e Produtos Derivados de Barretos, realizou-se a prova do **pau-de-sebo**. Em 1947 também foi organizado este tipo de brincadeira, com o coordenador Zico Garcia.

No que esta brincadeira se consiste? Utiliza-se um tronco, na maioria das vezes, de eucalipto, com cerca de onze metros, todo ensebado com gordura de boi. No alto é colocada uma bandeira. Quem chegar primeiro e pegar a bandeira recebe um prêmio. Esta tradição permanece nas Festas de Peão de Barretos atualmente e é muito disputada.

Desfiles

Barretos comemorava o dia da cidade com **desfile** em 25 de agosto, apresentações de grupos escolares, bandas e fanfarras militares. O clube "Os Independentes" em 1956 iniciou a participação nos desfiles, com as comitivas e também com os grupos folclóricos que vinham para a festa. A partida se dava no Recinto "Paulo de Lima Corrêa", passando pelas principais vias da cidade.

Vários carros de bois, vindos de muitas regiões, desfilavam para a população. As rainhas e princesas da Festa do Peão mostravam seus trajes.

Uma das figuras mais populares de Barretos "Zé Feição", desfilava em seu cavalo, fazendo trocadilhos, para as autoridades presentes: "Seriguela, veio da Fazenda Companhia. Derrubou o Severino duas vezes. O Osmar Marchi vai montar o Seriguela, e oferecer a montaria ao Governador Laudo Natel, quando vier a Barretos na Festa do Peão. Perbuar Moreira, homem de classe e posição, falo porque tenho confirmação. Uma salva de palmas, um viva, um abraço a dona Bertulina que é a mãe do Saíd Barbosa, do Assis, do Salim, e do Mamed, e as filhas que eu não sei o nome".

Vários fazendeiros emprestavam seus animais para serem utilizados nos desfiles, como Nenê Daher, Dr. José Carlos Moreira de Oliveira, Fortunato Machione, Aimar Paro, Ezequias Barcellos e muitos outros.

Durante o desfile, muitos carros alegóricos bastante bem enfeitados davam um tom especial ao evento. Ao final, as tropas traziam faixas e cartazes, com frases saudando os peões e os promotores da festa. Retornava-se ao "Recinto Paulo de Lima Corrêa", com a realização da "Queima do Alho". Nas últimas festas não houve desfile.



Pau de Sebo, em uma das festas de Barretos. Acervo de Bié Machione.



Zico Garcia. Acervo de Bié Machione.



Zé Feição, em uma festa no Recinto. Acervo de Bié Machione.



Comitiva desfilando, década de 1970. Acervo de Bié Machione.



Desfile. Acervo Bié Machione.

Catira ou Cateretê

Representando o Folclore do Vale do Rio Grande, a dança com sua expressão maior é o “Catira”.

As versões sobre a origem do Catira são muitas. Para alguns é uma dança de origem ameríndia⁶, remontando nos tempos da catequese, quando os jesuítas⁷ associavam as danças guerreiras indígenas aos instrumentos musicais europeus, para promover a pacificação e integração do índio através do entretenimento.

Outros estudiosos consideram a origem do Catira como velha dança portuguesa, sendo uma reminiscência da cativa⁸, dança portuguesa hoje extinta.

A dança é um patrimônio valioso à nossa cultura local, pois esteve presente desde o princípio de nossa povoação. Lembram-se da Rita Parnaíba que gostava de dançar o cateretê? E os Librinas que eram todos ótimos violeiros? Existia, antigamente, a restrição da dança aos homens. No entanto, como vimos, as mulheres barretenses estiveram envolvidas nesta expressão cultural desde o seu início, em fins do século XIX.

Atualmente, a formação é de seis a dez componentes mais uma dupla de violeiros, que tocam e cantam a moda. Durante a dança, os violeiros ficam frente a frente. Os demais participantes executam os passos da dança, realçando o bate-pé e o palmeado. Nas primeiras Festas do Peão, vinham grupos de catireiros de várias partes do Brasil.



Grupo de Catira, década de 1960. Acervo de Biê Machione.

⁶ Ameríndia: relativo aos índios americanos.

⁷ Jesuítas: padres da Companhia de Jesus que vieram para o Brasil depois do descobrimento.

⁸ Cativa: a dança era do seguinte modo: duas filas de mouros, que durante tempos foram escravizados por portugueses

Queima do Alho

Qual a origem desta culinária?

A “**Queima do Alho**” tem origem na culinária das comitivas, pois essa era a alimentação dos peões de boiadeiro preparada nos pontos de pouso, durante o transporte de gado pelos estradões. E por falar em origem, porque este nome: Queima do Alho?

“O nome tem duas origens: a primeira e mais aceita é que os tropeiros escolhiam um peão para ser o cozinheiro e comunicavam aos demais peões que aquele seria o homem que iria “queimar o alho” para a comitiva – ótica tradicional e machista para evitar quaisquer pensamentos sobre os cuidados femininos para se cozinhar. A segunda versão, menos aceita, é que as mulheres dos peões falavam que os homens não sabiam cozinhar; por isso, deixariam o alho queimar.” (Revista Culturando, 2008. Acervo do Museu “Ruy Menezes”).



Berrante.
Acervo do Museu “Ruy Menezes”.

A comitiva era composta pelo comandante também conhecido como comissário. Ele era na maioria das vezes, um preposto do fazendeiro ou o próprio proprietário do gado. Dele partiam as ordens, os pontos escolhidos para pernoite e pastoreio, os pagamentos dos peões, etc. Existia também o berranteiro, que tocava seu berrante e ia à frente chamando e orientando o gado com diferentes sons.

Os diferentes toques do berrante⁹ serviam para indicar perigo, hora do almoço, hora de recolher, reunião, para reanimar a comitiva e hora de parada. No livro “Queima do Alho: alimento do corpo e da alma do peão de boiadeiro”, encontramos uma breve descrição dos cinco toques:

Saída ou solta: para despertar a boiada de manhã. É um toque sereno;

Estradão: toque que reanima a boiada na estrada. É repicado, semelhante ao soldado marchando;

Rebatedouro: toque de aviso de perigo, semelhante ao toque de clarim;

Queima do Alho: aviso aos peões da hora do almoço;

Floreia ou Floreio: toque livre, pode ser uma música.

O peão/cozinheiro chegava antes no ponto de pouso com os burros que carregavam os alimentos. Descarregava e armava a cozinha improvisada. Impunha regras de higiene no manuseio da comida. O cuidado com a alimentação dos peões também estava presente na seleção dos produtos, que deveria ser rica e nutritiva para garantir uma boa refeição e assegurar o ritmo da viagem.

Agora, para entender um pouco mais sobre o porquê da “Queima do Alho” ser tão representativa da culinária nacional, devemos considerar que: *“Os elementos básicos da “Queima do Alho” são o arroz carreteiro, feijão de tropeiro ou feijão gordo, paçoca de carne e churrasco na chapa: só por aí já se tem uma noção de sua representatividade, em termos de brasilidade. Afinal, estes mesmos elementos fazem parte da culinária típica de várias outras populações brasileiras como a gaúcha, a sertaneja, a crioula, a cabocla entre outras.”* (MOZZAMBANI, 2010).

Desde 1958, a “Queima do Alho” passou a ser um concurso realizado na Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, como uma proposta de preservar este patrimônio imaterial¹⁰ da cultura caipira.

A “Queima do Alho” atualmente acontece num espaço dentro do Parque do Peão, chamado “Ponto de Pouso” (em alusão às paradas das comitivas nos estradões). Isto se dá no último sábado da Festa, quando várias comitivas revivem as emoções das viagens trazendo suas tralhas¹¹ do modo mais original possível, permitindo maior vivacidade às lembranças

⁹ Berrante: instrumento de sopro feito com chifre de boi.

¹⁰ Patrimônio imaterial: A UNESCO define como Patrimônio Cultural Imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.” (Fonte: Portal do IPHAN - <http://portal.iphan.gov.br>)

¹¹ Tralhas: Bagagem típica de viajante das comitivas.

e à preservação da memória.

Ao som do toque do berranteiro oficial, inicia-se a prova da “Queima do Alho”. Ganha a comitiva que cozinhar e apresentar a comida em menor tempo e com o melhor sabor, suficiente para 10 pessoas, que era em geral o número de pessoas que viajavam nas comitivas. O tempo médio que as comitivas gastam para preparar a comida está entre 8 e 10 minutos. Isto só é possível porque as carnes e os feijões são pré-cozidos na véspera. Após a degustação pelos juízes do concurso, a Queima é servida ao público.

Como pudemos observar, a “Queima do Alho” é uma manifestação cultural que busca preservar o cotidiano dos peões de boiadeiro na lida com a boiada pelos estradões. Assim, mantemos viva a memória em forma de manifestação cultural, já que com a modernização e a utilização dos caminhões para o transporte das boiadas (tanto as comitivas quanto os peões de boiadeiro) estão extintos em sua forma original.

Concurso da Rainha

Desde a primeira festa realiza-se um concurso para escolher a Rainha da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, que deve visitar várias cidades para divulgar e convidar as pessoas para a Festa e aumentar a característica de evento turístico.

Os clubes da cidade indicam representantes para o concurso. A primeira rainha eleita foi Lecy Correa de Moraes, representando o clube “União dos Empregados no Comércio”.

O famoso “Vietnã”

Você pode estar perguntando, mas qual a relação entre Vietnã e Festa do Peão?

Desde as primeiras festas, formou-se na avenida 23 e rua 32 um local, no período da Festa, de aglomeração de barracas que inicialmente se chamava Mercado Persa, devido à variedade de produtos e pessoas. Lembrava realmente um mercado. Depois, com a Guerra do Vietnã¹² na década de 1960, o local passou a ser chamado Vietnã, pois havia conflito entre barraqueiros, comerciantes locais, moradores das casas próximas e a prefeitura.

Neste comércio itinerante¹³ encontrava-se de tudo: desde panelas, roupas baratas, ferragens, bebidas e até eletrodomésticos.

A Sede do Clube

Por vários anos, o clube “Os Independentes” não possuiu sede. Muitos lugares foram utilizados como ponto de encontro para a realização de assembleias.

Em 1966 foi comprado o casarão que foi construído em 1912, pelo construtor Fioravanti Pagani.



Lecy Corrêa de Moraes, recebendo a faixa de Adolfo Fernandes, presidente da União, em 1956. Acervo de Biê Machione.



Sede do Clube, década de 1970. Acervo de Biê Machione.

¹² Guerra do Vietnã: ocorrido entre 1959 e 1975 no Sudeste Asiático, entre Vietnã do Norte (socialista) e Vietnã do Sul (capitalista), fortemente marcado pelo contexto da Guerra Fria. Acabou envolvendo-se no conflito os EUA, ao lado do bloco capitalista. Foi um marco na história dos EUA, pois este foi derrotado na guerra, contabilizando importante vitória para o bloco socialista

¹³ Itinerante: que se desloca de um lugar para outro.

O Parque do Peão

O Recinto “Paulo de Lima Corrêa” tornou-se pequeno para a realização da Festa do Peão. A ideia de se implantar um parque próprio para a realização das festas iniciou-se na presidência de Nivaldo Gomes no clube “Os Independentes”, em 1973. Nesse mesmo ano foi adquirida uma área de 9,6 alqueires, no Jardim de Alah, de Rubens Baroni. O pagamento foi dividido em três parcelas. O clube efetuou o pagamento da primeira parcela e desistiu da compra, cancelando-a. Em 1978, na gestão de José Sebastião Domingos, foi procurada uma nova área maior para se adquirir.

A compra foi concretizada em 1981, durante a administração de Daniel Bampa Netto. O clube adquiriu 40 alqueires de terra para a construção do Parque do Peão, a sete quilômetros da cidade. Em 1996 foram adquiridos mais dez alqueires para a ampliação do parque.

Em agosto de 1985, foi realizada a 30.^a Edição da Festa, a primeira no Parque do Peão, sob o comando do independente Mussa Calil Neto. E em cuja gestão contatou o arquiteto Oscar Niemeyer, que projetou o Estádio de Rodeios em forma de ferradura. A construção do estádio aconteceu no ano 1989, realizada em tempo recorde de 81 dias e obteve capacidade para abrigar cerca de 35 mil pessoas sentadas.

Desde então o Parque vem sendo ampliado, ganhando novos pontos turísticos como o “Rancho do Peãozinho” (espaço destinado ao público infantil), “Memorial do Peão”, “Monumento ao Peão” (escultura de um peão com 27 metros de altura e 170 toneladas), “Monumento ao Touro Bandido” (escultura do animal que fez história nos rodeios do Brasil por ter permitido que poucos peões parassem sobre o seu lombo), “Capelinha” (construída na Mata do Parque em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, protetora dos profissionais de rodeio) idealizada pelos artistas: Cesário Ceperó e Pedro Perozzi), “Roseta” (símbolo de “Os Independentes” criado pelos artistas Cesário Ceperó e Pedro Perozzi).

No período da festa há também os concursos de moda de viola, que acontecem no “Palco Pau do Fuxico”, montado na Praça “Marta Froner”, próximo a uma bela mata que existe no parque.

O espaço é de música raiz. Cantores, duplas e declamadores se apresentam. Com a finalidade de manter a tradição, é necessário o uso de viola e é proibido qualquer instrumento eletrônico.

No Parque do Peão está em construção um parque termal e hotel, com três edificações em forma de ferradura.



Roseta.

Fonte: odiariodebarretos.com.br



O Memorial do Peão, localizado no Parque do Peão, que abriga o Museu, tem o formato de uma lona de circo, em homenagem ao antigo circo usado para a primeira festa do peão.



Primeira Festa no Parque do Peão, 1985.
Fonte: Álbum Barretos, 132 anos.
Acervo Museu “Ruy Menezes”.



Construção do estádio em forma de ferradura. Fonte: Jornal “O Diário”, agosto de 1989.
Acervo Museu “Ruy Menezes”.



Monumento ao Peão. Foto: Aquino José. Fonte: www.barretosnafoto.blogspot.com



Capela Nossa Senhora Aparecida. Foto: Sueli Fernandes.



Barretos Thermas Park. 2012. Acervo: IBCI.



Memorial do Peão. 2012. Foto: Guilherme Soares.

Costumes

Nas décadas de 1920 e 1930, muitos pais barretenses vestiam seus filhos de peõzinhos, ou seja, bem antes do advento da Festa do Peão de Boiadeiro. Abaixo podemos ver alguns exemplos desta tradição:

Como vimos, a Festa do Peão de Boiadeiro pode ser dividida em dois períodos: 1947 e 1948, feitas por comissões nomeadas pelo prefeito; e a partir de 1956, quando começa o ciclo das Festas promovidas por “Os Independentes”.



Foto de 1941, em que Bié Machione aos três anos de idade está vestido de peãozinho. Carrega na mão direita o capacete muito em voga na época, que era usado por fazendeiros e crianças. Era o famoso capacete Ramenzoni, chamado popularmente de “Pega leão”, também usado pelos caçadores na África. Acervo de Bié Machione.



Francisco Gabriel Junqueira Machione, vestido de peãozinho com um ano e meio de idade. Nota-se a guaiaca, a bota artisticamente confeccionada pelo sapateiro Vicentini, chicote na mão esquerda e na direita o revólver de metal prateado. Acervo particular de Bié Machione.



Unidade IV

REFERÊNCIAS

GOMES JÚNIOR, Nivaldo. **O Berço nobre do rodeio brasileiro**. Barretos: edição do autor, 2005.

MAUAD, Jami Nicolau. **Os Independentes**. Eramos uma vez vinte. São José do Rio Preto: Ativa, 2003.

NOGUEIRA, Edineia F. **Festas do peão de boiadeiro e Barretos**. USP, 1988. (Dissertação Mestrado)

PERINELLI NETO, H. **A construção da paisagem do Sertão no Brasil Moderno: investigando e interpretando a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos (1956/1972)**. Franca: FHDSS/UNESP/FAPESP, 2002 (Dissertação de mestrado em História).

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. **Minhas recordações**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1987.

Jornal "O Paraisenze", de São Sebastião do Paraíso, no dia 5 de abril de 1908, número 125, ano
Jornal "Correio de Barretos", 1947, 1948.

Sítio:

www.independentes.com.br



Unidade IV • Capítulo 9

Temas da História Barretense

Cultura: aspectos das origens do teatro e do cinema e a sua influência na vida dos barretenses

"[...] tanto os homens como as sociedades se definem por seus estilos, seus modos de fazer as coisas."

(DAMATTA, 1986, p. 15).

Entende-se por cultura os hábitos, costumes, crenças e as maneiras dos indivíduos fazerem as coisas, desde as mais simples e corriqueiras como comer, o que comer, brincar, andar, vestir, se divertir, até a realização de coisas mais elaboradas e/ou as expressões artísticas que as pessoas produzem e/ou curtem. Estes são alguns exemplos do que faz parte da cultura e tudo isso constitui para identidade do sujeito. Portanto, não existe cultura inferior ou superior, mas culturas diferentes tal como sujeitos diferentes.

Propomos uma digressão¹ para pensarmos quais eram os movimentos artísticos praticados e apreciados no século XX. Para isso, devemos considerar que numa época em que não existia energia elétrica, tampouco órgãos de imprensa. Imaginar as possibilidades de entretenimento torna-se um desafio para as pessoas acostumadas com as comodidades e confortos oferecidos pela energia elétrica, como os jogos de videogame, computador, aparelhos de som, televisão, cinema, etc... Porém, a criatividade sempre foi uma característica indelével² do ser humano, que impulsionado por ela criou e cria coisas novas a todo instante. Mas, há poucos registros sobre as manifestações culturais dos primeiros habitantes desta região, o que não significa que elas não existiam.

De acordo com transmissões orais de geração a geração, sabemos que as pessoas do início do século XX (aquelas alfabetizadas) praticavam o hábito de leitura com bastante regularidade e os debates sobre essas leituras era um passa-tempo divertido. Havia também outras maneiras de se divertir como: *brincar de pão, petecas, jogos de xadrez, amarelinhas,*



As pessoas do meio teatral costumam usar a expressão "merda" antes de uma peça para desejar boa sorte. Uma das explicações é atribuída à França do século XIX, quando o público chegava às casas teatrais em carruagens ou a cavalo. Consta que o que demonstrava que um público significativo havia comparecido para assistir à montagem eram as fezes dos cavalos encontradas no local. Atualmente, os veículos são movidos a combustíveis, porém, a expressão tornou-se uma tradição.

Fonte: www.spescoladeteatro.org.br/curiosidades/01.php



Na Rua 14, esquina da Avenida 23, funcionou o Teatro Cacilda Becker.

¹ Digressão: divagação, afastamento do tema central da conversa.

² Indelével: que não se pode apagar, indestrutível.

cantigas de roda, bola de gude, ping-pong, assistir a recitais, apresentações circenses, entre outras. (VITALE, 1996).

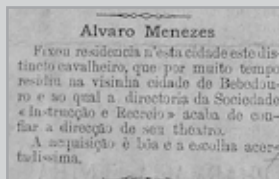
Já a partir da fundação do primeiro jornal de Barretos “O Sertanejo”, em 1900, é possível afirmar a existência de uma sociedade recreativa organizadora de peças teatrais, muitas produzidas e encenadas por barretenses. Entre eles, figuram nomes de coronéis como Raphael Brandão e outros. O jornal registra os costumes e acontecimentos da sociedade daquela época e é, portanto, uma importante fonte de pesquisa. Através desse jornal, soubemos que o Sr. Álvaro Menezes veio da cidade de Bebedouro, em 1900 para dirigir a Sociedade “Instrução e Recreio”. A primeira peça dirigida pelo Sr. Menezes foi “O modelo vivo” apresentada em 14/04/1900.

Alguns pesquisadores apontam como um dos mais belos edifícios construídos no início do século XX para abrigar espetáculos teatrais o “Teatro Aurora”, que depois teve o seu nome modificado para “Cine Santo Antônio”, localizado na rua 20 esquina com a avenida 17. Ele ainda mantém algumas características da época, embora tenha sido dividido em vários prédios para abrigar lojas comerciais. A partir de uma observação atenta da sua fachada externa, ainda é possível reconhecer os elementos originais. Sabe-se que esse teatro foi construído em 1911 pelo Sr. Antônio Witzel. O curioso é que neste mesmo ano foi inaugurado o “Teatro Municipal de São Paulo”, acalentando³ os desejos de uma cidade que crescia com a indústria e o café e que queria construir uma imagem de cidade moderna.

A construção do “Teatro Aurora” também aconteceu num período de transformação da cidade de Barretos, momento de modernização embalada pelo trem que chegava à cidade, e isso se refletia tanto nos costumes quanto na arquitetura. Algumas arquiteturas da época ainda podem ser observadas, como o caso das duas casas na rua 18 esquina com avenida 23, sendo uma delas a antiga sede de “Os Independentes”.

Outro teatro famoso foi o “Cine Éden” (rua 18 entre as avenidas 15 e 17 – atual supermercado Tome Leve), incendiado em 1923, teve a sua bela arquitetura destruída pelo incêndio. Deste nada sobrou além de lembranças e fotografias.

Outro cinema marcante e memorável na vida do barretense é o “Cine Barretos”. Recentemente restaurado e adaptado para atender às novas exigências de uma sala multiuso (cinema, teatro, dança e música) foi inaugurado em 17 de novembro de 1946, com o filme “Amar foi minha ruína”. Segundo notícias de jornais da época, ele se destacava pelo conforto, requinte e modernidade. O espaço era tão sofisticado que os cavalheiros não entravam sem gravata. Outra característica curiosa eram os cartazes dos filmes, que se revelavam verdadeiras obras de arte



Jornal “O Sertanejo” 31/ mar/1900. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Panfleto de 1944. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Atrair o público para as salas de cinema tem sido um desafio para a indústria do cinema desde o surgimento do vídeo cassete.

Atualmente, os cinemas têm buscado por diferentes tecnologias. Em Barretos o Shopping oferece 3 salas de cinema, uma delas em 3D. Esta tecnologia permite visualizar a imagem projetada numa tela plana em profundidade, isso produz a sensação de que a imagem tem volume e se desprende da tela.

³ Acalentando: favorecendo.



Foto do Cine Santo Antônio na década de 1910. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Cine Éden após o incêndio. Foto: Jornal “Barretos Memórias”. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

produzidas à mão, pelo artista plástico barretense Geraldo Stuart.

O “Cine Barretos” foi por várias gerações o local preferido dos casais de namorados. “Por outro lado, como a cidade era pequena, praticamente, as famílias e grupos sociais afins tinham ali também seu ponto social de encontro obrigatório.” (“O Diário”, 20/06/1991, p.6). Como vimos, o cinema funcionava como um espaço social, local de encontros, de flertes, de convivência social e namoros. Porém, desde o advento da televisão, o cinema começou a sofrer uma queda de público, que foi acentuada com as facilidades proporcionadas pelo vídeo cassete (“avô” do DVD), culminando no encerramento das suas atividades em 1991.

O fechamento do espaço causou tristeza na sociedade, embora boa parcela dela já não frequentasse o espaço com tanta regularidade. A recordação que as pessoas tinham do seu passado passava pelo cinema. Por isso, o fechamento do espaço produziu um sentimento de perda de memória coletiva. Como percebemos isso?

Ocorre que a reinauguração do “Cine Barretos” representou a recuperação de parte da memória de muitos barretenses. Isso ficou claro nos depoimentos gravados em vídeo, apresentados na noite da sua reinauguração. Várias pessoas falaram das suas lembranças e impressões daquele local, entre elas a jornalista Luciana Gomes, que segundo os seus dizeres aprendeu a gostar de cinema dentro do “Cine Barretos”, assistindo às alegres e animadas sessões das matinês que passavam aos domingos. A despedida da jornalista do “Cine Barretos” aconteceu em 1991, ao assistir o filme “Uma linda mulher”, último filme exibido no local. Vejamos as lembranças dela deste dia “[...] eu acreditei mesmo que eu nunca mais entraria neste cinema para ver um filme, a última sessão foi a despedida que eu tive do Cine Barretos, então ele reatar neste momento é como ver alguém ressuscitar, é lindo demais!”. Outra evidência desta relação é o artigo do ator e diretor de teatro José Antônio Merenda, publicado no Jornal “O Diário” (2011), do qual extraímos o seguinte fragmento: “Quando a porta de acesso à sala de exibição e espetáculos foi aberta após duas décadas, subimos a escadaria juntamente com uma multidão de espectadores, a emoção tomou conta, sentimos um arrepio da cabeça aos pés, lágrimas brotaram em nossos olhos, enfim foi um momento quase indescritível”.

Como vimos, o “Cine Barretos” para muitos barretenses funciona como um local de memória, de referência e de lembranças. Para essas pessoas, o retorno a este espaço provoca sentimentos de alegria, pertencimento e resgate da sua história, o que contribui na consciência histórica do presente.

Enfim, memória é a capacidade que a nossa mente tem de registrar fatos passados. Portanto, faz parte da nossa identidade pessoal. No caso do “Cine Barretos”, percebemos que várias pessoas guardam memórias



O cinematógrafo é o aparelho que deu origem ao cinema. Ele foi desenvolvido pelos irmãos Auguste e Louis Lumière na França do século XIX, para a projeção de imagens em movimento. A definição de cinema está na sucessão de imagens numa tela, que trocadas rapidamente produzem a sensação de movimento. A fotografia acima mostra um cinematógrafo do acervo do Museu Histórico, Artístico e Folclórico “Ruy Menezes”.

Temas da História Barretense



Cartaz pintado à mão. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Construção do Cine Barretos. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Cartaz de inauguração do Cine Barretos. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Jorge Andrade.
 Fonte: Álbum Vereda da
 Salvação.
 Acervo: Museu "Ruy Menezes".

similares, que reunidas dão origem à memória coletiva. Tanto a memória individual quanto a memória coletiva são estudadas pelo historiador, que ao produzir informações sobre o passado também produz memória: memória histórica!

Outros cinemas surgiram em Barretos, como o "Cine Centenário" construído em 1954, ano em que a cidade de Barretos completou 100 anos, foi nomeado desta forma em homenagem ao centenário da cidade. Este se localizava na avenida 21 entre as ruas 22 e 24. Outro cinema que faz parte da história da cidade foi o "Cine Tetéia" inaugurado em 1968 pela empresa exibidora "Vale do Rio Grande". Localizava-se na rua 14 esquina com avenida 21, atualmente é um jardim residencial. Em 1992, foi inaugurado o anfiteatro "Jorge Andrade", construído no Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos (UNIFEB), oferece 780 lugares. O seu patrono foi um barretense que se destacou no cenário nacional da dramaturgia. Jorge Andrade escreveu dezenas de peças de teatro como "A Moratória", 1954 (o maior êxito de sua carreira), "Os ossos do barão", e "Gaivotas", 1979, entre outras.

Segundo o livro "Cem anos de teatro em São Paulo" (2001), a peça "Os ossos do barão", apresentada em 1962, no TBC teve recorde de público. O sucesso foi tão estrondoso que provocou o interesse na televisão em adaptá-la para novela. O sucesso se repetiu na telinha fazendo com que ela fosse gravada duas vezes, uma em 1973 e outra em 1997.

Em 1966, Jorge Andrade teve a sua peça "A moratória", encenada por professores e alunos do Ginásio Estadual Vocacional. A peça foi dirigida pelo próprio autor e apresentada no "Grêmio Literário e Recreativo de Barretos". A produção da peça envolveu alunos de diferentes cursos, por exemplo, Artes Industriais, no qual o grupo de alunos se encarregou da execução do cenário; alunos em Práticas Comerciais se encarregaram dos orçamentos e da confecção dos balancetes; alunos em Artes Plásticas fizeram as ilustrações do convite em xilogravura; alunos de Educação Doméstica fizeram a decoração; alunos de Educação Musical escolheram as músicas dos intervalos do espetáculo; alunos em Estudos Sociais conduziram um debate sobre os problemas brasileiros da época da peça. Assim, os conceitos de ensino praticados pelo sistema Vocacional, que visava preparar e estimular aptidões técnicas em seus alunos foi mobilizado na produção deste espetáculo.

A peça "A moratória" rendeu a Jorge Andrade o "prêmio Saci". O texto tratava da crise do café de 1929, que levou muitos fazendeiros à derrocada. Jorge Andrade focalizava o empobrecimento e a perda da condição social de uma família de proprietários de café. Inspirado em sua própria história que refletia as relações econômicas e sociais do meio rural, ela emergiu dos seus "fantasmas" da infância, conforme se pode observar numa entrevista concedida por ele em 1976: "[...] naquele momento em que meu avô estava encostado na parede, e que chorava, eu descobri que os grandes desesperavam, que aquela pessoa que era uma espécie de deus e ídolo pra mim chorava, e que os grandes não eram exatamente os deuses que eu imaginava que fossem". (SILVEIRA, 2005, p. 2).

Você deve ter notado que a memória coletiva é construída a partir das lembranças que os indivíduos guardam e/ou registram dos acontecimentos. Nesse sentido, os trabalhos literários têm um valor importante nesta relação. Pensando nisso, que tal começar a escrever as suas experiências? De repente, você pode ser o nosso futuro Jorge Andrade!

Cultura: Música

Meninu se tu qué ir pra Barretos / Bota sentido nas coisa / Que tu precisa arruma / Tu pega um lápis e um papel / Escreva com letra de forma / Que é pra tu não te enganá / Tu compra um aba larga janota / Bombacha e um par de botas / Camisa e lenço de cor / Três boca de fogo e um metro de faca / Efeita de bala guaiaca / E te garre com nosso senhor.

(“Barretos 1910” - Composição: Bezerra de Menezes).

Podemos considerar como primeiras expressões musicais, as violeiras do **Cateretê** e as batucadas da **Congada**, duas expressões culturais do início do povoamento de Barretos que já vimos na Unidade I. O Cateretê ou Catira é um ritmo característico do nosso povo, executado normalmente por dois violeiros que tocam e cantam, enquanto duas filas de dançarinos batem os pés e as mãos, marcando um ritmo peculiar à cultura caipira.

Como o nome já indica, tem origem indígena, mas também portuguesa, principalmente por ter sido adaptado pelos jesuítas na catequização. Há alguns pesquisadores que afirmam a influência africana. Representa também a forte herança mineira dos barretenses de então, que se entregavam a tocar, cantar e dançar o Cateretê com bastante frequência em meados e fins do século XIX.

A catira continuou a ser executada na cidade e na região, típica entre os componentes das comitivas que vinham do sertão brasileiro trazendo as boiadas até Barretos. Tempos depois, com a decadência da pecuária e a substituição das comitivas pelo transporte via ferrovia e rodovia, a Catira continuou perseverando, não sem muita persistência dos seus representantes, durante as festas do peão.

A Congada é um ritmo musical marcado pela utilização de vários instrumentos como cuíca, caixa, pandeiro e reco-reco, destacando-se os contagiantes batuques da percussão. Já discutida essa representação cultural no capítulo “Escravidão” da Unidade I, resta-nos dizer que é ainda hoje uma expressão musical da nossa afrodescendência, e que apesar de não executada mais em Barretos, continua viva em várias regiões do Brasil.

Passados os primeiros anos do Arraial, chegava ao mundo um novo século, o XX, e os ventos da história traziam a Barretos um sopro de agitação urbana e novos personagens. Entre as mudanças pregadas por tais, muitos bacharéis e coronéis, incluía-se a cultura e por certo a música. Nascia a preocupação em se formar **Bandas Musicais** regidas por maestros, ou seja, especialistas em música e que se apresentavam em diversas ocasiões, como festas religiosas e inaugurações públicas.

A proliferação dessas bandas pelo Brasil era no entanto um costume da cultura urbana do século XIX. A primeira Banda de Música de Barretos foi a “Euterpe Barretense”, nascida no ano de 1898, sob o comando de Olavo de Carvalho. Além de reger a Banda, Olavo de Carvalho era também professor de música. Outro professor de música foi Antônio Amorosino, diplomado em música pelo “Conservatório Musical de São Paulo”, e que na noite de 15 de fevereiro de 1914, realizou um Recital no “Barretense Clube”, com a participação de suas alunas, todas moças da sociedade barretense.

Entre o repertório dessa “Banda Euterpe Barretense”, cantava-se marchas, polcas, valsas e harmonias sacras, algumas de autoria dos seus músicos. O próprio Olavo de Carvalho compôs a “Marcha Silvestre de



Outro barretense que se destacou na dramaturgia nacional foi Luiz Carlos Arutim. No final da década de 1970 consagrou-se no teatro quando ganhou o prêmio Molière e o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte com a peça “O Inocente”. Na televisão ele se consagrou como interprete de imigrantes árabes, como o seu Rachid, de “Renascer” exibida pela Globo em 1993. O seu personagem ficou conhecido pelo bordão “nós não turco, nós libanês!” que caiu no gosto do público. Para entender a expressão é necessário conhecermos como se deu a imigração dos árabes no Brasil, ocorre que o único país que tinha acordo de imigração com o Brasil antes do término da 1ª Guerra era a Turquia, por isso, todos os imigrantes de origem árabe eram chamados de turco. A sua carreira foi um sucesso, acumulou trabalhos em várias emissoras de TV. No cinema, seu último trabalho foi como o vovô Passarinho de “O Menino Malquinho”, exibido em 1995.



Acima Luiz Carlos Arutim de casaco e colete interpretando o personagem Luigi Pécora na peça “O Inocente”.

Fonte: Museu “Ruy Menezes”.
Acervo: Cláudia Ávila.

Lima”, em homenagem ao poeta abolicionista. Na noite de 13 de maio de 1900, por ocasião das comemorações da abolição da escravatura, a “Euterpe Barretense” abriu a “Noite de Gala”, que realizou-se no teatro da “Sociedade Instrução e Recreio”, a primeira instituição que se tem notícia a promover a cultura na cidade, com apresentações musicais e teatrais.

Essas bandas multiplicaram-se, surgindo a “Lira Popular” (1902), a “Lyra de Operários” (1907) e a “Orphelina Barretense” (1908), regida pelo maestro Osvaldo Martins da Silva, vindo de Batatais a convite do Cel. João Carlos de Almeida Pinto. Destacou-se nesta banda o bombardino (que toca saxofone baixo), Frederico Scannavino, um imigrante italiano vindo de Batatais e o Major Elyseu Ferreira de Menezes, um líder político que tocava com requinte.

Devemos citar também o capitão e maestro Antonio Gomide, que se destacou no cenário musical barretense. Este maestro também era compositor; foi autor da marcha “O Sertanejo”, que escreveu em homenagem ao primeiro jornal da cidade e de um tango, intitulado “João Bobo”, (pseudônimo de Almeida Pinto).

Você deve ter percebido a presença dos Coronéis e Majores nestas bandas musicais e vai se lembrar que na Unidade II citamos a organização de uma banda de música pelos componentes da Guarda Nacional de Barretos, que se tratava justamente da “Orphelina Barretense”. Esse fenômeno foi recorrente no Brasil, desde o século XVIII, já que: “em 1831 foram criadas as bandas de música da Guarda Nacional, dando início ao desenvolvimento das bandas militares e civis nos grandes centros urbanos do Império; mais tarde surgiram as bandas civis imitando sua formação, tocando em bailes e apresentando-se nos coretos das praças (DINIZ, 2007)” (HOLLER e PIRES).

Desta forma, entendemos que as formações musicais em bandas irradiaram-se dos grandes centros urbanos para o interior, chegando a Barretos no fim do século XIX. Essas bandas civis tornaram-se então comuns e tinham nomes iniciados em geral por “Lira”, “Filarmônica”, “Associação”, “Corporação” ou mesmo “Banda”, com uniformes inspirados nas vestimentas militares, como podemos ver nas fotos das bandas de Barretos:



“Lira Barretense”, 1942.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



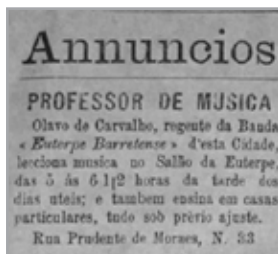
“Orphelina Barretense”.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Podemos verificar a formação de outras bandas musicais em períodos posteriores, que persistiram até a década de 1970. Foi o caso da “Corporação Musical Lira Barretense”, fundada em 1925.

Outra expressão musical muito concorrida na cidade foram as



Adão de Carvalho foi um conhecido violinista, em Barretos. Nascido na Bahia, batalhou muito para vencer na vida. Foi barbeiro e economizava até nas refeições para pagar os livros do curso de direito. Alfabetizou-se aos 45 anos de idade e foi um autodidata ao violino, já que aprendeu a tocar e consertá-lo sozinho. Foi também pastor e poeta, verdadeira joia deste rincão.



Fonte: “O Sertanejo”,
14/04/1900, p.5.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

serenatas. A prática das serenatas é associada ao ambiente urbano e surgiu no Brasil em meados do século XVIII. Seu estilo rítmico é baseado nas modinhas e lundus.

Os instrumentos utilizados nas serestas podiam ser violões, flautas, cavaquinhos, violinos e clarinetas. Os indícios dão conta de que a prática das serenatas era tradição muito antiga em Barretos, pois na época do centenário da cidade o jornal “Correio de Barretos” anunciava um mês de serenatas para alegrar a noite dos barretenses, a fim de recordar os tempos dos seus “avós”, isso no início dos anos de 1950.

Luiz Agostinho da Silva Brandão foi um seresteiro, ainda residente na cidade. Ele é capaz de contar os tempos áureos dessa prática. Tanto que tentou resgatá-la; juntamente com o “Grupo Terra” (montado na década de 1970 com um repertório de chorinho e regional) iniciou o chamado “Serestão”, que começava bem cedo com muita música, chamando o povo para o início da Festa do Peão. Além de seresteiro, Luiz Brandão era pianista e tocava *jazz*.

Tivemos também a proliferação da música erudita, representada pelo ensino de piano nos conservatórios e nos domicílios com professores particulares, recorrente entre os membros da elite barretense da primeira metade do século XX, principalmente para as moças.

Para além de sua importância musical, o piano ganhou uma significação cultural, tornando-se símbolo de comportamento e distinção social, pois era influenciado pela cultura europeia. Daí o esforço das famílias mais ricas em terem um piano em casa.

A “alta sociedade barretense”, realizava, então festivais e concertos. Veja abaixo a transcrição de um convite para assistir a um festival, onde se apresentaram os filhos do Cel. Silvestre de Lima:

Os outros festivaes serão artisticos e realizar-se-ão no “Eden”, nos dias 7 e 9 de julho, constarão de dois recitales de piano e flautista, em que tomarão parte os laureados artistas barreteses dona Afra de Lima, pianista eximia, e Vicente de Lima, o flautista aplaudido pelo culto paulistano.

Grafia da época. Fonte: “A Semana”, 30/6/1927, p. 5.

Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Exemplo disso em Barretos foi o caso da venda de vários pianos em meados da década de 1940, pelo representante da família *Schuartisman*, que era dona de uma fábrica de pianos de São Paulo. Contou com o auxílio do professor e músico Aymoré do Brasil, que prometia executar nas casas dos compradores inúmeras peças musicais no instrumento, assim todos os pianos foram vendidos.

Da iniciativa pública tivemos a fundação, em 1938, do **Conservatório Municipal de Música de Barretos**. A disseminação dos Conservatórios foi outro fator recorrente da história da música desde o início do século XX no Brasil e durante o século XIX na Europa. Segundo o Álbum do Centenário, ensinava-se ali o piano, violino e canto, sendo diretores os professores Décio Luiz Nogueira e Luiza Nogueira Colugnati, ambos formados em Conservatórios de São Paulo. Tais conservatórios eram referências no ensino de música desde o início do século XX.

Décio apresentou-se em vários locais de Barretos, inclusive na Rádio PRJ-8, onde ocorreram diversos shows de música, concorridíssimos nos idos dos anos 1940 e 1950. Fez parte, inclusive, da **Orquestra Brasil**, uma das primeiras da cidade, fundada na década de 50 por Nelson Moni, que antes foi tesoureiro da “Corporação Musical Lira Barretense”. Foram dos quadros dessa orquestra que mais tarde surgiria o famoso grupo musical



Na década de 1930 existia em Barretos uma Banda de *Jazz*, a “Cassiano and Boys”, comandada por Zé Cassiano, seus irmãos e amigos. No próprio nome do grupo podemos perceber a influência norte-americana. O estilo dos anos 20 e 30, nos EUA era chamado de *jazz* de *Nova Orleans* ou *Dixieland* e caracterizava-se, principalmente, pela improvisação.



Você já viu que os anos 1940 e 1950 foram o auge do rádio em Barretos. Mas que músicas embalavam os barretenses dessa época? Veja um trecho de jornal do ano de 1953, que falava sobre as agradáveis noites na “Praça Francisco Barreto”: “A estação de rádio local – a PRJ-8 – concorre com música para animar os corações. Sob o ritmo quente do baião ou do samba são [...] seladas as mais ternas juras de amor”

“Correio de Barretos”, 07/06/1953, p 2.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

“Night and Day”.

Outro músico de destaque foi Aymoré do Brasil, vindo para Barretos na década de 1940 como professor efetivo de canto orfeônico. Na área da educação, Aymoré do Brasil foi professor do Colégio e Escola Normal Mário Vieira Marcondes, onde organizou corais com seus alunos. Publicou também uma obra intitulada *“Peças didáticas, pianísticas e orfeônicas”*. Formou-se também pelo Conservatório Paulista de Canto Orfeônico, além de diplomação no Conservatório Musical Carlos Gomes, de Campinas; sua formação era para piano e violino. Dessa feita, sabemos que o Prof. Aymoré foi mais um dos frutos que se formou no começo do século XX em São Paulo, vindo disseminar os moldes musicais desses conservatórios da capital pelo interior paulista, fato que ocorreu através da fundação de conservatórios entre as décadas de 1930 e 1950. Outro exemplo barretense neste sentido foi Adelaide Rosária Galati, formada em piano no Conservatório Dramático Musical em São Paulo. Foi uma das fundadoras em Barretos, no ano de 1943, do “Conservatório Dramático e Musical Santa Cecília”, que perdurou até 1959.



Adelaide Rosária Galati uma das fundadoras do Conservatório e seus alunos. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Cartaz de Propaganda do Grupo Musical de Barretos, “Night and Day”. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



No ano de 1969 foi realizado em Barretos o 1º FEABAM (Festival Barretense de Música Popular), promovido pela “Rádio Piratininga” e pela Prefeitura. A vencedora foi a música “Fim de Sonho”, do compositor Carlos Henrique Parise, executada pelo grupo musical “Os Pops”, em segundo lugar ficou a música “Tapera”, da compositora Wanda Cesar, interpretada por Alcione Menegaz, e em terceiro a música “Canto de um canto” do compositor e intérprete Cícero Vasconcelos. O Festival teve ainda mais quatro edições. É válido lembrar que esses festivais foram sucesso no Brasil durante a época da Ditadura Militar, revelando grandes talentos da música brasileira, como Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Outro compositor de destaque foi Francisco Assis Bezerra de Menezes, o Bezerrinha, já lembrado algumas vezes neste livro. Está entre suas maiores composições a música “Perfil de São Paulo”, que ganhou em concurso o título de hino do IV Centenário de São Paulo, no ano de 1954, rendendo à Bezerrinha dois troféus Guarani e a “Chave de São Paulo”. A música foi gravada por ilustres da música brasileira, como Silvío Caldas, Inezita Barroso, Jair Rodrigues, Aguinaldo Rayol e outros. “Perfil de São Paulo” ainda levou os títulos de melhor música e melhor composição daquele ano. Foi ainda considerada uma tradução da vida paulistana, que remetia ao desejo da época de unir modernidade e tradição.

Bezerrinha não se restringiu a exaltar o universo urbano, ele cantou em São Paulo, Barretos e Rio de Janeiro, mas também enalteceu as coisas simples como o cotidiano, a vida no campo, a lida na fazenda e o peão de boiadeiro.

Ele foi, portanto, um nome de destaque da música sertaneja e de raiz. É interessante notar que a repercussão da música caipira e sertaneja, junto ao público das cidades do interior, se deveu à conquista deste gênero musical de um espaço nas programações da rádio já na década

de 1940, período em que ocorria a valorização do sertão com paisagem representativa da nacionalidade brasileira. O meio de comunicação relevou talentos como as duplas e artistas: Pena Branca e Xavantinho, Tião Carreiro e Pardinho, Alvarenga e Ranchinho, Inezita Barroso, Almir Sater e outros.

Interessante notar que muitos desses artistas marcaram presença nas **violeiras** de Barretos, um tipo de concurso realizado todo ano entre artistas da música raiz. A violeira “Rose Abrão” começou a ser realizada no ano de 1983 e é conhecida em todo o Brasil, por valorizar a música raiz, a cultura e as tradições sertanejas.

No princípio, a “Violeira” era realizada nos bairros da cidade de Barretos, reunindo violeiros de todos os cantos. A partir do ano de 1993, passou a levar o nome de “Rose Abrão”, perpetuando o nome de um dos maiores amigos dos violeiros de todas as regiões do Brasil.

Gaze Abrão, seu verdadeiro nome, nasceu em Ibitu e mudou-se em 1984 para o casarão da rua 30 esquina da avenida 47, que ficou conhecido como “Sobrado da Alegria”, quartel general dos violeiros, segundo o compositor João Pacífico. A Violeira “Rose Abrão” é organizada por “Os Independentes” e são inscritas, anualmente, uma média de 250 canções, todas enviadas para a Comissão Organizadora que avalia as composições que devem ser inéditas.

No concurso, é obrigatória apresentação com uma viola de 10 cordas. Como tema, a maioria das canções se refere à Festa do Peão de Boiadeiro, o estilo de vida do tradicional peão, suas vestimentas e costumes estradeiros. É válido acrescentarmos que a música de raiz e a sertaneja têm grande visibilidade em Barretos, com destaque para as apresentações na Festa do Peão de Boiadeiro.



O Sobrado da Alegria. Foto: Sueli Fernandes.



Na foto, Bezerrinha aparece acompanhado do conjunto musical “Nigth and Day”. Veja a transcrição de uma matéria de jornal sobre o fato:

“A foto ao lado, de 1962, foi batida na boate da então recém-inaugurada sede do Grêmio Literário e Recreativo, por ocasião do lançamento de mais uma música de carnaval do compositor barretense Bezerra de Menezes. Aparecem, da esquerda para a direita: Reinaldo Rodrigues (Taboca), Jaerson Luiz, Alberto Teodoro Arcanjo (Roberto), José Paulo do Nascimento, Pedro Roberto Sanches (ao acordeón), o crooner Edson Vieira Lima, o radialista João Monteiro de Barros Filho e o compositor Bezerrinha (agachado, ligando seu gravador)”.

(Fonte: Jornal “Barretos Memórias”, nº 2, ano I, p. 5. Acervo: Museu “Ruy Menezes”).



O “Sobrado da Alegria” é um legítimo “lugar de memória”, pois além de causar vislumbre devido à sua monumentalidade, remete a um saudosismo ligado a uma parte importante de nossa história.

Cultura: patrimônios históricos de Barretos

Você já viu na introdução deste livro que um dos nossos objetivos é revelar a importância dos patrimônios históricos da nossa cidade, na intenção de conscientizar as crianças do presente e do futuro do valor da preservação destes bens à posteridade. A expressão “patrimônio histórico” faz parte de um conceito maior que é “patrimônio cultural”, este pode abranger a história, a arte, o meio ambiente, a arquitetura, a música, o artesanato, a alimentação, as vestimentas, a cultura, enfim, vários aspectos da sociedade. Estes, por fazerem parte de um contexto importante às comunidades e à sua memória, necessitam de ser preservados e, quiçá, tombados.

Falar nisso, você sabe o que é tombamento de um bem material histórico? Tombar um patrimônio significa tornar legal a sua preservação, a fim de que aquele bem seja sempre mantido e preservado. Em Barretos, existem somente dois prédios que são oficialmente tombados: o Museu Histórico, Artístico e Folclórico “Ruy Menezes” (tombado por lei municipal em 1988) e o Recinto “Paulo de Lima Correa” (tombado pelo *Condephat* em 2011).

Apesar disso, nossa cidade desfruta de muito mais prédios antigos do que podemos imaginar, prédios estes que poderiam ser estudados e, desde que analisados, transformados em patrimônios tombados. Neste tópico, vamos conhecer alguns destes prédios para que, através de suas histórias, eles possam ser valorizados perante a comunidade. Afinal, quando se conhece a história do prédio e encanta-se por ele, o seu tombamento torna-se mais próximo do real.

Praça Francisco Barreto

A Praça Francisco Barreto se localiza nas quadras compreendidas entre as ruas 16 e 18, avenidas 17 e 21. Foi conhecida por “Praça Nossa Senhora da Conceição”, “Largo da República” e “Largo da Matriz”. Seu nome foi mudado para Francisco Barreto em 1915. Nesta mesma época iniciou-se um processo de melhoramento da Praça, com a construção de um coreto e o plantio de árvores.

Em 07 de setembro de 1922, por ocasião do “Centenário da



Praça com coreto. Ao fundo a Igreja com andaimes. Acervo Museu “Ruy Menezes”.

Independência do Brasil”, foi colocada uma coluna com o busto de “Marianne”, imagem feminina que representava a República. Na década 1930, a área central da cidade foi modernizada, houve o ajardinamento da Praça e novos imóveis foram construídos ao seu redor.

O largo passeio que ia da rua 16 à rua 18 cortava a Praça, paralelo ao coreto. Era acompanhado de bancos e foi denominada pelo povo de “Avenida das Lágrimas”, devido aos romances que ali nasciam, enchendo os corações de alegrias e tristezas.

Em meados da década de 1940, a praça foi remodelada com a construção de muros de cercas vivas. Nos fins de semana e feriados surgiu o costume de os jovens ficarem no passeio da praça, rente à rua 18. Os rapazes ficavam parados e as moças desciam e subiam neste trecho da praça, em clima de flerte. Isso era chamado *footing*¹.

Os casais de namorados que formavam iam para o outro lado da praça, no asseio rente à rua 16.

Em 1958, a comunidade japonesa (em comemoração aos cinquenta anos da imigração ao Brasil) ofereceu à municipalidade uma fonte luminosa, instalada na Praça Francisco Barreto. A fonte era composta de [...] “dois pratos concêntricos, superpostos formando duas impressionantes cachoeiras circulares e no centro jatos de água que alcançavam aproximadamente 10 metros de altura. A fonte era colorida e musical. Ao seu redor havia quatro luminárias em forma de cogumelos, dividindo-a em quatro partes”. (Fonte: www.museuruymenezes.blogspot.com.br/)

Na gestão do prefeito Christiano Carvalho, houve reforma na praça, iniciada em 1962 e terminada em 1963. A fonte luminosa foi retirada, enquanto que o monumento ao “Duque de Caxias”, colocado na ocasião do Centenário da cidade, foi transferido para o Tiro de Guerra. As palmeiras e o coreto também foram derrubados. Escritores locais,



Praça Francisco Barreto.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Praça Francisco Barreto.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Praça na década de 1930, com a Avenida das Lágrimas e os arcos de madeira.
Fonte: Acervo de Biê Machione.



Praça na década de 1950. Neste passeio da praça, paralelo à rua 18, ficavam os solteiros.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Praça na década de 1950. Aqui ficavam os casais de namorados, que subiam e desciam.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Fonte luminosa, com as palmeiras imperiais.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

¹ **Footing:** significa passeio a pé.

como Matinas Suzuki em seu livro “Memórias de um vivente obscuro”, criticaram esta reforma.

Na gestão de Uebe Rezeck, em abril de 1998, a praça foi novamente remodelada. O piso antigo foi retirado, e no local foi colocado um novo piso com tema “country”. A coluna comemorativa ao centenário da Independência foi retirada do local.

Igreja Presbiteriana

O protestantismo surgiu em Barretos em 1924. Em 1947, os membros desta religião resolveram construir um templo. O desenho foi feito pelo pastor Josué Spina França e em 1952 foi inaugurado o andar térreo. Anos depois foi terminado o templo atual.

A arquitetura religiosa é marcada pelo Eclétismo, mesclando estilos do passado, que remetem aos modelos inspirados no mundo clássico como o neogótico e o neorromânico.

Na porta há a demarcação de abóbadas ogivadas de influências marcadamente árabes medievais, como as catedrais europeias. A torre bem alta é uma característica do estilo neogótico², já que nas catedrais medievais elas simbolizavam a proximidade ao céu.



Templo da 1ª Igreja Presbiteriana de Barretos. Foto: Guilherme Soares.

Mesquita

A Mesquita de Barretos é a segunda do estado de São Paulo e foi inaugurada em 1976. Trata-se do templo religioso dos muçulmanos e é bastante representativa da cultura árabe. Barretos no início do século XX recebeu muitos árabes principalmente libaneses e sírios, que imigraram para cá em busca de melhores condições de vida e aqui constituíram famílias. Integraram-se à vida local, influenciando a cultura barretense. A construção do templo tem um significado simbólico e representa uma

² Neogótico: Diz-se de um estilo, ou um estilo moderno que, no século XIX, se inspirou no gótico.

forma de manter um pouco da sua cultura natal. O *minarete* é o elemento arquitetônico mais importante da construção, originalmente servia de espaço para a instalação de alto-falantes para comunicar aos muçulmanos os horários das cinco preces diárias.



Em destaque o minarete da mesquita de Barretos. Foto: Guilherme Soares.

Catedral do Divino Espírito Santo

Até a primeira metade do século XX, predominava em Barretos a religião católica, caracterizada por uma devoção socializante. O que, em certa medida, explica a devoção dos fundadores da cidade de Barretos ao Divino Espírito Santo. As famílias Barreto e Marques, juntas doaram oitenta e dois alqueires de terras à Igreja para a construção da primeira



Fachada da Catedral do Divino Espírito Santo. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Interior da Catedral. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

capela. E em 1893, com a vinda do Pe. Francisco Valente iniciou-se a construção da Catedral. O responsável pela obra foi o engenheiro Pagani Fioravante. Seu porte é neoclássico com estilo eclético. A arquitetura é um dos cartões postais da cidade, pela beleza de suas formas, belos vitrais coloridos com cristais belgas e chumbo, montados pela casa Conrado de São Paulo, e pelas belíssimas pinturas de inspiração renascentista. O altar é vivamente iluminado pela claridade natural, que penetra na igreja pela alta cúpula. Passou por um processo de restauração de agosto de 1998 a dezembro de 1999. Participaram da restauração os artistas: Cesário Ceperó, Pedro Perozzi, Lourival Betelli, Cícero Fonseca e Devair Pereira.

“Palácio das Águias”

Trata-se do prédio que abriga o Museu Histórico, Artístico e Folclórico “Ruy Menezes”. De arquitetura nobre e simétrica, nele podemos observar as pilastras ao lado da porta, que decoram a fachada principal. A escadaria que invade a calçada, as torres nos cantos que lembram castelos medievais e um par de águias no alto de seu frontispício que lhe rendeu o nome de “Palácio das Águias”.

Recebeu influência neoclássica e é de extrema relevância para a arquitetura da cidade. Representa um período de grandes transformações culturais e econômicas.

Construído no início do século XX para sediar o Paço Municipal pelo prefeito, Dr. Antonio Olympio Rodrigues Vieira, foi inaugurado em 15 de novembro de 1907. Desde 1979 funciona como Museu. Foi tombado por Lei Municipal nº. 2.240 de 10 de novembro de 1988. No início da década de 1990 foi atacado por cupins, restaurado em 1995 e devolvido ao público em 1996. Sua arquitetura mantém-se quase inalterada, revelando-se um verdadeiro “museu a céu aberto”!



Palácio das Águias.
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



“Palácio das Águias” (1940). Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Casarões da rua 18 esquina com a avenida 23

Tratam-se de belíssimos exemplares arquitetônicos do início do século XX. Construídos em um momento de efervescência da modernidade na cidade. Em primeiro plano, temos um belo casarão que a época de sua construção contou com belas paisagens pintadas dentro de molduras na parte superior de sua fachada.

Em segundo plano observa-se o primeiro imóvel adquirido por “Os Independentes”, em 1966. Construído com material francês importado, como telhas e ladrilhos. Além de serem de cobre as suas calhas, há também como enfeite do alpendre ogivas que se bifurcam no alto, permitindo que no meio delas novas ogivas sejam formadas e desçam dois pesos de tijolos, como se fossem estalactites.



Foto de 1917. Rua 18 esquina com a avenida 23. Acervo Museu “Ruy Menezes”.

Sociedade Espírita “25 de Dezembro”

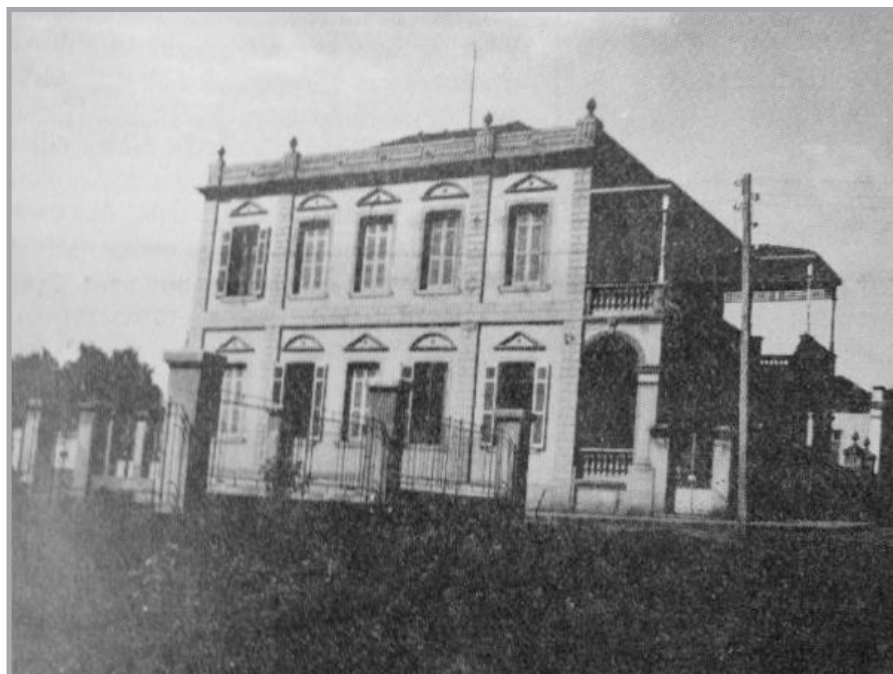


Sociedade Espírita “25 de Dezembro” na década de 1930. Fonte: MILTON. 2009. Capa.

A Sociedade Espírita “25 de Dezembro”, inaugurada no ano de 1906, tem em parte de seu prédio atual a fachada original do início de sua fundação. Mesmo com o tamanho do prédio menor e com uma arquitetura de traços simples, este local serviu como abrigo do primeiro hospital da cidade, a Casa de Caridade (1911-1920), e ainda adotava um espaço para uma escola mista, como se vê na fotografia ao lado. É interessante notar que, a Sociedade Espírita “25 de Dezembro” é atualmente o terceiro centro espírita mais antigo do Brasil em funcionamento.

Casarão da rua 14 esquina da avenida 23

Quem passa pela rua 14 logo se depara com uma sorte de casarões de belos traços, curvas e cores. Com o desenvolvimento econômico originário da pecuária e do comércio, os homens mais abastados da cidade construíram belos palacetes para “urbanizar” mais ainda a pequena Barretos e exibir a posição social que os facultava. Entre tantos prédios antigos, o casarão que outrora foi da família Nogueira e que hoje é uma casa comercial, se destaca. Construído pelos idos de 1918, este prédio foi a residência de Pedro Paulo de Souza Nogueira, intendente municipal de Barretos na passagem do século XIX e XX. A casa da família Nogueira possui muitas janelas e duas belas escadarias nas laterais. Sendo válido notar que uma das escadas possui uma bela decoração balaustrada. Além disso, os traços curvos de sua fachada revelam uma arquitetura muito moderna para a época, com detalhes e ornamentos em alto relevo. Sabemos também que esta casa já foi sede do “Banco de Barretos”, entre suas várias funções há quase cem anos.



Casarão da rua 14 esquina da avenida 23.

Fonte: Jornal “Barretos Memórias”, Junho de 1988, ano I, nº 6. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Estação Cultural “Placidino Alves Gonçalves”

O prédio da Estação Cultural faz saltar os olhos dos barretenses e turistas que passam pela avenida 3. Apesar da “Companhia Paulista de Estrada de Ferro” ter inaugurado seus trilhos e serviços em Barretos no ano de 1909, o prédio da estação que conhecemos hoje só foi inaugurado em 1929, vinte anos depois. A sua importância para a cidade não se ateuve somente ao fato de ser um prédio moderno e monumental, mas também porque seus trilhos marcavam, arquitetonicamente, a divisão dos bairros do Centro e o “Outro Mundo”. Tanto que o edifício da estação foi construído de frente para o centro da cidade. Apesar de muito antigo e reformado no ano de 2008, o prédio da “Estação Cultural” não é tombado, e nem as casinhas dos antigos funcionários a seu redor. Cada canto daquele sítio histórico possui um significado que, juntos, compõem o patrimônio ferroviário de Barretos.



Estação Cultural “Placidino Alves Gonçalves” 2012. Foto: Guilherme Soares.

Centro Cultural “Osório Faleiros da Rocha”

Recentemente restaurado pela Prefeitura, o prédio que abrigou no passado o inesquecível “Cine Barretos”, hoje é uma instituição que serve às atividades culturais da cidade. Sobre a história deste local, vejamos:

Ao ler os jornais dos anos 1940, percebe-se que na época da construção do Cine Barretos, as expectativas eram as melhores por parte da comunidade. Em uma reportagem do jornal “A Semana” de fevereiro de 1946, foi escrito cada detalhe de como seria a estrutura do novo cinema, que era comparado à “Radio Cultura” de São Paulo (na avenida São João) por ter a fachada parecida com a mesma. Faziam menção também às 1.200 poltronas que seriam colocadas no cinema, os 12 “modernos” aparelhos renovadores de ar e os 2 projetores de filmes. Todos os pontos foram citados, por exemplo: as bilheterias, o *toilette* para as senhoras, a sala de espera, o declive do salão de projeção, a decoração e a iluminação da fachada a cores pelo “sistema fluorescente”. Como se vê, o novo cinema era tido como um símbolo de modernidade e

tecnologia para os habitantes de Barretos dos anos 1940, que esperavam pela inauguração nos meses de junho ou julho, mas que acabou por acontecer em dezembro de 1946.



Cine Barretos no início dos anos 70. Na fachada, uma faixa sauda a visita do presidente da República, Emílio Garrastazu Médici. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

Marco Histórico

No ano de 1929, um agrimensor contratado pelo governo do estado realizou o trabalho de planta baixa da cidade e fixou na esquina da rua 8 com a avenida 3 o chamado "marco zero", de onde partem todas as medidas do município, por isso é também um Marco Geográfico. O local é considerado, não sem algumas divergências, o ponto onde localizava-se a sede da fazenda "Fortaleza", portanto residência de Francisco José Barreto. Mesmo com dúvidas em relação ao local exato, é sabido que o núcleo dos primeiros povoadores situava-se naquela região.

No ano de 1995, aniversário de 141 anos da cidade, foi inaugurado neste mesmo local o Marco Histórico. Este é uma verdadeira obra de arte, criada pelos artistas plásticos Cesário Ceperó e Pedro Perozzi, com a participação de Lorival Betelli. Trata-se de um mural de 7 metros de altura e um monolito com 5 metros, ambos com paisagens em relevo, que retratam a chegada dos primeiros povoadores e o cotidiano na fazenda Fortaleza.

A intenção do mural é retratar o "pioneirismo" do fundador Francisco José Barreto e sua família, ou seja, é reafirmar aquela "tradição bandeirante" onde o "patriarca" é considerado por todos como um "herói desbravador". Outra simbologia importante é o espírito fraterno e de união retratado nas cenas da obra, que remete à frase "*Frates sumus omnes*" (Somos todos irmãos), presente no brasão que também figura no topo do mural, tendo acima uma "Fortaleza", em alusão à fazenda que deu origem ao povoamento de Barretos.

Desta forma, o Marco Histórico é um verdadeiro monumento de nossa história e tem a função de resguardar a memória coletiva do barretense,

para que nos lembremos de nossas origens. Configura-se, assim como um patrimônio histórico de Barretos.



Marco Histórico. Foto: Guilherme Soares.

Cultura: movimentos de resistência

Você já deve ter percebido que a história é marcada por diversos movimentos de resistências. Neste livro, apresentamos alguns como a dos escravizados pelo direito à sua cultura e liberdade e dos trabalhadores do frigorífico por melhores salários. O fato é que onde houver tentativas de dominação, sempre haverá resistências.



Foto da década de 30 do século XX, nela tem homens e mulheres integrantes do bloco "Carvão Nacional".
Acervo: Cornélio Júnior.



O carnaval em Barretos, no começo do século XX tinha como principal brincadeira as bolas de cheiro. Uma espécie de bola de cera oca que enchia-se com água e/ou perfume, para ser jogada nas pessoas.



Sr. Lázaro Silva - Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. 1954. Acervo digital do Museu "Ruy Menezes".

Vimos que os movimentos de resistência empreendidos pelos negros contra a subjugação¹, dominação e preconceito dos brancos acontecem desde o período escravocrata através dos suicídios, das sabotagens², do sincretismo religioso³, das manifestações culturais, das fugas e da criação dos quilombos em busca de uma vida em liberdade.

Já no período republicano, a partir de 1889 (após a Lei Áurea, assinada em 13 de maio de 1888), que garantia a liberdade dos escravizados por força de lei, esses movimentos adquiriram outras finalidades: a inclusão social do negro e a superação do racismo na sociedade brasileira.

Em Barretos, destacam-se os movimentos negros do início do século XX, como o bloco **"Carvão Nacional"**, fundado por Américo de Souza Espíndola no início da década de 1930. Encontramos artigos de jornais que fazem referências ao bloco como sendo um dos mais expressivos no carnaval de rua. O bloco saía às ruas da cidade de Barretos em belíssimos espetáculos de música, coreografia e criatividade. A batucada era compassada e ritmada, os movimentos precisos e as fantasias se destacavam pelo luxo e colorido, responsáveis pela alegria das pessoas por onde passavam, arrancando muitos sorrisos e aplausos.

Entretanto, a diversão negra se restringia aos desfiles de rua, os negros não eram bem recebidos em salões frequentados por brancos. Foi essa a motivação que levou alguns membros do "Bloco Carvão Nacional" a criarem o seu próprio espaço onde pudessem brincar e se divertir como as demais pessoas; assim surgiu o clube "Estrela D'oriente".

Isso demonstra que o "Carvão Nacional" é o precursor do "Estrela D'oriente" que foi fundado em 1º de janeiro de 1936, em reação ao preconceito que vitimava os negros da cidade de Barretos. Seu idealizador⁴ foi o Sr. Lázaro Silva, fundador da **"Sociedade Beneficente e Recreativa Estrela D'oriente"**, cujos objetivos iam além de oferecer um espaço de lazer, mas prestar apoio social e material aos seus associados.

Digno de nota que o Estrela tenha sido criado no mesmo momento



O racismo passou a ser crime na Constituição de 1988. Entende-se por racismo a crença na superioridade de algumas raças.



Na década de 1910, os bailes carnavalescos eram realizados nos teatros da cidade.



Foto de 1934, ano em que o "Carvão Nacional" saiu às ruas da cidade de Barretos somente com integrantes homens fantasiados de marinheiros..O primeiro sentado da esquerda para a direita é o Sr. Lázaro Silva (fundador do Estrela D'oriente). Acervo: Cornélio Júnior.

¹ Subjugação: vencer a alguém por meio da força das armas.

² Sabotagem: pode ser a destruição propositada de uma máquina para não ter que trabalhar nela.

³ Sincretismo religioso: combinação, mistura de religiões de matriz africana com a católica.

⁴ Idealizador: aquele que idealiza, cria.

histórico de efervescência do mito da **democracia racial**⁵, termo **cunhado**⁶ por Gilberto Freyre que considerava que as relações raciais no país eram cordiais e harmônicas. A criação do Estrela demonstra o quanto esta ideia era falsa, pois foi a dificuldade em ser aceito nos bailes da época que motivou um grupo de pessoas negras a montarem o seu próprio espaço.

Vejamos que apesar do bloco “Carnaval Nacional” fazer grande sucesso nas ruas da cidade desde os anos 1930 e depois se tornar a grande atração do carnaval como escola de samba “Estrela D’Oriente”, seus membros precisaram construir um espaço para que pudessem brincar o carnaval após o espetáculo oferecido à sociedade barretense, nas ruas da cidade.

O Estrela funcionou em vários imóveis alugados, a doação de terreno para a construção de sua sede própria só aconteceu no ano de 1972, na avenida 9 esquina com a rua 4, ou seja, 36 anos após a sua criação. A partir dessa doação, seus membros travaram outra espécie de luta, desta vez pela construção do espaço.

Gradativamente o clube foi deixando de ser reduto só de negros. É claro que isso demonstra que os próprios membros também foram combatendo os seus próprios preconceitos, pois vítimas do preconceito do branco alguns resistiam à presença dos brancos em seu espaço.

A escola de samba “Estrela D’orient” sempre brilhou nas passarelas ganhando inúmeros títulos de carnaval. Foi considerada a melhor escola de samba da cidade, os seus sambas-enredos sempre primaram pela originalidade, alegria e bom humor.

Em 1972, a “Estrela D’orient” foi campeã com o samba enredo “Empolgação”, letra que encontramos no jornal “O Diário” de 1972, e que trazemos para que você veja o bom humor e a alegria do samba enredo. *“Quá Quá Quá Quá Quá Quá, O meu tamanco faz assim, Quá Quá Quá Quá Quá Quá, Na cadencia do samba, E do meu tamborim, O povo vibra na empolgação, É o bom! É o bom! É o bom! Estrela D’Oriente do meu coração, Quando eu chego na avenida, quando eu chego na avenida, Esperando por você, Esperando por mim, Todo mundo bate palmas, Todo mundo pede bis, quando eu apresento esse ritmo feliz.”*

Ressaltamos que os sambas-enredos da “Estrela D’orient” também trazem um pouco da história e da luta dos afrodescendentes no Brasil, exemplo disso é o samba de 1973, “Exaltação a Bahia” que a consagrou campeã. A escola foi por muitos anos a mais aguardada e festejada na



Uma das brincadeiras tradicionais da elite no começo do século XX, no período do carnaval, era o corso. O corso consistia num desfile de carros ornamentados, geralmente de capotas arriadas, que transportava pessoas ricamente fantasiadas pelas principais ruas da cidade. Havia uma batalha de confetes e serpentinas.



Jornal: “O Diário”, 08/Mar/1973. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

⁵ “Democracia Racial”: crença de que o Brasil escapou do racismo e da discriminação racial vista em outros países, mais especificamente, como nos Estados Unidos. Este conceito foi desenvolvido por Gilberto Freyre no livro “Casa Grande e Senzala” (1933). (Porém, ressaltamos que a obra não se resumiu a isso, Freyre foi o primeiro sociólogo a valorizar a miscigenação do país, enfatizando a relevância e a importância da influência das culturas africanas e indígenas na formação do povo brasileiro).
⁶ **Cunhado**: neste caso tem sentido de: criado, elaborado, inventado.

Unidade IV • Capítulo 9

avenida, as famílias se entusiasmavam com a passagem da Estrela. Como sabemos disso? Veja a nota do Jornal "O Diário" de 1973, no quadro abaixo:

Zé Preto está chamando! Ele e a "sua" Estrela D'Oriente esperam um pouco mais. Aplauso é bom. ..., mas, e a sede? A gente de cor, em 74, após o desfile de rua, precisa ter para onde ir. E se todos não ajudarem, ela não irá. E acabará desistindo. E o Carnaval de rua morrendo.

Fonte: Jornal "O Diário", 27/03/1973. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Fonte: Jornal "O Diário", coluna Plural, 21/Jan/1996. Acervo: Museu "Ruy Menezes".



Zumbi representa a resistência negra dentro da sociedade escravocrata brasileira, cuja luta é lembrada e comemorada no dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra.

Outro exemplo é o samba-enredo de 1974 "Os quatro amores célebres do Brasil" que retratou a história de amor de algumas figuras da nossa história e literatura, entre eles a história de amor entre Castro Alves, poeta abolicionista⁷, e Eugênia Câmara, atriz e bailarina. Outro samba enredo que destaca a história de luta foi o de 1976, "Zumbi, a imagem da liberdade".

O sucesso da Estrela em 1974 foi estrondoso, numa simpática entrevista D. Vitalina, esposa do "Zé Preto" responsável pela Estrela, declarou: "a Estrela é um clube pobre, que luta muito, mas que pela força da sua tradição, não pode desapontar a gente barretense. Da mesma forma que vibramos com a vitória, saberíamos entender a derrota. Mais do que ganhar ou perder, estamos felizes – eu, o Zé, as meninas, os rapazes – porque conseguimos sair mais uma vez às ruas, ao encontro do povo. Já que é pra ele mesmo que fazemos carnaval". ("O Diário", 28/02/1974. p. 5)

Ainda na década de 1970, a "Estrela D'oriente" encontrou uma escola de samba bastante competitiva originando grandes disputas no carnaval, a escola rival foi o Jockey Clube. A rivalidade foi acirrada e em 1977, Waldemar Nogueira criou o samba-enredo "Samba da bronca" para a Estrela, neste ano não teve competição, a escola foi a única a desfilar.

Eis um trecho do samba enredo:

"Você tem que tirar o chapéu para mim,
Quem foi rei, majestade será até o fim,
Tira o seu bloco da rua que eu quero passar
Quem é você? Eu sou o Estrela, o que é que há?
O meu nome sempre esteve na história.
Quem é você que está começando agora?"

A participação da Estrela no desfile do ano de 1986 deixou saudade na memória de muitos barretenses, pois ela comemorou os seus vinte e cinco anos de escola de samba em plena avenida, empolgando o público com o tema "Jubileu de Prata", grande sucesso.

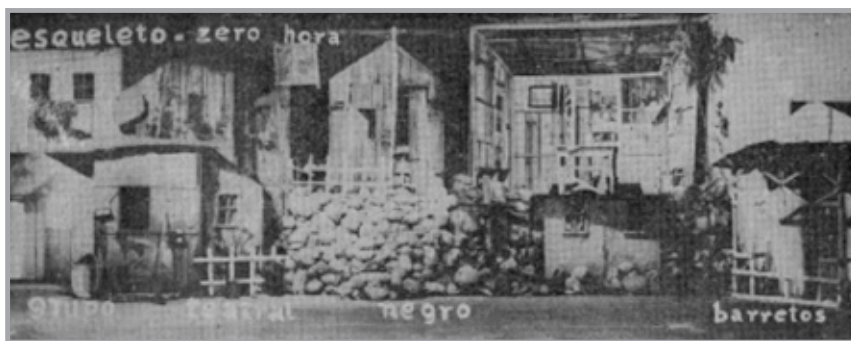
A "Estrela D'Oriente" é a maior campeã de carnaval de rua da cidade de Barretos, é a que mais títulos recebeu! Ficou afastada por mais de 20 anos, retornando em 2011.

⁷ Poeta abolicionista: poeta que usava a poesia como arma na denúncia dos maus tratos e luta pela libertação dos escravizados.

Grupo Teatral Negro de Barretos - GTNB

No final da década de 60 do século XX, destacou-se o **Grupo Teatral Negro de Barretos (GTNB)**, fundado pelo escritor barretense José Expedito Marques e dois amigos membros do “Estrela D’orienta”: José Pereira Neves (Zé Preto) e Leobino Neves. A fundação do grupo visava preparar negro(a)s para atuarem em peças de teatro.

O panfleto do espetáculo “Esqueleto zero hora” exibido a seguir, é parte do acervo do Museu Histórico, Artístico e Folclórico “Ruy Menezes” e é uma importante fonte histórica. Trata-se da primeira peça encenada pelo GTNB, de autoria de José Expedito Marques e apresentada nos fundos do “Sindicato Rural do Vale do Rio Grande”, na Praça Francisco Barreto.



Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

No livro “*Que teatro é este?*”, de José Expedito Marques, consta que a peça foi inspirada na transformação de uma favela do Rio de Janeiro, Morro do Esqueleto, num conjunto habitacional. As personagens principais eram Juca, membro de uma quadrilha e suas duas namoradas, uma de suas namoradas (Amélia) por ciúmes o denuncia à polícia, a ação/trama da peça está na fuga.

Ao ler o livro de Expedito Marques descobrimos que o seu desejo em montar uma peça com atores negros é anterior à peça “Esqueleto zero hora”, anteriormente ele havia escrito a peça “Largo do Rosário – Fundos”. Porém, não conseguiu atores negros para encená-la, a produção da peça teve que pintar de preto atores brancos, a técnica era conhecida como *backface*, mas o resultado não foi satisfatório.

O mesmo recurso foi utilizado em uma telenovela da TV Globo, “A cabana do pai Tomás” (1969), adaptação do romance homônimo de Harriet Beecher Stowe. O papel principal do pai Tomás foi interpretado pelo ator branco Sérgio Cardoso, o que desencadeou protestos de intelectuais e artistas que não concordaram com a escalção de um ator branco para interpretar um personagem negro.

Em 1967, Expedito fez uma fusão entre “Grupo Teatral Negro de Barretos” (GTNB) e “Teatro Experimental de Barretos” (TEB) para produzir e dirigir a peça “Quarto de empregada”, de autoria de Roberto Freire, com atores dos dois grupos. A intérprete do papel da empregada foi Maria de Lourdes Silva, do GTNB. O espetáculo foi encenado na Faculdade de Tecnologia de Barretos (atual UNIFEB) e contou com a presença de destacados atores do cenário teatral nacional: Cacilda Becker e Walmor Chagas.

O espetáculo também foi apresentado no “Grêmio Literário e Recreativo de Barretos” e não foi bem recebido pela plateia, atribuiu-se a reação do público às questões colocadas pela peça, que focalizavam a



O romance “A cabana do pai Tomás” (1852) foi um romance de grande sucesso de público nos Estados Unidos. Ele narra o horror das relações escravistas e a violência que as caracterizava, e funcionou como instrumento de propaganda e mobilização da opinião pública contra a escravidão nos Estados Unidos.

miséria das empregadas domésticas, o que em certa medida incomodava as patroas, já que o espaço era frequentado pela elite barretense.

Em 1970, o mesmo espetáculo faturou o prêmio de Melhor Espetáculo no 1º. Festival de Teatro Amador do Vale do Rio Grande.

Destacamos que naquele momento a maioria das personagens reservadas aos negros em espetáculos teatrais e em telenovelas era estereotipada⁸: pobres, moradores de favelas, empregadas domésticas, jagunços, bandidos, etc. Aos negros cabia o espaço da marginalidade e as posições subalternas e inferiores.

Sem dúvida, Exedito colocou o negro em cena ao criar o GTNB, abrindo espaço no teatro para o negro e estimulando a sua participação. Isto que é salutar, porém em posições estereotipadas e ideologicamente⁹ condenáveis. Entretanto, chamamos a atenção do leitor para refletir que as concepções das peças revelam o pensamento da época em que o autor/diretor vivia e por isso sofria influências e também buscava retratar e/ou denunciar.

Abrimos um parênteses para contar que o dramaturgo barretense Jorge Andrade em sua novela "Gaivotas" produzida e apresentada pela TV Tupi (1979), evidenciou o preconceito racial da sociedade brasileira através do personagem Otávio, representado pelo ator Genésio Amadeu, um engenheiro negro pertencente ao núcleo rico da novela, porém não bem recebido pela sociedade e vítima de discriminações e preconceitos. Foi a primeira telenovela da TV Tupi a retratar um negro de classe média.

Finalizamos enfatizando que os movimentos mostrados neste tópico revelam que em Barretos, assim como no Brasil de uma forma geral, a trajetória do afro-brasileiro é marcada por lutas!



A peça recebeu várias versões, a atriz Eunice Espindola fez o papel de Rosa (a empregada) na 3ª. versão. Fonte: MARQUES. 1988. Acervo: Museu "Ruy Menezes".

⁸ Estereótipo: maneira de ver e pensar negativamente um determinado grupo.

⁹ Ideologia: é a maneira de pensar de um grupo.



Unidade IV

REFERÊNCIAS

Almanaque Abril, 2009.

AMATO, Rita de Cássia Fucci. **O Piano no Brasil: uma perspectiva histórico-sociológica.**

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FERREIRA, Milton. **História do Espiritismo em Barretos e região.** Editora Sete Virtudes: Barretos, 2009. (Acervo de Karla Armani).

MAGALI, Sábato; VARGAS, Maria Thereza. **Cem anos de teatro em São Paulo.** ed. SENAC, 2001.

MARQUES, José E. **Que teatro é este?** Ed. Ateniense. São Paulo: 1988. (Acervo do Museu).

MENEZES, Ruy. **"Espiral: história do desenvolvimento cultural de Barretos"**. Barretos: Intec-Barretos, 1985. (Acervo do Museu).

MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. (Org.) **"Álbum Comemorativo do Primeiro Centenário da Fundação de Barretos"**. Barretos: Publicação da Prefeitura Municipal de Barretos, 1954. (Acervo do Museu)

PERINELLI NETO, Humberto. **"Nos quintais do Brasil: homens, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade – Barretos (1854/1931)"**. 2009. Tese. (Doutorado em História) Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho": Franca, 2009.

ROCHA, Osório Faleiros. **"Barretos de outrora"**. Barretos: s/e, 1954. (Acervo do Museu).

SUZUKI, Matinas. **"Memórias de um vivente obscuro"**. ed. Giordano: São Paulo, 1997. (Acervo de Roseli Tineli).

VITALE, João. **Adeus, Mico, adeus.** (desafios de uma vida). ed. GRD. 1996. (Acervo de Sueli de Cássia Tosta Fernandes).

Jornais do Museu:

A Semana, 30/06/1927;

Barretos Memórias, 1988;

Correio de Barretos, 01/03/1953, 07/06/1953 e 26/06/1966;

O Diário, 1972-1977;

O Diário, 20/Jun/1991;

O Diário, 21/Jan/1996;

O Diário, 12/2011;

O Sertanejo, 31/03/1900, 14/04/1900 e 12/05/1900.

Periódicos:

Armani, Karla O. A (re)inauguração do Cine Barretos. Jornal O Diário, 17/12/2011.

Armani, Karla O. O patrimônio da estação. Jornal "O Diário", 01/07/2012.



Unidade IV

Referências

Filme/Documentário:

A negação do Brasil, Programadora Brasil. (SP, 2000, Doc, cor-PB, 35 mm, dolby, 91').

Sítios:

SILVEIRA, Rosa. **A moratória e seus tempos**. In: Revista de História e Estudos Culturais. Disponível em (www.revistafenix.pro.br)

Memorial Globo. <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-223581,00.html>

books.google.com.br/books?isbn=8515033127...

<http://museuruymenezes.blogspot.com.br>

http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/musicologia/musicol_RCFAmato_1.pdf.

BINDER, Fernando Pereira. **Bandas militares no Brasil: difusão e organização (1808-1889)**. 2006. Vol. 1. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". São Paulo, 2006.

HOLLER, Marcos; PIRES, Debora Costa. **Atuação das sociedades musicais e bandas civis em Desterro durante o império**. http://www.udesc.br/arquivos/portal_antigo/Seminario18/18SIC/PDF/020_Marcos_Tadeu_Holler.pdf

<http://www.independentes.com.br/pt-br/eventos/violeira-rose-abrao>

FERNANDES, Sueli. Exposição "**Tributo a Bezerrinha**". Acervo do Museu Histórico, Artístico e Folclórico "Ruy Menezes".

Links úteis:

Curiosidades sobre o teatro ver o sítio São Paulo escola de teatro: <http://spescoladeteatro.org.br/curiosidades/01.php>

Sobre a imigração árabe: <http://blogs.estadao.com.br/gustavo-chacra/por-cao-dos-passaportes-otomanos-liban/>

Sobre cinematógrafo: http://www.mnemocine.art.br/index.php?option=com_content&view=article&id=104:principioscine&catid=34:tecnica&Itemid=67



Unidade IV • Capítulo 10

Temas da História Barretense

Símbolos Municipais: Brasão

Em fins do ano de 1953, durante as preparações para o centenário da cidade (que ocorreria em agosto de 1954), surgiu a ideia de elaborar um escudo para o município. Foi então que a sub-comissão de assuntos artísticos, ligada às comemorações, abriu concurso para a escolha do brasão. Verificou-se no dia 1º de abril de 1954, o julgamento dos oito trabalhos apresentados, sendo vencedor o da Srta. Maria Luíza de Queiroz Barcelos, que apresentou o brasão de pseudônimo “Lusiada”. O Brasão da cidade é “bastante expressivo em sua simbologia”, e “guarda uma memória”, que pretende valorizar a coesão social. Criado por uma barretense membro da elite, sua inscrição, abaixo do brasão em listel de prata, “FRATRES SUMUS OMNES” em latim, “Somos todos irmãos”, expressa o desejo de “unir os corações” dos barretenses, em um sentimento que pretendia a homogeneização de todos em prol de um único objetivo, que na época era representado pelo desejo de progresso e de modernidade.



Sobre os aspectos simbólicos do brasão: as hastes de milho e arroz representando a ascensão que agricultura vivia desde a década de 1940, além do escudo semnítico ou neoclássico tranchado em diagonal com a linha divisória em forma de grega, que representaria a terra arada em referência à mecanização da lavoura. A cor verde do lado direito (lado nobre) faz alusão à riqueza pastoril, referindo-se à pecuária e com uma pomba branca, representando o Divino Espírito Santo, que tem a função de lembrar a ação dos fundadores na doação dos alqueires de terra sob a invocação do referido santo, padroeiro da cidade. À esquerda, campo de goles (vermelho), a cor simboliza em heráldica, a “bravura”, o “espírito indomável” e a “nobreza” dos primeiros habitantes da cidade. Com uma fortaleza de ouro, lembrando o nome da fazenda da qual foram desmembrados os alqueires que formaram o primeiro núcleo da povoação. O brasão é encimado por uma coroa mural de ouro, que é símbolo das cidades fortificadas; têm a função de lembrar a participação da cidade na Revolução de 1932 e o ouro é o metal próprio das cidades de primeira ordem; embaixo o listel de prata, com a inscrição “Fratres Sumus Omnes”, sendo a prata o metal simbólico de lealdade, nobreza e glória. Fonte: MENEZES, Ruy; TEDESCO, José, 1954, p.3.

Hino Barretense

Letra: Osório Faleiros da Rocha
Música: Aymoré do Brasil

*Por Barretos bandeirante,
Desbravador do sertão!
Pela Pátria, avante! Avante,
Levantado o coração!
Não há divisa mais bela,
Mais nobre, mais varonil:
Sejamos a sentinela
Avançada do Brasil.*

*O sol ardente o prado e as
searas doura,
As bênçãos do senhor vem com
o orvalho,
protegendo os rebanhos e a lavoura
Os lares, os estudos e o trabalho!*

Por Barretos Bandeirante, etc.

*Deus nos guie e conserve sempre
unidos,
Como suas ovelhas o zagal.
Sem distinção de credos e partidos,
Pugnemos pela glória nacional!*

Por Barretos Bandeirante, etc

A letra do hino barretense foi composta por Osório Faleiros da Rocha, que viveu muito tempo em Barretos. Atuando como jornalista, poeta e historiador, deixou aqui seu legado, entre eles, o famoso livro “Barretos de Outrora” escrito para compor as comemorações do 1º centenário da cidade em 1954, para essa ocasião foi escrito também o “Álbum Comemorativo do 1º Centenário da Fundação de Barretos”, onde se encontra o mais antigo registro do nosso hino. A letra foi musicada pelo professor Aymoré do Brasil, ao qual já nos referimos no tópico “Música” da Unidade IV. No entanto, o hino só foi oficializado em 28 de agosto de 1984.

A intenção dos intelectuais da década de 1950 era criar uma memória coletiva pautada na invenção de uma tradição de “glória” e de um “passado brilhante”, baseado no “bandeirante paulista”. Desejavam com isso consolidar sentimentos de pertença e identidade entre os barretenses, que naquele momento eram envolvidos pelas transformações do cenário moderno brasileiro.

Na época em que o hino foi escrito, não era ainda o peão de boiadeiro o “herói local” eleito por esses intelectuais, mas sim o “bandeirante”, antigo “herói” paulista, representado como antepassado da elite que detinha então o poder econômico e por vezes, o político no estado de São Paulo. Em Barretos, o antepassado bandeirante da elite local seria Chico Barreto. Nessa representação da memória, é muito comum a palavra paulista ser substituída por bandeirante, nas ruas, nas praças, nos discursos políticos, e também nos hinos! São todas simbologias de coesão social, que buscam causar a ilusão de homogeneidade e ausência de conflitos entre a população.

No caso do hino barretense, o “bandeirante” seria a própria cidade de Barretos que teria características do “herói” como a nobreza e a união, a capacidade de levar adiante o progresso da pátria ao ponto de se considerarem “a sentinela avançada do Brasil”.

Bandeira

Em 1974, na gestão do Prefeito Municipal Ary Ribeiro de Mendonça, foi aberto concurso público a fim de elaborar uma bandeira para o município. Haja vista que a bandeira até então utilizada encontrava-se em situação irregular; tratava-se de um “[...] retângulo de cor creme, tendo costurado no centro uma reprodução, também de tecido, o Brasão do Município”. (Ary Ribeiro de Mendonça, em ofício nº 8 de 08/02/1974. Apud: MENEZES, Ruy. 1985. p. 411).

O concurso, encerrado em 05 de junho de 1974, teve 46 concorrentes com 70 trabalhos inscritos, e expostos para a visita pública. Escolheu-se uma das bandeiras através de votação popular. No entanto, esta não correspondia aos requisitos constantes no edital do concurso. Foi então que a Comissão Organizadora escolheu, por votação, o trabalho do quintanista da Faculdade de Engenharia local, o jovem Luiz Antonio Furlan. A Bandeira foi então oficializada em 20 de agosto de 1974.



“Bandeira com módulos iguais aos da Bandeira Nacional, com duas faixas verticais, verde e amarela, ocupando o terço esquerdo do retângulo, sendo que, deste, os dois terços restantes são em vermelho; no meio das faixas verde e amarela, um círculo em branco com a silhueta vermelha do mapa do Estado de São Paulo, na qual uma estrela branca de cinco pontas marca a posição geográfica do Município de Barretos”. (MENEZES, Ruy. 1985. p. 412).



Unidade IV

Referências

MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. **Álbum Comemorativo do 1º Centenário da Fundação de Barretos**. Barretos: Gráfica Tedesco, 1954.

MENEZES, Ruy. **Espiral: história do desenvolvimento cultural de Barretos**. Barretos: Intec, 1985.

TRUCULLO, Priscila Ventura. **Modernidade e tradição no interior paulista: Barretos nos anos 50**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura e Bacharelado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 2011. www.barretos.sp.gov.br

3; 7ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Barretos. 02/08/1954. Atas da Câmara Municipal de Barretos, n.21 – 02/03/1953 a 01/01/1955. p.78. Acervo digital da Câmara Municipal de Barretos.



Unidade V

Curiosidades

Curiosidades: o que move o historiador

Até agora estudamos sobre Barretos por meio de uma história cronológica e temática. Que tal partirmos para curiosidades dentro da história de Barretos? Nesta unidade, abordaremos capítulos que contêm alguns “causos” da história da cidade, mas que também foram analisados por fontes escritas, iconográficas e orais. São histórias soltas, que podem explicar muito sobre o presente em que vivemos na cidade de Barretos. As curiosidades que aqui estarão relatadas servirão como um ponto de partida para quem quer pesquisar mais sobre determinado assunto. Afinal, ser curioso é uma característica essencial ao historiador, que movido por um problema, busca solucioná-lo através das possibilidades que lhes são dadas pelas fontes que restaram do passado. Pratique conosco o exercício do historiador, seja curioso!

A Usina de Marimbondo e os OVNIS

Quem hoje atravessa o Rio Grande (divisão entre MG e SP) se depara com a Usina Hidrelétrica de Furnas. Aquele local já foi palco de interessantes histórias, como por exemplo, um caso de comunicação com extra-terrestres no final da década de 1970 que repercutiu em todo o Brasil. Mas, antes de relatarmos este fato, seria interessante que você conhecesse um pouco mais sobre o passado desta usina que era também conhecida como “Hidrelétrica de Marimbondo”.

Este nome advém da famosa “Cachoeira do Maribondo” (grafia da época) que muito era conhecida pelos moradores de Barretos e região no começo do século XX. Ela se localizava nos corredores do Rio Grande (entre Barretos e o triângulo mineiro) e era notavelmente conhecida tanto pela altura e volume de suas quedas, como pela extraordinária beleza de sua paisagem.

Desde esta época, a “Cachoeira do Maribondo” já era destacada por seu potencial hidráulico, o que poderia render à região um farto abastecimento elétrico. Tanto que isto tornou-se realidade. Pois aquele



Usina do Marimbondo (1918).
Acervo: Museu “Ruy Menezes”.

Unidade V

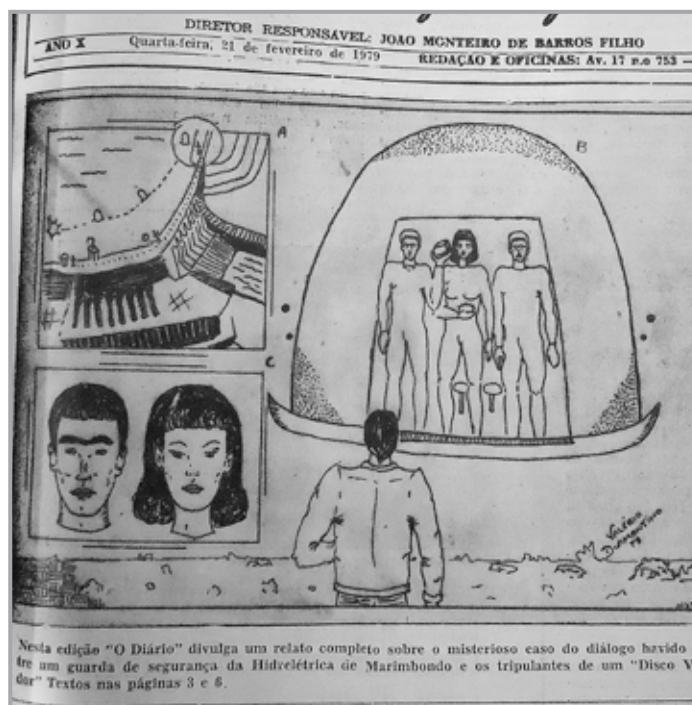
local se transformou na Usina Hidroelétrica de Furnas, também chamada de “Marimbondo”. E foi nesta usina que aconteceu um “fenômeno” curioso que chamou atenção da imprensa e de pesquisadores, como o médico Walter Bülher do Rio de Janeiro, pertencente à “Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores”, que veio a Barretos estudar o caso.

Em fevereiro de 1979, a imprensa de Barretos noticiava detalhadamente um caso de aparição de OVNIS (Objetos Voadores Não Identificados) na Usina de Marimbondo, vivenciado pelo guarda noturno Jesus Antunes Moreira. Uma equipe composta pelo pesquisador e um desenhista foram até a Usina para procurar o guarda e indagar-lhe sobre o ocorrido. Acontece que, o guarda havia pedido demissão do cargo e estava residindo em Barretos. Na cidade o ex-guarda noturno foi encontrado e contou todo o fato aos pesquisadores.

Era noite de 06 de dezembro de 1978, quando Jesus Antunes Moreira avistou um objeto acima do horizonte, a uma distância de 100 ou 200 metros atravessando o Rio Grande. O guarda pensou que fosse um helicóptero; porém, o aparelho era silencioso. Quando o objeto ficou mais rente ao chão, o guarda percebeu que sua cor era mais cinza, possuía uma porta alta e uma plataforma que o circundava.

Logo, abriu-se uma janelinha na parte superior da porta, e ali surgiu um rosto “humano”. Quando a porta abriu, saíram de lá três “seres” bem altos. Eles estavam vestidos iguais, eram muito parecidos, somente a do meio era um pouco diferente nas feições. Segundo a descrição de Jesus, estavam vestidos com macacão azul metálico e possuíam luvas cor de rosa brilhante. Disse o ex-guarda que os “seres” começaram a falar com ele, mas ele não entendia. O guarda, ainda confuso, achava que era algum veículo de Furnas do RJ, então, ele tentou ir a um dos telefones espalhados, mas foi advertido pelos “visitantes” a voltar. Em seguida, o guarda sacou seu revólver e tentou atirar para o chão, mas a arma falhou.

Depois disso, o passageiro que parecia uma mulher entrou na nave



Desenho de Marcos Valério Diamantino dos tripulantes do “objeto voador não identificado” feito através das descrições do ex-guarda noturno. (Fonte: “O Diário”, 21/2/1979, p. 1 – Acervo Museu “Ruy Menezes”).

Unidade V

e de lá trouxe uma caixa cúbica que foi entregue ao outro. Este, a colocou do lado de seu rosto e Jesus começou a entender o que ele falava em português. Primeiramente, o “homem” lhe disse para não ter medo e que estava ali para fazer estudos e pesquisas e perguntou se o guarda queria pesquisar também. Mas, em seguida, disse que o organismo do ex-guarda não estava “em dia” e que voltariam cinquenta e dois dias depois. Findo o diálogo, os passageiros voltaram à nave, que, desapareceu em rápida velocidade.

Atordoado e sensível à luz, já que seus olhos ardiam, Jesus Antunes Moreira pediu socorro aos seus companheiros e foi atendido por um médico, sendo que exames posteriores relataram que não havia nenhuma anormalidade com ele.

O mais interessante desta história é que ela foi estudada por membros de institutos de ufologia do Brasil e até internacionais! Em épocas posteriores, o fenômeno acontecido na Usina de Marimbondo foi pesquisado e até hoje são encontradas suas referências em alguns sites.



Fotografia da Usina de Marimbondo com o traçado do suposto trajeto dos “tripulantes”. Registrada em pesquisa internacional pela “URECAT”. Fonte: www.ufologie.patrickgross.org/ce3/1978-12-06-brazil-marimbonda.html.

O suicídio de Vargas

“Saio da vida para entrar na história”

Certamente você já ouviu esta frase de autoria do ex-presidente Getúlio Vargas. Ela é a última frase da carta testamento do presidente no dia em que ele se suicidou, 24 de agosto de 1954. Até hoje esse episódio é considerado um mistério para alguns historiadores. O interessante é que um dos guardas do “Palácio do Catete” (sede do executivo nacional) que estava naquele dia do suicídio era o Sr. Wilson Palma da Rocha de Barretos. Interessante, não?

Como se vê na fotografia, Wilson estava trajado com o uniforme da segurança da presidência da República e deve ter tido a sua perspectiva sobre este tão afamado suicídio. Sabe-se que, em Barretos, Dr. Wilson Palma da Rocha foi Pediatra, Folclorista e Diretor Artístico de “Os Independentes” nas décadas de 1960 e 1970.



Wilson Palma da Rocha, com o uniforme de segurança do Presidente da República Getúlio Vargas. Acervo: Família Palma da Rocha.

Enterro da cachorra

Em várias cidades da região, encontramos lendas envolvendo cemitérios e igrejas. Em Araraquara, por exemplo, há uma lenda que uma serpente habita os porões do prédio da igreja e que ela é a responsável pelo fato de a obra nunca ter sido finalizada.

Em Barretos há uma lenda envolvendo o primeiro vigário barretense que se chamava Henrique Sassi (vigário em 1877 – 1880). O padre possuía uma cachorra perdigueira, pela qual tinha grande apreço. Depois da morte da cachorra, o padre mandou enterrá-la no cemitério local, que ainda funcionava no centro da cidade.

Um dia, o coveiro quando trabalhava no cemitério ouviu uma voz saindo das profundezas do chão: “- Vocês me enterraram em lugar sagrado. Agora, Barretos, por castigo, vai afundar”.

Dentro de pouco tempo, toda a pequena comunidade comentava as consequências do ato praticado a mando do vigário. Pânico geral, começou a circular uma história que o rabo da cachorra estava crescendo, engrossando e espichando e atingisse a igreja e tocasse em seus alicerces, seria a catástrofe. Toda a vila afundaria num estrondo.

Finalmente, como todo boato, este, do “naufrágio” de Barretos, via cutucão nas fundações da igreja, por rabo de cachorra do outro mundo, foi acabando até ninguém mais ligar para o assunto.

O “Santo Homem”

Tivemos em nosso município, no começo do século XX, um movimento messiânico, comandado por um homem carismático que, apesar de ser considerado meio “maluco”, era respeitado por muitos. Neste início de República, o governo no Brasil tentava conter o surgimento de líderes deste tipo, pois temia que movimentos messiânicos como o de Canudos (Bahia – 1893 a 1897) e o do Contestado (Santa Catarina e Paraná, 1912 a 1916) continuassem a se proliferar. Foi nesta época que líderes como Antonio Conselheiro (Canudos) e José Maria (Contestado) foram violentamente perseguidos. Em Barretos, isso também aconteceu...

Era o ano de 1911, quando Francisco Miotti, conhecido por “Santo Homem”, peregrinava pelo município arrastando muitos adeptos com suas práticas religiosas, exercendo inclusive o curandeirismo.

Andava com terno encardido, carregando dois sacos atravessados no ombro, onde colocava seus pertences. Entre eles, duas formas de moldagem de velas. Miseráveis e poderosos seguiam-no. Era chamado por eles de “Santo Homem” ou “São Francisco Miotti”. Algumas pessoas tinham em suas casas um retrato em moldura do “Santo Miotti”, e por vezes confundiam-no com “São Francisco”.

Segundo jornais, em julho de 1911, o “santo homem” peregrinava nas proximidades de Barretos, sendo seguido por mais de 700 pessoas. Nas fazendas onde era recebido ao anoitecer, preparava o local para as rezas. A primeira exigência que fazia, era erguer uma grande cruz de cedro, de madeira verde, com uma cerca envolta da cruz com pedaços de aroeira.

Durante o culto, o fiel não podia beijar a cruz se estivesse armado. Por isso, só entrava no recinto depois de desarmado pelo “Santo”. Além disso, os seguidores deveriam acender velas e colocá-las no topo das madeiras do cercado, iluminando todo o local.



Francisco Miotti com os pertences carregados nas costas. Acervo Museu “Ruy Menezes”.

Miotti fazia orações misturando um dialeto italiano com algumas expressões em português. Muita gente foi atraída pela fama dos milagres do “Santo”. As autoridades policiais comunicaram o fato ao governo estadual. A força pública mandou para Barretos um grupo de captura comandada pelo tenente Galinha. A menção do nome deste tenente provocava pavor na população do estado, devido à forma violenta empregada em seu trabalho. Essa captura surpreendeu o Miotti e seus seguidores acampados perto de Olímpia e, segundo alguns, ao saberem da identidade do tenente fugiram. Outra versão alega que a escolta abriu fogo, havendo na ocasião, várias vítimas que foram sepultadas no mesmo local. Tal massacre foi abafado. O líder religioso foi recolhido à cadeia de Olímpia e, posteriormente, transferido para o Hospital Psiquiátrico Juqueri, onde faleceu em 1932.

As pragas barretenses

No início do século XX, certo político, derrotado e desiludido da vida pública de Barretos e indo embora para São Paulo, deixou uma frase de despedida aos seus correligionários: *“Barretos tem três pragas impossíveis de se acabar: formiga cabeçuda, gravatá e Junqueira”*.

Alguns outros barretenses, entretanto afirmaram ser a frase de autoria de outro político, também vencido nas lides partidárias de nossa terra; um pouco diferente no fecho: *“Barretos tem três pragas eternas: saúva, gravatá e Menezes”*.

As famílias Junqueira e Menezes, tradicionais na cidade, tiveram participação no desenvolvimento da cidade. Quanto ao gravatá e a formiga saúva, estas sim foram verdadeiras pragas que dificultaram por muitos anos a vida do barretense.

Jesuino da Silva Mello, em estudo sobre a flora barretense, publicado no jornal “O Sertanejo”, ressaltava que foram as queimadas as responsáveis pela disseminação desordenada do gravatá. O gravatá era utilizado na fabricação de chicotes para bater em desordeiros locais.

Durante a Segunda Guerra Mundial, ante a grande procura do algodão para vestir soldados, o governo americano procurou um produto para substituí-lo, buscando baratear o seu custo. Como o gravatá poderia substituir o algodão, na fabricação de tecidos, o prefeito de Barretos, Mario Vieira Marcondes, fez um projeto do uso do gravatá, mas este não vigou.

Quanto à formiga saúva, esta foi um martírio para os agricultores no século XX. Pois acabava com as plantações, fazia buracos embaixo da terra, fazendo com que as construções ficassem instáveis. Em 1913, foi aprovada na Câmara Municipal de Barretos uma lei autorizando a Prefeitura a adquirir formigas cuiabanas para combater a saúva.

Desta forma, algumas pessoas passaram a se dedicar a apreensão de formigas cuiabanas, com a finalidade de vendê-las aos agricultores da época, pois apesar de serem menores, elas atacavam as saúvas, comendo as suas crias e, assim iam exterminando a saúva. Porém, estudos posteriores demonstraram que esta espécie de formiga também é prejudicial à agricultura e que sua capacidade de eliminar as saúvas não foi verificada cientificamente.

Outra tentativa aconteceu em 1931, quando o prefeito Jerônimo Serafim Barcellos criou um serviço permanente de extinção da formiga saúva.



Fonte: www.riosvivos.org.br

Unidade V

Apesar de existirem ainda saúvas pelos campos e cerrados, isto não é mais problema grave para os agricultores. Os modernos agrotóxicos são mais que suficientes para manter tal espécie de formiga controlada.

Anjos

Em cada época, a forma de aceitar a morte é diferente. No Brasil Colônia, Império e começo da República, a morte de uma criança não era vista como desgraça, pois eram considerados anjos até os sete anos de idade.

Nos entrados do século XX, no interior do Ceará, quando um recém-nascido morria, o fato era recebido com foguetório e disparos de armas. Havia festas, farta comida e bebida. Os presentes dançavam para o anjinho. Acreditava-se que a criança morta seria intermediária entre os homens e as entidades celestes.

Thomas Ewbank, viajante que percorreu o Brasil, descreveu o luxo dos enterros de gente rica no Rio de Janeiro, sendo as criancinhas pintadas de ruge, cachos de cabelo louro, com asas de anjinhos.

Com o advento da fotografia, passou-se a fotografar a criança morta com todas as roupas e joias que seria enterrada, inclusive as asas. Enviaram um cartão postal aos parentes. Como a criança era vista como uma intermediária entre vivos e autoridades celestiais, a foto era uma forma de se estar em contato com a criança. Se houvesse algum pedido a ser feito. Em Barretos conseguimos algumas fotos com as famílias.



Menina anjo vestida com joias e asas, envolta em coroa de flores, pronta para o sepultamento. Acervo: Bié Machione.

Cemitérios de Barretos

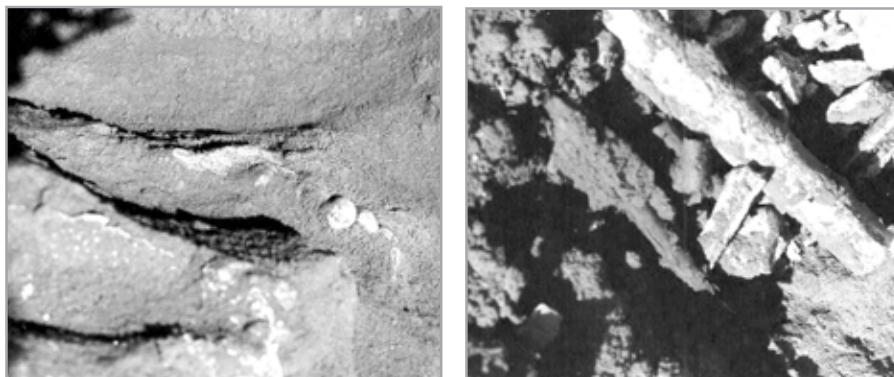
Você sabia que Barretos já teve outros cemitérios além da avenida 21?

O primeiro cemitério de Barretos, na época da formação do arraial situava-se aos fundos do atual almoxarifado da prefeitura, à rua 30. Por volta de 1877 já existia um segundo cemitério que era nas proximidades das avenidas 19 e 21 com a rua 22, adentrando o quarteirão onde hoje se situa o “Grêmio Literário e Recreativo de Barretos”. Nele foram realizados enterros até 1899, e em 1908 abriu-se uma avenida no local, embora parte do cemitério tenha permanecido até 1926.

Com o advento da República e a melhor organização das questões pública, desde a década de 1890 já existia o desejo de abrir um novo cemitério na cidade, principalmente por parte do intendente Raphael Brandão. Assim, o cemitério foi inaugurado em 1º de janeiro de 1900. Este é o atual Cemitério Municipal de Barretos.

Em maio de 1908, a prefeitura mandou abrir a avenida 21 no ponto ocupado pelo antigo cemitério, convidando os interessados a remover os restos mortais dos seus parentes e amigos. Para a família, que não fez isso os ossos foram colocados numa vala ou foram feitas construções por cima.

Na década de 1990, com a demolição de prédios na área central de Barretos o pesquisador Francisco Gabriel Junqueira Machione encontrou restos de ossos, dentes e mortalhas que cobriam os mortos.



Vestígio do antigo cemitério encontrado na abertura de alicerce para se construir uma loja na esquina da rua 22 com a avenida 21. Acervo de Bié Machione, década de 1990.

Pragas dos padres

No dia 22 de setembro de 1926, no distrito de Itambé, hoje Ibitu, um furacão causou grandes estragos no povoado.

Admitiu-se a hipótese de ser o furacão de Itambé, que era o segundo que se tinha notícia no estado de São Paulo, até aquela data. A continuação do ciclone que se verificara na Península da Flórida, Estados Unidos e que atravessando o Equador, veio a cair sobre a cidade de Encarnação no Paraguai, passando por Itambé.

Os moradores do vilarejo também encontraram uma justificativa para explicar tal fenômeno da natureza. Acreditavam que o furacão fora uma maldição de dois padres que, em 1906, em missão religiosa, estiveram em Itambé. Hospedaram-se na única pensão do lugarejo, do Sr. Santana. Este era brincalhão, e colocou debaixo dos arreios dos cavalos espigas de milho e pedaços de fumo. Quando um dos padres subiu na montaria, esta saiu pulando, derrubando o cavaleiro. O padre, desconhecendo a brincadeira

Unidade V

e furioso, atirou sobre o povoado terrível praga que nunca foi esquecida. O acontecimento foi atribuído pelos moradores à “Maldição dos Padres”.

Outra versão criada foi de que no ano de 1925, na procissão do padroeiro da vila, por distração não colocaram sua imagem à frente da procissão, colocando-a no final. O santo magoado teria chorado as lágrimas através do furacão no povo ingrato que o esqueceu.

Estas são as versões lendárias dos antigos moradores para este fenômeno da natureza, que destruiu muitas casas e plantações na vila.



Escombros depois do ciclone. Acervo: Museu “Ruy Menezes”.



Unidade V

REFERÊNCIAS

ANDRANDE, A. "Álbum de Barretos" 1918.

EWBANK, Thomas. "A vida no Brasil". São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1976.

MENEZES, Ruy. "Espiral: história do desenvolvimento cultural de Barretos". Barretos: Intec- Barretos, 1985.

MENEZES, Ruy; TEDESCO, José. "Álbum Comemorativo do Primeiro Centenário da Fundação de Barretos". Barretos: Publicação da Prefeitura Municipal de Barretos, 1954.

REIS, João José. "A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX". São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Osório Faleiros. "Barretos de outrora". Barretos: s/e, 1954.
Atas da Câmara Municipal de Barretos.

Relatório de Administração - Pref. Delcídes Carvalho, p. 23. 1931. (Acervo: Museu "Ruy Menezes").

Jornais:

Jornal "O Sertanejo". (Acervo: Museu "Ruy Menezes");

Jornal "O Diário" (02/1979). (Acervo: Museu "Ruy Menezes").

Sítios:

<http://ufologie.patrickgross.org/ce3/1978-12-06-brazil-marimbonda.htm>



Karla de Oliveira Armani

É barretense, historiadora, professora de História do “Colégio Barretos Objetivo”, pesquisadora da “Faculdade Barretos” e articulista do jornal “O Diário de Barretos”. Formada em “Licenciatura em História” pela UNIFAFIBE (Bebedouro) em 2009, teve como tema de seu trabalho de conclusão de curso (TCC) “A jovem República e seus efeitos em Barretos (1900-1909)”. No período da graduação, atuou como estagiária e monitora no Museu Histórico, Artístico e Folclórico “Ruy Menezes”, onde iniciou suas pesquisas sobre a história local e regional. Em 2011, pesquisou sobre o histórico da Santa Casa de Barretos em razão de seus 90 anos, publicando artigos na Revista “Ação & Vida”. Atualmente, cursa pós-graduação em “História, Cultura e Sociedade” no “Centro Universitário Barão de Mauá” de Ribeirão Preto. Desenvolve também monografia sobre a Santa Casa de Barretos nos anos 1920 com orientação do professor Doutor Humberto Perinelli Neto. Sua atuação na sala de aula sempre procura vincular a “história local” com o “ensino de história”.



Priscila Ventura Trucullo

É Bacharel e Licenciada em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Franca (2011). Seu Trabalho de Conclusão de Curso teve como título “Modernidade e tradição no interior paulista: Barretos nos anos 50”, desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Lélío Luiz de Oliveira. Atua na área de História, com ênfase em História cultural e social, História do Brasil e História regional, principalmente nos temas: história de Barretos, memória e modernização. Foi bolsista do “Programa Núcleos de Ensino” desenvolvido pela PROGRAD da UNESP, aplicando o Projeto: “Cinema e História: uma perspectiva didático-pedagógica”, na Escola Estadual “Prof. Pedro Nunes Rocha”, em Franca-SP, coordenado pelo Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França, durante o período de abril a dezembro de 2011. Atualmente é professora de História do Ensino Básico, ligada a Secretária da Educação do Estado de São Paulo.

Descobrimos Barretos



Roseli Aparecida Tineli

Formada em História pela “Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de História Direito e Serviço Social, campus de Franca, em 1991. Foi estagiária com o professor José Chiachiri, em Franca, colaborando nas pesquisas do livro “Entrantes do Rio Pardo”. Pesquisa a História de Barretos há 20 anos. É coautora dos livros “Primeiros povoadores e fazendas” e “Philogônio, o revolucionário esquecido”.



Sueli de Cássia Tosta Fernandes

É mestranda na linha de pesquisa Linguagem e Discurso do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. É membro do grupo de pesquisa *Discurso, Identidade, Política e Ética* – DIPE, vinculado ao CNPq. Pesquisa e analisa o modo como os afro-descendentes são representados em livros didáticos da disciplina História, do Ensino Fundamental. Reflexos da sua pesquisa podem ser percebidos neste livro, no que se refere à adoção do termo *escravizado*, assim como a abordagem dos movimentos culturais dos afro-descendentes barretenses serem tomados como resistência cultural. Tem artigos publicados em Anais de Congressos e capítulos de livros acadêmicos. Trabalhou como coordenadora do Museu Histórico, Artístico e Folclórico “Ruy Menezes”, no período de 2007 a 2011. Foi a responsável pela implantação de projeto educativo cultural no museu, com vistas à aproximação entre museu e a escola. Para conhecer o trabalho desenvolvido, acessem [museuruyenezes](#) no *youtube*.



IRCAD - Fundação PioXII



Forum da Comarca de Barretos - Região dos Lagos



Faculdade de Ciências da Saúde de Barretos - Dr. Paulo Prata



Centro Municipal de Reabilitação - Solange Lana de Avila





Cine Barretos - Rua Vinte



AME - Unidade Barretos

Recinto
Paulo de Lima
Corrêa

IFESP
Instituto Federal
Unidade Barretos



